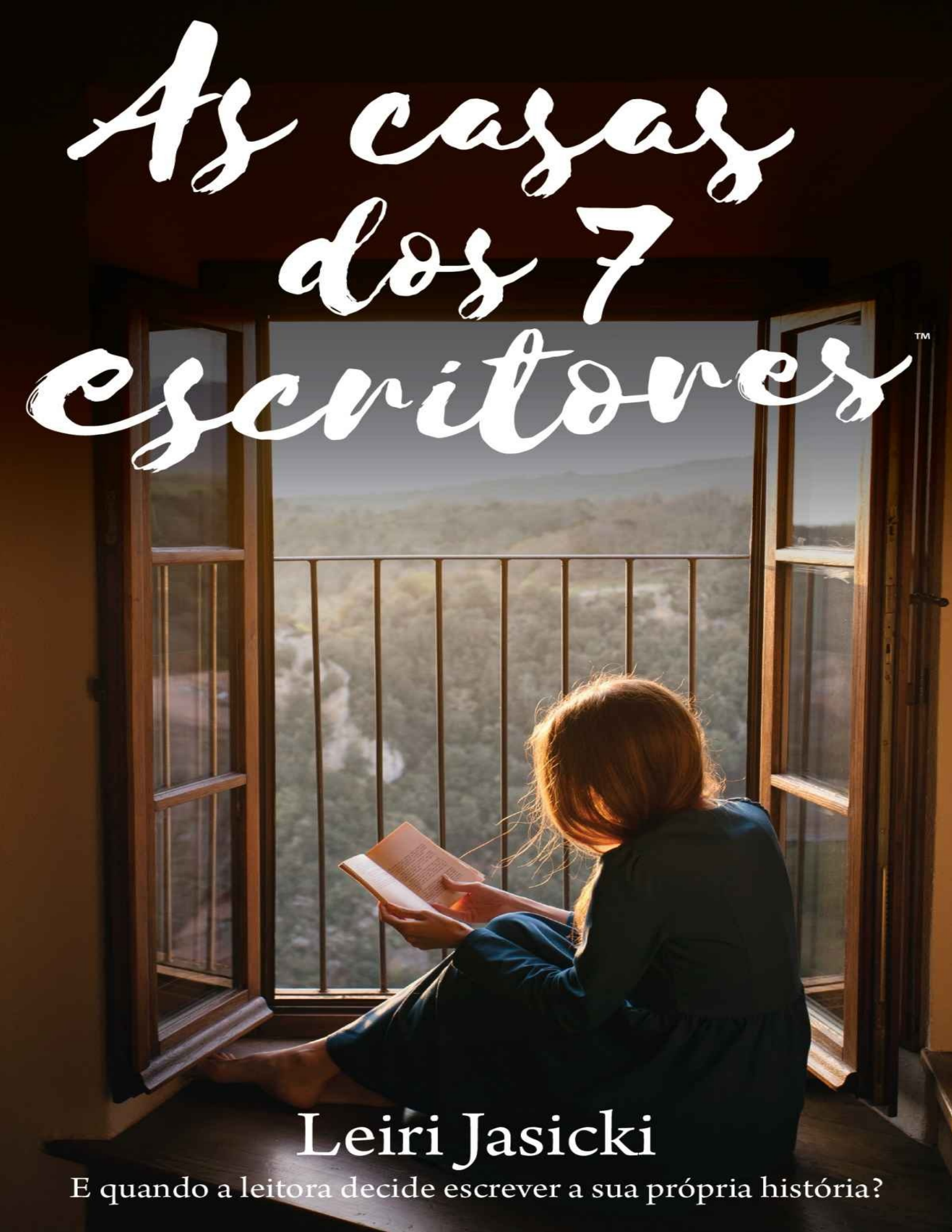


As casas dos 7 escritores

A woman with long brown hair, seen from behind, is sitting on a wooden windowsill. She is wearing a dark blue long-sleeved dress and is holding an open book, reading it. The window is large and open, with a metal railing in front of it. Outside the window, there is a vast, hilly landscape under a clear sky. The scene is bathed in warm, golden light, suggesting late afternoon or early morning. The title of the book is written in a large, white, cursive font across the top of the image.

Leiri Jasicki

E quando a leitora decide escrever a sua própria história?



Para meus avós. Os quatro.
Pelos conselhos simples e eficazes,
por todos os olhares que advertem
e pelos atos que convertem.

Sumário

[A livreira](#)
[Tatuagem de henna no ombro](#)
[Uma questão de casting](#)
[Somos todos miseráveis](#)
[Xeque-mate da rainha](#)
[Em um barco no rio Sena](#)
[O ancião do vagão de terceira classe](#)
[Tão clichê](#)
[Abraços de 40 segundos](#)
[A motivação correta](#)
[A estátua colorida](#)
[Perdida na casa de Austen](#)
[Voos da indesejada borboleta](#)
[Tempo em um relógio quebrado](#)
[Cruzando o Atlântico](#)
[A poetisa de bengala](#)
[Há beleza na renúncia](#)
[O sono de mil sonhos](#)
[Apenas uma prova de amor](#)
[O pote de vidro vazio](#)
[Decifrando o cardápio](#)

CAPÍTULO 1

A livreira

Um sebo decadente, com poucas condições de guardar como se deve um bom livro; nem mesmo os ruínas mereciam tal destino. Manchas de diversos formatos se espalhavam pelas paredes da loja de 60 metros quadrados, localizada em uma das poucas ruas arborizadas perto de uma estação de metrô de uma das maiores metrópoles já formadas.

Nem todos os borrões nas paredes do estabelecimento eram tão abstratos, como um que estava na parede ao lado da seção de autoajuda e se parecia com um bule de chá. Já outro, que ficava perto da seção de literatura nacional, assemelhava-se a uma xícara, caso fosse olhado com muita atenção, o que ninguém fazia, com exceção da vendedora do lugar.

Apesar do mofo e da máquina registradora quase inútil, que nada ajudavam a diminuir a aparência avelhantada do local, Lisa Dias adorava trabalhar no sebo. Não que recebesse muito por isso, pelo contrário, o salário era irrisório, mas o problema era que ela era apaixonada por livros, precisava estar rodeada deles.

O espaço era religiosamente aberto às oito horas da manhã para então ser fechado às dezessete horas. Mas, pela primeira vez após quase dois anos em que Lisa trabalhava no local, a porta de metal sanfonada, pichada com tinta preta, abriria quinze minutos depois do horário, até então seguido à risca.

O sebo teve sua porta escancarada naquela manhã de fina garoa; o passo seguinte seria Lisa acender o interruptor e trazer luz ao espaço. Mas ela apenas foi capaz de evitar cair em um choro sentido. Sua avó Rose, mãe de seu pai, tinha simplesmente partido, para sempre.

O enterro havia sido no final da tarde do dia anterior, e Lisa não se lembrava de ter sentido tanta tristeza e desespero. O atestado de óbito estava enrolado dentro de sua bolsa para ser entregue ao dono do sebo, seu chefe, o senhor Jonas.

Ver a tampa do caixão abaixando e levando a última visão do rosto tão conhecido e gentil de sua avó a fez perder o fôlego um par de vezes. Lembrou-se, mais uma vez, da última conversa que teve pessoalmente com sua avó, há quinze dias.

Na ocasião, a senhora de cabelos grisalhos e jornalista aposentada enrolava o dedo indicador em um punhado da franja castanha de Lisa, enquanto se mantinha em pé ao lado da cadeira de ferro brilhante de uma recepção do quinto andar de um dos maiores hospitais paulistas.

— Espero que os resultados dos exames sejam positivos. Tô bem cansada de cheiro de hospital, que acredito ser uma mistura de desinfetante com comida ruim e um toque final de antisséptico.

— Não se preocupe, querida. Tudo vai ficar bem, você tá com uma cara ótima! São apenas exames de rotina. Logo estará saltitante pelas ruas cinzentas de São Paulo, andando naquelas motocas chispando fogo e tomando umas biritas nos bares dessa cidade dos infernos — disse Rose, finalizando a fala com um pigarro.

As duas esperavam Lisa ser chamada para realizar um exame de urina, pedido pela reumatologista Vera, médica responsável pelo tratamento de lúpus, que Lisa vinha enfrentando.

A jovem havia descoberto ter a doença há seis meses, logo após sentir dores fortíssimas nas articulações dos braços e uma mancha com formato de borboleta ter surgido em seu rosto, atingindo o nariz e as duas bochechas.

— Você sabe que eu tenho medo de moto e não gosto tanto assim de bares, principalmente depois que fui aconselhada pela doutora Vera a evitar bebidas — lembrou Lisa, desacreditada com as ideias modernistas de uma senhora que poderia estar cochilando em uma poltrona florida em frente à TV em uma tarde no meio da semana.

— Pois saiba que percebo em você uma pedra bruta, que pode ser lapidada. Eu, na sua idade, era medrosa também, mas, com o tempo, a gente percebe que a vida passa ligeira e, se você não começar a tomar decisões, ela te atropela.

— Eu bem sei disso, né? — comentou franzindo a testa. — Mal passei das duas décadas de vida e estou pior que você com seus setenta e três-lá-lá... Tudo em mim dói, e meus tecidos musculares, em sua teimosia, resolveram estacionar, tipo em greve. Aí para tudo! Pior que o trânsito da cidade em horário de pico. Movimentos dos braços nem pensar, nem pra me coçar em certos lugares tá dando, vó! — reclamou.

— A gente já falou sobre a sua pré-disposição para o drama e seu pessimismo. Pense que tem gente em situação muito pior! Ou você reage ou, no mínimo, para de ficar reclamando feito uma velha escalafobética!

— Vó, me desculpe. Sei que sou uma companhia chata pra caramba — disse Lisa fazendo bico.

— Você não é uma companhia chata, você está chata, é diferente uma coisa da outra — disse Rose, indo até a janela para abri-la. — Vamos direto ao assunto, você sabe que meu xodó é meu Ford Mustang 1964.

— E quem não sabe? A senhora lava aquele carro toda semana e olha que ele está dentro da garagem sem rodar há quase dois anos! Bem desnecessário, diga-se de passagem.

— Retiro o que falei. Você é chata! Em toda sua totalidade, você é completamente insuportável — acusou, recebendo um sorriso conciliador da neta.

— Continue seu pensamento, avozinha. Desculpe a minha rabugice.

— Estou velha, não consigo mais dirigir. Da última vez — isso não é segredo pra ninguém, já que até saiu no jornal do bairro —, invadi a pracinha perto de casa com o Mustang. Fiquei sem carteira e com a reputação arrasada nas redondezas. Até mesmo quando estou com o carrinho de compras no supermercado sinto as pessoas se afastarem de mim — disse Rose, de forma sentida.

— Não exagera!

— Vendi meu carro há dois dias. E amanhã bem cedinho, logo que o banco abrir, vou depositar o valor recebido na sua conta.

— Você o quê? — Lisa imaginou que a avó tivesse perdido o juízo.

— Não vou ficar repetindo o que digo como um papagaio. Você escutou muito bem. Quero que você, minha querida, pegue esse dinheiro e se pirulite! Meu sonho sempre foi conhecer a Europa, mas não tive a oportunidade. Vá pra lá! Faça um intercâmbio, um curso de línguas. Algo do tipo. Ou mesmo vá para algum retiro no Tibete, em alguma caverna no meio das montanhas de neve.

— Vó, não sei se percebeu, mas a gente tá num hospital. Quer dizer... eu descobri que tenho uma doença que não tem cura e precisa de tratamento constante. Como quer que eu viva em uma caverna? Esqueceu que a primeira crise me deixou internada por mais de uma semana e foi seguida por uma bateria de exames e um punhado nada modesto de medicamentos corticoides?

— Você está bem melhor. Antes de ter recaídas ou algo do tipo, se manda, garota. Quer o quê? Ficar pacientemente esperando uma crise atrás da outra ou aproveitar o tempo em que a doença te dá uma trégua?

— Não começa, por favor...

— Sem querer ser pentelha, mas, assim como eu, você gosta de ler muito. Na verdade, você é uma leitora muito mais voraz que a sua velha avó. Mas a diferença entre nós duas, que amamos as palavras, é que você se contenta somente com as aventuras dos livros. Que tal criar as suas próprias?

— Vó, eu ainda estou tentando voltar com o Raul. Eu gosto dele ainda, se eu me mandar, quando

voltar ele vai ter me esquecido.

— Ora, pensei que ele já tivesse feito isso, afinal quem terminou com você foi ele. Mas é sempre assim, ele some e depois ressurgue como a fênix, renascida de suas próprias cinzas; só que Raul nunca mostrava a elegância do pássaro lendário da mitologia grega em sua volta. Muito pelo contrário, parece mais com um urubu depenado. Detesto menino com topete de gel. Na minha época não era assim.

Rose ainda estava revoltada pelo rapaz, que era viciado em jogos eletrônicos, não ter ido a um jantar romântico, elaborado por Lisa, para comemorar o aniversário de três anos de namoro com sua neta.

Como desculpa para a ausência, ele havia enviado uma mensagem cheia de erros ortográficos para Lisa explicando sua eminente necessidade de capturar um ser virtual raro, proveniente de um dos seus jogos de celular, e que estava disponível em alguma esquina do outro lado da cidade.

— Tente entender, vó... não posso abandonar o Raul.

— Ninguém pode abandonar o Raul, porque o Raul nunca foi encontrado — disse Rose, revirando os olhos e suspirando. — Ele vive em uma dimensão paralela entre o mundo e os games. Ele é meio humano, meio digital. Não dá pra abandonar o que não se explica. O cara é um panaca!

— Vó! — censurou Lisa.

— Panaca, pacana e panaca. Pronto, falei!

Não teve tempo de Lisa tentar dissuadir sua avó Rose a aceitar a devolução do dinheiro depositado em sua conta, e nem mesmo a apoiá-la na saga que era tentar reconquistar o ex-namorado. Após menos de uma semana da última conversa, ela teve um ataque do coração e faleceu enquanto tentava, sem sucesso, acertar alguns pontos de tricô, sentada em uma cadeira de balanço que ela raramente usava.

Agora Lisa tinha apenas a sensação de vazio e de que deveria fugir de tudo e de todos. Os motivos para a fuga ela já tinha há um bom tempo — um deles era se afastar de Raul, que ao que tudo indicava não tinha nenhuma consideração por ela. Nem mesmo deu as caras no enterro de Rose.

Depois de divagar em recordações, Lisa voltou a ficar ciente de onde estava. Dentro da loja de livros. Pensou em apertar o interruptor e dar visibilidade aos milhares de livros, mas, no último minuto, desistiu de trazer luz ao espaço. Apenas fechou a porta do sebo, ficando no mais completo breu. Após alguns minutos tentando vislumbrar os contornos das prateleiras, finalmente, acendeu as luzes.

Andando pela loja, parou em frente à prateleira de literatura brasileira, passou os olhos pelos títulos e percebeu que havia lido a maioria deles. Percebeu a respiração irregular; fechou os olhos. Quando sentiu que o ar entrava e saía de seu peito de forma mais compassada e calma, ela fez um pedido, de certa maneira curioso, aos livros à sua volta.

— Eu gastei horas da minha vida com o nariz enfiado em vocês. Deixei de sair, de fazer alguma outra coisa para conhecer o que vocês guardavam. Fiquei marcada com suas histórias, a maioria não sai de mim. Vira e mexe lembro-me de seus personagens, das frases de impacto — disse ela andando na direção dos livros de ficção científica. — É como se me assombrassem com suas dores, seus momentos de alegria e tudo o mais. Estou cansada de ser a garota que lê. Quero ser a garota que pode inspirar um autor um dia. Assim... Assim como minha avó acreditava que tinha que ser! — disse ela.

Para Lisa, mergulhar em histórias era, de certa maneira, uma forma de fuga. Preencher com a história dos outros o que faltava em sua própria vida. Era como um bálsamo cheiroso em uma ferida aberta; como tapar um buraco em um cano de água furado, fazendo com que não jorrasse mais água, apenas gotejasse. Mas o gotejo ainda ficava lá, mais perceptível quando o livro terminava. O barulho das gostas crescia, incomodava; lembrava-lhe que o buraco ainda existia e se tornava cada vez mais temido.

— A minha vida não parece que tem um final feliz! — gritou ela na loja vazia. — Não tem as

aventuras das páginas desses livros que me arruinam, que me lembram do desinteresse da minha própria vida. — Ela olhou de forma raivosa os livros à sua volta. — Eu estou cansada de vocês! — gritou, soltando um soluço e puxando uma das prateleiras que estava bamba para o chão.

Quando mais de uma centena de livros se espalhou pelo piso desgastado da loja, ela sentiu como se um peso saísse de um de seus ombros. Queria desesperadamente libertar o outro ombro.

— Vocês me fizeram acreditar em mundos que eu nunca vou poder tocar. São cúmplices do crime que cometi de não tomar minha vida nas minhas mãos, de ir seguindo sem rumo, sem buscar o melhor, porque eu encontrava o melhor dentre de suas folhas — disse Lisa, dando uma risada curta. — Mas, bem na última página, vocês me excluem de vocês — continuou. — Me fazem sair de seus mundos e voltar para um trabalho sem futuro, para um romance de fracasso. Danem-se vocês! — grunhiu, derrubando a outra prateleira e libertando, assim, o outro ombro de pesos imaginários.

Atravessou a loja, segurou outra prateleira e a puxou, mas, como essa não estava bamba, foi bem mais difícil derrubá-la. Lisa teve que pôr um pé na parede para conseguir reforço para derrubar o móvel, que, ao cair, esbarrou em uma prateleira menor que ficava no centro da loja. Um punhado de livros chegou a cair sobre os pés da livreira.

— Malditos! — disse com a respiração descompassada.

Seus olhos contemplavam a bagunça que havia causado. Quase não dava para ver o piso de madeira, pois este havia recebido um incompreendido tapete literário. Sentiu como se fosse observada e bateu os olhos no peixe betta da cor azul, denominado de Frank Sinatra pelo proprietário do sebo. O animal estava inerte com os olhos fitos nela, ao menos foi o que imaginou.

— Que foi? — perguntou ativa ao peixe. — Nunca viu ninguém perder o juízo? Seu peixe esnobe! — esbravejou.

Logo em seguida, sentiu uma fígada no braço esquerdo; lembrou-se de que deveria evitar forçar os membros do corpo e, definitivamente, derrubar prateleiras recheadas de livros não era uma atividade que exigisse pouco empenho.

Sentiu finalmente lágrimas se aproximando para logo pularem de seus olhos e, quando isso aconteceu, ela sentiu o peito se esvaziar. Do que ela não sabia... Sentou-se no meio da loja, em um pequeno mar de livros, e deu vazão ao choro.

— Por que você precisa ser tão dramática? Um monte de gente no mundo passa por isso, perde alguém que ama — falou para si mesma.

Mas ela sabia que não era só a questão da perda da avó. A fatalidade veio apenas coroar uma velha insatisfação com todo o resto, com suas decisões ou a falta delas. Com seu namoro e a falta de perspectiva no trabalho ou mesmo o que sonhar para o futuro. Ela definitivamente era uma proteladora nata.

Lisa deixou-se ficar entre os livros caídos, não calculou o tempo que se perdeu no meio deles. Não conseguia nem queria levantar, muito menos pensar como explicaria aquela situação ao senhor Jonas. Foi quando percebeu que não poderia nem queria ficar mais trabalhando na loja, ao menos não mais na condição de vendedora. Porém, sabia que não havia chance de crescimento no sebo, não ao menos no momento. Agora ela tinha o valor depositado em sua conta bancária por sua avó, para que proporcionasse a ela novas experiências de vida.

— A senhora disse que via o que mesmo em mim, vó? Potencial? — perguntou ela, lamentando-se que, dessa vez, não haveria uma voz estridente e enérgica respondendo suas perguntas.

Seus maiores interesses sempre foram livros, pensou Lisa. Então, se ela tinha que viajar para algum lugar, que, de alguma maneira, a literatura estivesse envolvida. Mas como? — questionou-se.

Ficou por longos minutos olhando os livros e, de forma inesperada, teve uma ideia. Apressada, como que com medo de que o fresco plano evaporasse, buscou em sua bolsa, largada ao seu lado no

chão, um pequeno caderno espiral e uma caneta azul. E deu início a lista mais estranha e revolucionária que já fizera na vida. Escreveu freneticamente os nomes dos seus autores prediletos.

— Vou visitar as casas dos meus escritores favoritos! — decidiu. — Quer dizer, nem todos, mas alguns. Isso! — concluiu, resolvendo filtrar a lista que já continha mais de quarenta nomes.

Reduziu a lista apenas para trinta e quatro. Até que percebeu que havia um certo percalço. Alguns escritores provavelmente a achariam louca por bater em suas portas e pedir um pouco de atenção. Talvez até chamassem a polícia.

Ela sabia que não teria coragem de aparecer como quem não quer nada na residência de Ken Follett, por exemplo, e pedir por uma xícara de café e um bate papo de algumas horas. Já ter lido *Os Pilares da Terra* oito vezes não dava a ela o direito de invadir a casa do autor.

— Vou visitar as casas de escritores abertas ao público. Ou seja, eles já morreram — concluiu ela, logo riscando os nomes de escritores ainda vivos.

A lista foi para vinte e dois nomes.

— Caramba! É muita casa.

Lembrou-se de que precisava sobrar dinheiro para custear seu tratamento e também guardar para o futuro. Depois de alguns minutos sem saber como proceder e mordendo a ponta da caneta que já começava a rachar, ela cogitou que nem todos esses escritores tiveram suas casas transformadas em museus.

Ela já sabia de alguns que tinham museus em suas homenagens e, com base nesses conhecimentos, aprimorou a lista.

O restante dos nomes foi classificado através dos resultados de uma rápida pesquisa da garota na internet, disponível em seu celular. Os nomes que não revelavam estar atrelados às casas abertas à visitação foram descartados.

— Nossa! Agora tem dezoito nomes. Ainda é muita coisa! — disse em voz alta, sem, contudo, ter testemunhas de suas palavras, já que o sebo ainda se encontrava com as portas fechadas.

Resolveu colocar à frente de cada nome o país em que a casa se encontrava. Eliminou mais dois nomes, resolveu visitar apenas um escritor por nação. Essa decisão foi difícil de tomar, afinal, teve que eliminar autores de que gostava muito, principalmente brasileiros e ingleses, mas, como também queria conhecer os principais pontos turísticos dos países, não adiantava muito deixar uma lista extensa.

Agora estava com 13 nomes, não gostou muito desse número. Lembrou-se de que lera em algum lugar que o número 7 era considerado perfeito, também tinha alguma coisa a ver com transformação, passar a conhecer o desconhecido. Além disso, era o número mais citado biblicamente.

Ela tentou concentrar a maioria das casas dos escritores na Europa, por questões de facilidade entre as viagens. As passagens entre os países, conforme uma amiga que já tinha morado no continente havia lhe dito, tinham preços acessíveis, mas resolveu ousar e colocar também os Estados Unidos, pois já havia conseguido tirar visto de turista para o país, apesar de nunca ter concretizado a tão sonhada viagem de férias.

Gostaria de escolher um escritor em cada continente, havia tantos autores talentosos que marcaram o mundo, mas o montante deixado pela avó não era tão grande a ponto de possibilitar tantos gastos com viagens. Com um suspiro resignado, decidiu visitar apenas sete casas.

— Fechou, sete! — decidiu, logo fazendo novos cortes na lista.

Passou os nomes a limpo, colocou em ordem alfabética e caprichou na caligrafia. Contemplou a lista terminada em suas mãos, que tremiam levemente.

As casas dos 7 escritores

Cora Coralina – Brasil
Jane Austen – Inglaterra
José Saramago – Espanha
F. Scott Fitzgerald – Estados Unidos
Liev Tolstói – Rússia
Oscar Wilde – Irlanda
Victor Hugo – França

Lisa releu a lista e se sentiu emocionada ao fazer memória do talento de cada autor, todos queridos e admirados por ela.

A livreira usava a internet de seu celular para checar trâmites para entrar como turista na Europa quando ouviu uma forte pancada na porta. Deu um pulo e enxugou o rosto com a palma da mão direita; ainda estava úmido da recente crise de choro. Olhou ao redor, desesperada, nunca havia visto o sebo daquela maneira. Quer dizer, ela nunca tinha deixado nenhum recinto naquele caos em toda a sua vida.

— O que eu faço? Meu Deus, o que eu faço? — perguntou, já arrependida de ter lançado livros ao chão. Ela os amava, não?

— Lisa! Que diabo está acontecendo aí dentro? — questionou aos gritos o senhor Jonas. — Se estão fazendo a garota de refém, seus imprestáveis, saibam que vou chamar a polícia! — bradou o dono do sebo para prováveis assaltantes.

— Senhor Jonas, tá tudo bem! — gritou Lisa, atravessando a loja com dificuldade ao tentar não pisar nos livros. Levantou a porta e se deparou com o proprietário do sebo com o celular na mão, pronto para pedir ajuda da polícia.

— O que está acontecendo aqui, moça? — perguntou ele, arregalando os olhos quando viu a loja em um estado desolador.

A livreira tentou pensar em algo para falar, imaginou que deveria contar a verdade, mas a verdade parecia não ser suficiente para explicar seu surto.

— São, são... essas prateleiras idiotas. Eu avisei que elas cederiam — mentiu a garota, já sentindo certo remorso. — Caiu tudo! Eu... eu tentei segurar, mas uma despencou em cima da outra, aí eu fechei a porta pra não expor a debilidade do sebo! — despejou as palavras.

— Debilidade do sebo? — repetiu Jonas em voz alta, arqueando as sobrancelhas.

Lisa pensou em recuar, em revelar que havia derrubado os livros em uma crise de autocomiseração, mas então o relógio cuco da parede fez seu show, com o passarinho de madeira cantando ao anunciar que eram onze horas da manhã. Ela se lembrou do valor exorbitante que o dono do sebo havia pago pelo relógio, enquanto se recusava a fazer melhorias na loja. Na verdade, Jonas sempre foi um sovina.

Lisa não gostava de mentir, mas o senhor baixo e carrancudo, com cabelos e barba grisalha, imaculadamente vestido de terno azul, talvez precisasse de uma lição.

— É isso mesmo que o senhor ouviu. Aconselho a trocar as prateleiras de vez ou talvez seja melhor o senhor fechar a loja por um tempo. Não tem condições de receber pessoas e elas estarem sujeitas a serem atingidas por livros na cabeça a qualquer momento — disse, decidida, aliviada que pelo menos essa informação era verdadeira.

Percebeu, surpresa, como a fúria fazia o sangue circular mais rapidamente nas veias. Era como se ela experimentasse hormônios que não sentia há muito tempo e eles agissem em seu metabolismo, dando uma sensação de segurança e talvez de coragem.

— Já te falei que dinheiro não nasce em árvore! — gritou ele.

— Eu sei — respondeu calmamente ela. — Mas pode nascer nas penas de um pássaro, mesmo ele sendo de madeira — disse olhando para o cuco.

A expressão do senhor Jonas era de quem tinha sido insultado.

— Que direito você tem de me dizer o que fazer? Insinuando desavergonhadamente que devo vender meu cuco?

— O mesmo direito que tenho de não ter que gastar do meu bolso para comprar produtos de limpeza para amenizar o cheiro horroroso desse lugar. O direito também de não ser atingida por uma estante de livros ou ver os outros o ser — disse de forma pausada.

Jonas olhava para ela como se a visse pela primeira vez, Lisa estava com as mãos na cintura, no meio dos livros. Parecia uma heroína que pulara de uma história de ficção moderna para a realidade.

— Eu vou te demitir! — ameaçou ele.

— Faz o seguinte, senhor Jonas, eu vou sair para almoçar mais cedo agora — disse ela, rapidamente colocando a lista que acabara de fazer dentro de sua bolsa. — Cumprirei meu aviso prévio. Isso se assim o senhor quiser. Já tenho férias acumuladas e planejo viajar de qualquer maneira.

— Como ousa? — Jonas deixou escapar baba no canto direito da boca. Ela não respondeu, apenas foi em direção à saída da loja.

— Sei que não quer minha opinião, mas vou dá-la mesmo assim. Esse cuco requintado não combina com a decoração de um sebo debilitado. E, quando esse pássaro idiota cuca, a minha vontade é de quebrar o pescoço dele. Venda-o e compre móveis decentes para a loja. Volto em uma hora — avisou, saindo pela porta e deixando seu chefe injuriado com seu comportamento.

Quando voltou do almoço, o senhor Jonas tentava colocar os livros nas prateleiras novamente. Ela começou a ajudá-lo, e os dois ficaram em silêncio e não mais tocaram no assunto da demissão, apesar de que ela não iria voltar atrás na decisão de ir embora.

O motim interno dentro da garota já havia sido iniciado e estava grata por essa revolução que a fizera ansiar por mudanças. E ela imaginou que ao menos isso deveria ser bom.

Depois que o expediente foi encerrado, Lisa foi direto para casa e, quando toda a família havia terminado de jantar, ela os reuniu na sala e contou que iria viajar. Tentou amenizar a situação, tranquilizá-los de que ficaria bem, mas viu a mãe Teresa se contorcer no sofá chorando desesperadamente.

O pai de Lisa, Nestor, que era caminhoneiro, não abriu a boca para nada, apenas acenava com a cabeça durante toda explicação de Lisa, contudo, deu um abraço apertado nela no fim da noite. Já a irmã Camila, apenas um ano mais velha que Lisa, fez várias perguntas práticas sobre como ela continuaria se tratando. Por sua vez, o irmão caçula, Eduardo, de apenas dez anos, ficou emburrado.

— Mana, você nunca vai para lugar nenhum. Precisa ir tão longe assim? Nem pra me levar junto! — reclamou.

— Duda, é uma viagem que eu preciso fazer sozinha, entende? São só três meses. Passa rapidinho.

— Mas você vai pra onde afinal de contas? — perguntou Camila, que folheava um livro de advocacia, ela estava no segundo ano do curso. As irmãs não eram muito unidas, cada uma tinha seu grupo de amigos, raramente saíam juntas ou compartilhavam segredos.

— Vou para alguns países da Europa, que fica...

— Eu não quero aula de geografia! Eu quero saber o motivo de você resolver dar uma de viajante. Esqueceu que está doente, mocinha? — Teresa vivia lembrando Lisa que ela estava enferma, como se ela não tivesse essa consciência há meses.

— Não se preocupe, mãe. A doutora Vera irá me atender em uma consulta de encaixe amanhã, expliquei para ela a situação. Levarei meus remédios, minha saúde está estável.

— Mas você disse três meses!

— Tudo vai depender de como a viagem será. Posso mudar a passagem para antes desse tempo. Volto para cá e sigo para os Estados Unidos, ou vou de lá mesmo, preciso ver essas questões ainda.

— Mas você precisa me prometer que, caso se sinta mal, irá voltar correndo pra casa! Promete, minha filha? — pediu, chorosa, Teresa.

— Prometo, mãe! — respondeu ela, envolvendo sua mãe em seus braços.

CAPÍTULO 2

Tatuagem de henna no ombro

As semanas passaram ligeiro e finalmente o dia da viagem chegou. O despertador ressoou acordando praticamente todos na casa, com exceção de Lisa, que havia tomado um remédio para dormir na noite anterior, pois estava sem sono.

Duda correu para o quarto de Lisa e desligou o despertador barulhento. A garota abriu os olhos com o menino chacoalhando-a pelos braços, sentiu certo desespero de saber que em algumas horas estaria indo para o aeroporto.

— Acorda! Vai perder o voo! São quantas horas mesmo dentro do avião, mana? — perguntou Duda, enérgico.

Lisa olhou para os olhos grandes e sempre lacrimosos do irmão. Ele agora tinha a ideia fixa de que seria tatuador e vivia testando tatuagens de henna nas paredes de seu quarto. Teve certeza de que sentiria muita falta dele.

— São mais de dez horas de voo. Mas pode ficar sossegado que vou te mandar fotos de todos os meus passos.

— Vou cobrar! — disse ele, que parou seu olhar no ombro esquerdo de Lisa, que estava vestindo uma regata vermelha.

— O que foi? — perguntou ela.

— Nada não! — desconversou ele, que logo saiu correndo para a cozinha.

Lisa foi checar novamente todos os documentos, para passar na imigração do aeroporto, que estavam em uma pequena pasta de papelão verde. Verificou a reserva do hotel de duas semanas em Paris, o comprovante de pagamento do seguro viagem, seu passaporte, assim como o bilhete de ida e volta.

Também estava com um cartão de uso internacional para o qual transferiu dinheiro suficiente para se manter em seus passeios.

Sua ideia inicial era ficar duas semanas na França, depois seguiria para a Rússia. Deixou para comprar as demais passagens já na Europa. Visitaria a casa de Cora Coralina no Brasil assim que tivesse ido a todas as demais casas, quando finalmente voltasse para o convívio de seus familiares.

Lisa tomava café preto, sentada em uma banqueta na cozinha, quando sua mãe gritou:

— Ah! O que é isso?

— Credo! O que aconteceu? — perguntou Lisa, assustada.

— Primeiro, quer viajar, fugir de casa. Agora faz uma tatuagem, apesar de sempre ter falado que não gosta — acusou Teresa.

— Tá louca, mãe? Do que a senhora tá falando?

— Da borboleta tatuada nas suas costas! — Lisa girou o rosto para o lado esquerdo para tentar ver algo e, surpresa, conseguiu ver apenas uma asa de borboleta no ombro.

— Duda! Seu peste! — gritou ela.

Mas o garoto já havia se trancado em seu quarto. Lisa subiu as escadas o mais rápido que suas articulações doloridas lhe permitiam e forçou a maçaneta na porta do aposento do garoto.

— O que é isso que você colou em mim, seu monstrinho?

— Não é colagem, é uma tatuagem. — Fez-se ouvir uma voz do outro lado da porta.

— Você sabe que eu não curto tatuagem, caramba! Na verdade, eu odeio! Por que fez isso comigo?

— Eu estou aprendendo a fazer tatuagem de henna pela internet, precisava tentar em uma pessoa. Você tomou aquele remédio pra dormir, e eu resolvi testar, ficou bem quietinha. Não se preocupe, sai em duas semanas.

— Quero que tire isso de mim agora! — mandou Lisa.

Duda abriu a porta do quarto, dessa vez com os olhos mais molhados que de costume.

— Deixe só por mais alguns dias, para você se lembrar de mim — suplicou ele, lançando dois pequenos braços em volta de sua cintura.

— Droga! — reclamou Lisa, já conformada que viajaria com uma tatuagem no ombro; quando seu irmão chorava assim, ela não conseguia dizer não a ele.

As unhas de Lisa estavam todas roídas, ao ponto de doer a carne embaixo delas e arruinar a pintura roxa, feita caprichosamente por sua irmã na tarde do dia anterior. A partida aconteceria no Aeroporto Internacional de Guarulhos. Uma mala grande já tinha sido despachada, rolando solitária por uma esteira que Lisa não conseguiu imaginar onde teria fim. Seu bilhete dava direito a duas malas de 32 quilos cada, mas ela optou por levar somente uma, que na verdade pesava 28.

Nunca foi de juntar muita coisa mesmo, na verdade sempre viveu bem com pouco, tinha parques pares de sapatos, alguns jeans e camisetas, além de pijamas. Sempre foi louca por pijamas, era o presente que mais gostava de ganhar.

Estava nervosa, afinal, era a primeira vez que viajaria de avião e nunca imaginou que seria logo para um destino tão distante.

Com apenas uma mochila, Lisa entrou na fila para passar pelo equipamento de detector de metais, no portão de embarque. Era sábado, seus pais não estavam trabalhando e puderam ir até o aeroporto. Lisa se despediu deles com abraços, depois foi a vez de seus dois irmãos e do tio Paulo.

— Tchau, galera. Se cuidem. Não façam nada que eu não faria. Ou melhor, façam, se quiserem sair do lugar — disse ela, sem saber por que falava uma frase dessa em uma despedida no aeroporto.

Desviou os olhos de sua mãe, que chorava de forma bem expressiva e barulhenta com a cabeça encostada no ombro de seu pai, o qual apenas tinha um semblante sério.

Duda secava algumas lágrimas e era enlaçado por trás pelos braços de Camila.

— Vai, se manda logo, garota. Deixa que eu cuido desses dramáticos aqui. Aproveita! — disse a irmã dando um sorriso cúmplice, tão raro entre as duas.

Lisa tinha certeza de que, se sua avó ainda estivesse viva, também estaria ali, feliz por ela finalmente sair de sua zona de conforto. O pensamento a fez apertar a alça de sua mochila que estava jogada sobre as costas, ao ponto de sentir dor nas dobras dos dedos.

Deu uma última olhada para seus familiares e, com um meio sorriso, virou o corredor seguinte. Após andar mais alguns metros, voltou-se para trás, ainda dava para ver de longe sua família. Todos espremidos para caberem em uma pequena fresta que era o único local com visão de onde ela estava. Deu um último aceno, sentiu a garganta como que fechar, e virou a próxima curva, perdendo o contato visual com sua família.

Quando chegou a sua vez de passar pelo detector de metais, um apito chato se fez ouvir. Quis enfiar a cabeça em um buraco, ficou com medo de alguém ter colocado alguma coisa escondida nos seus bolsos. Foram muitas as vezes que assistiu reportagens de televisão sobre como algumas pessoas eram usadas para o tráfico de drogas internacional.

Do jeito que se considerava azarada, imaginou que facilmente poderia ser uma vítima. Apalpou

os bolsos preocupada. No desespero, olhou até mesmo por cima do decote de sua blusa de manga comprida amarela. Pensou que geralmente é em lugares improváveis que o que não deve estar simplesmente está.

Uma senhora de cabelo loiro escuro, segurança do aeroporto, pediu que ela retirasse o cinto. Olhou aliviada para o acessório, que tinha uma imensa fivela redonda. Na segunda tentativa, nada de apitos.

Após passar a madrugada em claro, Lisa ficou grata quando serviram o café da manhã. Tinha acabado de entregar a bandeja com um guardanapo sujo e um copo com restinho de café para uma bonita comissária de bordo, morena e alta, quando deixou de ver nuvens e passou a ver terra. Grudou a cara na janela para observar melhor as tonalidades de verde das áreas gigantescas de terra. Uma terra estrangeira.

O que estava fazendo a quilômetros do chão? De um chão há quilômetros da sua casa? Como iria se virar sozinha? — questionou-se.

Nunca havia se sentido tão só como naquele momento. Sua vontade era ficar dentro do avião, voando sem destino; não queria que ele pousasse em lugar nenhum. Isso significaria agir, tomar decisões. E ela era inexperiente nisso. Estava aterrorizada.

Fora do avião, Lisa passou na imigração do aeroporto Charles de Gaulle, na França, fez de tudo para que suas mãos parassem de tremer, em vão. Um senhor de cerca de 50 anos, cabelos grisalhos e os lábios tão finos que dava a impressão que eram dois riscos de lápis vermelho, checkou seus documentos. Olhou para o rosto de Lisa e para a foto de seu passaporte algumas vezes.

O funcionário da segurança fez perguntas em francês que ela não entendeu muito bem. Deduziu que era alguma coisa relacionada ao local onde ficaria hospedada. Apontou para o comprovante de reserva de seu hotel no centro de Paris. Ele falou mais algumas coisas que ela também não compreendeu, sendo que a todo instante dava um fraco sorriso e balançava a cabeça como que concordando com alguma coisa que nem mesmo ela sabia o que era.

Só entendeu que poderia seguir adiante quando o francês lhe devolveu os papéis, deu um carimbo no seu passaporte e olhou para o próximo da fila.

— *Prochain!* — gritou ele.

Lisa imaginou que ele estava chamando o próximo da fila, recolheu seus documentos e cedeu espaço na cabine para outra pessoa.

Depois de ter recolhido sua mala em uma esteira circular, atravessou uma porta automática que dava acesso à área de desembarque do imenso aeroporto. Viu diversas pessoas que esperavam outros passageiros, elas seguravam cartazes e exibiam semblantes ansiosos e também cansados de ficar segurando placas.

Nos cartazes, tinham nomes que Lisa nem sabia que existiam: Chermont, Dideron, Aaminah, Gilca. A sua vontade era procurar uma placa com seu nome, agarrar na pessoa que a estivesse segurando e implorar para tirá-la dali, mandá-la de volta ao Brasil. De preferência, de primeira classe, com tudo pago.

Pouco mais de uma hora depois, Lisa pulava de dentro de um táxi na frente de um pequeno hotel de quatro andares de esquina. O prédio era branco, com sacadas pequenas com portas brancas e grade de ferro preta. A recepção era clara e consistia apenas em três poltronas e um balcão vazio. Ela apertou uma campainha sobre a mesa de mármore toda arranhada e aguardou.

Em instantes, apareceu um senhor careca, vestido de calça preta e camisa social azul. Ao forçar um pedido de desculpas, mostrou os dentes amarelados e sobrepostos.

Minutos após fazer o check-in, Lisa concluiu que não se lembrava da última vez que tinha ficado

tão cansada. Primeiro, levou a mala mais pesada até o primeiro andar, depois voltou e pegou sua mochila, que também não estava nada leve. Foi fazendo isso até o quarto andar. Quanto mais subia, mais odiava aquele carpete carmim, os corrimões de madeira velhos e o ar com cheiro de mofo.

— Cadê o charme dos hotéis parisienses, meu Deus? — reclamou, apoiando as mãos nos degraus à sua frente e recuperando o fôlego. — Deve estar distante das diárias de hotéis baratas, compradas pela internet em um instante de desespero — concluiu.

O recepcionista havia dito que não poderia ajudá-la com as malas, pois estava sozinho na recepção e o prédio não tinha elevador.

Quando jogou a chave no pequeno criado-mudo ao lado da cama de solteiro do quarto de hotel, Lisa desabou em um colchão de molas barulhentas e depois ficou inerte. Queria dormir, mas sabia que não conseguiria agora. Ficou de bruços olhando o quarto, com o mesmo carpete das escadas. Além de uma cômoda, havia um pequeno guarda-roupa. O banheiro ficava no corredor, era dividido com outros hóspedes.

Olhou ansiosa pela janela e o que viu a emocionou.

— Neve! — reconheceu. — A neve resolveu me visitar — disse, enquanto se desvencilhava dos cobertores e se dirigia à janela. Tentou levantar o vidro sujo, mas a pequena janela estava emperrada. — Não sabia que os franceses colavam as janelas para nunca abrirem, tradição interessante — bufou, contrariada. — Vou reclamar com o gerente e... — Parou de súbito de lamuriar ao ver aquela neve caindo por toda a rua, prédios, carros e árvores. Tudo coberto de um branco nunca visto. — A neve deixa tudo tão surreal, tão emocionante! — celebrou, enquanto se esforçava para não começar a chorar copiosamente.

Estava muito emotiva desde que descobriu ter lúpus, tentava se controlar diante da família e amigos, sempre dizendo que estava bem, que a doença não a assustava, recusava-se a passar a impressão de estar desesperada e com medo, como muitas vezes realmente se sentia. Agora, do outro lado do mundo, sozinha, em um hotel prestes a desmoronar, vendo aqueles pontinhos brancos caindo de uma janela de vidro, que não era lavada há tempos, ela desabou. Sentia como se aquela paisagem vista de uma janela emperrada a reconfortasse; chorou o que não tinha chorado quando era preciso.

A mala de Lisa trouxe praticamente todas as suas blusas de frio, que já não eram muitas. Depois de ter vestido três blusas, que valeriam por um grande casaco, pois todas eram finas, também apostou em uma touca de lã preta e botas marrons de cano baixo.

— Essas botas são a única coisa que realmente tem a ver com esse clima — disse orgulhosa de tê-las comprado, havia terminado de pagá-las no mês retrasado. Foram dez parcelas suaves no bolso e a certeza de ter feito um bom investimento.

Pegou uma pequena bolsa transversal vermelha de couro e colocou alguns documentos, assim como seu celular, uma pequena carteira com algumas notas de 20 euros lisinhas, que havia trocado quando ainda estava no aeroporto francês. Também levava seu cartão de uso internacional e um mapa de bolso que era distribuído gratuitamente no aeroporto.

Desceu as escadas aliviada por não ter mais malas nas mãos. Passou pelo recepcionista e até pensou em perguntar por alguns pontos turísticos, mas resolveu se aventurar, andar sem destino e se encantar com os lugares para os quais seria conduzida.

— Surpreenda-me, Paris!

Seu desejo foi acatado quando abriu abruptamente a porta do hotel e foi atingida por uma rajada de vento fria, que fez seus músculos se contraírem e os pelos dos braços se eriçarem. Ela fechou imediatamente a porta e olhou assustada para o recepcionista que apenas deu o seu sorriso ensaiado. Ao que tudo indicava, ele já tinha visto essa cena centenas de vezes com turistas despreparados.

Lisa respirou fundo e enfrentou o frio, que parecia ter ultrapassado a cartilagem que amortece e reveste a superfície dos ossos de seu peito. Respirar aquele frio gelado estava difícil. Em poucas horas, a temperatura tinha caído de forma intensa.

Andando sem rumo e tendo cuidado para não escorregar no chão que agora estava coberto de uma leve camada de neve, passou a tolerar mais a baixa temperatura. Sabia que precisaria parar em alguma loja e comprar um casaco decente capaz de bloquear o frio de Paris; ela concluiu que, definitivamente, não tinha trazido do Brasil nenhuma peça de roupa que conseguisse cumprir a contento essa façanha.

Quando percebeu, estava na Champs-Élysées. A avenida tinha calçadas largas e cinzas, possuía várias faixas para carros indo nas duas direções. Ambos os lados da rua tinham prédios parecidos, a maioria com quatro e cinco andares. Lisa percebeu que as cores predominantes das construções eram claras, alguns tons de beges, assim como prédios brancos e cinzas.

Reparou no contraste das cores das portas e janelas. Também tinha muitos telhados pintados com cores escuras, preto, verde, ou eram totalmente brancos.

Um homem de terno passou apressado e esbarrou nela, que estava ainda parada em uma esquina com o rosto erguido, olhando para as pontas dos prédios.

— *Pardon!* — disse o homem, virando-se para trás, mas sem diminuir o passo.

Lisa queria falar algo, mas não lembrou como dizer que não tinha sido nada, que não estava machucada. Então, sem refletir muito, gritou para o rapaz.

— *Pardon!*

Parecia que o homem não tinha escutado, continuava em seu passo voraz. A garota ouviu uma risada próxima, olhou ao redor e viu um rapaz magro e encurvado fumando, sentado em um dos degraus de uma pequena escada do prédio de esquina.

— Você deve dizer *impoli* — aconselhou, em português, o desconhecido, que soltou fumaça fedorenta para cima, atingindo o rosto de Lisa. — Não se responde a um pedido de perdão concendendo perdão.

— *Impoli*. Vou lembrar disso. Como sabe que sou brasileira? — perguntou formando uma ruga no meio da testa, expressão que sempre surgia no rosto dela quando se sentia intrigada.

— Eu sou brasileiro. Conheço outros brasileiros e você com essas blusas finas uma em cima da outra tem cara de quem vem de um país tropical. Deve estar morrendo de frio, está toda encolhida.

— Tá totalmente certo. Não tive muito tempo pra planejar a viagem ou me preparar pra ela. Mas eu vou comprar algum casaco decente por aqui e voltar a saber o que é não sentir frio. Conhece alguma loja que tenha um preço bacana e um casaco bem quente nessa rua?

— Nem eu nem ninguém conhece, porque nessa rua é tudo muito caro. Se é isso que você está procurando, vá em frente. Se não, te aconselho a dar um pulo na Rue de Rivoli.

— É muito longe daqui?

— Não, mas, para facilitar a sua vida, acho que posso te oferecer um guia — falou o rapaz, apagando a bituca de cigarro com as mãos, para a surpresa de Lisa, e a jogando em um lixo próximo.

— Você seria esse guia? — perguntou Lisa, quando ele retornou do curto trajeto feito para se livrar da bituca. Calculou que não seria bom, logo no primeiro dia de viagem, confiar em estranhos assim. Na verdade, não deveria fazer isso em nenhum dia.

— É minha irmã, Carolina. Ela veio me visitar semana passada. Vai ficar mais uns dois meses aqui comigo. Amo ela, mas ela é muito agitada, não para no lugar e vive me perturbando no meu trabalho. Não gosta de ficar sozinha — disse ele, arregalando os olhos e acendendo um novo cigarro.

— Ela já visitou muitos lugares?

— Já conhece até que bem a cidade; subiu na Torre Eiffel mais de duas vezes, está querendo ir

pela terceira vez; tá me deixando louco. Falei pra ela sossegar e ficar mais em casa, ela tá dividindo o quarto comigo, mas acorda com as galinhas e já sai cantando porta afora antes que eu consiga abrir os dois olhos.

— Queria ter metade da energia da sua irmã — disse Lisa, mordendo o lábio inferior e cogitando se deveria aceitar a oferta do rapaz. Não tinha noção se saberia lidar com alguém com tanta energia assim.

— Vocês poderiam fazer companhia uma pra outra. Quer dizer, a não ser que você vá encontrar alguém...

— E cadê ela? — perguntou Lisa.

Talvez fosse uma boa ideia. Afinal, ela precisava de um casaco urgente e tinha alguém que sabia onde ela poderia comprá-lo por um preço promissor.

Sempre foi de pensar exaustivamente para decidir alguma coisa, queria passar a ser um pouco mais livre e buscar novas experiências. Aceitaria a companhia da garota, por mais que isso a deixasse apreensiva.

— Ela tava aqui agora há pouco. Tenho um intervalo, no final da tarde, de 20 minutos. Daqui a pouco preciso voltar ao trabalho. A gente se despediu faz menos de dez minutos. Ela não deve estar longe. Quer que eu ligue pra ela?

— Tá bom — respondeu rapidamente Lisa.

Se pensasse muito, sabia que ia ponderar e não aceitar. Poderia ser a única chance de ter uma companhia na sua viagem, nunca foi de conseguir puxar assuntos com estranhos e fazer amizades de forma rápida.

— Tá feito — disse ele, depois de fazer a ligação para a irmã. — Ela tá correndo pra cá.

— Ótimo! Obrigada... Qual é o seu nome? — perguntou Lisa.

— Rafael, moro em Paris há dois anos, pulo de um bistrô ao outro, fazendo estágios, estou para terminar meu curso — explicou ele.

— Você estuda gastronomia? — perguntou ela, curiosa. — Ah, a propósito, me chamo Lisa.

— Então, Lisa, estudo sim. Na verdade, daqui a seis meses, termino meu curso e pretendo voltar ao Brasil, meu sonho é montar algo por lá. Fora que bate a saudade da família.

— Sua cidade é no Estado de São Paulo?

— Campinas. E você é da capital?

— Sou sim — disse Lisa, que, em seguida, tossiu copiosamente ao aspirar um pouco da fumaça da última baforada de cigarro do brasileiro.

— Desculpe, eu não queria... — tentou se desculpar ele, ao mesmo tempo que a segurava pelo braço e tirava a garota do meio da calçada, aproximando-a das grades que circundavam o prédio.

Quando ele pegou no braço dela, a dor espalhou-se de forma intensa, como se dentro do braço explodisse um pedaço de vidro em micropartículas e, com isso, um dos ossos se estilhassasse.

— Ah! — berrou Lisa, no que Rafael deu um pulo para trás, assustado com a reação dela. Algumas pessoas ao redor olharam para eles, tentando entender o ocorrido.

— Eu nem te apertei tanto assim — protestou, encabulado.

Lisa não respondeu, apenas massageou o braço, tentando amenizar a dor que se dissipava aos poucos. Havia ficado assustada com a própria reação ao toque. Imaginou se a sua doença não estaria afetando seus membros. Seus pensamentos foram interrompidos com outro grito, dessa vez mais estridente.

— Meu Deus! O que fez com ela? Não posso te deixar um minuto sozinho, Rafa? — bradou uma loira com sardas, magra como o irmão, parecendo uma modelo, com um vestido rosa curto, meias finas, bota de cano alto e um casaco longo preto.

Lisa não conseguia parar de olhar o casaco, sua vontade era de tocá-lo, vesti-lo e sair do frio

que começava a ficar insuportável.

— Eu não fiz nada com ela, Carol! — defendeu-se, amuado, Rafael, cruzando os braços.

— Desculpe o meu irmão, ele é bem desengonçado, estranho mesmo. Ele parece um boneco inflável em um vendaval, não tem controle sobre os membros do corpo, vive esbarrando em todo mundo! — gritava a menina, arregalando os olhos azuis, coroados com cílios postiços enormes.

— Não foi culpa dele, foi apenas um mal jeito no braço — desconversou.

— Eu sou Carol, sua nova guia e companheira para todas as horas — disse ela abraçando forte Lisa e apertando o braço dolorido. Dessa vez, Lisa mordeu os lábios e tentou não gritar.

— Certo, meninas, já vi que se acertaram... Meu intervalo já acabou, tenho que voltar para o bistrô — avisou ele, dando um suspiro desanimado. — Hoje é dia de *happy hour*, o pessoal do restaurante vai fazer um jantarzinho de sobras hoje, apareçam as duas por volta das 22 horas. Vai ser divertido! — disse ele antes de se virar e atravessar a rua correndo.

— Liga não, ele é esquisito assim desde sempre.

— Sem problemas, todos temos uma cota de esquisitice. Não concorda, Carolina?

— NÃÃOOO! — gritou dramaticamente a garota.

— Jesus! Não o quê? — perguntou, assustada, Lisa.

— Não me chame de Carolina! Carol, Carol, repita comigo: Carol. Vamos lá... — insistia, arregalando os olhos e se inclinando para Lisa de uma forma que ela achou assustadora.

— Ca... Carol — disse Lisa, dando um passo para trás, perguntando-se se teria arrumado uma guia louca que a jogaria de cima da Torre Eiffel.

CAPÍTULO 3

[Uma questão de casting](#)

Lisa concluiu que, se Carolina, quer dizer, Carol, não era louca, ao menos parecia ser. Nunca em toda a sua vida tinha sido literalmente arrastada como uma boneca de pano para cima e para baixo, aos gritos de uma adolescente com energia de lutadores de MMA.

— A gente pode sentar um pouco? Andamos muito, e meus pés estão sofrendo dentro dessa bota — disse Lisa, sentando em um banco de uma pequena praça. O céu já estava escuro há horas.

— Descanso é para os fracos. E, além do mais, meu irmão está nos esperando no restaurante. Vamos imediatamente.

Lisa foi puxada pelo braço por dedos finos e longos de uma garota que parecia ter força para mover um caminhão do lugar. Cogitou qual seria a fascinação desses irmãos em puxar seu braço.

Não demorou muito para a dor ser esquecida no que ela corria pelas ruas de Paris atrás de uma garota de vestido rosa. Lembrou-se de quando era criança e via a cidade de São Paulo, à noite, de dentro do carro Volkswagen Fusca azul da família. Gostava de contar quantas luzes tinham pelo caminho e, quanto mais contava, mais ficava feliz e sorria através da janela do carro, que ficava embaçada com sua respiração, pois sempre apreciou colar o rosto no vidro dos automóveis.

Enquanto corria em Paris, começou a contar as luzes. Eram tantas! Iluminavam prédios tão charmosos, ruelas e grandes ruas. Alumbravam os rostos de pessoas encolhidas em seus casacos, algumas com chapéus. Lisa não sabia explicar, mas ela sentia que naquela corrida ia deixando algumas coisas pesadas pelo caminho. Talvez frustrações? Medos?

Não tinha certeza que pesos eram esses, mas, quanto mais corria, mais rápida conseguia se

tornar. Quando chegaram nos fundos do bistrô, ela e Carolina gargalhavam de forma esbaforida. Encostadas na parede do pequeno estabelecimento, tentavam recuperar o fôlego.

Sentiu-se uma criança travessa, que faz coisas sem sentido, sem, contudo, importar-se com isso. Viveu o momento de uma forma simples, correndo e depois absorvendo o ar desesperadamente, encostada em uma parede de tijolos vermelhos a uma distância de mais de nove mil quilômetros de sua casa.

O ataque de riso tinha quase se dissipado quando ela começou a sentir dormência na ponta dos dedos dos pés. Reconheceu que deveria ter comprado meias mais grossas, talvez de algum tecido mais quente.

Ainda escorava-se na parede quando sentiu que era observada. Olhou assustada para a direita onde ficava a porta dos fundos do bistrô e viu alguém na sombra, com as mãos nos bolsos e um dos pés apoiados na parede. Não dava para ver o rosto direito, só para ver que era um homem e que o cabelo acobreado era rebelde e quase chegava a altura dos ombros.

Lisa deduziu que a pessoa na sombra havia visto seu ataque de riso e começou a ficar envergonhada. Carolina havia sentado no chão e parecia morta, com os olhos fechados e o corpo todo mole.

— Acho que finalmente a pilha dela acabou. — Fez-se ouvir uma voz rouca, em um inglês claro e pausado. A frase foi dita pelo rapaz desconhecido de forma debochada, referindo-se à Carolina.

— O senhor mal-humorado se dirigiu a nós, meros mortais! Uma salva de palmas, minha gente! — disse Carolina, sem voltar a abrir os olhos ou se mover.

— Que desafiante a mente dessa garota... Ela sabe colocar apelido nos outros. É o que faz de melhor — retrucou ele.

— Meu irmão está aí, Derek? — perguntou Carolina, levantando-se de um pulo ligeiro e abandonando a postura defensiva.

— Tá lá dentro — limitou-se a responder o rapaz.

— Você pode chamá-lo? — perguntou.

Um silêncio constrangedor bastou para Carolina entender a resposta.

— Que cara difícil! — reclamou, levantando-se do chão e seguindo em direção à parte interna do restaurante.

— Vou lá dentro e já volto, Lisa. Cuidado com o senhor mal-humorado, conhecido também como Derek Graham, o escocês grosseiro. Ele pode te abduzir em segundos com sua carranca — disse a garota em inglês e logo sumindo pela estreita porta.

Lisa queria puxar assunto com o rapaz, lembrou-se de que Carolina o tinha chamado de Derek, mas, com as respostas ríspidas dele pra Carolina e seu apelido peculiar dado pela garota, ficou na dúvida. Resolveu arriscar. Não dominava o francês, mas se sentia segura ao falar inglês, na verdade era fluente desde os treze anos. Autodidata, aprendeu praticamente a língua sozinha, com os livros adquiridos na biblioteca, já que as escolas públicas pelas quais havia passado mantinham uma fraca grade do ensino da língua.

— Você trabalha aqui?

— Não, só gosto de vestir esse avental e recolher o lixo do restaurante dos outros. É meu hobby, meu passatempo — falou de forma sarcástica o homem, que ainda estava nas sombras.

Lisa se sentiu um pouco constrangida, sabia que o pescoço já deveria ter adquirido um tom avermelhado. Detestava não conseguir disfarçar sua vergonha facilmente.

Tentou adivinhar qual seria o problema que talvez justificasse a agressividade do rapaz. Reparou que, ao lado dele, havia dois sacos enormes de lixo; imaginou que ele não deveria estar feliz com seu trabalho, apesar de acreditar que isso não era motivo que justificasse o comportamento dele.

Suspirando resignada, resolveu ignorá-lo. Havia um pequeno banco de madeira ao lado de uma

caçamba de lixo. Ela foi até o assento e se acomodou, tentando ignorar o mau cheiro. Do novo ângulo, ela conseguia vê-lo melhor. Ficou surpresa ao constatar que, apesar de mal-humorado, o funcionário do bistrô era bonito. Muito bonito na verdade, percebeu Lisa.

Ela reparou no rosto quadrado, nos olhos verdes, que eram levemente puxados, sobrancelhas grossas e um nariz médio que ficava bem em seu rosto. Vestia calça preta que aparentava ser de sarja e uma camisa branca. As mangas da vestimenta eram compridas e estavam dobradas, revelando partes de tatuagens em ambos os braços. Lisa não conseguiu identificar as imagens tatuadas. Apesar de alto, percebia que ele não era largo de forma avantajada no peitoral. O mais marcante eram os cabelos, que estavam presos por um elástico preto.

Enquanto Lisa o observava, ele estava olhando para outra direção, de repente, seu olhar a encarou, e ela rapidamente abaixou a cabeça.

— Tá gostando da análise? Você é algum tipo de olheira de agência de modelos? Seu trabalho é ficar encarando os outros? — perguntou o rapaz.

Ela não conseguiu responder nada, apenas o observou sair das sombras, pegar os sacos de lixo que estavam aos seus pés e jogá-los na caçamba ao lado dela; a lataria da caçamba fez um estrondoso barulho, assustando Lisa, que não conseguiu evitar um grito.

Suas bochechas começaram a arder, mas ela, em um ímpeto de coragem, o enfrentou.

— Não enche, cara! — disse, logo se arrependendo da ousadia, ao ser fitada por olhos verdes que pareciam querer realmente abduzi-la, como Carolina a alertara.

Ele não comentou nada, apenas olhou para o rosto dela, como há pouco ela tinha feito com ele. Observou com certa curiosidade a pequena cicatriz ao lado do olho esquerdo, adquirida quando o ônibus escolar que a levava para a escola teve um acidente em um cruzamento; ela tinha oito anos na época. Reparou nos olhos castanhos simples, nos lábios médios que chegavam a tremer levemente e no pescoço totalmente vermelho, contrastando com a pele morena clara do rosto.

— Tá gostando da análise? Você é algum tipo de olheiro de agência de modelos? — perguntou ela com a voz vacilante, mas se sentindo vitoriosa por poder dar a ele um pouco do seu próprio veneno, devolvendo a frase jogada na cara dela há instantes.

A boa sensação logo passou quando ele voltou a se pronunciar.

— Não, não sou olheiro. E, se fosse, você claramente não seria escolhida para o meu *casting* — disse ele, sincero. Havia achado a garota bonita, o conjunto do rosto era harmonioso, também era alta sem, contudo, deixar de ter curvas.

Mesmo tendo constatado isso, definitivamente ela não tinha nada a ver com as garotas que ele costumava escolher para sair, geralmente quase tão altas quanto ele, de corpos esguios, rostos finos e aristocráticos.

Aquela resposta a surpreendeu e a deixou sem reação. Ele deu meia-volta e entrou pela porta a deixando sozinha com seu orgulho ferido.

— Idiota — falou baixinho, percebendo que estava magoada com a grosseria dele. Praticamente, ele havia jogado na cara dela que ela era feia.

Ainda remoía a audácia do desconhecido, quando Carolina colocou a cabeça para fora da porta e gritou a plenos pulmões:

— Hora do rango! Venha, amiga, jantaremos de graça em sua primeira noite em Paris. Por essa dádiva você não esperava, não é mesmo?

— Eu posso pagar, Carol. Não quero dar prejuízo para o seu irmão — disse Lisa, torcendo para os valores do restaurante serem acessíveis.

— Para de ser boba. O bistrô já fechou, sobra um monte de comida que vai para o lixo. O dono já foi embora e sabe de tudo, e meu irmão tá preparando algumas coisas pra gente. Sem crise, entra logo.

Lisa sentiu certo receio de voltar a encarar o rapaz que foi tão grosseiro com ela. Ficou mais

relaxada quando tomou rápido conhecimento que provavelmente ela também não o escolheria para seu *casting*. Nunca se interessara por homens tatuados e com cabelos emaranhados e longos. Agora ela só teria que dizer isso na cara dele, assim como ele fez com ela. Só não sabia se teria oportunidade e a coragem para tanto.

Dentro do restaurante, tirando Carolina, que tinha sua idade, as demais pessoas aparentavam ser um pouco mais velhas. Lisa cogitou que deveriam ter uns 25 anos. A primeira pessoa que viu foi uma garota loira, com a pele mais branca e uniforme que já havia visto, e pequenos olhos de um azul violeta. O nariz era delicado e levemente arrebitado, os lábios eram finos e o rosto oval e comprido. Ela usava um vestido branco de mangas longas que parava no meio de suas coxas finas e marcava seu corpo magro; usava meias pretas e sapatilhas da mesma cor. Mesmo sem salto, ela era bem alta, mais do que Carolina.

De uma beleza andrógina, a mulher, definitivamente, chamava a atenção. Ela conversava animadamente com Rafael, que estava atrás de um balcão, cortando alguns pães com uma imensa faca de cabo preto.

Sentada sozinha em uma cadeira, com os cotovelos na mesa, estava uma menina ruiva, com óculos de aros grossos preto e um suéter surrado. Tinha estatura média e era ligeiramente roliça.

— Pessoal, essa é a Lisa. Chegou hoje na França. É brasileira, de São Paulo. Ela vai jantar com a gente hoje — disse Carolina, em inglês, apresentando Lisa para o pequeno grupo. — Essa é a Carmem — disse, apontando para a loira. Ela é francesa. Essa é a Alana. Ela é irlandesa o que explica esse cabelo vermelho que é um escândalo! — disse, animada, Carolina. — O senhor mal-humorado você já teve o desprazer de conhecer — continuou, olhando para o rapaz que tinha acabado de sair por uma porta equilibrando quatro pratos brancos, dois estavam sobre os braços e dois sustentados pelos dedos. Ele os depositou na mesa e voltou a sumir pelos corredores do bistrô.

— Prazer em conhecê-la, querida — disse Carmem, sorrindo amavelmente.

Lisa percebia por seu sotaque que o inglês não era a língua nativa da garota. O que já não acontecia com Alana, que tinha um inglês fluido, apesar de ter um acento diferenciado do inglês britânico e americano.

— Oi. Espero que esteja gostando da França. É a terceira vez que eu visito o país, mas não me canso — disse Alana, com voz baixa. Terminou sua fala com um despretenso sorriso que formou covinhas nas suas bochechas arredondadas.

— E por onde as senhoritas andaram? — perguntou Rafael, terminando de alojar os pães em pequenos cestos e os levando para as duas mesas que estavam colocadas uma ao lado da outra, para permitir que todos pudessem jantar juntos.

— Nós andamos muito, fomos na Catedral de Notre Dame. Achei perfeita a arquitetura gótica — disse Lisa, animada.

— Tentei imaginar o corcunda de Notre Dame naquele lugar. Coitado, se balangando de um lado para o outro. Será que existem descendentes dele? Será que herderam a corcunda do parente famoso? — divagou Carolina.

— O corcunda é um personagem do escritor Victor Hugo. Não é real — disse Derek, voltando para junto deles, dessa vez carregando três pratos.

— É real o que eu queira que seja real — respondeu, encabulada, Carolina.

— Se você quiser, Carol, pode vir comigo na casa de Victor Hugo, o escritor. A minha ideia é ir ainda essa semana.

— E de onde você conhece ele? Ele te convidou?

— Só se foi o espírito dele que fez contato com a sua amiga... — interrompeu novamente Derek.

— Lisa, meu nome é Lisa — avisou, com o semblante sério, no que foi recebida com um olhar de indiferença.

— Costuma ter esses tipos de contatos mediúnicos, senhorita Lisa?

— Não, não acredito nisso. As conversas mais assustadoras que costumo ter são com pessoas vivas, principalmente as consideradas mal-humoradas — disse ela frisando o apelido dado a ele por Carolina. — Te digo que é uma experiência horripilante — finalizou, sem o encarar.

— Até eu sei que Victor Hugo já morreu faz tempo, Carol. Você fugiu das aulas de história ou de literatura? — disse, rindo, Rafael.

— Eu é que não vou em nenhum mausoléu e casa onde morou um monte de gente morta. Pra mim, museu, só fechado!

— A gente pode deixar essa conversa estranha pra lá? Estou com muita fome! — disse Carmem, sentando-se ao lado de Derek, que tinha acabado de escolher um assento.

— Galera, hoje não tem o serviço completo, entrada e tudo o mais. A gente vai de prato principal logo de cara. Os pratos já estão aí. Podem atacar — avisou Rafael.

— E o que a gente tem de bom? — sondou Alana.

— Peito de frango marinado na cerveja e grelhado e risoto de cogumelos frescos — listou Rafael. — Quase me esqueci do vinho, minha gente! — disse ele, levantando-se e pegando uma garrafa de vinho que estava em cima do balcão, as taças já estavam sobre a mesa. — A comida é por conta da casa. Mas a bebida a gente vai ter que rachar! — disse Rafael.

Lisa sentou do lado da tímida Alana. Antes que pensasse em algum assunto para abordar, a irlandesa resolveu fazer uma pergunta, que Lisa achou inusitada.

— Você samba? — perguntou a garota. Lisa levou alguns segundos pra processar a informação.

— Não. Quer dizer... não muito bem. Na verdade, não tenho muito talento para sambar.

— Pensei que todo mundo no Brasil sambava — disse, sorrindo, a jovem.

Lisa pensou que a imagem do Brasil para muitos estrangeiros realmente devia ser bem distorcida, baseada apenas em alguns eventos ou festividades do país transmitidos ao redor do mundo.

— Nem todo brasileiro gosta muito de Carnaval ou sabe sambar. É um país, digamos... bem eclético! Apesar do carnaval ser uma celebração linda e apoteótica.

— Entendi — disse a garota, porém com pouca convicção.

— Você, por exemplo, dança sapateado, ou melhor, a dança típica irlandesa? Não lembro bem o nome... — disse Lisa, recordando-se de um livro no sebo com figuras sobre danças típicas do país.

— Na verdade não. Sou bem desengonçada.

— Pois esse também é o meu problema! — disse Lisa, quase acrescentando que também não jogava futebol, que não usava fio dental na praia nem morava ao lado de selvas repletas de macacos e onças. E, como não trabalhava com política, também não estava envolvida em nenhuma operação de investigação de desvios de verba para contas no exterior.

Carmem, que estava sentada ao lado de Alana, escutou a conversa e logo falou alto, chamando atenção de todos à mesa.

— Eu faço jazz e sou formada em ballet clássico.

Lisa percebeu Alana revirando os olhos e imaginou que não deveria ser fácil ser uma pessoa reservada e ter uma amiga que parecia ser a perfeição em pessoa e que fazia questão de reforçar isso, por vezes, de forma enfadonha.

O cheiro do risoto fez com que Lisa se desinteressasse pela conversa e desse a primeira garfada. Ficou impressionada com o sabor, parecia que derretia na boca, uma junção de temperos que davam um prazer indescritível. Ela provou um pedaço do frango e constatou que era outra delícia. Suculento. Via-se que o bistrô era de qualidade. Mal terminou de engolir e se dirigiu a Rafael:

— Nossa! Não sou a pessoa mais entendida do assunto, mas sei apreciar uma boa comida, e, definitivamente, você é um arraso na cozinha. Os temperos estão em sintonia. Parabéns, você é um ótimo cozinheiro, Rafael.

— Obrigado! — Rafael deu uma gargalhada.

— Deixa de ser bobo, Rafa! — disse Carolina. — Meu irmão até que sabe cozinhar, mas não ainda com essa destreza toda. Ele é ajudante do chef, na verdade cuida mais das entradas. Você deve parabenizar o senhor mal-humorado — Carolina indicou Derek, com um leve movimento de cabeça.

Lisa, já arrependida de seu comentário, olhou furtivamente para o rapaz que estava no outro extremo da mesa. Não podia curtir a comida e ficar quieta? Tinha que dar créditos e aplaudir de pé o cara que insinuou que ela não fazia o tipo dele? — pensou. Quando seus olhos se cruzaram, pareceu a ela que ele sabia exatamente o que se passava em sua mente.

— Parabéns, Derek. Tá tudo muito bom — jogou as palavras, sem, contudo, querer proferi-las. — Na verdade, você só pecou um pouco na falta de sal, tá um pouco insosso — mentiu Lisa, para tentar tirar aquele sorrisinho da cara do chef. Não conseguiu seu intuito.

— Isso não são degraus, são inimigos forrados com carpete carmim! — reclamou Lisa, ao subir as escadas do hotel onde estava hospedada. Quando finalmente entrou no quarto, desabou na cama com roupa e tudo.

Estava tão cansada que não tinha coragem nem de desabotoar o casaco novo.

— Que dia! — disse em voz alta. — Que dia! — repetiu mais alto ainda.

Lembrou-se dos lugares diferentes que conheceu, da animação de Carolina, dos novos colegas que havia encontrado. Gostou de todos, com exceção do chef de cozinha mal educado. Mas nada superou ter encontrado Ethan Bolton.

Seus olhos chegaram a brilhar na escuridão do quarto. Havia sido um dos momentos mais românticos da sua vida, e foi apenas um jantar rodeado de pessoas recém-conhecidas. Isso a fez perceber o quanto sua vida amorosa vivia em estado de calamidade.

Logo depois que ela acusou Derek de não colocar sal na comida que na verdade estava perfeita, um rapaz entrou no restaurante. Casaco cinza-escuro, calça jeans preta, bota preta e uma boina de um cinza um tom acima do casaco. Seus olhos eram azuis, a barba estava bem feita e o cabelo loiro tinha sido penteado para o lado. Emanava simpatia e segurança. Tinha um rosto bonito, sobrancelhas finas e um olhar profundo.

Lisa chegou a crer que ele era um ator que filmava uma película alternativa em algum estúdio e que resolveu entrar em um restaurante com placa de fechado, apenas para fugir de algumas fãs histéricas.

— Oi, pessoal! — saudou, em inglês, o recém-chegado.

— Oi — respondeu em coro alguns dos presentes, outros preferiram terminar de mastigar a sobremesa, que era o doce *Paris brest*.

Lisa tinha aprendido a lição e, apesar de ter adorado o doce, optou por não elogiar a iguaria, que consistia em uma massa chamada *pâte à choux*, a mesma utilizada em receitas de bombas. O recheio da sobremesa era composto de creme de amêndoas, sendo o formato do doce redondo.

— Desculpem a demora. Quase não vim, mas, quando fiquei sabendo que tinha gente nova no pedaço, resolvi dar uma espiadinha — disse Ethan se dirigindo a Lisa, que, sem perceber, chegou até mesmo a virar para trás para ver se ele estava se referindo a alguma outra pessoa. — E não me arrependo. Valeu a pena ter vindo — disse continuando a olhar para ela. — Prazer, me chamo Ethan Bolton. Sou sócio do bistrô — disse ele, dando um sorriso digno de comerciais de pasta de dente. — Gostou do ambiente? — perguntou para Lisa.

— Eu não gostei, eu fiquei completamente apaixonada por ele... Estou me referindo ao local, claro. É aconchegante e tem... até velas! — disse ela de forma um tanto desesperada e piscando os olhos mais do que o normal.

— Você é engraçada. Gosto disso! — disse Ethan.

— Acredite, as pessoas não me acham engraçada — confessou Lisa.

— Bem, eu acredito em você — comentou grosseiramente Derek, levantando-se e perguntando se mais alguém queria repetir sobremesa.

Lisa até cogitou reivindicar um novo doce, mas não tinha nem terminado o seu e havia ficado sem graça com o comentário desprovido de delicadeza do chef de cozinha.

Alana se levantou e disse que ajudaria com a limpeza do local. Nisso, Ethan sentou-se em seu lugar. Após o final do jantar, o grupo continuou tomando vinho, outras garrafas foram abertas.

— Você não me parece francês. Você é francês? — perguntou Lisa, com as costas eretas apoiadas levemente no encosto da cadeira, enquanto segurava a taça de vinho de forma delicada. Apesar da aparência relaxada, ela fazia um esforço nada pequeno para ficar nessa posição.

— Na verdade, sou irlandês. Moro em Dublin, na Irlanda.

— Irlanda! Está nos meus planos visitar o seu país. Estou dando um giro por alguns lugares da Europa — comentou Lisa dando mais um de seus sorrisos despreziosos. Havia sorrido, na mesma noite, mais do que tinha sorrido no último mês; estava se sentindo relaxada e quase confiante. — Você comentou que era sócio do bistrô, pensei que morasse aqui para cuidar dos negócios.

— Na verdade tenho um pub em Dublin junto com meu irmão. Começamos os negócios lá, mas, há uns dois anos, ele, que já tinha morado na França quando adolescente, resolveu se mudar pra cá e montou esse bistrô. Mas tá tudo em família. Eu cuido do pub de lá e ele cuida do restaurante aqui. Vou ficar apenas alguns dias. Depois tenho que voltar para a Irlanda.

— Mas já? — deixou escapar Lisa, esquecendo-se de que até mesmo ela logo teria que ir embora em alguns dias.

— Pois é, vim aqui ter uma conversa com meu irmão, mas logo terei que voltar. Faço questão de você conhecer meu pub quando for visitar a Irlanda. Na verdade, estou bem ansioso pela sua visita.

— Minha próxima viagem vai ser para a Rússia, depois decidirei se irei para a Irlanda, talvez vá primeiro a Londres.

— Sempre a preferência para os frios ingleses, mas tenho certeza de que você vai preferir a hospitalidade irlandesa.

— Já tô preferindo — disse ela, que logo começou a ter coceiras no pescoço que, novamente, ia pegando cor.

— Senhorita Lisa, espero que não tenha sido minha comida insossa que tenha te deixado com alergia no pescoço. Duvido que seja uma dessas moças que ficam vermelhas em partes do corpo quando estão envergonhadas, ou é? — perguntou Derek, olhando diretamente para ela.

Lisa ficou sem graça com o comentário e se perguntou se todos estavam percebendo a falta de jeito dela para flertar. Estava fazendo papel de boba? Se fosse há alguns dias, teria ficado perturbada em ser o centro das atenções, mas resolveu assumir uma postura mais descontraída.

— Deve ter sido alergia da comida mesmo. Não se preocupe, está perdoado — disse Lisa, olhando o lustre baixo, que pendia sob uma mesa de canto, atrás de Derek.

— Lisa vai para a Irlanda. Estou combinando com ela de nos encontrarmos lá — disse Ethan para os presentes.

— É muito atencioso da sua parte — comentou ela.

— Pode contar comigo para que sua estadia seja inesquecível — disse ele a Lisa, que não conseguiu evitar um leve suspiro bobo com a fala cortez do rapaz.

— Então terei a chance de mostrar que não sou um chef de cozinha tão ruim. Posso te oferecer um outro prato, um que não te dê alergia. Talvez uma especialidade própria da Ilha Esmeralda — disse Derek.

— Ilha Esmeralda? Do que ele tá falando? — perguntou Lisa para Ethan, um pouco confusa.

— A Irlanda é chamada de Ilha Esmeralda, por suas muitas paisagens verdes — respondeu

Ethan.

— Você vai pra lá? — perguntou Lisa para Derek, num tom de voz bem mais desesperado do que gostaria de ter usado.

— Ontem, Liam, o irmão do Ethan, me convidou para passar um mês como chef do restaurante do pub dele. Para reformular o cardápio e dar uma melhorada no serviço. Em dois dias, viajo para lá.

— Não esqueça que o pub também é meu — fez questão de lembrá-lo Ethan, com tom de voz enérgico.

— Lógico, fica difícil esquecer isso — disse Derek, encarando de forma insolente Ethan, que retribuiu o olhar.

Lisa se sentiu no meio de algum tipo de rixa. Tinha certeza de que quem deveria ser o culpado por qualquer desavença deveria ser Derek; o cara seria grosseiro até mesmo com uma freira idosa de bengala que oferecesse um doce caseiro em troca de moedas para manter um orfanato.

— Todo mundo vai pra Irlanda, é isso mesmo? E vão me deixar aqui sozinha com meu irmão mala? — reclamou Carolina, desanimada.

— A Alana vai voltar daqui a alguns dias. Eu terei uma semana *off* no trabalho em duas semanas. Estou cogitando ir para Dublin, ainda mais agora sabendo que o Derek vai me abandonar aqui em Paris — comentou Carmem, sorrindo e colocando as mãos nos ombros de Derek.

O gesto não passou despercebido por Lisa, que fez uma careta. Realmente, aqueles dois juntos formavam um casal perfeito; dois seres egoístas e que se sentiam mais do que o restante da população do planeta.

— Rafa, eu bem que podia ir com a Lisa, né? É uma maneira de viajar por alguns países com alguém — sugeriu Carolina.

— Todo mundo se manda pra Irlanda e eu fico aqui, perdendo a diversão! — reclamou Rafael. — Derek, bem que você podia pedir pro Liam me deixar ir como seu ajudante, né? — pediu Rafael.

— Eu gostaria, mas alguém que já conhece bem a cozinha precisa ficar aqui, pra ajudar o chef temporário. Além disso, eu tenho que treinar o ajudante de lá, de nada adiantaria você ir.

— Mas você pode ir em um final de semana. A Irlanda é cerca de duas horas de avião daqui. Eu fico lá um tempo e você se encontra com a gente lá e fica dois ou três dias — sugeriu Carolina.

— A gente conversa sobre isso depois, Carol — avisou Rafael, contrariado. Mas Lisa sabia que a garota conseguiria o que queria. E ficou feliz por isso. Ir com ela para a Irlanda poderia ser interessante.

— Não tão longe da minha casa, na verdade, a apenas alguns quarteirões, tenho um amigo com um casarão que aluga quartos para estudantes e turistas. Fica bem mais em conta dividir um quarto lá do que pagar hotel. Também é bem mais confortável do que hostel — disse Ethan.

— Seria perfeito, né Li? — comentou Carolina.

— Além disso é perto da minha casa! O que é realmente ótimo! — disse Ethan, roçando seus dedos nas costas de Lisa.

Depois de recordar as investidas claras de Ethan, Lisa se cobriu com o fino edredom fornecido pelo hotel. Cogitou que talvez poderia, além de conhecer as casas dos escritores e culturas diferentes, viver um romance descompromissado. Quem sabe isso não se tornaria possível com um irlandês que a tratou como há tempos não era tratada por um rapaz, com consideração?

Olhou com um olhar perdido para a janela emperrada de seu quarto de hotel; dessa vez, não havia neve.

CAPÍTULO 4

Somos todos miseráveis

Apesar de ter dito que detestava museus, Carolina estava cansada de ficar sozinha enquanto o irmão trabalhava e resolveu acompanhar Lisa na visita que ela faria à antiga casa do escritor francês Victor Hugo.

Lisa não estava muito contente com a companhia da garota. Ir a um museu requer tempo, paciência e paixão por aquilo. Carolina esbanjava impaciência e tédio no passeio, e elas ainda estavam dentro do metrô.

As duas desceram na estação Bastille e logo chegaram à praça de mesmo nome. Depois de caminhar mais um pouco, Lisa parou na frente de uma residência familiar. Ela checkou o endereço: 6, Place des Vosges.

— Maison de Victor Hugo! — exclamou ao avistar um casarão de tijolos vermelhos e brancos intercalados, com janelas altas, estreitas e brancas. No último andar de três, o telhado era de um cinza-escuro e tinha janelas menores; as molduras em volta delas eram de um bege claro. Para entrar no prédio, tinha que passar por arcos ovais que davam acesso à entrada da casa.

— É aqui! — disse Lisa, lembrando-se de ter pesquisado na internet sobre o casarão.

Sentiu um calafrio, estava conhecendo pessoalmente um local visto por fotos. Imaginar como é um lugar e sua atmosfera é uma coisa, andar pelo espaço era outra. Esqueceu-se de Carolina, passou por um dos arcos e foi em busca da entrada da casa.

— Espera, amiga — gritou Carolina, correndo para alcançar a companheira.

Lisa respirou fundo quando, já no segundo andar do prédio, passou a conhecer cômodos da antiga casa do escritor. Observou, atenta, a mobília clássica. Essa seria a primeira visita das sete planejadas. Pensava se conseguiria finalizar a lista antes que a lúpus voltasse a dar os sinais de que estava na ativa. Terminaria o que havia começado alguma vez na vida ou abortaria seus planos, como sempre? — questionou-se.

— Quais os livros mais famosos dele? — perguntou Carolina, falando alto, mas como se estivesse sussurrando.

— Ele escreveu vários, mas os mais conhecidos são *O Corcunda de Notre Dame* e *Os Miseráveis*.

— Ele era casado?

— Sim, mas tinha diversas amantes, a mais duradoura era uma atriz chamada Juliette Drouet.

— Esses homens, filhos da...

— Fale baixo, Carol! Pelo amor de Deus!

— Não importa a época, esses homens estão sempre aprontando! Tô revoltada! — protestou Carolina, no mesmo tom de voz de antes.

Pessoas ao redor olharam para as duas garotas como que incomodadas, para depois voltarem a contemplar o cômodo. Lisa repreendeu Carolina com o olhar.

— Tá bom! Me desculpe. Falei que não me dava bem em museus! — Após alguns segundos de silêncio, ela quis tirar uma dúvida com Lisa. — Além de trair a esposa e escrever, ele fazia mais alguma coisa?

Lisa estava ficando irritada com a forma de Carolina falar, prometeu a si mesma que, da próxima vez que fosse a um local que exigia silêncio, não convidaria a garota.

— Ele foi um grande intelectual — disse ela, respirando fundo para não ser grosseira. — Combateu a pena de morte e denunciou muitos problemas sociais. Seu livro *Os Miseráveis* retrata bem a pobreza extrema em que viviam muitos franceses. Você nunca assistiu ao filme desse livro?

— É um que tem o gato do ator que faz o Wolverine, o X-Men de garras? Só que todo mundo fica cantando?

— Isso. O Hugh Jackman fez o papel de Jean Valjean, um homem que, mesmo inocente, passou quase vinte anos na prisão. Ele não perde a esperança e acaba ficando rico.

— Não estou lembrando...

— Ele acaba conhecendo a sofrida Fantine. Ela trabalhava para Valjean. Lembrou?

— Na verdade, eu parei de assistir logo no início. O filme não tem nenhuma fala, só cantoria. Me dava nos nervos.

— Desisto — falou baixinho Lisa, enquanto dava as costas para Carolina e entrava em outro cômodo da casa. Era o quarto de Victor Hugo.

Lisa ficou impressionada com as cores do aposento, parecia o bordado do tapete das escadas do hotel em que ela estava hospedada. As paredes tinham desenhos em tom avermelhado e detalhes na cor bege. A mobília era de madeira escura. Tinha uma escrivaninha e uma cômoda. Imaginou que fora naquele local que o francês escrevera as histórias que ela e muitas outras pessoas, de diversas épocas, passaram horas lendo.

Ao se aproximar da escrivaninha que costumava ser usada pelo escritor, perguntou-se se havia sido naquele móvel que os primeiros diálogos dos personagens principais do autor foram escritos. Tentou imaginar o escritor com sua barba branca, como nas imagens espalhadas pela casa, inquieto com o destino de algum personagem; deitado em sua cama de madeira mais escura do que os outros móveis, ou sentado na poltrona vermelha, pensando se suas histórias chegariam a outros continentes.

— Chegou até mim, Victor Hugo. Eu as li, e elas me tocaram — disse Lisa, enquanto via a caneta de pena branca em cima da escrivaninha, a que ele havia usado para escrever algumas de suas obras. Lisa sabia que não era para mexer nos objetos, havia esse aviso em vários locais do museu, mas não resistiu, tocou de leve na pena da caneta.

O momento foi quebrado com a voz estridente de Carolina:

— Cara, esse quarto não é tipo quadrado, é retangular, parece uma caixa de sapato. Não curti.

— Se não se importa, estou tentando ter um momento reflexivo aqui e agora. Pode ser ou tá difícil?

— Nossa! Tá bom, vou dar uma voltinha. Sua grossa!

— Obrigada — agradeceu Lisa, pensando quando foi que uma simples desconhecida tinha se tornado íntima a ponto de a chamar de grossa e ela não se importar com isso.

— Mas, antes de ir, preciso comentar: que papel de parede é esse? No mínimo, sinistro — disse Carolina.

As duas garotas estavam em um pequeno café, a uns cinco minutos andando do museu de Victor Hugo. Elas estavam famintas e se interessaram pelos preços atrativos escritos a giz em um quadro negro que pendia na parede do pequeno comércio.

Lisa sabia que tinha que economizar mais, afinal, a viagem estava apenas começando, e ela não tinha muito dinheiro para esbanjar. Mas como resistir a tantos restaurantes e cafés parisienses?

— Oi! Planeta Terra chamando! Às vezes, penso que você pode ser uma alienígena. Vivendo na Terra e observando as pessoas para levar informações para os seus parentes cheios de antenas e cabeças de repolho? — Carolina chegou a chacoalhar a mão na frente do rosto de Lisa para chamar a sua atenção.

— Eu tava distraída.

— Eu sei bem, tô aqui perguntando do Vi, e você encarando as pessoas na rua. Depois, sou eu a indiscreta.

— Vi? Que Vi? — questionou Lisa, intrigada.

— Que Vi? Pelo amor de Deus! Victor Hugo.

— Você mal sabia que ele existia e agora já chama ele de Vi?

— Depois que descobri que ele havia planejado muitos daqueles móveis da casa e ajudado a decorar alguns cômodos, passei a me interessar por ele. Você sabia que eu amo decoração? Já te falei que faço faculdade de moda no Brasil, mas que eu quase fui para o curso de design de interiores?

— Mas você falou mal do papel de parede do quarto dele — argumentou Lisa.

— Qualquer um falaria mal do papel de parede dele. Só você que não. — Carolina revirou os olhos para enfatizar a falta de conhecimento em decoração de Lisa. — Estou falando dos móveis e do resto do apartamento. O que era aquela sala chinesa? Pelo que eu entendi, ele recebia os amigos lá e batiam altos papos. Quem tem uma sala chinesa, decorada por ele, para receber os amigos, merece meu respeito! Definitivamente!

— O fato de ele ser um dos escritores mais renomados do mundo, ter escrito obras primas, influenciado pensadores, políticos e outros escritores, além de ter alcançado gerações, ter sido ativista pelos direitos humanos e ter tido uma forte atuação política não é suficiente para ele merecer o seu respeito? — perguntou Lisa, incrédula.

— Lógico que tudo isso influencia o respeito que eu recém adquiri por ele. Mas essa sua lista vem depois do tópico: noções razoáveis de decoração.

Lisa olhava boquiaberta para Carolina.

O garçom chegou com as entradas, que eram ovos *meurette*, ovos gratinados dentro de um molho feito à base de cebola e vinho tinto. Muitos restaurantes tinham ovos cozidos em uma cesta no balcão, e o fato foi percebido por Lisa; já havia visitado mais estabelecimentos do que imaginava que deveria para perceber esse detalhe.

O prato principal foi *confit de canard*, precisamente a coxa do pato, acompanhada por batatas douradas com alho. O valor era um pouco mais caro do que o *plat du jour*, que era o prato do dia, mas Lisa comentou que nunca havia comido pato, e Carolina a convenceu a pedir a iguaria. Ela não parou para pensar muito sobre dinheiro, se não teria pedido outra coisa, mas resolveu dar a si a chance de experimentar algo novo e adorou.

— Não te falei, amiga, que é maravilhoso? Não está tão bom quanto o do senhor mal-humorado, mas tá valendo — disse Carolina.

— Você tá querendo dizer que o Derek cozinha um prato melhor que esse? — desacreditou Lisa, que achava que seria impossível fazer um pato tão bom quanto aquele.

— Eu já provei o pato dele, não foi coxa do pato na verdade, foi peito, mas te digo que o que ele tem de chato, tem de talentoso. Meu irmão falou que ele se formou com honrarias na escola de gastronomia que cursou, a melhor da Europa.

— Sério?

— Quando ele entrou no bistrô, o faturamento aumentou muito. Ele, além de cozinhar, sabe muito bem cuidar de um negócio.

— Pensei que quem cuidava eram os dois irmãos irlandeses.

— E cuidam, mas digamos que eles precisavam da ajuda do Derek. Ele reformulou todo o cardápio, treinou os funcionários, criou estratégias para divulgar os pratos na frente do bistrô de forma chamativa. Fora que quem vai ao bistrô sempre volta.

— Tenho que admitir que adorei a comida dele, mas ele mais me irritou que agradou.

— Eu entendo. Ele é um egoísta. Parece que irrita a gente de propósito, mas sabe o que acho? Que ele se diverte vendo as pessoas desconcertadas, por ele, claro.

— Se eu te contar uma coisa, você jura que não conta pra ninguém?

— Até me ofende você perguntar um disparate desses! Eu adoro um segredo! Me conta! Juro que fico de bico calado. Juro mesmo! — disse a garota, cruzando os dedos indicadores e dando dois

beijinhos neles.

— No dia do jantar do bistrô, ele deu a entender que minha beleza ou melhor, minha falta de beleza, não agrada ele. Em resumo, falou que eu estaria fora do *casting* dele, caso ele fosse um agenciador de modelos ou algo do tipo. Que grosseria, não?

— Total amiga! Que ridículo!

— Concordo...

— Só porque ele vive saindo com francesas altas, magras, com pernas de mais de um metro, geralmente loiras e de olhos azuis, não quer dizer que deve sair por aí menosprezando quem tem um estilo diferente. Tem gosto pra tudo — disse Carolina, enfiando um pedaço de batata na boca.

— Nossa! Não sei por que tô me sentindo pior que antes com esse seu comentário — disse, arrependida de ter contado o que Derek falou sobre ela.

Se o cara só saía com garotas com características de modelos, certamente não iria mesmo colocá-la em nenhuma lista de beleza. Entretanto, o problema não fora ela não ser o tipo dele, mas sim ele verbalizar isso para ofendê-la.

— Agora quem vai te contar um segredo sobre ele sou eu — avisou Carolina, olhando ao redor como se tivesse algum detetive disfarçado nas mesas vizinhas. — Ele veio pra cá fugido da Escócia.

— Como assim? Ele é algum tipo de criminoso? — perguntou Lisa, tentando imaginar o chef orgulhoso vendendo drogas ou fraudando algum restaurante.

— Não. O pai dele tem uma empresa de roupas, não sei direito. Só sei que ele não queria que o filho administrasse ou algo do tipo. Acho que não confiava nele. Não sei o que ele fez, mas quem ajuda o pai a administrar é a irmã.

— E ele deve ter ficado amargurado por causa disso! — cogitou Lisa, porém não sentindo que esse era o real motivo para tanta amargura.

— Ela meio que mereceu mais que ele o lugar, sabe? Isso deve ter deixado o cara ferrado, pois ele abandonou tudo e veio para Paris, isso já há alguns anos.

— Nossa, que história estranha! Ele não fala mais com o pai porque perdeu o posto da empresa?

— Esse é um dos motivos, mas tem um pior — disse Carolina, misteriosa.

— Me conta! — estimulou.

— Um motivo pior... Extremamente pior... — fez suspense Carolina, enquanto segurava o garfo no ar com um pedaço de pato e olhava nos olhos de Lisa.

— Você vai esperar o pato ressuscitar no seu garfo pra me contar ou o quê?

— Calma! Tô fazendo um suspense básico.

— Básico? Seu suspense pode ser tudo, menos básico! — disse, rindo, Lisa.

— Tá. O que sei é que Derek nunca fala da vida dele, mas, um dia, meu irmão escutou uma conversa tensa dele por telefone.

— Com quem?

— Sei lá! Você já tá querendo informações demais, talvez alguém da família ou algum amigo. Ele disse que se recusava a falar com o pai, que eles dividiram a mesma mulher e que ele não queria mais nada com ela — disparou em um fôlego só Carolina.

— Que babado!

— Ao que tudo indica, ele roubou a namorada do pai! Porque ninguém ia trocar o Derek pelo velho. Mal-humorado ou não, o cara é um gato. Até tentei dar umas paqueradas nele no começo, mas ele só faltou me temperar com alho, como se eu fosse uma vampira tarada por chefs de cozinha.

— Na verdade, você é tipo isso mesmo, mas muda as profissões conforme os dias da semana — disse Lisa, rindo de seu comentário.

— Abusada! — reclamou, não discordando.

— Sabe sobre a mãe dele? — perguntou Lisa.

— Ela já faleceu.

— Você tem certeza de toda essa história?

— A única coisa que sei é que meu irmão ouviu essa conversa, o resto a gente deduz. E eu te garanto, que eu sei bem o que se passa na vida das pessoas. Acho que tenho um nono sentido; minhas deduções são sempre exemplares.

— É sexto sentido.

— Não, o meu caso chega ao nono mesmo — esclareceu Carolina, no mesmo momento em que o garçom trouxe a conta dentro de uma pequena pasta preta.

Lisa pegou a pasta e tentou checar item por item para saber se o garçom marcou alguma coisa que não havia sido pedida.

— O que a gente faz agora? — perguntou Lisa para Carolina baixinho.

— Nada, ser rabugento não é nenhum crime! Tira o Derek da cabeça.

— Estou falando da conta, não do Derek — explicou Lisa, mostrando a conta para ela.

— Credo! — gritou Carolina, chamando a atenção do garçom, que se aprumou e respirou fundo, esboçando um sorriso forçado logo em seguida. — Sabe o que percebi, amiga? — continuou. — Não são só alguns personagens de Victor Hugo que são miseráveis...

— Todos somos de uma forma ou de outra. Misérias materiais, espirituais, de caráter e até mesmo ideológicas. Todos temos nossas misérias.

— Pois é, somos todos miseráveis.

O sol se punha em Paris, e Lisa ansiava por uma xícara de chocolate quente para tirá-la do frio que a recebeu quando finalmente saiu do Museu do Louvre. Procurava com os olhos algum lugar onde pudesse encontrar a bebida desejada quando recebeu uma ligação de Carolina.

— Oi, Carol! — saudou, animada.

— Oi, gata. Seguinte, meu irmão descolou dois convites pra gente em cima da hora da degustação de vinhos que será realizada no bistrô hoje, no início da noite. Na verdade, daqui a pouco.

— Eu saí do museu agorinha mesmo, precisaria ir para meu hotel para trocar de roupa. Não estou vestida adequadamente pra um evento desses.

— São apenas duas horas de evento, primeiro tem a palestra e depois a degustação de vinhos mais coquetel. Se você não for agora, não vai dar tempo.

— Eu agradeço o convite, mas acho melhor não ir.

— Por favor! Preciso de companhia, meu irmão vai estar envolvido na organização do evento, e ficarei sozinha. E, além do mais, não acredito que seja um evento chique. É apenas uma degustação de vinho, gente, não uma festa de gala. Não vai perder uma oportunidade dessa por causa de roupa.

— O problema é que eu estou de tênis, Carol!

— E como você está vestida?

— Lembra que eu disse que comprei ontem um vestido por 15 euros na promoção em uma loja?

— Sei.

— Então, estou com ele.

— Quero saber como ele é! Não o preço!

— É de malha, tem alças finas e quase nos joelhos. É justo. Ah, também estou com meias pretas e com uma blusa de lã e, por cima de tudo, coloquei meu casaco de sempre, aquele que você me ajudou a comprar.

— Vestido preto, meias finas. Nada mal. Qual o número do seu sapato?

— Eu calço 37.

— Eu calço 38, vai servir. Eu ainda estou no apartamento do meu irmão. Levo um scarpan preto meu, um colarzinho pra jogar por cima do vestido, e seu look tá perfeito.

— Mesmo assim, eu não acho uma boa ideia...

— Para de ser antissocial! Não aceito um não como resposta!

— Tá bom, caramba! Te encontro lá, daqui a pouco. Não vai esquecer do sapato! — lembrou-lhe Lisa, dando um suspiro ao desligar o telefone.

Apesar de estar cansada, sentiu-se curiosa para ir na palestra sobre vinhos e, mais ainda, para saber se Ethan estaria lá.

Quando chegou na entrada principal do bistrô, Lisa não viu fila na porta, cogitou que o evento já havia começado. Ligou freneticamente para Carolina, mas ela não atendia nenhuma das suas ligações. Queria trocar os sapatos antes de entrar no espaço.

— Droga! — ralhou, irritada. Foi quando ouviu seu nome sendo chamado.

— Lisa! Entra, as apresentações já foram feitas, vai começar a palestra — avisou Rafael, que segurava uma bandeja vazia com as mãos.

— Eu estou esperando a Carolina!

— Ela tá lá dentro agora. Entra logo, tá frio aí fora.

— Beleza — concordou ela, que já estava toda encolhida por causa do vento cortante.

Uma vez dentro do restaurante, percebeu que a decoração estava diferente da outra noite, flores nobres estavam espalhadas por todos os cantos, em arranjos arrojados. O ambiente também estava quente e convidativo.

Pedindo licença a Rafael, Lisa levou seu casaco ao chapeleiro, assim como uma blusa de lã. Ele foi educado o suficiente para não ceder um olhar desprezível para a blusa com cores desgastadas e cheia de bolinhas.

Muitas mesas tinham sido retiradas e apenas as cadeiras tinham ficado; estavam agora alinhadas em fileiras, para comportar um número maior de pessoas.

Ouviu um burburinho ao longe, na parte principal do salão. Esticou o pescoço para conseguir ver o que acontecia, quando o alarme do seu celular começou a apitar.

— Droga! — Rapidamente, ela apertou o botão que cancelava o barulho. Viu que tinha colocado o alarme para ser acionado no horário de alguns de seus remédios, que estavam em pequenos frascos na bolsa.

Voltou para perto de Rafael, que ajustava a cortina de uma das janelas.

— Rafa, desculpa incomodar, mas você poderia me arrumar um copo de água? Preciso tomar alguns remédios.

— Só tem água lá do outro lado do salão agora — avisou ele, reparando pela primeira vez em Lisa com atenção. Seu olhar parou no tênis da garota. Ela percebeu o olhar surpreso dele.

— A sua irmã vai me emprestar sapatos adequados. Não se preocupe, não vou envergonhar você bem aqui no seu trabalho. Logo que a encontrar, troco.

— Sem problemas. Agora sobre a sua água... Vem aqui comigo — disse ele, segurando seu cotovelo direito e a conduzindo para uma porta lateral que tinha uma placa avisando que a entrada era permitida somente para funcionários.

Eles passaram por um corredor que dava acesso a um escritório de tamanho médio, que estava com a porta aberta; o caminho cruzava uma despensa e um local repleto de mesas de alumínio, que suportavam bandejas cheias de canapés.

— Espere aqui — pediu Rafael, saindo da vista de Lisa ao entrar por uma porta que não era a cozinha.

Olhando ao redor, Lisa percebeu pequenas cumbucas de porcelana branca repletas de quitutes diversos, com texturas, cores e formatos diferentes. Havia também pequenos pratos com saladas e mini sanduíches ornamentados com cerejas e azeitonas.

O cômodo seguinte era a cozinha, e Lisa reparou que fervilhava. Meia dúzia de pessoas andava

de um lado para o outro. Lisa escolheu um local onde não poderia ser vista por Derek.

Não que ela tenha avistado o chef de cozinha, mas ela não queria arriscar que ele a visse por ali. Por isso, deu dois passos para frente e ficou atrás de uma pilastra branca.

Os cheiros impregnavam o ar, e Lisa sentiu uma fome avassaladora. Havia se esquecido de comer ao ficar vagando pelo museu. Rafael voltou, segurando uma taça com água.

— Aqui está — disse, entregando a taça para ela. — Você parece abatida, está branca. Comeu alguma coisa ou só ficou zanzando pra cima e pra baixo?

— Segunda alternativa. Confesso que não me alimentei direito e, quando eu ia pedir algo em um café, sua irmã me ligou dizendo pra correr pra cá que a palestra ia começar — justificou-se.

— Faz assim, lá naquela última mesa tem uns patês com torradas. Come alguma coisa rapidamente, antes de ir lá pra fora, porque vai demorar um pouco antes de começar a recepção e os comes e bebes.

— Sêrio? Posso mesmo?

— Não vou te esperar agora, tenho muito o que fazer, mas depois saia pelo mesmo caminho que viemos.

— Lógico! É uma reta só. Deixa comigo. Serei praticamente invisível — disse ela, grata. — Comida eu não vou recusar — completou.

Rafael saiu a passos rápidos em direção a cozinha. De forma ligeira, Lisa pegou um punhado de um patê verde e passou em uma torrada. Ao provar a iguaria, revirou os olhos.

— Hum... Isso é muito bom, Meu Deus! — disse, apesar de não identificar o sabor do creme.

Resolveu experimentar outros canapés; quando já havia enchido novamente a pequena espátula com mais patê, viu que Liam, o proprietário do bistrô, fazia o mesmo caminho que ela havia feito e logo a veria na sala.

Com medo de Rafael ter problemas por trazê-la em um local só para funcionários, Lisa resolveu achar outro caminho para voltar ao salão. Ainda com a torrada na mão saiu por uma porta lateral, que estava perto das mesas cheias de bandejas. Estranhou que tinha uma cadeira bloqueando a porta, mas não teve muito tempo para pensar sobre o motivo.

Quando deu por si, estava no salão principal, precisamente onde foi improvisado um telão com retroprojeto, com imagens de vinhos e vinícolas sendo exibidas. Explicações sobre os tipos de vinho eram dadas pelo palestrante em francês.

A porta branca por onde ela havia passado não chegava a fazer parte da área em que as imagens eram projetadas, mas todo o público podia claramente vê-la.

Seus olhos se arregalaram de susto, a torrada com patê chegou a vacilar entre seus dedos, mas ela conseguiu equilibrá-la; parou imediatamente de mastigar um canapé que ainda estava em sua boca.

Consternada, percebeu que sua entrada abrupta fez com que o palestrante interrompesse a palestra e, por intermináveis segundos, ela percebeu que todos a olhavam.

Encostou na parede com o intuito de se esgueirar para sair de um local com tanta visibilidade e viu que teria que passar por cima de alguns fios para tentar sentar-se em alguma das cadeiras ou, se tivesse coragem, correr para fora do bistrô.

Não se acovardou. Pulou um punhado de fios e, antes que se visse livre deles, seu tênis se enroscou em um fio mais grosso. Impaciente, ela puxou o pé e, com ele, veio junto o retroprojeto. O aparelho que estava sobre uma mesa e era comandado por um rapaz branco cheio de espinhas foi ao chão com um baque forte. Toda a projeção vista da parede se foi.

A primeira ideia que surgiu na mente de Lisa era fingir um desmaio, a segunda era culpar alguém, mas não tinha ninguém perto dela, estavam todos sentados de forma ordeira, assistindo atentos a uma palestra que ela, aparentemente, havia arruinado. Não teve tempo de pensar em uma terceira opção do que fazer, pois instintivamente olhou para o palestrante, que estava virado em sua direção. Conseguiu

abafar um grito de horror quando se deparou com os olhos verde-escuros e, provavelmente, capazes de desmaterializar pessoas, de Derek.

Não havia um palco, o palestrante estava no mesmo nível do chão do público, ele apenas tinha uma posição de destaque à frente dos presentes.

Lisa agora estava grudada na parede quase como que uma mancha de extrato de tomate que respingou, enquanto observava o garoto recém-saído da puberdade recolher o aparelho do chão e tentar reconectá-lo.

Tudo pareceu uma eternidade para Lisa, até que finalmente conseguiu encarar Derek e dar algumas palavras para uma plateia que a olhava em silêncio. Não se lembrou de nenhuma palavra em francês que se encaixasse no momento vivido. Então, optou pela língua inglesa.

— Desculpe! Eu... Foi sem querer. Eu abri a porta errada e...

— Senhores — interrompeu-a Derek, projetando sua voz através do microfone de lapela. — Tivemos um problema com o retroprojeto. A jovem parece que não se sente bem — disse Derek, em francês. — A senhorita precisa de ajuda? — perguntou ele, de maneira solícita, em inglês.

Um alívio brotou do peito de Lisa, que pensou que ele iria ridicularizá-la como fizera da primeira vez em que se viram, mas, pelo jeito, ele havia resolvido ser gentil, ao menos na frente de muitas pessoas.

— Não! Estou melhor. Foi apenas um acidente.

— Tudo bem — disse ele polidamente a ela, logo voltando-se para o público e falando em um francês fluente. No final de sua fala, Lisa sentiu-se mais sem graça ainda quando os presentes começaram a rir, questionou-se se era dela.

Viu, horrorizada, Derek se aproximando de forma rápida; para fugir dele, Lisa se esgueirou ainda mais pelas paredes e se afastou o máximo que conseguiu. Ele não teve como chegar muito perto.

Percebendo que ela, de forma bem visível, fugia, o chefe se contentou em conversar com o rapaz responsável pelo retroprojeto.

Lisa colocou uma mão úmida de suor na testa, lamentou que tinha grandes chances de ter que pagar por um aparelho novo, pois pelo jeito ela havia quebrado a máquina.

Não queria ficar sentada na frente de todos, mas atravessar o salão sendo observada por ser a garota calçando tênis que arruinou a palestra lhe pareceu ousadia demais. Sentou-se na única cadeira vaga na segunda fileira e torceu para logo ser esquecida, o que desconfiava que seria impossível.

Tão logo Lisa se acomodou, Derek voltou a falar em francês. Ela não entendeu completamente o teor da fala dele, mas, com certeza, não era que o aparelho voltou a funcionar, porque a máquina foi carregada para fora do espaço pela mesma porta que ela drasticamente havia feito sua entrada memorável.

Como se nada tivesse acontecido, Derek palestrou por mais uma hora, a todo instante pedindo a participação do público e sendo correspondido. Rodeado de taças de vinhos e garrafas, ele habilmente explicava sobre como escolher um bom vinho, assim como as diferenças entre as bebidas feitas das uvas *Chardonnay*, *Pinot Noir*, *Tannat*, *Merlot*, *Malbec* e *Cabernet Sauvignon*. Também tratou sobre as cores e o teor de açúcar das bebidas.

Apesar de pouco entender o que ele falava, Lisa chegou a ficar com certa inveja da eloquência dele. Lembrou-se de que, no último ano do ensino médio, fez uma apresentação de trabalho; engasgou com uma bala e teve de ser socorrida pela professora, que foi obrigada a enfiar dois dedos em sua boca e retirar uma goma colorida e melequenta que quase a sufocara. Já Derek sorria com frequência, olhava as pessoas nos olhos e fazia a plateia rir! O ambiente era dominado pela sua energia e liderança. As pessoas nem sequer conversavam entre si ou se distraíam. Absorviam cada palavra dele como se fosse algo vital para a vida.

Pela primeira vez, Lisa reparou na elegância das pessoas ao redor. A maioria dos convidados

estava de traje social. As mulheres usavam calças sociais ou vestidos elegantes, acompanhados de sapatos de saltos que pareciam saídos de propagandas de revistas, o que fez Lisa enfiar os pés embaixo da cadeira. Já os homens estavam de calça e camisa, alguns até mesmo de terno.

Foi com alívio que Lisa presenciou Derek agradecer os presentes, abrir a degustação de vinhos da casa, assim como liberar o coquetel, depois de uma chuva de aplausos.

A brasileira aproveitou o momento para ficar nas pontas dos pés e tentar ver onde Carolina estava sentada. Ela viu a amiga do outro lado do restaurante, sentada ao redor de uma das poucas mesas ainda disponibilizadas.

Após alguns empurrões leves, Lisa sentou-se na cadeira vazia ao lado de Carolina, que a recebeu com um abraço sufocante.

— Pensei que você não viesse mais!

— Acho que não deveria ter vindo mesmo!

— Depois da sua entrada marcante, terei que concordar com você, mas, já que está aqui, acho que devemos nos divertir!

— Não estou a fim! Vou embora, antes que o Derek me encontre. Se eu tiver muita sorte, pretendo não ter que vê-lo nunca mais. Mas avisa seu irmão que pagarei pelo estrago.

— Eu acho o Derek um arrogante, mas devo admitir que o cara é um orador nato.

— Você, que arrasa no francês, me fala o que ele disse para o público depois que eu quebrei o treco de projeção!

— Ele apenas se desculpou por não poder mais mostrar os slides e continuou com a palestra como se nada tivesse acontecido — relatou Carolina.

— Com licença, esse lugar é meu, fui apenas no *toilet* — disse uma voz atrás de Lisa, que se virou e se deparou com Carmem, a francesa que ela havia encontrado há alguns dias no bistrô.

— Desculpe, eu não sabia — disse Lisa um pouco constrangida, levantando-se de forma brusca e arrastando os pés da cadeira no chão. Conforme levantava, chamava a atenção de algumas pessoas ao redor.

Olhou para onde havia visto Derek pela última vez e não mais o viu. Ficou receosa dele estar por perto e resolveu ir embora o quanto antes.

— Até logo, meninas — disse Lisa para Carolina e Carmem. — Eu preciso ir — continuou, fingindo não escutar os protestos de Carolina.

Estava a menos de quatro metros da porta quando sentiu um leve roçar de dedos em seu antebraço direito. Derek mal a tocara, mas ela sentia como se ele a chacoalhasse com agressividade, diante dos batimentos compulsivos de seu coração.

— Preciso falar com você — disse Derek que, com precisão, conduziu-a na direção da mesma porta que Rafael a havia feito atravessar mais de uma hora atrás.

— Eu não posso, estou indo embora — protestou ela, tentando se desvencilhar dele.

— Ou você entra por essa porta ou vai chamar a atenção, e acho que você já fez muito disso hoje.

— Eu vou gritar — ameaçou ela.

— Pode começar, mas saiba que eu vou dizer que você está tendo uma crise de ciúmes quando eu não te liguei depois de um péssimo encontro. Péssimo para mim, diga-se de passagem, já que para você foi memorável ao ponto de você quebrar o retroprojeto de propósito, para dar vazão a sua frustração por ter sido rejeitada — disse ele de maneira serena.

— Isso é uma mentira!

— Grite então. E teste a minha habilidade de mentir perfeitamente.

Ela não conseguiu protestar, apenas abriu a boca surpresa com a audácia dele e se deixou levar para dentro do mesmo escritório que ela tinha visto da outra vez. Bem decorado, o cômodo tinha duas

poltronas de couro cinza e uma escrivaninha moderna de ferro fundido.

— Que parte da frase “entrada autorizada somente para funcionários” você não entendeu? Tá lá grudada na porta. Você costuma entrar nas cabines dos pilotos de avião também ou dentro de foguetes com direção à lua sem autorização?

— Lógico que não!

— Que pena que não! Ao menos, no caso do foguete, em direção à lua!

— Não precisa ser grosso!

— Realmente não preciso, mas é um estado de espírito diário meu. Além disso, sou perfeccionista e não gosto de gente invadindo meu espaço e me prejudicando, ainda mais quando está se entupindo de torrada sem autorização.

— O Rafael me autorizou a entrar, e eu não estava me entupindo de torrada! — defendeu-se Lisa, mordendo o lábio inferior, logo arrependida da confissão. Ficou receosa de prejudicar o brasileiro com a sua língua solta.

— Vejo que o Rafael está com sérios problemas.

— A culpa é toda minha, por favor não o prejudique!

— Eu só não despeço o Rafael por ter autorizado a sua entrada onde não devia porque ele é meu amigo, mas você não é.

— Eu...

— Por que você fez isso? — interrompeu-a ele. — Foi realmente um acidente ou foi de propósito? Não sei se sabe, mas tive que improvisar boa parte da palestra, comprometendo a qualidade de tudo, porque muitas anotações, fotos e vídeos deviam ser passados pelo retroprojektor.

— Lógico que foi um acidente! Eu jamais faria isso de propósito!

— Que direito você acha que tem para entrar em um evento, ao qual não foi convidada, para tentar arruiná-lo?

— Para de ser exagerado! Eu não arruinei nada. E o Rafael me convidou!

— Mais um ponto negativo para o Rafael. O rapaz está bem encrencado.

— Droga! — deixou escapar Lisa, maldizendo-se por expor Rafael.

— Para você, pode parecer apenas mais uma aventura, uma traquinagem de criança, mas o evento era importante para o futuro do bistrô, tinha prováveis investidores assistindo à palestra. Gente importante.

— Eu já falei que foi sem querer! — tentou mais uma vez se justificar Lisa, sentindo certo remorso por, de certa maneira, atrapalhar um evento que ajudaria o bistrô.

— Você tem noção do tipo de gente que está lá fora? Provavelmente não, seus tipos de amigos devem ser adolescentes cuja única preocupação é acampar na frente de casas de show onde seus ídolos drogados e mimados irão se apresentar. Isso cinco meses antes do show! Será que você não tem nenhum desses shows para ficar na fila, não?

— Não vou ficar aqui sendo insultada.

— Você acha que está sendo insultada?

— Acho! — disse ela, agarrando o braço de uma das poltronas cinzas, para firmar as pernas que agora resolveram fraquejar.

— Não queira saber o que é me ver insultando alguém, garota.

— Meu nome é Lisa. Não me chame de garota!

Dessa vez ele parecia que já estava cheio da presença dela. O olhar ameaçador deixou seu rosto e ele apenas parecia bem cansado. Voltou a encará-la como se visse um inseto insignificante.

— Senhorita Lisa, pode ir. Já acabei com você — disse ele, dando as costas para ela e mexendo em alguns papéis em cima da mesa.

Lisa estava para ir embora, mas, quando virava a maçaneta, em um impulso, voltou-se para ele.

— Você é bem injusto.

Com sua fala, Derek levantou o rosto de forma lenta e calculada, com o maxilar trincado.

— É que geralmente garotas como você sempre se acham injustiçadas. Eu também, quando era adolescente, senti ao menos por algum tempo que eu era o umbigo do mundo. O problema é que tem gente que acha isso por anos a fio.

— Você não me conhece, não sou adolescente, tenho vinte e um!

— Como eu disse... anos a fio.

— Por mais que eu tenha errado e te prejudicado, isso não te dá o direito de me maltratar. Sou uma garota responsável e não tem como você me conhecer da maneira que pensa. Você deveria ser mais educado com as pessoas.

— E você deveria não invadir espaços proibidos e expor as pessoas ao ridículo! Você quer mesmo saber qual é o seu problema? — perguntou ele, dando uma risada grave e curta, que deixou a penugem do pescoço de Lisa arrepiada.

— Por favor, senhor entendido de julgar as pessoas...

— Depois não diga que não te dei a chance de passar por aquela porta antes de me ver realmente falar a verdade.

— Não tenho medo de você! — esbravejou ela.

— Pra que ter medo de mim, se você pode ter medo de você? Diz que não é adolescente, mas olha para as pontas sujas desse seu sapato gasto. Quem vem a um evento como esse, com mulheres elegantes, vestida dessa maneira?

— Eu iria trocá-los! — disse ela, sentindo-se nada confortável sendo atentamente observada pelo rapaz.

— Quem vai a um profissional péssimo para pintar essas mechas vermelhas mal feitas no cabelo?

— Fui eu mesma que fiz — defendeu-se ela, lembrando-se do momento em que coloriu o cabelo com papel crepom banhado em água quente.

— Piorou, quem é que faz uma merda dessa no cabelo sozinha? E essa sua tatuagem de henna de borboleta? Nunca vi uma tatuagem mais ridícula que essa.

— O que tem de errado? Você mesmo é cheio de tatuagem no braço.

— Mas não tenho nenhuma asa de borboleta que está praticamente pela metade! Seu desenho tá todo desbotado — avisou.

— Foi meu irmão de dez anos que fez, eu estava dormindo! Eu odeio tatuagens!

— Pra ver que tipo de respeito impõe a uma criança — disse ele, cruzando os braços na frente do corpo e apoiando a base das costas na lateral da escrivaninha. — Fora que você vive ruborizando — continuou. — Típico de garotas, você sabe, sem muita experiência com namoros.

— Você não sabe de nada! Seu palhaço!

— Fique grata por eu não começar a falar o que eu acho da sua vida sexual, caso contrário, a palavra palhaço vai ser irrisória perto dos nomes que você vai querer me xingar.

— Não sou de palavrão, na verdade detesto, mesmo diante de pessoas que merecem escutar palavras ruins, como você.

— Acho melhor você sair dessa sala, ou vai ficar muito humilhada depois que eu acabar minhas impressões.

— Você é um idiota mesmo. Só porque dá palestra para um bando de gente esnobe, acha que é melhor do que eu. Posso aparentar ser uma adolescente, mas, para seu governo, sou uma mulher. — Ela ia dizer que era bem resolvida, mas não queria correr o risco dele perceber que ela mentia.

— Sei...

— E eu vim com essa roupa porque fui chamada em cima da hora e só estava no lugar errado

porque pedi um copo de água, pois precisava tomar remédios. E não te prejudiquei querendo, apesar de que, pensando bem, foi pouco para o desgraçado que você é.

— Estou impressionado com a sua capacidade de formar mais de três frases compreensivas de uma só vez.

— E, para seu governo, não fico acampando em fila de bandas e artistas teens, não que ache isso errado, diferente de você, não sou preconceituosa, apenas prefiro ler um livro.

— Livro? Pela sua cara, o único livro que já leu deve ensinar como arruinar eventos e palestras. E seu capítulo predileto deveria ser “Como ferrar com uma palestra sobre vinhos” ou “Quebrando o retroprojeto com a desculpa do tropeção”.

Com o comentário, Lisa ficou uma fera. A única coisa em que ela se considerava realmente boa, era ser uma leitora voraz e aplicada. Era das melhores. Aquele escocês tinha ido longe demais, insinuando que ela não era capaz de ler um livro prestável — pensou Lisa.

— O número de livros que eu já li até hoje é muito maior do que você jamais irá ler em toda a sua vida cínica — disse ela, concedendo a ele um olhar repleto de raiva.

— Duvido você associar um autor que seja ao livro que ele escreveu. Não me venha com frases de livro de autoajuda, que eu sou capaz de vomitar. Esses livros são seus prediletos, não? Pode confessar.

— Não tenho problema algum em ler autoajuda, caso precise, mas, para provar que você é uma pessoa sem noção, lá vai uma pequena lista e, pra deixar você bem sem graça, vou escolher o autor escocês Robert Louis Stevenson, seu conterrâneo.

— E não é que você sabe o nome de um escritor! O que espera? Quer que eu faça uma festa com essa informação? Mas aposto que...

— *O Médico e o Monstro, O Clube dos Suicidas, Raptado, Nos Mares do Sul, A Ilha do Tesouro, Aventuras de David Balfour e Flecha Negra*. Sete obras dele, porque sete se tornou um número especial para mim recentemente. Aposto que você não leu nem metade desses livros.

— Você deve ter decorado nomes de livros. Nada impressionante.

— Quem sabe uma escritora inglesa, então? Vamos de Charlotte Brontë? Na ordem em que as obras foram publicadas? — perguntou, com a voz desafinada pelo nervosismo. — Vamos lá, então: *Jane Eyre, Shirley, Villette, O Professor* e *Emma*, sendo que esse último livro não chegou a ser terminado pela autora, mas foi completado outras duas vezes por escritores diferentes.

— Não estou a fim de saber...

— Mas tem também as outras duas irmãs Brontë! Emily Brontë é a mente brilhante por trás de *O Morro dos Ventos Uivantes*. — Lisa respirou fundo e de forma rápida para não dar tempo de ser interrompida por Derek. — A outra irmã é a Anne Brontë — continuou. — Ela publicou apenas os romances *Agnes Grey* e *A Inquilina de Wildefell Hall*. É muito talento para uma família só, não acha? Tem também os livros de poemas escritos em parceria entre as irmãs, se você quiser eu...

— Chega! Não precisa. — Derek olhava espantado para Lisa, como se visse uma aberração. — Você é mais esquisita do que eu imaginava! Assustador! — disse ele, dando vazão a uma gargalhada espontânea.

— Você tá rindo da minha cara? — perguntou Lisa, segurando-se para não coçar o pescoço que agora pinicava mais do que nunca.

— Pra quem diz ter lido tantos livros, o óbvio não deveria gerar dúvidas em você. Sim, estou rindo da sua cara — disse ele, debochado.

— Seu...

— É muito contraditório uma garota que parece que acaba de sair das fraldas, com jeito de largada e problemática, ter lido tantos livros.

— Eu poderia ficar a tarde inteira aqui falando todas as obras de autores que você, na sua

insignificância, nunca ouviu falar — disse Lisa, por entre os dentes, segurando-se para não partir para a agressão física, sendo que sabia que seria uma cena ridícula. — Mas não quero te roubar de seus convidados — continuou ela. — Eles devem estar ansiosos pelos seus fingimentos de ser um cara gentil, amável e carismático.

Lisa se encaminhou para a porta e, antes de abri-la, voltou-se para Derek, que continuava com um sorriso de deboche no rosto, o que a deixou bem enervada.

— Antes de julgar as pessoas pela aparência, senhor sabichão, aprenda a olhar nos olhos delas e ver mais do que a sua prepotência refletida.

— Ser uma leitora louca não muda o fato de que você não é bem-vinda por aqui. Por isso, ficaria agradecido se você fosse para casa ou hotel, ou sei lá onde esteja hospedada. Acho que você pode ler mais um de seus livros por lá.

A vontade de Lisa era realmente fazer o que ele sugeria, no entanto, seu orgulho e a sede de contrariá-lo falaram mais alto.

— Só para mostrar que não dou a mínima para o que você quer ou diz, se você não me quiser aqui, vai ter que me tirar à força, porque eu estou muito a fim de te irritar, ainda mais depois da sua palestra enfadonha — disse ela, batendo a porta ao sair.

Quando se viu do lado de fora, apertou os dentes um contra o outro em um sinal de nervosismo. Nunca havia discutido dessa maneira com ninguém. Só não trançou as pernas porque a adrenalina era maior do que qualquer nervosismo. Ela avistou Carolina conversando com um homem e correu até ela.

— Oi, desculpe. Preciso falar com você agora mesmo — avisou, pegando a mão de Carolina e afastando apenas uns dois passos do rapaz de terno cinza, com olhos esbugalhados e sorriso lascivo.

— O que foi? Tá louca? Tô falando com um alemão gato. Preciso voltar lá, antes que ele escape! Você não ia embora?

— Mudei de ideia, você trouxe a sandália que falou? Preciso tirar esse tênis.

— Leva a minha bolsa. Tá aí dentro, também tem um colar e maquiagem, tá precisando — disse Carolina, largando a bolsa com Lisa de forma impaciente e voltando para perto do alemão.

Lisa sabia que não estava vestida de forma adequada e que estava longe de ser uma garota antenada em moda, mas a forma como Derek falara com ela o deixava sem razão alguma. Nunca havia sido tão insultada daquela maneira. Diferentemente do que sempre fazia, que era correr pelos cantos a chorar, ela iria mostrar que ele não passava de um cara sem vocação para a gentileza.

As sandálias de Carolina ficaram um pouco grandes, mas Lisa sabia que era capaz de andar com elas. O colar em cima de seu vestido preto deu um toque final. Ela caprichou na maquiagem, esfumando os olhos de marrom e abusando da máscara de cílios. Fez um coque despojado no alto da cabeça, com a ajuda de alguns grampos.

Não estava vestida como gostaria, mas não se sentia mais envergonhando a si mesma. Ela queria que Derek engolissem cada palavra proferida contra ela, principalmente sobre o fato dela ser uma garota inexperiente na arte da conquista. Tudo bem que era verdade, mas era uma verdade somente dela, que ele não tinha autorização para proferir.

Uma vez fora do toilet, como Carolina ainda conversava animadamente com o rapaz de terno cinza, que agora mantinha os ombros caídos, Lisa resolveu passear pelo salão principal sozinha.

Ela não chegou a sentir frio, apenas um frescor ameno, afinal, o ar-condicionado do local estava a todo vapor, possibilitando que as mulheres mostrassem mais pedaços de carne do que era possível do lado de fora do bistrô.

Os garçons passavam com bandejas repletas de taças de vinhos de diversas tonalidades. Lisa queria muito beber, mas sabia que era bom evitar, por isso, resolveu procurar mais dos canapés que havia experimentado antes da palestra.

Viu Rafael se aproximar servindo vinho branco. Lisa se sentia mortalmente envergonhada e

queria ao menos se desculpar com o rapaz.

— Rafael — chamou —, desculpe ter desconectado o retroprojeto. Não quero queimar você no restaurante. Apesar de que, eu acho, já ter te queimado.

— Relaxa. Já falei com o Derek. O cara surtou um pouco, mas a gente é amigo desde que eu cheguei aqui. Tenho meus créditos com ele. Não se preocupe — disse ele, acalmando-a.

— Fico mais aliviada — disse ela, finalmente conseguindo esboçar um sorriso. — Rafael, você não tem alguma coisa pra beber que não seja vinho? Não tem aqueles sucos naturais de uva, bem concentrados, mas que não tem álcool?

Antes que ele pudesse responder alguma coisa, Derek respondeu por ele:

— Não, senhorita Lisa — disse ele, enfatizando o seu nome.

Ela fechou os olhos pesarosa, antes mesmo de virar-se e se deparar com Derek, que parecia mais sofisticado do que nunca, destacando-se entre os demais por sua altura.

— Esse evento é para adultos, para quem sabe apreciar um bom vinho, para quem sabe ingerir álcool com responsabilidade. Os verdadeiros e mais conceituados vinhos do mundo são os secos. Se quer algo doce para bebericar, te aconselho a ir em alguma festa infantil tomar aqueles sucos em pó, coloridos e cheios de glicose.

— Derek! A Lisa só... — tentou completar a frase Rafael, mas Derek apenas levantou a mão para ele.

— Rafael, acho melhor você circular com esse vinho por aí. Pode deixar que não vou pegar pesado com a sua amiga.

— Tudo bem — concordou Rafael, receoso, mas com juízo para não discordar.

— Lisa, qualquer coisa é só sair correndo e rezar para ele não te alcançar — disse Rafael, logo saindo.

— Escuta, não precisa descontar nele. Ele é um cara legal. A louca da história sou eu. Eu vou embora, se é realmente isso o que quer — disse ela, passando por ele em direção à porta.

— Espere — pediu Derek, segurando-a pela mão para evitar que se afastasse mais. — Grande parte da minha raiva já passou. Não me importo se ficar. Sou indiferente a isso.

— Eu não estou aqui para estragar seu evento. Até troquei meus sapatos, tá vendo? — perguntou ela, apontando para os pés. Logo se arrependeu, ao ver que ele a olhava de forma demorada para o pouco que ela mostrava de suas pernas.

Derek sabia que já tinha se ausentado mais do que deveria do coquetel ao discutir com ela no escritório, mas, ao vê-la andando sozinha pelo salão, recusando as taças de vinho que lhe eram oferecidas pelos garçons, sentiu-se impelido a ir até ela. Estava curioso sobre aquela garota desastrada, de uma maneira nada usual para ele, pois definitivamente não se sentia atraído por ela.

Em um impulso, tocou de leve no brinco de argola prata que ela havia pegado emprestado de Carolina. Ela queria dar um tapa na mão dele, para afastá-lo, mas se conteve.

— Você também não usava isso — disse ele, descendo os dedos perto do pescoço dela, sem, contudo, tocá-la. Lisa prendeu a respiração. — Você disse que tem 21, né? Tem certeza que não é menor de idade?

— Bem se vê que você não conhece muito as mulheres, erra feio a idade delas.

— É que eu geralmente saio com mulheres mais velhas, maduras, sabe? Ah, desculpe... acho que não sabe — disse ele, levando uma taça de vinho tinto aos lábios.

— E tá fazendo o que perdendo tempo comigo? Tenho certeza que muitas mulheres maduras e experientes estão loucas para desfrutar de sua simpatia ensaiada.

— É que com elas não tenho muito motivo para riso. Já com você...

— Vou ser bacana e te ajudar — disse Lisa, dirigindo-se, por impulso, a uma senhora que estava sentada na mesa ao lado dela.

Aparentando ter mais de sessenta anos, com os cabelos assumidamente brancos, a mulher estava com um vestido preto longo de mangas compridas e tinha tanta maquiagem que Lisa jurava que não dava para ver as expressões de seu rosto por debaixo de tanto corretivo.

— Senhora, com licença — disse ela em inglês, torcendo para que a mulher também dominasse esse idioma.

— O que deseja, jovem? — perguntou a senhora, sorrindo, em um inglês carregado de sotaque.

— Eu tenho um amigo que quer conhecer você. Ele é um pouco tímido, mas gostaria de conversar com a senhora sobre os vinhos da... da Toscana — mentiu Lisa.

— É ele? — perguntou a mulher, escancarando um sorriso e fitando Derek, que olhava desconfiado para Lisa.

— Sim! Nosso ilustre palestrante. — Lisa viu, com deleite, a senhora se levantar com energia. Sem perder tempo, segurando o braço da mulher, levou-a para perto do escocês.

— Derek, gostaria de te apresentar... — Lisa não sabia o nome da senhora e achava que não faria sentido perguntar agora. — Quero apresentar essa pessoa acolhedora e madura... Ela se mostrou muito motivada sobre a plantação de uvas da Toscana — disse de forma enrolada Lisa, escorregando no inglês.

Derek olhava curioso para Lisa, tentando imaginar o que ela estava tramando.

— Esse é Derek, o palestrante brilhante e chef renomado sei lá onde, mas que ele é renomado ele é — disse Lisa, com um semblante solene. — Já que foram apresentados, vou deixá-los em paz para terem uma conversa longa e produtiva sobre como as colheitas de uva desse ano deverão ser na Toscana e também... no norte da Escócia.

— A Escócia não tem um clima favorável para plantação de uva. Nosso forte não é vinho, é whisky — corrigiu Derek.

— É verdade! Tinha me esquecido. Então, divirtam-se, falando sobre whisky, vinho, cachaça, leite de cabra, água da torneira, o que for! — disse ela, perdendo a paciência. — Até mais — despediu-se.

A senhora olhava confusa para Lisa, sem entender direito o que ela havia dito. Quando Lisa passou por Derek, ele discretamente colocou a mão em seu ombro e perguntou em um tom que somente Lisa poderia escutá-lo.

— O que pensa que está fazendo?

Lisa não resistiu ao vê-lo com aquele olhar especulativo. Aproximou-se um pouco mais e encostou seu rosto perto do ouvido esquerdo dele.

— Apesar de ultrajada pelas suas insinuações que praticamente pareço um bebê recém-desfraldado, consigo entender o seu gosto por mulheres mais velhas e vinhos maduros.

— Sei... — disse ele, incentivando-a a falar mais.

— Respeito isso, tanto que acabo de te apresentar a uma das mulheres mais maduras desse evento chato. Tô te ajudando a paquerar, cara! Porque, se depender da sua gentileza, fica difícil você conquistar desde uma adolescente até mesmo a uma mulher centenária — despejou Lisa.

Ela chegou a se inclinar para dar um leve beijo na face de Derek, sentia um cheiro de loção pós-barba agradável, mas recuou a tempo. Após ter um breve vislumbre do rosto ultrajado do cozinheiro, virou as costas e se dirigiu à chapelaria, onde pegou suas blusas. Já no banheiro, trocou os saltos de Carolina pelo seu tênis, devolveu a bolsa e as bijuterias para ela e se dirigiu até a porta.

Antes de sair, deu uma olhada para o local onde havia deixado Derek. Ele ainda conversava com a senhora e parecia estar satisfeito. Ela sorria e apoiava a mão em seu ombro.

Como se percebesse que era observado, Derek olhou para Lisa e, com um sorriso e uma piscadela, levantou sua taça de vinho como que brindando. Ela viu com horror ele mexendo a boca e ela teve a impressão de que ele disse obrigado.

— Obrigado? — questionou confusa.

Ela revirou os olhos e saiu. Após alguns segundos, já tremia de frio, era uma noite de ventania gélida em Paris.

CAPÍTULO 5

Xeque-mate da rainha

Após a visita à Catedral de Notre Dame, Lisa andava nas margens do rio Sena com Carolina. A garota falava ao telefone com a mãe, e Lisa olhava para o longo e imenso rio. Já estava há mais de uma semana em Paris, mas não se cansava de admirar a beleza atordoante da cidade.

— Amiga, aperta o passo que a gente ainda tem que passar no supermercado para comprar as coisas que meu irmão pediu — disse Carolina, que havia encerrado a ligação.

O celular de Lisa vibrou, e ela resolveu checar suas mensagens.

— O que ele vai cozinhar pra gente, mesmo? Cassa...

— Ele disse que era um *cassoulet*, uma espécie de junta tudo o que sobrou na geladeira e coloca na panela. Algo do tipo.

— Credo! E o que tá faltando na geladeira dele que a gente tem que comprar?

— Feijão branco.

— Certo! E você sabe quem mais vai estar no apartamento do seu irmão?

— Ele chamou todos do bistrô, inclusive o Ethan, mas até agora ninguém confirmou presença. Na verdade, eles quase nunca vão na casa do Rafael. Ele chamou mais por educação.

— Não é o que parece — disse Lisa, que olhava entusiasmada para a tela do seu celular. — Acabo de receber, finalmente, uma mensagem do Ethan. E ele perguntou se estarei na casa do Rafa essa noite.

— Que tudo! O cara gamou, hein?

— E lógico que eu vou responder agorinha mesmo que estarei lá, com certeza! — disse Lisa, digitando a resposta para o irlandês.

Horas mais tarde, Lisa estava com uma calça legging preta, bota e uma bata de malha azul escura de manga comprida, acinturada com a ajuda de um cinto fino prata. Ethan estava atrasado e não tinha mandado nenhuma mensagem.

O *cassoulet* estava quase pronto, e Carolina arrumava a mesa, com a ajuda do francês que dividia o apartamento com Rafael há um ano. Pequeno e franzino, Marlon era de Toulouse, mas fazia faculdade de Engenharia em Paris.

Lisa não conseguiu fazer parte da conversa entre o rapaz e os irmãos brasileiros porque não falava francês e Marlon não dominava o inglês. Por isso, vagava ansiosa pelo apartamento, quando a campainha tocou.

— Eu atendo — avisou em português, agitada.

Passou as mãos pelos cabelos e abriu a porta. Não conseguiu disfarçar a decepção ao ver Derek, segurando uma travessa com alguma coisa que Lisa não conseguiu identificar.

— Nossa! Nunca fui tão bem recebido como agora! Sua alegria é algo realmente contagiante — debochou ele.

— Eu pensei que era outra pessoa.

— Sei...

— Entre, por favor. O Rafael tá lá na cozinha.

— Obrigado — disse ele, entrando e deixando um rastro de perfume que Lisa achou muito bom. Em minutos, a mesa já estava posta, e todos estavam sentados ao redor dela.

— Nem acredito que você veio, Derek — comentou Rafael.

— Você convidou!

— É, mas eu já te convidei outras vezes, mas você nunca veio até minha casa.

— O Liam e o Ethan foram para uma festa que ia varar a madrugada. Como amanhã tenho uma reunião com um fornecedor logo cedo, achei melhor não abusar. Aí resolvi aparecer.

— Maravilha! O menu de hoje é o *cassoulet*, meu ajudante hoje foi o Marlon, que sabe fazer esse prato muito bem — disse, ainda em inglês, Rafael, logo passando a falar em francês, o que fez Lisa perder o interesse pela conversa.

Ao menos agora já sabia que Ethan não viria, que estava em uma festa. Acreditava que ele poderia ter tido a consideração de avisar.

— Não gosta desse tipo de comida, Lisa? — perguntou Derek.

Lisa percebeu que pouco havia tocado na comida. Não gostou de Derek puxar assunto com ela, não estava a fim de conversar com ele, mas, ao menos, seu tom de voz não era ríspido como das outras vezes.

— Gosto sim. Na verdade, no Brasil, tem algo parecido, na questão do feijão e das carnes diversas. Só que o feijão é preto — explicou ela.

— Derek, como é mesmo a história por trás desse prato? Uma vez você me contou, mas eu esqueci — entrou na conversa Rafael.

— O prato é originário das cidades de Carcassonne, Castelnaudary e Toulouse. Nasceu na Guerra dos Cem Anos como um cozido com os ingredientes disponíveis.

— Nossa! Essa guerra durou cem anos? — perguntou Carolina.

— Na verdade, é uma expressão, é o período que marcou uma série de confrontos armados que aconteceram entre o século XIV e meados do século XV. Durou mais de 100 anos, mas eles arredondaram e deram esse nome.

— A guerra foi entre quem?

— Entre a França e a Inglaterra, mas acabou envolvendo outros países também.

— Quem venceu?

— Carol, para de amolar o cara com um monte de pergunta. Joga na internet e acha informações depois — interrompeu-a Rafael, fazendo com que a bronca deixasse Carolina emburrada.

— Seu babaca! — reclamou.

— Deixa ela, Rafael — defendeu-a Derek. — Quem venceu de certa maneira foi a França, pois resistiu às políticas expansionistas da Inglaterra, tanto na área territorial quanto política — explicou ele para sanar a curiosidade da garota.

— O objetivo desse prato era dar força aos soldados? — perguntou Carolina.

— Isso, além de ser ideal para o inverno, para aquecê-los. Preparado com o feijão branco, leva também frango e algumas carnes de porco. Satisfeita? — perguntou Derek, dando um raro sorriso.

— Até que você não é tão mal-humorado como eu pensava — comentou Carolina.

— Não vou levar isso como um elogio, mas não me importo que me chame de mal-humorado, porque é uma verdade.

— Agora, vamos ao que sustentava os soldados no campo de batalha e impede a nós de desmaiarmos de fome? Bora atacar! — convidou Rafael.

Derek e Lisa não voltaram a conversar na mesa, ele se dirigia mais para Marlon e Rafael. Ela ficou surpresa por Derek não ter reclamado de ela ter armado para ele conversar com uma senhora mais

velha, na noite da degustação de vinhos. Apesar de não saber o motivo do silêncio dele, ficou grata por isso.

Depois de provarem a sobremesa trazida por Derek, um tiramisu, que um outro chef de cozinha, amigo dele, havia preparado, Lisa foi se sentar no sofá. Nisso, o telefone de Derek tocou, e ele foi atender. Ela conseguiu ouvir partes da conversa.

— Liam, não vou sair para comer com vocês pois acabei de jantar na casa do Rafael. Não tem sentido isso. E, para falar a verdade, não tô a fim — disse ele, encostando-se no batente da porta entre a cozinha e a sala de estar.

Lisa tomou cuidado para ser discreta dessa vez ao observá-lo. E teve que reconhecer que ele ficava bem com roupas casuais. Agora ele usava um jeans desgastado, um tênis preto e uma blusa de moletom azul-escuro. Os cabelos, desta vez, estavam soltos, penteados para trás.

— Não sei, Liam, acho melhor você ver com o Rafael, a casa é dele — voltou a falar. — Para te falar a verdade, animado não tá não. Só tem aquela irmã dele ligada constantemente na tomada e aquela garota que derrubou o retroprojeto, ou seja, ninguém interessante. Ah, tem o francês que mora com ele, até que o cara é legal.

Novo silêncio se fez, era a vez de Liam falar no telefone. Lisa segurou com força uma almofada branca com a cara de um buldogue estampada na frente. Controlou-se para não jogar o objeto na direção de Derek. Imaginou como alguém conseguia reunir tantas maneiras irritantes.

— Quer que eu fale com ele agora? Você que sabe, depois não diga que eu arruinei sua noite — disse Derek, afastando o telefone do rosto e se voltando para Rafael, que agora colocava os pratos dentro da máquina de lavar louça. — Rafael, o Liam me ligou e disse que ele, a Carmem e a Alana não gostaram da balada que o Ethan indicou. Parece que a polícia ia baixar lá logo. Ele queria saber se tem problema eles virem aqui para tentar salvar a noite — disse em voz alta, para ser escutado por Rafael.

— Lógico que podem. Infelizmente, não tem mais comida, mas, se é pra jogar conversa fora, podem vir pro meu cafofo — disse, animado, o brasileiro.

— Ótimo! — disse Derek para Rafael. — Liam, vocês podem vir — anunciou, voltando a falar ao telefone. — Só tenta não trazer o inconveniente do seu irmão. Aproveita e traz umas caixas de cervejas — novo silêncio. — Fechou. Até daqui a pouco — disse, logo em seguida desligando o telefone.

Os lábios de Lisa estavam espremidos, ela queria gritar de frustração. Derek acabara de falar que a noite dele estava horrível de forma bem mal-educada, proibiu Liam de convidar Ethan para ir até a casa de Rafael e ainda insinuara que ela era uma companhia desinteressante. Por algum motivo, não ficou surpresa com as declarações inconvenientes do escocês.

Quando os novos convidados chegaram, Rafael propôs que jogassem cartas, enquanto bebiam cervejas geladas trazidas por Liam. Alana e Derek foram os únicos que ficaram de fora. A garota afirmou que não sabia jogar, já Derek disse que não gostava de cartas.

O grupo estava animado, Carolina deu um grito e um pulo tão efusivo quando venceu uma das partidas que a pequena mesa de vidro quadrada trazida da cozinha para a sala, apenas para servir de apoio para as cartas, quase virou.

Na primeira partida, Alana e Derek ficaram observando o jogo dos demais. Na segunda, a garota convidou Derek para jogar xadrez, ela havia visto um tabuleiro em uma das prateleiras da estante de madeira da sala.

Lisa recebia as cartas distribuídas por Liam e observou que Alana perdia a segunda partida consecutiva de xadrez. Ouviu sua reclamação.

— Assim não tem graça jogar, você impossibilitou as minhas jogadas. Não me deixa ganhar! E olha que eu sou a melhor jogadora de xadrez da minha família; e tenho muitos irmãos, tios e primos!

— Os irlandeses e suas famílias grandes.

— Não vem falar mal de família grande, não! — reclamou Alana, dando um leve murro no braço de Derek.

Lisa ficou perplexa com como a garota conseguia ter estômago para conversar tão amigavelmente assim com Derek. Imaginou que eles eram conhecidos há certo tempo.

— Não estou falando mal, por incrível que pareça eu gosto de famílias grandes! Queria ter muitos mais irmãos. Infelizmente, minha família não tem muita gente. E a maioria deles é um pé no saco — desabafou, logo surpreendendo Alana com seu ultimato no jogo. — A propósito, xequemate.

— Não acredito! Como fez isso? — questionou abismada.

— O mestre não conta seus segredos — disse ele, piscando para Alana, que mostrou a língua para ele.

Lisa queria ser indiferente ao jogo dos dois, mas, como gostava de xadrez, ficou curiosa para saber como Derek jogava. Pelo pouco que conseguira perceber de algumas jogadas, viu que ele era bom, muito bom mesmo, porém, ela o vira cometer uma jogada que havia retardado a vitória dele, um erro que ela não cometeria.

Alana também jogava bem, mas não era párea para Derek, tinha que ser ela. Embora pudesse perder para o escocês, tinha grandes chances de vencê-lo. E aquela possibilidade pareceu tentadora. Não era de muita rivalidade, foi Derek quem aflorou esse seu lado em poucos dias. Podia até não compreender bem o que a motivava a irritá-lo, o que sabia é que, quando conseguia afetá-lo de alguma maneira, se sentia muito bem com isso. Segurou-se para não pedir que ele jogasse com ela. Do jeito que ele era indelicado, seria capaz de recusar de forma constrangedora na frente dos demais.

— Bati! — berrou Liam, levantando-se da cadeira e fazendo uma dança ridícula, que, basicamente, era um passo pra frente e outro pra traz, sem, contudo, haver alguma relação de tempo entre um passo e outro.

— Desisto! Não consigo vencer jogo algum hoje — reclamou Rafael. — Gente, vamos dar um tempo de cinco minutos pra próxima partida? Perder cansa.

Liam caiu satisfeito no sofá e esticou o pescoço para tentar ver o jogo de Alana e Derek.

— E aí, caçulinha, venceu algum jogo? — perguntou para Alana, que não gostava de ser chamada daquela maneira.

— Não sou caçula, não sou sua irmã. Sou sua amiga de infância! — reclamou ela.

— Mas te conheço desde menininha. É quase minha irmã.

— Quase é uma coisa, realmente ser é outra — protestou. — E não, não ganhei nenhuma partida desse fominha.

— Deixa a menina ganhar, Derek — pediu Liam.

— Se eu deixar, ela nunca vai se superar, buscar se aprimorar. Muito pelo contrário, vai ficar acomodada. E ela tem muito potencial para isso, além disso, que graça tem fingir que é inferior no jogo? Nunca faço isso.

— Gente, é sexta-feira à noite. Quem joga xadrez de sexta? — disse Carmem, aproximando-se de Alana e apertando seus ombros, como que para relaxá-la.

— E desde quando jogar cartas é um super programa? — rebateu Derek.

— Por falar em super programa, a festa indicada pelo Ethan tava um cenário de horror, mas essa reuniãozinha aqui também não tá nada animada — disse Carmem, abaixando o som de sua voz.

— Eu estou gostando — opinou Alana.

— Você gosta de tudo. Não sabe diferenciar uma noite de arromba de uma mais ou menos — disse a francesa.

— Eu avisei o Liam que isso aqui tava um porre, mas o cara parece que é grudado comigo. Não sai de baixo da minha aba.

— É que eu te amo, meu! — disse Liam, dando um beijo na bochecha de Derek.

— Cai fora! — mandou Derek, empurrando Liam, que tombou no sofá. Ambos riram.

— Ah, nisso eu concordo com ele. Sua companhia é bem magnética — disse Carmem, soltando os dedos dos ombros tensos de Alana e passando a massagear os de Derek.

— Mas, afinal de contas, o que é que você veio fazer aqui? Por que não quis sair com a gente ou mesmo foi naquela festa de aniversário do seu amigo chef de cozinha americano?

— Eu precisava agradecer uma pessoa.

— Quem? Rafael? — perguntou Carmem. Como Derek não respondeu, ela fez uma nova tentativa. — Não vai me dizer que é a garota que quebrou o retroprojeto?

— Carmem, fala baixo. Não quero falar sobre isso — disse ele, percebendo que Lisa levantava-se do sofá e se dirigia à janela, ficando mais perto do grupo para poder ouvir o que eles estavam falando. Sem se importar com o fato, Carmem continuou a conversa.

— Tô curiosa, sei que você odeia essas reuniões na casa das pessoas — comentou Carmem.

— Isso é fato, mas bem que a noite podia ser bem menos tediosa se ao menos alguém pudesse ser um oponente difícil no xadrez — comentou Derek.

Lisa se descobriu incapaz de não tentar ouvir as mazelas proféticas ditas por Derek. Conseguiu apenas ouvir a última frase dita pelo escocês. Foi o suficiente para ficar agitada e agir de impulso. Quando ela deu conta do que estava propondo, já era tarde demais.

— Acabei de escutar sua fala sem querer, Derek, sobre a sua noite tediosa e acho que posso te ajudar.

— Foi sem querer mesmo?

— Foi sim — mentiu ela, com uma facilidade que a surpreendeu. Nem mesmo ficou vermelha no pescoço dessa vez.

— E o que propõe? Sair quebrando todos os aparelhos ligados na tomada da casa do Rafael? Isso te ajudou a suportar minha palestra? — atacou ele, sem se conter, irritado com a intromissão dela.

— Não — disse ela, um pouco envergonhada, mas logo se recuperando. Levantou os ombros e sorriu. — Estou me oferecendo como um oponente difícil no xadrez.

Liam tentou segurar o riso, mas não conseguiu, acabou dando uma gargalhada solta.

— Desculpe... é Lisa, né?

— Isso mesmo — respondeu ela.

— Lisa, desculpe rir dessa maneira, é que sou amigo do Derek faz tempo e nunca vi o cara perder para ninguém. Tudo bem que ele nunca jogou em nível profissional, mas ele é realmente muito bom.

— Minha proposta ainda está de pé — disse ela, ignorando o comentário de Liam.

Todos ficaram em silêncio por alguns segundos. Derek ficou surpreso com a sugestão dela. Ele imaginou que ou a garota gostava de se expor ao ridículo ou ela realmente era boa no jogo, sendo que essa última alternativa se mostrava bem remota para ele.

— O que foi? Está com medo de perder para a garota de tatuagem de henna, sapatos de pontas sujas e cabelos manchados?

— Orra, Derek. Se eu fosse você, ficava com medo — zombou Liam.

— Tudo bem — respondeu ele por fim. — Não dispenso um jogo de xadrez, seja com quem for.

— Ótimo! Vamos de *bullet chess*? — perguntou ela, surpreendendo-o.

Se ela sabia alguns nomes relativos ao jogo, talvez não fosse tão ruim assim, o que o animou. Detestava jogar com pessoas que só sabiam as regras, mas jogavam às cegas sem estratégia alguma.

— Tudo bem. Você é que manda.

Um pequeno suspiro escapou de Lisa. Ela estava receosa, por isso, sugeriu um estilo de jogo considerado um xadrez relâmpago em que as jogadas devem ser realizadas de forma rápida, em apenas um minuto. Lisa havia percebido que, apesar de jogar bem, Derek gostava de pensar bem suas jogadas,

típico de jogadores acostumados a jogos mais demorados que, às vezes, até levavam horas.

Como estava habituada a jogar com a avó o xadrez considerado relâmpago, estava acostumada a jogadas ligeiras. O que talvez a deixasse com alguma vantagem sobre Derek.

Lisa sentou-se em uma cadeira nada confortável, antes ocupada por Alana. Derek posicionava as peças no tabuleiro, enquanto as pessoas ao redor faziam apostas de 10 euros. Apenas Carolina apostou em Lisa, o que a deixou insegura, realmente quase todo mundo achava que ela iria perder, o que lhe pareceu o provável agora que sentia um frio na barriga e uma insegurança sem tamanho.

— Vocês dois deveriam apostar também. Não com dinheiro, mas uma aposta mais divertida. Vamos lá! — incentivou Liam.

Derek fitou Lisa e, espreitando o olhar, fez sua proposta.

— Se eu ganhar, você faria uma tatuagem de verdade? Pode ser pequena.

— Não — respondeu enfática.

— Está com medo de perder?

— Realmente não gosto de tatuagem e não tenho coragem de enfiar agulhas na minha pele. Não vou fazer por causa de um jogo simples.

— Então o que sugere?

Lisa já estava planejando pintar os cabelos de uma cor só, na verdade queria voltar para a cor natural: castanho-escuro. Antes mesmo de Derek comentar sobre as manchas de seu cabelo ela já planeja pintá-los, ou seja, se perdesse, não faria nada forçado ou que a desagradasse, mas ele não sabia disso.

— Pinto meu cabelo de uma cor só, eliminando essas mechas que tanto te desagradaram. O que acha?

— Não vejo muita vantagem para mim nessa proposta, mas talvez seja a única boa ação que eu faça esse ano, então, aceito, para o seu próprio bem — disse ele, encarando-a. — E você, o que vai querer de mim? — perguntou.

— Também quero fazer uma boa ação. Se eu vencer, quero que leia *O Sol É Para todos*, de Harper Lee. Tem uma mensagem bacana sobre preconceito e falta de vergonha na cara.

— Aceito. Não vou ler nada, porque você não vai ganhar mesmo.

— Vou fazer você engolir cada palavra dessa sua última frase — disse ela, iniciando o jogo sem pedir a autorização dele. Moveu um peão da extremidade esquerda do tabuleiro.

Enquanto o jogo rolava, Rafael colocou uma música ambiente e foi com Alana comprar mais cerveja e pizzas congeladas em uma loja que ficava aberta até tarde na esquina da rua de seu apartamento.

Completamente absorta no jogo, Lisa mal havia percebido Carolina desesperada, que cutucava as unhas ao seu lado. Se Lisa ganhasse, ela iria ganhar uma pequena bolada, já que tinha sido a única que havia apostado na garota.

Por um bom tempo, Lisa se esqueceu da rivalidade com Derek, das pessoas ao seu redor. Apenas se lembrava das instigantes e inteligentes jogadas da avó e de suas lições de como vencer no xadrez. Ela não precisou participar de campeonatos na escola para treinar, pois a avó era sua mentora, sua treinadora. E Lisa sabia que a querida velhinha havia sido uma professora muito boa.

Já Derek estava mais agitado do que o normal em um jogo. Em poucos minutos, percebeu que Lisa não estava para brincadeira. Ela foi a primeira a retirar do jogo um de seus peões. Em contrapartida, ele havia derrubado dois do dela, mas as peças da garota estavam se aproximando rápido demais para o seu lado do tabuleiro.

Desconfiou que ela havia entregue uma peça de propósito, para conseguir avançar com um bispo. Ele percebeu que ela pensava as jogadas de forma rápida e decidida. Estava acostumado com jogos mais longos e se sentia um pouco perdido com os segundos do relógio logo apontando um minuto para cada jogada.

Liam era quem estava cronometrando o jogo. Derek não estava acostumado a jogar com esse tipo de pressão. Também desconfiou que Lisa havia deduzido isso.

Não haviam passado despercebidas a ele algumas olhadas da garota em seus jogos com Alana, porém o que mais o deixava sem concentração era justamente Lisa e seu rosto compenetrado. Ele, por vezes, havia tirado os olhos do jogo para fitá-la. Ela tinha algo diferente das outras vezes. Dessa vez, seus cabelos estavam em um rabo de cavalo no alto da cabeça. A maquiagem era simples, mas destacava seu rosto oval e os olhos grandes, que estavam com uma mistura de sombras cor champanhe e terra. Com os olhos em uma maquiagem mais carregada, ela havia optado por um batom nude. Ele teve que admitir que ela estava muito bonita, linda até.

Essa percepção o deixou inquieto. Os dedos finos dela e longos também eram outra distração inconveniente. A mão dela era pequena e delicada demais, como as de quem não trabalha com coisas pesadas. Ficou curioso.

— Você trabalha com livros no Brasil? — perguntou ele, quando viu que as pessoas se afastaram um pouco deles para pegar cervejas e pedaços de pizza trazidos por Rafael e Alana, que tinham acabado de entrar no apartamento.

— Trabalhava em uma loja de livros velhos, mas pedi demissão para viajar.

— Então, quando voltar, pretende fazer o quê? — perguntou ele, distraído-se com a recente jogada dela.

— Não sei — disse ela, olhando-o nos olhos. Ele retribuiu o olhar em silêncio, percebendo que seus olhos tinham pequenos pontinhos pretos dentro da íris. — É a sua vez de jogar, Derek. Seu tempo está passando — avisou ela.

Reticente, Derek voltou a atenção para seu jogo e acabou fazendo uma jogada que possibilitou que a torre dela se aproximasse perigosamente de seu cavalo que protegia o rei.

— Cacete! — esbravejou.

— Agradeceria se você evitasse falar palavrão durante o jogo — comentou ela.

— Você é bem puritana, não? — disse ele, movendo um peão para proteger o cavalo.

— Só acho que meu ouvido não é penico — rebateu ela, abocanhando uma torre.

— Por... — interrompeu ele outro palavrão, percebendo que estava ferrado.

Ela jogava bem, bem demais para vencê-lo naquele jogo, ainda mais se ele continuasse a se distrair toda vez que ela tocava instintivamente na sua cicatriz antes de fazer algumas jogadas, ou mesmo quando a perna dela esbarrava sem querer na dele por debaixo da mesa.

Ele não sabia o que estava acontecendo, mas, definitivamente, não estava gostando nada daquela situação.

Após mais nove minutos de jogo, ele ouviu a palavra que tanto temia:

— Xaque-mate — disse ela, para total espanto de Derek.

Nos últimos minutos do jogo, havia sido massacrado, perdendo peça atrás de peça. Quanto mais ele tentava se concentrar, mais perdido ficava, sem conseguir pensar de acordo. Nunca nenhum adversário, às vezes até melhor que ele, havia tirado tanto a sua concentração.

— Não acredito! — gritou Carolina, a única a perceber o que tinha acabado de acontecer. — Ela disse xaque-mate! Meu Deus! — berrou.

Logo, um alvoroço se formou na sala. Todos rodearam os dois jogadores.

Um Derek desacreditado moveu o rei para a esquerda para fugir da torre de Lisa, mas sabia que não havia mais escapatória. Estava irremediavelmente perdido.

O polegar e o dedo indicador de Lisa tremiam levemente quando ela pegou delicadamente sua rainha e derrubou o rei de Derek. Apenas conseguiu fazer um curto agradecimento para sua avó por tê-la ensinado tão bem o jogo.

Sentiu a alma lavada de todas as insinuações de Derek que era praticamente uma garota inconsequente e sem cérebro.

E foi assim que Derek Graham, depois de muito tempo, ficou sem ideia de uma resposta mordaz para dar.

— Parabéns — conseguiu dizer, sem graça, observando Lisa se levantar da cadeira para esticar os músculos. Ele não sabia quanto tempo havia durado o jogo, mas tinha sido rápido, para piorar sua mortificação.

— Caralho, Derek! Você me fez perder dez euros! Não tô acreditando que essa menina te venceu, *brother*!

— Nem eu — disse ele, sincero.

Carolina havia se jogado sobre Lisa, abraçando-a. As duas pulavam como loucas, agarradas, e eram observadas pelo resto do grupo.

— Ganhei cinquenta euros! Obrigada, amiga! — agradeceu efusivamente Carolina.

Grande parte do grupo, meia hora depois, havia ido embora. Carolina engatou uma conversa sem fim com Marlom. Rafael montava uma cama improvisada para Lisa no sofá, e ela resolveu recolher as latas de cerveja pelo chão e as caixas vazias de pizza. Quando percebeu, Derek a ajudava.

— Estou de moto, quer uma carona até o seu hotel? — perguntou.

— Não, obrigada. Vou dormir aqui mesmo. De manhã, sairei com a Carol.

— Eu queria te agradecer...

— Pelo quê? — perguntou surpresa. — Ter te ganhado no xadrez?

— Por ter me apresentado aquela senhora no dia da palestra.

— Não vai me dizer que te ajudei a arrumar uma namorada? — perguntou, alarmada. — Você realmente gosta de mulheres mais velhas! — concluiu.

— Não estou falando disso — disse ele, revirando os olhos. — Não deveria estar te contando isso, mas o bistrô estava passando por problemas financeiros. Podíamos até mesmo ter que fechar. Por isso, resolvemos fazer o evento para nos aproximarmos de investidores.

— E aqueles homens engravatados aceitaram investir no restaurante? — perguntou ela, interessada.

— Não, nenhum engravatado.

— Que pena! Realmente, sinto muito por não ter colaborado muito com o evento, mas, como te disse, foi sem querer meu pequeno ato de...

— A mulher que você me apresentou vai ser nossa investidora. Aquele papo de vinho da Toscana ajudou. Ela ficará a cargo dos vinhos do bistrô, de todos eles. Ela possui ótimos contatos e...

— Pera aí, aquela mulher escolhida por mim, aleatoriamente, para te embaraçar, vai investir no restaurante?

— Isso. E, apesar de saber que você não tinha boas intenções quando a escolheu, eu te agradeço, porque, se não fosse isso, acho que não teríamos encontrado naquela festa ninguém disposto a ser nosso parceiro.

— Caramba! Realmente nem quando eu quero ferrar os outros eu consigo! — disse ela, abismada.

— Ainda quer me ferrar? — perguntou ele, confuso.

— Não, quer dizer... eu nunca quis de fato te prejudicar. Na verdade, estou feliz por saber que ajudei alguém mesmo sem querer, de verdade.

— Foi tudo bem inusitado mesmo, mas tem coisas que são coincidência ou mesmo acontecessem por alguma razão, e nossa discussão foi, no mínimo, proveitosa, porque levou a um final bem promissor.

— Pois então deveríamos discutir mais. Quem sabe dessa vez eu não tenha sorte?

— Eu vim aqui na casa de Rafael para te falar isso. Não sei, senti que você precisava saber. E,

como imaginei que logo viajaria, eu poderia nunca mais te ver e...

— Você veio aqui para falar comigo?

— Lógico que vim também porque o Rafael é meu amigo, mas o motivo principal é que eu queria te jogar na cara que a sua tentativa de me prejudicar na verdade me ajudou. Mas, mais que isso, eu queria agradecer.

— Você é bem confuso.

— Na verdade, eu não sou. É que estou um pouco atordoado hoje.

— Sei bem, perder para uma garota feia e aparentemente obsoleta não acontece todo dia.

— Eu nunca falei que você é feia! — disse ele, franzindo as sobrancelhas. — Na verdade, você é bem... como posso dizer...

— Apresentável? — perguntou ela, levemente irritada.

— Bem... acho que não me expressei de acordo — disse Derek, sentindo-se embaraçado. Realmente, algo estava acontecendo com ele, pensou. Depois de muito tempo, não encontrava as palavras certas para falar com uma mulher, chegou até mesmo a deixar uma caixa vazia de pizza cair nos pés de Lisa.

— Escuta, fico feliz que tenha te ajudado, mas a gente não precisa ser amigo, colega ou nada. Não depois de toda a tensão entre a gente. Nunca vou me esquecer que você insinuou que eu nunca li um livro na vida.

— Só queria agradecer, não estou a fim de ser seu amigo. A gente não tem nada em comum.

— Absolutamente, a não ser o gosto por xadrez.

— É, muita pouca coisa em comum.

— Definitivamente muito pouca coisa...

— Concordo.

— Idem.

CAPÍTULO 6

Em um barco no rio Sena

A música estava muito alta, ainda mais porque Lisa estava bem ao lado da caixa de som. Tinha chegado cedo com Carolina e Rafael, pois falaram que a fila para entrar na festa era grande. Ela nunca tinha ido em uma balada dentro de um barco.

Geralmente não saía muito para dançar no Brasil, mais ainda quando começara a namorar Raul. Até gostava, mas não era algo que apreciaria fazer com frequência.

Após ter pago a entrada na festa em um dos barcos mais badalados que circundavam o rio Sena, Lisa tentava se sentir confortável em um vestido cinza chumbo brilhante, que terminava no meio das coxas. Era sua última noite em Paris e queria estar bonita, ainda mais depois que Ethan mandou uma mensagem para ela, convidando-se para sua despedida da cidade e dizendo que seria seu acompanhante.

Carolina havia mandado mensagem para os demais conhecidos para irem à balada. Lisa ficou mortificada quando descobriu que a garota havia convidado Derek. Ela realmente torcia para ele não ir.

Uma vez dentro do barco, Lisa estranhou um pouco o balançar da embarcação, tinha que prestar atenção para não andar muito rápido, isso se ela conseguisse o feito.

O local estava abarrotado de gente e também não era tão grande. Lisa estava sozinha, já que

Rafael tinha ido pegar uma bebida, e Carolina, ido ao banheiro.

— Oi. Tava ansiosa pra ver você — disse alguém atrás dela, falando perto do seu ouvido

Ela deu pulo, assustada, e se virou. Era Ethan Bolton.

— Oi, como vai? — perguntou ela, não conseguindo esconder o contentamento em vê-lo. — Pensei que você não viria mais. Na verdade, não tinha certeza de que você viria.

— E eu ia perder isso aqui? — disse ele, olhando ao redor. — Além disso, é a sua última noite em Paris, e eu queria poder me despedir. E, lógico, combinar sua ida a Dublin — completou, colocando o braço em volta dos ombros de Lisa. — Vamos para um local sem tanto barulho? — convidou.

— Carolina vai ficar preocupada, fiquei de esperá-la aqui. Ela foi ao banheiro — gritou, tentando ser ouvida por sobre a música alta.

— Serve aquela? — perguntou ele, apontando para Carolina, que estava atracada com um rapaz na parede.

— Serve... — respondeu, incrédula, pensando em quanto tempo mais esperaria a garota terminar de beijar o rapaz alto e careca se não fosse Ethan ter ido falar com ela.

— Acredito que ela está bem. Então, podemos ir? — perguntou ele.

No bombordo do barco, Lisa se sentiu mais confortável, havia música, mas não tão alta. Ethan e ela se sentaram perto de um balcão.

Lisa pediu uma água com gás; sentiu o líquido descer na garganta e fechou os olhos aliviada. A garganta estava seca.

— Como foi sua estadia na cidade luz? — perguntou Ethan, mostrando-se bem interessado.

— Foi maravilhosa! Esses últimos dias têm sido incríveis. Visitei praticamente todos os pontos turísticos de Paris: a Torre Eiffel, Museu do Louvre, passeio de barco no rio Sena, Arco do Triunfo, Palácio de Versalhes, a Catedral de Notre Dame.

— Que pena que estive tão ocupado nesses dias, poderíamos ter nos encontrado em outras ocasiões — lamentou ele.

Lisa queria dizer que a culpa havia sido toda dele ao não ir na casa de Rafael. E também queria acusá-lo de não dar explicação nenhuma sobre sua ausência.

— Qual lugar você mais gostou de visitar?

— Tem um empate técnico entre o Louvre e a Torre Eiffel. Na verdade, a torre é linda, mas, se for parar para pensar, é apenas uma construção de ferro do século XIX que se tornou um ícone mundial.

— Isso é verdade.

— A questão principal não é precisamente a torre em si, mas sua aura. O mistério e valor embutido nela ao longo dos anos, sendo cultuada ao redor do mundo por pessoas que a viram em filmes ou fotografias. Entrar nela, subir no topo e ver toda a cidade, os telhados das casas, os prédios, as pessoas pequenininhas lá embaixo, parecendo formigas. Isso dá uma emoção!

— Uau! Nunca vi alguém descrever a torre assim — disse, gargalhando, Ethan. — E o que mais?

— Por outro lado, o Museu do Louvre me traz a sensação de diversas auras diferentes, quadros, esculturas, raridades, tudo junto em um mesmo lugar. Parece que você encontra um pouco de cada artista, um pouco de seus pensamentos, tudo na mesma sala. Fiquei horas rodando e me sentindo em outro planeta.

— O que achou da Mona Lisa? A gente espera um quadro gigante, mas, quando chega lá, vê que é até pequeno em tamanho. Tanta fama para algo de certa maneira simples, né?

— Também esperava um quadro maior. Li um texto do filósofo alemão Walter Benjamin que fala sobre o conceito de aura que, segundo ele, designa elementos únicos presentes em uma obra de arte original. Por mais que você veja um vídeo ou foto de um quadro famoso pela internet, nada se compara a vê-lo pessoalmente, pois a experiência está relacionada à autenticidade, à unicidade e à tradição daquela obra, à existência única dela. Isso dá à obra de arte uma aura de objeto a ser valorizado.

— Não sabia que teria aulas de arte em uma balada — disse Ethan, divertido.

— Desculpe, engatei a primeira marcha e não parei de falar mais. Devo estar parecendo uma chata discursando sobre quadros, auras e sobre pensador alemão — disse ela, sentindo estar fazendo papel de boba. — Eu disparo a falar quando estou nervosa.

— Imagina! Achei tudo interessante — disse ele, tirando uma mecha de cabelo do rosto dela e colocando atrás da orelha. — Mas por que você estaria nervosa? Ficaria lisonjeado se fosse por minha causa — disse.

— Não é por você, quer dizer... é sim.

— Eu também me sinto diferente quando falo com você — disse ele, tocando o lado direito do rosto dela.

Lisa sentiu o coração passar a bater mais forte e a respiração dela ficou mais alta. E o clima foi cortado pela voz de Rafael:

— Vocês dois aí! O show do DJ vai começar. Derek e Liam já chegaram e tá tudo mundo procurando vocês.

— A gente já tá indo — disse Ethan, com voz irritadiça. — Vamos? — completou, pegando a mão de Lisa.

E ela se deixou levar, desceu as escadas, e eles se dirigiram ao grupo de conhecidos. Estavam todos lá, as mesmas pessoas presentes no jantar do bistrô e mais duas garotas, que foram apresentadas à Lisa: Lorena e Eloise, ambas francesas, amigas de Rafael.

Carolina tinha levado um rapaz para perto do grupo, Lisa notou que não era a mesma pessoa que estava com sua amiga há alguns minutos. O homem era bem mais baixo que Carolina, chamava-se Adam, era sueco e tinha uma pele quase translúcida. Sua pele contrastava com seu cabelo preto; usava jeans rasgado na altura da coxa e camisa social aberta no peito. Uma combinação inusitada — pensou Lisa.

Quando Lisa menos esperava, Derek apareceu à sua frente. Ele não havia notado que ela havia chegado de mãos dadas com Ethan, que agora tinha ido ao bar. Lisa deu um breve aceno de cabeça para ele, cumprimentando-o. Ele foi tão comedido quanto ela em seu cumprimento.

Lisa reparou que ele usava uma calça jeans escura, uma camisa branca e sapatênis cinza, havia cortado o cabelo, mas ainda permanecia comprido. Ele a encarava de volta, especulativo.

— O que vai ser agora? Como nos comportaremos? Indiferença fingida ou voltaremos a discutir como antes? — perguntou Derek.

— Indiferença sem ser fingida serve também.

— Ótimo, posso lidar com isso — disse ele. — Você pintou o cabelo?

— E lá se foram as mechas vermelhas.

— Mas você não perdeu o jogo e...

— Já planejava pintar antes.

— Ou fez isso para me surpreender? — perguntou ele, sarcástico.

— Em que mundo você vive? Já sei! No seu mundinho, onde você é o chef narcisista e cheio de vontade de me apurrinhar.

— É bem como eu imaginei. Tem essa carinha de bicho grilo, mas dá uns arranhões quando necessário.

Lisa começou a tremer levemente, de pura raiva. Tentava compreender os ataques desnecessários dele. Por que implicava com ela? De impulso, resolveu usar as informações sobre ele ditas por Carolina.

— Fico pensando o que o seu pai deve sentir por ter um filho tão egoísta. Eu entendo ele perfeitamente por não falar com você. Afinal, você se sente um reizinho da piada pronta, incapaz de ter uma conversa normal, já que a única coisa que sabe fazer é menosprezar as pessoas com suas brincadeiras sem graça.

Com a menção ao pai, Derek fechou a cara e disse em tom ameaçador:

— Não diga o que você não sabe — falou roçando os lábios na orelha dela, fazendo com que ela sentisse um comichão.

— Idem — retrucou ela, olhando-o nos olhos e se afastando. Voltou a ficar próxima de Ethan, que desconfiou de alguma coisa e perguntou se ela estava bem. — Tudo ótimo! — disse ela, olhando de rabo de olho Derek, que agora tinha ido ao bar.

Ela dançou uma meia hora freneticamente ao lado de Ethan, Rafael, Carolina e Liam. Alana havia voltado para Dublin, e Carmem não pôde ir à festa pois tinha outro compromisso.

De vez em quando, durante a dança, Lisa sentia certo desconforto nos braços, mas estava tão animada que tentou fingir que não sentia nada. Havia se esquecido de como era bom dançar, fechar os olhos e deixar que toda a preocupação fosse embora, nem que por alguns minutos.

Quando uma nova música mais agitada começou, Carolina desatou a pular e a gritar, pegou a mão de Rafael, que passou a fazer o mesmo e, por sua vez, pegou a de Lisa. Não demorou muito para diversas pessoas começarem a imitá-los, dando pulos na pista ao som da música alta.

Lisa via as pontas dos próprios cabelos voando ao lado do rosto, gritava e olhava para Carolina, que parecia uma roqueira de heavy metal. A garota pulava e gritava como se a música fosse um rock bem pesado e não uma música pop.

Quando não aguentava mais pular, pois as pernas protestavam, Lisa parou, sem fôlego. Daria tudo por algo gelado. Olhou para o bar instintivamente e deu com Derek olhando pra ela, enquanto segurava uma bebida vermelha, que parecia ser bem refrescante. Ele tinha um sorriso divertido no rosto. Lisa imaginou que estava zombando dela. E o mais intrigante: por que não parava de encará-la?

— Que droga! — esbravejou, enquanto crescia dentro dela uma irritação. Altiva, dirigiu-se até ele e parou à sua frente com as mãos na cintura, como uma mãe que vai ralhar com um filho. — Perdeu alguma coisa? Tô ficando incomodada com você me encarando a todo instante. Já tá ficando ridículo essa situação. Pode parar?

— Não vai dar não. Na verdade, eu tô bem intrigado com esse inconveniente impulso que eu tenho de te observar. Será que a gente tem alguma química? Porque também te peguei olhando algumas vezes.

— Se tiver alguma química, é daquelas que dois elementos se repelem. Se há alguém nesse barco com quem eu tenho pouca química positiva, é com você; se, às vezes, você me pega te encarando é porque tento entender a razão de você ser tão implicante e antissocial — disse, recuperando o fôlego.

— Já eu tava te olhando porque era hilário você pulando como uma mola desengonçada e enferrujada.

— Seu filho...

— Isso! Fala um palavrão, me faz ganhar a noite.

Num ímpeto de raiva, ela resolveu puxar o copo das mãos dele.

— Me dá isso aqui — disse ela, arrancando a bebida de Derek e andando a passos rápidos para fora da área de dança, subiu uma escada e se viu novamente na área externa. Percebeu que Derek a havia seguido.

— Ah, não! — lamentou Lisa, ainda mais quando viu que tinha se colocado em um beco sem saída perto da proa do barco. Pesarosa, viu o rapaz se aproximar com passos calculados, parecendo um felino.

De súbito, pegou o copo e bebeu tudo de uma vez só, constatou que a bebida era fraca, era mais refrescante que alcoólica. Por instantes, esqueceu que era bom evitar bebidas.

Quando Derek estacionou à sua frente, ela se virou e apoiou uma das mãos na grade que circundava o barco e, com a outra, estendeu o copo vazio para ele.

— Um presentinho para você. É algo bem merecido — disse Lisa, sorrindo de lado e já sentindo

o efeito da bebida tomada de uma vez só; ficou levemente tonta.

Ele calmamente pegou o copo da mão dela e colocou em uma pequena mesa que estava vazia ao lado esquerdo deles.

— Você merece uma certa punição por beber a bebida alheia — disse ele, se aproximando ainda mais.

Ela não se afastou, parecia que seus dedos congelaram ao segurar a barra de ferro.

— Você vai fazer o quê? Me jogar no rio? — disse ela, olhando para a água que se movia lentamente e se arrependendo de ter dado a ideia.

— Não, isso seria muito óbvio, quero surpreender.

— Se quer me surpreender, é só começar a agir como um ser humano gentil, normal.

— Você quer gentileza? Normalidade? Eu posso ser gentil, mas sei que, depois de um tempo, não vai ser isso que vai te fazer lembrar de mim.

Ele a encurralou na beirada do barco, e ela perdeu um pouco o equilíbrio, foi quando ele a segurou pela cintura e colocou os lábios nos dela. Foi algo inesperado. Ela sentia um misto de choque e alívio ao mesmo tempo.

Era como se ela esperasse por aquilo, mais do que isso, precisasse. Não ofereceu resistência, simplesmente deixou a raiva se esvaír em um beijo gentil, leve. Ela poderia interromper o beijo quando quisesse, sabia disso. Ele não a estava forçando, muito pelo contrário, às vezes, afastava um pouco o rosto e ela se inclinava para ele, o que o fazia dar um meio sorriso.

Derek a segurou pela nuca e agora mordida de leve seu lábio inferior, logo depois aprofundou o beijo, enlaçando sua língua com a dela de forma bem ousada. Ela nunca tinha sido beijada assim. Os beijos do antigo namorado eram calmos e pareciam que eram dados para cumprir tabela, como alguém que bate o cartão, pois sabe que, se não o fizesse, poderia perder o trabalho.

O beijo dado perto da proa do barco estava mais para abandonar de forma rebelde o trabalho no meio do expediente e ainda rir da cara do chefe. Após alguns minutos, Derek desgrudou um pouco dos lábios dela, segurando seu rosto com uma das mãos e a olhando um pouco aéreo.

— Vem cá — disse ele, pegando-a pelo cotovelo e a guiando para um pequeno sofá ao lado da mesa onde ele havia colocado o copo vazio. Ela sentou-se, ele a seguiu.

— Não tô acreditando que eu tô beijando a garota que arruinou minha palestra! Eu não devia te odiar? Na verdade, eu achava que te detestava — comentou, olhando para o rosto dela inclinado para ele e segurando-lhe o queixo com uma mão.

— Se você devia ou não, eu não sei, mas eu te detesto — disse ela, envolvendo-o pelo pescoço e voltando a beijá-lo.

Ele retribuiu, beijou o canto dos lábios dela e a inclinou um pouco no sofá, voltando a aprofundar o beijo, enquanto alisava sua cintura, e ela embrenhava seus dedos pelos cabelos levemente ondulados dele.

Com custo, ela se desvencilhou dele, que a olhava como se a visse pela primeira vez, os olhos dele demonstravam surpresa, como que não imaginasse que Lisa pudesse fazê-lo se sentir tão satisfeito com um beijo, sentir o que estava sentindo, um tipo de estupor.

Um pouco longe do toque dele, Lisa conseguiu pensar sobre o que tinha feito. Havia beijado o cara que vivia caçoando dela, irritando-a. Enquanto o garoto que sempre fora legal com ela e a tratara bem estava provavelmente procurando-a no barco.

— Você pode beber quantos drinks meus você quiser, desde que eu te beije depois de todos — disse ele com voz baixa, tentando se aproximar de novo.

— Eu... eu... Eu não queria fazer isso — respondeu com voz fraca.

— Não pareceu — retrucou ele, voltando a ter uma postura alerta.

— Você fica me irritando, me deixando nervosa, me olhando.

— Eu gosto de olhar você.

— Por quê?

— Eu não sei. Quando vejo, estou olhando, observando o que você fala, vendo você ficar vermelha com as minhas provocações.

— Você tem sido muito chato, muito irritante. Por que faz isso?

— É mais fácil para eu irritar alguém do que ser gentil. É como se tivesse uma raiva dentro de mim, contida, e eu preciso que os outros sintam.

— Isso é destrutivo.

— Confiar e ser magoado é mais — disse Derek, arqueando os ombros, como se colocasse uma mochila recheada de pedras no chão.

Lisa teve vontade de passar a mão pelo cabelo dele, parecia um menino que lutava com alguém invisível, dando socos no ar e, de repente, estava cansado, sem forças, e simplesmente desistia de lutar, abaixando os punhos.

— Eu não posso ficar aqui com você, preciso voltar para a pista de dança.

— Vou com você — disse ele, sem conseguir conter um certo pânico. Ela iria embora no dia seguinte. Tinha que ficar perto dela, precisava disso; reconhecer esse fato o surpreendeu.

— É melhor não — disse ela, um pouco envergonhada, sem saber como explicar para ele que aquele beijo foi um grande mal-entendido. Ela sentiu alguém se aproximar e deparou-se com Carolina.

— Gente, sem querer interromper, mas já interrompendo, acho melhor vocês pararem de se agarrar porque o Ethan tá te procurando, Lisa, e ele tá vindo aí — disse Carolina, que estava de pé de frente para o sofá, com os braços cruzados, observando os dois, abismada.

— E por que o Ethan estaria te procurando? — perguntou Derek, sem conseguir controlar a curiosidade.

— A gente tava conversando, a gente tá meio que junto. Eu não sei de mais nada! — disse, receosa.

— Se é assim, o que você está fazendo aqui comigo?

— Então, é justamente o que eu estava me perguntando. Eu... caramba, que confusão! Eu preciso ir. Ele tá me esperando — disse Lisa, atrapalhada, levantando-se de forma desengonçada do sofá.

— Oi, gatinha — disse Ethan, chegando, a camiseta molhada de suor. — Por onde você andou?

— Eu vim pegar um ar... — respondeu Lisa, evitando olhar para Ethan ou Derek e, principalmente, Carolina, que a encarava fixamente.

— Vem, vou te pagar um drink — disse o irlandês, jogando um braço por cima dos ombros de Lisa, que se deixou levar, petrificada demais para proferir alguma palavra coerente.

— Ela tá saindo com esse problemático? — perguntou Derek para Carolina, incapaz de tirar os olhos de Lisa, que se aproximava do bar, localizado à estibordo.

— Na verdade, é o primeiro encontro deles hoje e parece que você arruinou tudo.

— Eu? Eu nem sabia o que tava rolando entre eles!

— Derek, até ontem ela dizia para todos os cantos do mundo que você era um completo babaca. Sei que ela retribuiu ao beijo, mas deve ter sido um lapso mental. Não tente estragar o lance deles. Ela tá a fim do Ethan — disse Carolina.

— Não se preocupe, pode avisar sua amiga que não vou contar para ninguém sobre esse nosso... lapso — disse ele, irritado.

— Você até parece decepcionado, mas todo mundo sabe que você tem um caso com a Carmem.

— Se tenho ou não, com certeza não é da sua conta.

— Credo! Vou indo, não vim me oferecer pra levar patada — disse Carolina, dirigindo-se para onde Lisa estava. Precisava falar para ela não contar sobre o beijo em Derek para Ethan.

Lisa viu Carolina caminhar em sua direção e, mais atrás, observou o escocês sentado no mesmo

lugar onde o havia deixado, sentiu um misto de culpa por tê-lo deixado daquela maneira, ainda mais depois da forma carinhosa que ele segurava seu rosto. Estava confusa e dispersa. O que tinha sido aquilo? — perguntou-se.

Era sua última noite em Paris, sua última noite deitada naquela cama de hotel. Por mais que o glamour não descrevesse absolutamente nada do quarto, ela havia se apegado a ele, era a sua casa em Paris.

Da janela de vidro suja, havia visto neve pela primeira vez, deitada no colchão de molas soltas havia relembrado cada passeio, cada nova amizade. Dera muita sorte de ter esbarrado com Rafael e ter sido apresentada a tanta gente bacana. Se não fosse aquele momento, certamente teria passado a viagem toda sozinha.

Pegaria o avião para a Rússia no final da manhã. Havia chegado tarde no hotel, o táxi a deixara às três da manhã e já eram seis, e ela ainda rolava na cama, não conseguia pregar o olho. Era um misto de sensações, a cabeça latejava. Não queria ir embora.

As coisas tinham sido tão intensas. Apenas duas semanas e concluiu ter tido mais emoções do que em um ano todo de sua vida pacata no Brasil. Lembrou-se de que leu em algum blog sobre viagens, que fazer intercâmbio e conhecer novas culturas era muito intenso, que as pessoas amadureciam absurdamente e que, no final de tudo, sofriam drásticas mudanças. Será que isso era verdade? Aconteceria com ela? — questionou-se.

Pensou em Derek. Não entendia o que tinha acontecido com o escocês.

— Ele é furada. Deve ser um mulherengo incorrigível, roubou a namorada do pai, não fala com ele há anos. Trata todo mundo mal. Me tratou mal — disse, tentando convencer-se a detestá-lo.

O beijo havia estragado quase tudo com Ethan. O resto da noite ela ficou dispersa, não se atreveu a corresponder as investidas do rapaz. No final da noite, ele havia se oferecido para ir de táxi com ela embora, ele estava hospedado na casa do irmão que não morava tão longe do hotel onde Lisa estava.

Ela se sentia constrangida e culpada por ter beijado Derek enquanto Ethan a procurava na festa, mas não tinha coragem de contar nada para ele, mesmo depois de ele tê-la deixado esperando no encontro passado.

— Você está bem? Estou sentindo você distante — perguntou ele dentro do táxi que estava a minutos do hotel dela.

— Estou bem. — Riu, sem graça. — É que eu vou viajar daqui a algumas horas e estou um pouco nervosa. Desculpe não ter sido uma boa companhia.

— Depois da Rússia, você vai para a Irlanda?

— Isso.

— Me mande mensagem e eu arrumo a hospedagem para você na casa daquele meu amigo. É muito seguro.

— Tudo bem, obrigada. Vou pensar sobre isso. Obrigada pela noite, Ethan.

— De nada — respondeu ele, aproximando-se dela no banco.

De forma descomplicada, beijou-a. Foi um encostar de lábios rápido, mas terno. Ela sentiu por ter que deixá-lo, mas não tinha ido viajar pra se apegar e ter esperanças falsas.

O táxi parou.

— Valeu, por tudo. Nunca imaginei que ficaria tão feliz de conhecer um irlandês, ainda mais tão bacana quanto você — disse ela, logo em seguida abrindo a porta do carro e saindo.

— Te vejo na Irlanda. Vou te mandar mensagens.

— Ok, vou esperar — disse ela, acenando com os dedos para ele, enquanto o táxi dava partida. — Derek imbecil, quase estragou tudo — falou baixinho quando empurrava a imensa porta para entrar no

hotel.

CAPÍTULO 7

O ancião do vagão de terceira classe

Depois de aspirar fundo, Lisa segurou o ar por alguns segundos e depois expirou. Queria sentir aquele ar puro. A visão era de tirar o fôlego. Um lago que refletia as copas de diversas árvores que estavam plantadas na margem.

Lisa preferiu primeiro conhecer a parte externa da casa de campo de Liev Tolstói. Acreditava que o escritor encontrava a serenidade para escrever ao olhar para o lago, passear pelo parque ao redor da casa. Sabia que Tolstói acordava cedo, fazia exercícios físicos e, às vezes, participava da colheita da propriedade para sentir como era a vida simples do trabalhador.

Lembrou-se de uma foto do escritor em que ele estava sentado em uma cadeira no jardim, era maio de 1908. Era o primeiro retrato colorido tirado na Rússia. Tolstói estava com barba, longa e branca, e bigode. Usava botas pretas de cano alto, calças de uma cor que Lisa não tinha conseguido definir se era marrom ou cinza. Camisa de mangas compridas azul e um olhar para a câmera que desafiava. Era como se ele perguntasse: O que você quer?

— O que você quer? — perguntou-se em voz alta Lisa. Após cinco minutos em silêncio, ela respondeu para si mesma, olhando para o lago: — Eu não sei. Talvez eu queira gostar de quem sou. Talvez eu ainda não seja o que realmente tenho que ser.

Há alguns anos, ela havia lido uma biografia do escritor que contava que o Tolstói vivia insatisfeito com uma vida de significativo conforto. Na velhice, tornou-se um pacifista e anunciava a importância de uma vida simples e em proximidade com a natureza.

Lisa havia viajado na tarde do dia anterior de Paris para Moscou, na Rússia. Logo que desembarcou, dirigiu-se para Iásnaia Polyana, nome abreviado de Iasseneva Polyana, que significa, em português, Clareira Límpida, local onde nasceu e viveu por certo tempo o russo. Lisa se hospedou em um hotel perto da casa, localizada a 200 quilômetros a sudoeste de Moscou.

O escritor russo tinha também uma casa na capital da Rússia, que foi transformada em museu. Lisa planejava visitar a residência nos próximos dias; preferiu começar pela casa de campo onde ele escreveu seus principais livros.

Ela escutou vozes sussurradas de um grupo de senhoras russas. Elas se aproximavam do local onde ela estava e ficaram em silêncio absoluto por alguns minutos.

Uma das senhoras usava um vestido florido azul e um casaco de lã verde com rosa, além de um pequeno chapéu branco de tecido com pequenas abas. O rosto enrugado era sério.

A senhora puxou conversa com Lisa em um inglês difícil e cheio de erros.

— Você é espanhola? — perguntou a senhora baixa, que batia no ombro de Lisa.

— Não, senhora, sou brasileira.

— Brasil! País quente!

— Põe quente nisso! — disse Lisa, animada, percebendo que o olho esquerdo da mulher era diferente do outro, tinha uma enorme mancha branca.

— Sou cega de um olho — explicou a senhora, percebendo o olhar de Lisa.

— Me desculpe! Eu não estava reparando! — tentou se expressar, sentindo-se acanhada.

— Deixe isso para lá. É a verdade! Só enxergo de um olho e é muito mais do que muita gente

tem — disse, voltando a ficar em silêncio.

— A senhora é de Moscou? — perguntou Lisa, tentando mudar de assunto.

— Sim. Vim com uma excursão organizada por um grupo de senhoras. Nosso ônibus está parado não muito longe daqui. Você mora em Moscou também?

— Não, vim só conhecer a casa de Tolstói. Muito em breve voltarei para o Brasil.

— Quer dizer que gosta dos escritos russos? — perguntou a senhora logo em seguida, tossindo.

— Sim, quer dizer... não tive a oportunidade de ler muitos livros de escritores russos, mas, apesar de discordar com alguns dos pensamentos de Tolstói, sempre me identifiquei com a sua forma de escrever.

— Discorda de que, por exemplo? De seus pensamentos voltados ao cristianismo?

— Na verdade, não. Discordo mais da questão de ter se mostrado contrário à propriedade privada, ao Estado e ao patronato. Ele também falava sobre a desobediência civil, não obedecer a nenhum governo. Coisas desse tipo.

— Compreendo. E qual foi o livro que você mais gostou?

— Gostei muito de *Guerra e Paz*, vamos combinar que o livro é enorme! Eu comecei a ler e parei diversas vezes, mas consegui chegar ao final. Eu gosto de livros que misturam ficção com fatos históricos.

— O texto conta a história de cinco famílias ricas, suas vidas se intercalam com a invasão da Rússia por Napoleão.

— Então a senhora gostou do livro?

— Nunca o li — disse serenamente a senhora. Lisa ficou sem saber o que comentar. — Você deve se perguntar o que uma russa está fazendo na casa de Tolstói se nunca leu um dos livros mais conhecidos do mundo — disse, aproximando-se mais do rio, com passos vacilantes, sendo acompanhada por Lisa.

— Ninguém é obrigado a ler nada só porque é famoso, além do mais, como eu falei, a história é muito longa. — Sorriu, compreensiva, Lisa.

— Nunca gostei de ler, mas, desde que me conheço por gente, ouço falar do livro, de sua história. Estou aqui só para sair de casa. Estava cansada de só ficar lavando e passando para dois filhos adultos que não querem saber de casar e me deixar em paz — disse ela, chutando de leve um punhado de folhas caídas no chão. Depois se voltou para a garota e perguntou: — Meu nome é Galina. E o seu?

— Lisa.

— Bonito nome.

— Obrigada — disse Lisa ao colocar um casaco, um vento fraco havia começado.

— Vai continuar aqui no lago?

— Não, ainda tem muita coisa para ver.

— Então vamos? Aproveite e me ajude a caminhar — pediu Galina, cruzando seu braço com o de Lisa e mancando caminho afora.

A mulher que aparentemente liderava o grupo passou a falar em russo. Galina, falando baixinho, traduzia algumas frases para o inglês.

— Ela disse que, já idoso, Tolstói deixou de fumar e beber e se tornou vegetariano. Também se vestia como camponês e passou a limpar seus aposentos e a fazer suas próprias roupas.

— Inspirador!

— Agora ela está dizendo que a esposa de Liev Tolstói era bem ciumenta e que a vontade dele de viver na simplicidade desencadeou diversas brigas do casal.

— Sofia Tolstói.

— Isso mesmo. Você é casada?

— Não. E nem tenho namorado. Na verdade, eu tinha até algum tempo atrás, mas ele era... como

dizer... não sei se era um cara legal. Meus sentimentos ainda estão confusos. — Lisa ficou surpresa por contar algo tão íntimo a uma desconhecida, mas imaginou que era fácil de contar justamente por ela ser uma desconhecida.

— Você o amava?

— Eu achava que sim, mas agora não tenho certeza. Nunca tive muita sorte com amor, sabe?

— Mas uma hora o amor vem — disse Galina.

— Ele chegou para a senhora?

— Na verdade, não.

Lisa continuou em silêncio, esperando que Galina acrescentasse mais alguma informação sobre sua revelação, e foi justamente o que aconteceu.

— Tá vendo esse olho? Esse que não funciona? Foi um namorado. Ele ainda está solto por aí. Não vivo mais com ele há 40 anos, apesar de ele ser o pai dos meus filhos. Nunca mais tive ninguém, mas me sinto aliviada de não ser mais um saco de pancadas.

— Eu sinto muito.

— Tudo bem. Foi há muito tempo.

— A senhora não podia imaginar que ele seria capaz disso — tentou confortá-la Lisa.

— Na verdade, sabia sim. No namoro, algumas vezes, a gente tem uma noção de como é tratada e como esse tratamento pode evoluir para pior, mas a gente tenta se enganar, minimiza um empurrão, um puxão de cabelo, maus-tratos em geral.

— A senhora tem toda razão, ouvir a sua história me faz perceber que, no namoro, nós podemos ver alguns sinais de que a pessoa não é uma boa, mas o medo de ficarmos sozinhos nos faz maquiagem a realidade.

— Querida, há poucas coisas que posso ensinar para alguém. Não sou uma velha de sábias palavras. Se tem uma coisa que eu sei, é que comum é diferente de normal.

— Como assim? — perguntou Lisa.

— Pode ser até comum namoros e casamentos em que pequenas agressões ocorrem. Só que não devemos achar que, só por ser comum, isso é normal. Não é normal, não é o que deveria ser.

— Estou entendendo...

— Estamos tão acostumados a ver mendigos nas ruas que é como se fizessem parte de um cenário social, como uma parte da pintura que deveria estar ali, que completa um sentido. No entanto, não é normal, não é saudável uma sociedade onde uma pessoa vai dormir chorando de fome. Isso é desumano.

— A senhora é comunista? — perguntou Lisa, de supetão.

— Ah! Ah! Ah! — riu alto a mulher, fazendo com que outras senhoras que andavam na frente se voltassem e as olhassem, curiosas. — Não é porque nasci na Rússia e falo sobre direitos humanitários que sou comunista. Pelo contrário, quero meu direito de comer o que bem entender e vestir as minhas belas roupas a meu gosto, assim como comprar o que me aprouver.

— Apoiada!

— Eu e minhas colegas iremos ao túmulo de Tolstói logo mais, quer nos acompanhar? — perguntou Galina.

— Agradeço, mas vocês já conheceram a casa dele e eu ainda não. Gosto de observar com calma. Pretendo visitá-la agora.

— Então nos despedimos aqui, querida. Foi um prazer conhecê-la!

— O prazer foi todo meu — disse, de forma sincera, Lisa.

Após ter se despedido de Galina e das outras senhoras, Lisa se dirigiu, enfim, à casa onde Tolstói passou muitos anos de sua vida. Ela atravessou o jardim da casa, parou na frente da residência e tentou absorver cada detalhe, sentir o que representava morar em uma casa tão bela em um local tão

isolado.

Reparou, sem pressa, a casa pintada de branco, com telhado marrom bem claro. Eram muitas janelas, mais de dez só no andar de cima, sendo que algumas davam acesso a uma estreita varanda de madeira. Eram dois andares, mas Lisa desconfiou que talvez a construção tivesse algum porão.

Embora tivesse percebido quatro chaminés no telhado da casa, parecia que tinha mais um ou dois que ela não conseguia visualizar do ângulo que estava.

Imaginou-se morando na casa um século atrás, sendo uma das filhas do escritor ou mesmo uma das camponesas que trabalhavam por ali. Se sentiria entediada ou amaria a vida no campo?

Um guia recebeu Lisa e mais dez pessoas na primeira sala da construção, as paredes estavam recheadas de livros, todos organizados; Lisa lembrou-se do caos do sebo onde trabalhara no Brasil. Ela descobriu que a casa guardava mais de 20 mil livros, sendo que metade eram escritos em russo, e o restante, em cerca de 40 idiomas diferentes.

Usando pantufas para entrar no museu, Lisa tinha que tomar cuidado para não escorregar. Teve vontade de sair deslizando, como que patinando, de tanta felicidade por estar ali.

Junto com o grupo, subiu as escadas, olhou à esquerda e reparou em um grande relógio antigo, imaginou que o Senhor Jonas iria dar todos os livros do sebo em troca desse relógio. Era lindo, Lisa imaginou que devia ser um carrilhão inglês.

Do lado oposto do relógio, estava a sala de jantar. Uma mesa retangular com toalha branca e dez cadeiras marrons ao redor. Em uma das paredes estavam pendurados quatro quadros com molduras douradas e um com moldura marrom e detalhe dourado. Dois retratos eram de Tolstói.

Outros quadros do cômodo retratavam as filhas e a esposa do russo. A sala possuía dois pianos e diversas cadeiras, onde a família e os visitantes geralmente se reuniam, segundo informou o guia que falava em inglês. As paredes e cortinas eram brancas, e o assoalho era de madeira.

— Definitivamente, um local para um escritor — disse Lisa ao olhar pela janela e ver árvores e, acima das copas, um céu límpido.

Observava o quarto pequeno do escritor, ele havia escolhido o cômodo nos últimos anos de vida, quando optou por viver de forma mais modesta do que suas posses podiam possibilitar.

O quarto possuía uma cama de solteiro encostada ao lado esquerdo da parede, uma pequena cômoda e três cadeiras, além de uma mesa de madeira. Havia um guarda-roupa de apenas duas portas. O chão também era de madeira, sem brilho, forrado por alguns tapetes. A simplicidade do quarto destoava dos outros cômodos da casa.

— Será que foi aqui que ele pensou em fugir, deitado na cama, olhando para o teto e sentindo que este não era mais o seu lugar, se é que um dia o foi? — perguntou-se Lisa em voz alta, imaginando o escritor esgueirando-se pelos cômodos para não ser visto em sua fuga e saindo pela porta da casa para nunca mais voltar.

Lembrou-se de um artigo sobre um livro, escrito em russo, que tratava dos últimos dias do escritor. Lisa digitou rapidamente no seu celular palavras que a levassem ao artigo que havia lido há alguns meses. Ela vibrou pela internet funcionar por ali.

— Achei — disse, ao abrir a página e checar que o livro se chamava *Fuga do Paraíso*, do jornalista russo Pavel Basinski. Segundo o texto, Liev Tolstói havia fugido de madrugada, aos 82 anos, em um dia de novembro de 1910. O ancião era o homem mais famoso do país e, ao pegar trens para fugir, era reconhecido pelas pessoas. A fuga durou dez dias.

— O ancião de Iásnaia Polyana — disse Lisa, olhando o imenso travesseiro da cama encapado com uma fronha branca. Ela imaginou que nem para fugir o autor devia ter tido paz, afinal, todo mundo conhecia o famoso Tolstói.

Ao continuar lendo o artigo, ficou sabendo que o escritor viajava de trem, na terceira classe, onde o frio era mais intenso do que em demais vagões. Pegou pneumonia e faleceu, poucos dias após sua

fuga, na província de Riazan, dentro da estação ferroviária de Astapovo.

Depois de ter visto todo o museu, Lisa se encaminhou para o túmulo de Tolstói, que ficava em um bosque não muito longe da casa central.

O túmulo era simples, como foi pedido pelo escritor que também havia escolhido o local para ser sepultado bem antes de sua morte. Era uma clareira chamada pelo filho mais velho de Tolstói de "o lugar da varinha verde". O menino dizia que quem encontrasse a varinha verde nunca ficaria doente e morreria. E, na clareira, estava o túmulo, um pouco acima do solo, forrado de grama, com árvores ao redor. Tolstói, enfim, pensou Lisa, talvez houvesse conquistado a paz que buscara por toda a vida.

A brasileira ficou ali, imaginando como uma pessoa, mortal, que havia nascido como qualquer outra, que precisava se alimentar, abrigar-se do frio, que também ficava doente e morria, tinha influenciado tantas pessoas e, hoje, após tanto tempo, ainda era lembrada e admirada.

Agora andava em um caminho rodeado de árvores dos dois lados e imaginou que o trajeto deveria ter de quatro a cinco metros de largura. Comprida, a alameda do portão de Iásnaia Polyana dava na casa do escritor.

Lisa estava sozinha. Não via ninguém no caminho. Começou a cantarolar. Quando já estava na metade da alameda, saiu da pequena estrada e entrou na área gramada.

Em algumas partes, a grama estava alta, mas ela achou um local, perto de uma árvore frondosa, onde a grama estava mais baixa. Sentou-se no chão. Encostou as costas no tronco da árvore, esticou as pernas e tirou o livro da bolsa, assim como um suco de laranja enlatado que havia comprado um dia antes em um pequeno mercado.

Abriu a lata ruidosamente. Esperou o som cessar e deu um longo gole. Olhou ao redor e apurou a audição, o único barulho no local era o do chacoalhar de galhos e o de alguns pássaros mais assanhados que cantavam.

Ela, então, abriu o livro que era só o primeiro volume da saga. Sua intenção não era ler tudo, mas devorar algumas partes que mais chamaram a sua atenção. Logo no início do livro, tinha uma anotação, escrita a lápis, feita há alguns anos. A fala era do príncipe Vassili ao chegar na casa de Ana Pavlovna Scherer.

Em questões de segundos, Lisa foi transportada para um tempo que não era o seu, para um país que não era o seu, mas que ela estava nele agora, para uma classe social bem diferente da sua. Simplesmente embarcou nas escritas de Liev Tolstói, o homem que tantas vezes andou pelo caminho que Lisa via ao seu lado direito.

— Chocante — disse Lisa, diante do fato de que nunca havia lido um livro de um escritor em um local onde ele havia morado. Classificou essa experiência como uma das mais loucas de sua vida.

O sol já havia se posto quando ela se levantou da grama. Guardou o livro na bolsa e voltou para a alameda. Resolveu dar uma última olhada na casa do escritor antes de voltar para o hotel. Estava com sono, ler sempre a relaxava muito.

Já de frente para a casa, Lisa mentalizou os membros da família se recolhendo para conviverem, jantarem e, enfim, deitarem-se em suas camas. Já Tolstói e a esposa conversavam amigavelmente, diferente de tantas vezes em que explodiam um com o outro e se sentiam incompletos e incompreendidos. Dois temperamentos tão diferentes convivendo sob o mesmo teto.

Os filhos dessa união, numerosos e orgulhosos do pai, entravam primeiro na casa, segundo a imaginação da brasileira. Adentravam pela porta principal, logo seguidos pela mãe Sofia Tolstói. E, no final, Tolstói segurava a maçaneta, olhava para a direção onde Lisa estava e, simplesmente, fechava a porta.

Tão clichê

O voo levava Lisa para Dublin, onde ficaria duas semanas. Carolina decidiu dividir o quarto com ela e havia chegado dois dias antes na cidade irlandesa. Rafael iria só no próximo final de semana, passar apenas dois dias com a irmã e depois voltaria ao trabalho em Paris. Ethan havia dito que buscaria Lisa no aeroporto e tinha se mostrado bem feliz com a ida dela para sua cidade, ao menos demonstrou isso nas mensagens trocadas com a garota.

Lisa tinha cerca de quatro horas pela frente de viagem. Sentou-se em sua poltrona, tirou seu tênis e esticou os dedos dos pés.

Desta vez, diferente do que acontecera na França e na Rússia, Lisa foi recebida por alguém no aeroporto. Carolina havia escrito o seu nome e desenhado vários corações em uma placa branca, também começara a pular de forma descompassada quando avistou Lisa, que empurrava um carrinho com suas malas.

— Amiga, que cara é essa? Você foi fazer turismo ou apanhar dos russos? Tá com uma cara de acabada — comentou Carolina.

— Carol, você não sabe como eu estava com saudades da sua sinceridade dispensável! — disse Lisa, abraçando-a.

— Eu sabia que você ia morrer de saudade de mim, gata! Eu tive uma grande discussão com meu irmão para vir pra cá ficar com você, mas, convenhamos, três meses fazendo turismo só na França cansa um pouco, ainda mais quando temos tantos outros países tão pertinho.

— Cadê o Ethan? Você veio sozinha me buscar?

— Não. O Derek veio comigo.

— O quê? — gritou Lisa.

— Não buzina nos meus ouvidos! Depois sou eu a escandalosa.

— Não acredito que você chamou ele! Que vergonha.

— Eu não chamei ele! O combinado era o Ethan vir. Fui no pub dele como combinado. Chegando lá, ele estava de saída, disse que tinha esquecido um compromisso inadiável e mandou eu pegar uma linha de ônibus que faz a rota para o aeroporto.

— Será que aconteceu algo grave?

— Não sei, só sei que o Derek ouviu essa desculpa furada do Ethan. Ele já estava para sair do restaurante, pois tinha terminado o turno dele, aí ele me viu desesperada, porque eu já estava mesmo descabelada, não tinha ideia de onde pegar esse ônibus. Então, ele ofereceu ajuda.

— Nossa! Não esperava isso dele.

— Eu não esperava era que o Ethan fosse dar essa mancada. Cara de pau! O Derek salvou a pátria!

— O que aconteceu com o “senhor mal-humorado”? Você nunca gostou de chamá-lo de Derek.

— Na verdade, ele tem sido bem bacana comigo nos últimos dias, enquanto você estava na Rússia. Acho que você é que é muito dura com ele, ainda mais depois de ter se agarrado com ele na festa do barco.

— Eu? Muito dura? Você que implicava com ele o tempo todo!

— Amiga, você precisa evoluir como pessoa. Às vezes, a gente precisa perdoar — falou Carolina, piscando os olhos grandes como uma criança inocente.

— Vamos deixar de papo e nos encontrar com o seu mais novo amigo, o mister simpático.

— Tá com ciúme? — questionou Carolina, jogando a cabeça para trás e dando uma gargalhada escandalosa.

— Lógico que não! O beijo foi um acidente bem acidente! Isso não vai acontecer de novo.

— Tá bom! E eu sou feia — disse Carolina, passando as mãos pelos longos cabelos e andando na frente, deixando Lisa para trás com o carrinho.

Derek estava no celular, escorado em um Corolla preto, que havia alugado para sua estadia de um mês em Dublin. Estava parado no estacionamento do aeroporto. Usava um conjunto de moletom cinza-escuro e tênis preto. Quando viu que as meninas se aproximavam, desligou o celular e abriu o porta-malas do carro.

— Já estamos de volta, De — disse, animada, Carolina.

— De? — repetiu, baixinho, Lisa, desacreditada na mudança do comportamento de Carolina com relação ao escocês.

— Bom dia, Derek — disse, polidamente, Lisa.

— Bom dia, Lisa. — Ele mal olhou para ela, limitou-se a pegar sua bagagem e ajeitá-la no porta-malas. Em silêncio, sentou-se no banco do motorista. Carolina sentou no banco da frente, e Lisa ficou no de trás.

— Não sabia que, na Irlanda, assim como na Inglaterra, o volante não era do lado esquerdo — comentou Lisa, tentando quebrar o clima tenso.

— No Brasil é do outro lado? E você se dá bem com esse arranjo? — perguntou Derek, de forma nada empolgante.

— Acho que sim. Sou uma motorista mediana. Tenho somente dificuldades em fazer baliza.

— Não acredito! — exclamou Carolina, virando para trás para fitar Lisa, sua boca estava aberta. — É a coisa mais fácil do mundo!

— Pode ser para você — disse Lisa, sem graça. Quando Carolina já ia soltar mais alguma pérola de inigualável valor, Lisa a cortou: — E como está o trabalho no restaurante? É mais desafiante que em Paris, Derek?

Ele a fitou pelo retrovisor, e seus olhos se cruzaram. Ela se esforçou para não os desviar, teve que fazer um esforço quase sobre-humano.

— Estou a menos de uma semana, mas é de longe o local mais complicado onde já trabalhei. Com certeza!

— A gastronomia é mais requintada ou algo do tipo?

— Não, na verdade são pratos bem mais fáceis de fazer, peixe frito e batata frita, lasanhas apimentadas, sanduíches *gourmet*. É um pub, não um bistrô como o de Paris. A dificuldade digamos que é... a adaptação.

Lisa sentiu que ele estava sendo vago para evitar contar a real verdade.

— Ah! Adaptação, é lógico — disse Lisa.

Nem um dos dois falou mais nada. Um silêncio constrangedor se instalou. Carolina cochilava, com a cabeça pendendo para o lado direito.

Lisa sentiu vontade de abrir a porta do carro e pular com ele em movimento, como acontecia em muitos filmes de ação quando uma pessoa sequestrada tentava fugir. Até faria isso, se não soubesse que era burrice na sua situação. Logo ele pararia o carro, e ela não teria mais que puxar assunto.

Na última vez que se viram, tinham se beijado e, depois, ela desfrutara da companhia de Ethan, deixando o escocês pensar o pior dela. Conseguia sentir a tensão no ar, porém o semblante de Derek apenas aparentava despreocupação.

Apesar de ela estar indo para Dublin visitar a casa de Oscar Wilde, Derek deveria imaginar que era por causa de Ethan, não que Lisa não estivesse na expectativa de ver o irlandês, mas ele não era o motivo principal de sua visita.

— Você gostou da sua viagem para a Rússia? — perguntou ele, quebrando o longo silêncio.

Ela sabia que, se olhasse para o retrovisor, iria encontrar os olhos verdes que pareceriam desnudar sua alma e, assim, preferiu responder ainda olhando pela janela.

— Foi uma das coisas mais loucas da minha vida. Peculiar — disse, lembrando-se da casa de Tolstói, da velhinha russa e dos pontos turísticos visitados como a Praça Vermelha e o Teatro do Ballet Bolshoi.

Lisa escutou o riso frouxo e deboche de Carolina, que, pelo jeito, não estava tão adormecida assim.

— Só você mesmo para descrever uma viagem com a palavra peculiar, que pode significar tudo e nada — comentou Carolina. — Mas, se foi uma das coisas mais loucas da sua vida, me pergunto o que é que você deve ter aprontado com os russos. Sempre gostei dos homens russos, parecem bem másculos e...

— Carol! Volta para a terra! Não quis dizer nada disso que você tá imaginado — rebateu Lisa, começando a ficar vermelha no pescoço.

— Que pena! Então sua viagem não teve nada de peculiar pro lado bom. — Riu.

Lisa se questionou se Carolina fazia de propósito ou somente não tinha filtro para seus comentários. Olhou para Derek e o viu focado na direção, com olhar fixo na rua bem asfaltada e larga à sua frente.

— Você poderia nos levar no Temple Bar amanhã à noite. O que acha? — perguntou Carolina para Derek.

— Se a Lisa topar, por mim tudo bem — respondeu ele.

— Eu? Ir em um bar amanhã? Acho melhor não. Eu estava querendo conhecer a casa do escritor Oscar Wilde. Acho que não vou poder — tentou se justificar.

— Você e seus escritores! E que desculpa furada, museu é fechado à noite! — resmungou Carolina. — Acho que vai ser só eu e você, Derek — falou a garota.

Lisa imaginava que não queria nada com Derek, mas saber que Carolina poderia sair sozinha com o escocês a deixou incomodada.

— Tem um bar chamado Temple Bar, mas o mesmo nome é dado a uma região repleta de bares e baladas irlandesas. Tem a melhor cerveja preta do mundo e muitos grupos musicais espalhados nos bares dessa região.

— Parece ótimo! Talvez eu até consiga ir — falou Lisa, sem pensar muito por que mudou de ideia. Ela encontrou o olhar de Derek pelo retrovisor, e, então, ele sorriu.

E isso a preocupou, pois seria fácil deixar de se apegar a um Derek prepotente e irritante, mas a um solícito e, quem diria, risonho, seria um pouco mais complicado.

Ethan havia arranjado hospedagem em uma casa com seis quartos que acomodava estudantes e profissionais de diversos países. O local era repleto de casas grandes e bonitas. A área era Dun Laoghaire, a, aproximadamente, vinte minutos de carro do centro de Dublin.

Lisa ficou encantada com tudo, com as ruas largas e serenas, a costa paradisíaca. Ela tinha poucas informações sobre a acomodação. Sabia que seria mais prático ter ficado no centro, mas também queria ter a chance de ficar mais perto de Ethan, que morava a poucos minutos da casa onde ficaria hospedada.

Dividir o quarto com Carolina também foi algo que deixou a oferta mais atrativa ainda. Como ficaria mais em conta do que hotel, aceitou. Estava pensando em seguir o conselho de Ethan e fixar residência temporária em Dublin.

Além disso, estava ficando irritada de ter que ficar carregando sua mala grande para cima e para baixo. Tinha concluído que uma mochila simples nas costas seria o suficiente para as próximas viagens.

Como poderia ficar até três meses como turista, seria interessante criar certa sensação de

“casa”, tendo um local para voltar entre uma viagem e outra. Antes de tomar qualquer decisão, ela primeiro decidiu ver como as coisas iriam se ajeitar.

Derek estacionou o carro, pulou para fora e agora colocava as malas de Lisa na calçada; tudo sem dizer uma palavra. Foi quando ela teve um pressentimento de que estava deixando escapar alguma coisa. Saiu do carro e se aproximou do escocês.

— Você está hospedado nessa casa também? — perguntou Lisa, com medo de ouvir a resposta.

— Eu estava perto do centro, aluguei um quarto que estava vago na casa de um conhecido meu da Escócia, mas, por alguns motivos, resolvi me mudar para cá. Aluguei um quarto para mim nessa casa.

— Ah... — conseguiu dizer Lisa.

— Algum problema com isso?

— Não sei, quer dizer, não — corrigiu-se ela.

Ele largou as malas na calçada e se aproximou de Lisa, que deu dois passos para trás e olhou ao redor como que esperando que alguém a salvasse de um bote traiçoeiro. Carolina ainda estava dentro do carro, digitando ferozmente uma mensagem no celular.

— Você não está com medo de que eu te agarre à força, está? — perguntou ele, de forma casual.

— O quê? — perguntou ela, confusa. — Lógico que não! Você não seria capaz — comentou ela, sem ter tanta certeza de suas palavras.

— Sei...

— Aquilo que aconteceu entre a gente foi algo incomum e que, provavelmente, não vai mais acontecer. Não se preocupe, por mim, já tá tudo esquecido — disse ela, fingindo uma irreverência que não existia.

— Esquecido? Tem certeza? — perguntou ele, encurtando a distância entre os dois. Como ele era uns quinze centímetros mais alto que ela, Lisa teve que olhar para cima para ver um leve sorriso zombeteiro em seus lábios.

— Cla... claro — disse ela, vacilando na pronúncia da palavra.

— Para uma moça que tem um vasto vocabulário, por meio das constantes leituras, você gagueja bastante — disse ele, abaixando um pouco a cabeça como se fosse beijar Lisa.

Ela ficou sem reação, mas não o suficiente para não fechar os olhos à espera de um beijo, mas, em algum momento, ele mudou o trajeto, e sua boca foi parar bem perto do ouvido de Lisa.

— Não se preocupe, não vou morder você, nem te agarrar, nem roubar um beijo como no barco — afirmou ele, com a voz tão baixa que ela mal conseguia escutá-lo, mesmo sentindo os lábios dele tocando de leve sua orelha, fazendo com que se sentisse arrepiada em diversas partes do corpo.

— Obrigada — conseguiu dizer.

— A não ser que você queira, lógico — finalizou ele, afastando-se dela bruscamente, pegando as malas e se dirigindo à entrada da casa.

Lisa ficou parada, sem reação, bateu o carro e se encostou nele. Ali ficou até Carolina abrir a porta com um estrondo, um minuto depois.

— Bora, Lisa! Fica aí com essa cara de lunática enquanto o coitado do Derek carrega as malas sozinho!

— E você também tá ajudando muito, né? — comentou, irritada. — E outra, de coitado, ele não tem nada — disse, logo seguindo em direção à porta da casa, pisando duro.

As paisagens verdes dos parques irlandeses e o charme do centro de Dublin haviam encantado Lisa. Decidiu visitar a casa de Oscar Wilde depois de ter conhecido alguns pontos turísticos do país.

No dia seguinte à sua chegada, havia acordado cedo e ido para o centro de Dublin, com Carolina, de DART, uma espécie de trem que percorre grande parte da costa da cidade. Foram visitar o Spire of Dublin, localizado na rua O'Connell Street.

Em formato de agulha e com 120 metros de altura, o monumento era um cone alongado com diâmetro na base de três metros, que ia ficando mais e mais estreito, sendo que o ponto mais alto ficava com quinze centímetros.

— Nossa! Dá até dor no pescoço ficar olhando para a ponta disso! — disse Carolina, que olhava para cima.

— Estou é com tontura — complementou Lisa, que achou que a agulha não tinha fim. Nunca havia visto algo tão alto e tão fino. Ficou intrigada com o fato do *Spire* não despencar com os ventos fortes recorrentes na cidade.

— Tô ansiosa pra gente almoçar no pub do Ethan. Vamos agora? — pediu Carolina.

O bar tinha uns seis metros de entrada. A fachada era de madeira pintada da cor preta e tinha vitrine de vidro, onde estavam expostas garrafas de cerveja, canecas, quadros com frases em inglês e em irlandês.

Com iluminação baixa, a parte interna do pub era acolhedora e intimista. Todos os móveis eram de madeira, os bancos e as cadeiras tinham uma tonalidade mais clara, e o acento era de couro preto, enquanto que as mesas, o balcão e as prateleiras eram de uma madeira mais escura.

As prateleiras eram recheadas de garrafas de bebidas. Algumas paredes eram verdes e outras vermelhas, e recebiam bandeiras da Irlanda e de marcas de bebidas.

— Boa tarde, garotas! — disse Ethan, saindo de trás do balcão.

— Oi, Ethan! — respondeu Carolina, dando dois beijinhos na face do irlandês.

— Tudo bem? — respondeu Lisa, sorrindo naturalmente ao ver o rapaz.

Ele deu um beijo estalado na sua bochecha e a abraçou apertado.

— E não é que você veio mesmo? — comentou, tocando o rosto de Lisa.

— Você falou tão bem do seu país que não resisti. E não me arrependo. É maravilhoso! A gente veio do centro de Dublin. É tudo demais!

— Peço desculpas pela mancada do aeroporto, marquei dois compromissos no mesmo horário. Eu sinto muito.

— Esqueça isso!

— Para me redimir, eu mesmo quero te mostrar vários lugares. Amanhã depois do almoço, o movimento aqui cai, e a gente pode dar umas voltas. Pode ser?

— Tá marcado! — disse ela, animada.

Derek saiu pela porta da cozinha. Ele usava jeans e um colete de chef da cor preta, com botões brancos. O cabelo estava preso em um lenço preto. Ele demonstrou surpresa ao ver as duas garotas no pub.

— Oi, meninas. Tudo bem? Vieram almoçar?

— Sim! E gostaríamos que o chef nos indicasse alguma coisa bem saborosa — disse Carolina.

— Hoje temos uma sopa de vegetais com frango muito boa e também tem *beef* com pimenta verde e molho de feijão. Temos lanches diversos e outros pratos rápidos — disse o chef, animado.

— Eu quero essa sopa que você falou. Não é muito gordurosa, né?

— Não, não mesmo.

— Ótimo! Vou querer a sopinha, então!

— E você, Lisa? O que vai querer? — disse ele olhando para ela, de forma calorosa.

— Tem aquela lasanha apimentada que você comentou no caminho do aeroporto?

— Sim. Boa pedida. Vou caprichar no seu prato e espero que não fique insosso — disse ele, dando uma piscadinha para ela, que deu seu melhor sorriso, sem querer.

— Com certeza, vai estar perfeito — disse ela, surpreendendo-se com a diferença de tratamento de Derek antes e depois do beijo.

Ela não se sentia mais inclinada para rebater seus comentários, primeiramente porque eles não

eram mais ofensivos como antes, Derek estava se mostrando solícito...

Uma garçonete serviu um cesto com pães diversos e manteiga com ervas, além de uma porção média de asinhas de frango fritas com molho *barbecue*. Depois, trouxe os pratos principais pedidos com uma grande porção de batata frita.

Carolina e Lisa já tinham terminado de comer a sobremesa quando Derek saiu da cozinha transformado. Lisa não conseguia deixar de reparar os cabelos amarrados no alto da cabeça em um pequeno rabo de cavalo. A barba estava rala, o que dava um ar de certa selvageria, que aparentava ser mais intensa devido à forma de olhar de Derek.

— Bem, se me dão licença, o meu turno já se encerrou, e eu preciso ir. Espero que tenham gostado da comida — disse ele para as brasileiras, dirigindo-se até a porta.

— Ei! Estamos precisando de um guia. Queríamos conhecer a universidade Trinity College. É perto daqui. Vem com a gente!

— Eu acho melhor não, preciso descansar urgentemente.

— Mas nós queremos muito sua companhia. Não é mesmo, amiga? — perguntou Carolina, dando um cutucão em Lisa com seu cotovelo.

— Sim — disse Lisa com uma voz quase inaudível, desviando o olhar do rapaz. Ela pensou em como seria fácil e prazeroso torcer o pescoço de Carolina. Ela sabia que Lisa não queria se aproximar de Derek e, mesmo assim, colocava-a em situações complicadas.

— Já que a senhorita Lisa disse um sim tão animado e enérgico, fico sem graça em dizer não — provocou o rapaz.

Ele usava uma jaqueta de couro preta e botas da mesma cor, daquelas próprias para fazer caminhadas em trilhas. O jeans era de um azul-escuro.

— Por favor! — insistiu Carolina.

— Vamos logo, então. Antes que eu desista — disse ele, sério. — Serei o guia de vocês pelo jeito?

— Você já visitou a Irlanda antes, não é mesmo? Quando? — perguntou Carolina para Derek.

— Passei uma temporada trabalhando aqui no pub, como agora. Há mais ou menos um ano.

— Por quê? — questionou Carolina.

Com a pergunta da garota, feita em voz bem alta por sinal, Ethan se empertigou e aparentou estar incomodado por detrás do balcão. Logo, ele se pronunciou, interrompendo a resposta de Derek:

— Lisa, você poderia vir aqui no pub, amanhã, um pouco mais cedo do que o combinado? Pode ser lá pelas doze horas? Quero te levar para conhecer Bray e, para isso, temos que ir mais cedo, é um pouco distante de Dublin.

— Ethan, esse horário é quando começa o movimento mais pesado do dia. Você deixará alguém no seu lugar no caixa? Porque amanhã é a folga do Peter e só a Catriona vem trabalhar — lembrou Derek, olhando para a garota no caixa.

A irlandesa tinha os cabelos pintados de preto azulado, usava unhas postiças enormes e pontudas; seus olhos eram azuis e expressivos. Tinha um sorriso fácil.

— Quer fazer corpo mole! — acusou Ethan.

— Fora que é o primeiro dia que o novo chef vai assumir a cozinha sozinho. Esqueceu que tenho reunião com os fornecedores amanhã?

— Acho que deveria ficar na cozinha, quem sabe como ajudante do novo chef.

— Eu e você sabemos que eu não vim para cá para ser nenhum ajudante de cozinha, apesar de ser um trabalho bem digno!

— Não é da sua alçada conversar com fornecedores, eu faço isso, eu sou o dono disso aqui!

— O que pensa que está ganhando tendo essa atitude? — perguntou, irritado, Derek.

— Você está fazendo corpo mole. Lembre-se de que eu dou as ordens aqui. Você sabia disso

antes de ter vindo para cá — disse Ethan, nervoso.

Lisa percebeu que havia alguma coisa estranha acontecendo entre os dois rapazes, ela podia sentir a tensão e rivalidade no ar.

— Ethan, eu posso vir mais tarde, lá pelas quinze horas — tentou amenizar Lisa.

— Não, gatinha, amanhã a tarde é nossa. Afinal, de que adianta ser dono de um lugar, se é para deixar empregados dizerem o que você deve ou não fazer e que horas deve trabalhar? — disse ele, olhando para Derek, que se limitou a sustentar o olhar por alguns segundos.

Quando Ethan deu as costas para ele, Derek seguiu para fora do bar.

— Tchau, Ethan. Até amanhã — disse Lisa, indo também na direção da porta, no que foi seguida por Carolina.

Já na calçada na frente do bar, Carolina acelerou o passo para alcançar Derek, que dava passos largos e nervosos, e sem cerimônia perguntou:

— Você e Ethan estão brigados?

— Prefiro não comentar — disse ele, lançando um olhar gelado para Carolina.

— Tudo bem, não está mais aqui quem falou — disse, um pouco encabulada.

Lisa escutou a curta conversa entre os dois e ficou ainda mais intrigada com tudo. Questionou-se sobre o motivo de Derek ter saído de um bistrô requintado de Paris, com um chef que era seu amigo, para trabalhar por uma temporada em um pub, com quem ele não se dava muito bem.

Após poucos minutos andando, eles chegaram a uma enorme universidade; ao passar pelos portões, Lisa se deparou com uma vasta área, um arco central e prédios no entorno.

— Esse lugar é simplesmente fantástico! — disse Lisa.

— Essa é a principal universidade da Irlanda. E, em um desses prédios, tem a *Trinity College Library*, considerada por muitos a biblioteca mais deslumbrante do mundo.

— Biblioteca? — perguntou, animada, Lisa. — A gente pode ir lá primeiro?

— Por mim tudo bem — respondeu ele.

Os livros não tinham fim, eram prateleiras e mais prateleiras de obras diversas. Em destaque, estava um dos livros mais antigos do mundo, o *Livro de Kells*, manuscrito feito cerca de 800 anos antes de Cristo, por monges celtas.

Lisa havia se afastado um pouco da área onde as pessoas se aglomeravam para ver o livro famoso. Agora estava em um espaço mais reservado. Tentava encontrar alguma obra conhecida entre os muitos livros.

— Engraçado, eu já vi muitas garotas arregalarem os olhos diante de uma joia, marejarem os olhos em frente a um closet e pares de sapatos, mas seus olhos brilham quando você encontra livros! É isso mesmo? — perguntou Derek, curioso.

Lisa ficou surpresa por ele tê-la seguido até ali.

— Não vou negar, livros são o que eu mais gosto de comprar ou ganhar, são meus sonhos de consumo. E eu estou encantada com isso aqui, porque eu nunca vi tanto livro junto em um mesmo lugar.

— Dá para sentir essa sua fascinação.

— Ainda mais em um local como esse, com essas prateleiras altíssimas! Olhe as escadas necessárias para alcançar os livros do alto! Quantas histórias estão aqui? Chega a me assustar.

— Mas você prefere as histórias baseadas em fatos reais, digo os livros de história, que contam as trajetórias das civilizações, dos países, das guerras, ou você prefere ficções? — perguntou ele, especulativo.

— Acredito que aqui deva ter de tudo.

— Você não me respondeu. Qual dos dois?

— Eu prefiro ficção, com certeza.

— E, quando o assunto é você, quando o título do livro é o seu nome, isso, hipoteticamente,

quando as páginas contam a sua vida... O que você prefere? Realidade ou ficção? — perguntou ele, fitando-a intensamente, como que a provocando a responder.

Lisa chegou a perder o fôlego. Parecia que ele conseguia ir aos recantos profundos da sua alma com aquela pergunta, como se soubesse os motivos que a levaram a viajar, como se conhecesse a sua vontade de viver as histórias criadas ao invés da sua, de buscar as alegrias em vidas de papel.

Ela só ficou sabendo que tinha derramado algumas lágrimas quando sentiu o gosto salgado delas ao secar os lábios com a ponta da língua. Derek não perdeu o gesto dela, assim como ficou fascinado com seus olhos escuros, molhados, profundos.

Parecia que eles revelavam os segredos dela e até mesmo os dele. Era como se eles o avisassem da dor de Lisa e, mais do que isso, do quanto ela era fascinante em seu ordinário, em sua simplicidade. Ele já havia conhecido muitas garotas, chegara até mesmo a ficar noivo, mas nunca vira um olhar tão desnudado, tão revelador. E isso o perturbou.

Estava acostumado a criar muros e cercas, de tamanhos diversos diante do quanto as pessoas o afetariam e o que ele sentiria por elas, mas parecia que nenhuma dessas barreiras impedia um certo aperto do peito quando a via assim, tão exposta.

Aos poucos, Lisa voltou a perceber as coisas ao seu redor, olhou à sua direita e lembrou-se de que estava procurando alguns livros. Não sabia como isso tinha acontecido, se tinha sido ela ou ele que havia se aproximado, mas estava a um palmo dele.

— Acho que essa conversa tá muito alta, sei lá... muito espiritual ou algo do tipo — disse ela, um tanto confusa. — O que você está fazendo? — perguntou, quando sentiu os dedos dele na sua mão.

Ele não respondeu, apenas segurou a mão dela e levou até o seu rosto. Lisa sentiu nos dedos a aspereza da barba, chegou a sentir cócegas. Ela queria interromper o gesto, mas deixou sua mão ser guiada pela dele por alguns segundos. Depois, tentou retirar a mão, mas ele a puxou para os lábios e pousou leves beijos na palma dela.

— Gente! Vocês dois têm que se controlar mais. No próximo passeio turístico, coloquem uma fantasia de *leprechaun*, a figura mitológica do folclore irlandês, quem sabe chamam mais atenção. Que indecência! — disse Carolina, em um sussurro praticamente gritado, como se ela realmente respeitasse a necessidade do silêncio em uma biblioteca.

Lisa puxou com força a mão, dessa vez Derek não a impediu.

— Não tem nada de indecente, ninguém tava se pegando aqui, Carol. Deixa de ser exagerada.

— Esse é o problema! Era melhor ficar se pegando do que ficar se olhando como se fosse comer o outro, pega na mão, acaricia o rosto, toca na barba, aí ele beija a mão — disse Carolina fazendo mímicas.

— Colegas fazem isso, não tem nada demais — tentou se defender novamente Lisa.

— As pessoas estão acostumadas com cenas fortes. O que vocês fizeram parece coisa do século retrasado, por isso é que é estranho, tipo brega e antigo.

— Carolina, desculpe te decepcionar, mas, às vezes, o antigo volta a ficar na moda — disse Derek, afastando-se das duas garotas.

— Pensei que você estivesse interessada no Ethan, mas você está querendo os dois? — perguntou Carolina.

Lisa deixou a garota falando sozinha, como se não comandasse as próprias pernas, e foi até Derek. Ele estava de costas para ela agora, de frente para uma prateleira lendo os escritos na lateral de um livro azul.

— E você, me diga, como é a sua vida, ficção ou realidade? Não acho justo você sair dessa sem responder — disse ela, sem se conter.

— Realidade. Crua e nua. Racional demais, prático demais. Indiferente demais, a tudo, a mim também.

— Acho que somos os extremos. Eu fugindo da realidade, e você a abraçando e se envenenando por ela.

As costas dele se enrijeceram; Derek continuou olhando para a prateleira.

— Quem sabe a gente podia se ajudar? Se fundir e ver no que pode dar? — disse ele, logo se arrependendo de sua proposta, quando ela não respondeu de imediato.

Ele se virou para Lisa e viu o rosto delicado. O cabelo dela estava trançado e jogado para frente. Sentiu vontade de enfiar os dedos no meio dos nós da trança e desmanchá-la, deixar o cabelo dela em ondas serenas, como no dia em que a beijara, em Paris.

— Sei que não dá, desculpe ter tocado nesse assunto. Você veio aqui por causa de Ethan, e eu fico no caminho com esses meus comentários idiotas. Ele chegou primeiro, né? Ou melhor, eu cheguei, mas te tratei de forma rude, e ele não. Azar o meu.

— Não quero falar sobre isso!

— Apesar de ele ser um completo idiota... — continuou Derek. — Não sou de ficar no caminho de ninguém, mas eu me pego pensando naquele beijo e não consigo não querer aquilo de novo e de novo...

— Eu gostei também, mas não pode acontecer de novo. Eu não quero causar problemas entre você e o Ethan. Eu tô de passagem por aqui, vou embora logo. Isso não tem sentido, entende?

— Não se preocupe, não vou forçar a barra, vou me afastar, não era nem pra estar aqui hoje. — Derek respirou fundo. — Enfim, está claro que você e Ethan têm alguma coisa ou terão — continuou ele. — Eu sei quando devo me retirar — disse, afastando-se e saindo da biblioteca.

Gostou do que viu no espelho. Lisa havia escovado o cabelo com o secador de Carolina, usado todo o seu conhecimento em maquiagem — que não era muito grande — para realçar seu rosto, e o resultado foram lábios bem vermelhos, maçãs do rosto coradas e uma sombra que misturava cinza com azul-escuro. Achou a maquiagem um pouco forte para o dia, mas percebeu ao andar nas ruas que as irlandesas sempre andavam bem maquiadas, inclusive era bem comum cílios postiços e até mesmo usavam um spray no corpo e no rosto que as deixavam mais bronzeadas.

Lisa havia comprado uma calça estilo legging, mais parecia uma meia de tão fina, mas era muito usada na Irlanda. Ela combinou a calça com um vestido curto de mangas curtas e um novo casaco preto que havia comprado em uma promoção na tarde anterior. Usava botas pretas de cano baixo.

Ela não havia visto Derek desde a discussão na tarde do dia anterior na biblioteca, não o encontrara na casa, em nenhum momento.

Sabia que tinha grandes chances de ele estar no pub e de vê-la sair com Ethan, mas não se importava mais com isso. De fato, ficaria feliz que ele a visse sair com o irlandês. Achou que ele fora muito grosseiro com ela da última vez que se falaram.

Borrifou perfume atrás das orelhas e no pulso esquerdo, que esfregou no direito. Pegou sua bolsa vermelha inseparável e deu um último olhar no espelho. O que viu foi uma mulher interessante, moderna e enérgica.

— Tô gostando disso — disse, sorrindo para si mesma no espelho.

Ela adentrou o pub e viu apenas a garçonete atarefada, o espaço estava lotado, ao mesmo tempo em que a garota servia os clientes, também recolhia os pagamentos.

A funcionária parecia desesperada. Lisa acenou para a garota, que foi até ela.

— Oi, você é a amiga do Ethan, né? — disse a garota, lembrando-se de que Lisa esteve no pub na tarde do dia anterior. — Vai querer uma mesa? Só para você?

— Não, na verdade eu vim me encontrar com o Ethan. Você pode chamá-lo, por favor.

— Ele não veio ao pub hoje.

— Mas ele está chegando?

— Não sei, ele não atende o telefone.

— Será que aconteceu alguma coisa com ele?

— Provavelmente não. Isso acontece com frequência; ele vive sumindo. O problema é que estamos bem desfalcados hoje. Vai querer alguma coisa, enquanto espera?

— Uma água, por favor. Com gelo e limão.

— Ok, só um minuto. — A garçonete se afastou apressada. Lisa ficou com pena dela, parecia perdida.

Ouviu uma campainha de som agudo e leve. Olhou na direção da cozinha e viu que, na base de uma pequena janela, havia um balcão onde os pratos eram depositados e onde ficava a campainha. Ela pouco conseguia visualizar a parte interna da cozinha pelo pequeno buraco, mas conseguiu ver Derek lá dentro. Ele se movimentava de forma rápida.

Dois pratos com pedaços de lasanha fumegante estavam nessa base, entre a cozinha e o restaurante. A garçonete correu para pegá-los e levar para um casal que estava em uma mesa mais reservada ao fundo do pub.

Lisa recebeu sua água somente depois de quase dez minutos e o copo ainda veio sem gelo e sem o limão. Vendo a correria da garçonete, achou melhor não reclamar.

O celular chamou e chamou, mas Ethan não atendeu mais uma vez. Lisa já havia tomado duas águas e esperava há mais de 40 minutos, sentada. Derek a viu quando pressionava a campainha mais uma vez para anunciar à garçonete que uma porção de *onion rings*, um filé de peixe frito e batatas rústicas estavam prontos. Ele apenas a saudou com um simples aceno de cabeça e voltou ao trabalho.

Lisa percebeu que a garçonete tentava acalmar uma mulher que estava com uma criança de uns dez anos, que dizia a todo o momento para a mãe que estava com fome. A mulher reclamava da demora da comida.

Incomodada com aquela situação, Lisa tentava imaginar onde estaria Ethan e como ele pôde deixar o restaurante tão abandonado bem na hora do almoço. Ela chamou a garçonete.

— Mais um copo de água?

— Não, obrigada. Desculpe, mas não lembro o seu nome.

— Catriona.

— Catriona, eu sou Lisa. Percebo que você está ficando louca com esse movimento todo. Sou colega de Ethan, quer que eu te ajude? Tenho que esperar ele mesmo e não estou suportando ver como as coisas estão por aqui. As pessoas estão abandonando as mesas, indo embora.

— Eu agradeço a ajuda, mas quem deve estar mais desesperado que eu é o Derek. É muito pedido para alguém sozinho. Eu deveria ajudá-lo se Ethan ficasse aqui com os clientes. Na verdade, são quatro pessoas no mínimo que trabalham nesse horário, eu simplesmente não sei o que aconteceu.

— Poxa vida!

— Liguei hoje de manhã para o rapaz que estava escalado para trabalhar hoje, e ele disse que Ethan ligou no meio da madrugada bêbado dizendo para ele não ir trabalhar hoje, deu folga para ele. O mesmo aconteceu com o novo chef. Ele o demitiu por telefone, ontem à noite.

— Que estranho!

— Também achei. Nunca vi o pub nessa situação.

— Então você prefere que eu ajude na cozinha?

— Isto é, se você não se importar e realmente quiser ajudar. Você é amiga do Derek também, não é? Vi ontem vocês saírem juntos — disse Catriona.

— Nós não somos bem amigos, mas... se ele precisa de ajuda, eu vou lá. Você tem um avental e uma touca pra me emprestar?

— Só um minutinho — disse Catriona, que seguiu na direção do balcão, voltando com um

avental branco e uma touca de tecido cinza com finas listras brancas.

— Onde fica o banheiro? — perguntou Lisa.

— No fim desse pequeno corredor à direita.

— Perfeito! Obrigada, Catriona. Vamos ao trabalho!

— Trabalho é o que não falta por aqui hoje! — disse ela sorrindo.

Após ter arrumado os cabelos dentro da touca e colocado o avental, Lisa seguiu na direção da cozinha. Empurrou a porta e entrou. O que viu a deixou parada no lugar, petrificada.

Pratos sujos se acumulavam na pia. A mesa onde o chef montava os pratos estava repleta de alimentos e panelas. Três bocas do fogão estavam acesas sem ninguém comandando no momento. Ela simplesmente não sabia por onde começar. Levou um susto quando ouviu Derek falar com ela.

— Que roupa é essa? O que pensa que está fazendo?

— Vim te ajudar — disse ela, timidamente.

— Pensei que você já estivesse em Las Vegas para aqueles casamentos relâmpagos com o Ethan, só assim para explicar o sumiço daquele irresponsável. Cadê o desgraçado?

— Eu não sei onde ele está.

— Como ele fez isso comigo e com a pobre Catriona? Dispensou funcionários só para ferrar com a nossa vida! Eu só não quebro a cara dele porque é o irmão do Liam! — esbravejou.

— Vai querer minha ajuda ou não? — perguntou Lisa, sentindo-se desconfortável com aquela touca e com a agressividade das palavras de Derek.

— Pera aí, você tinha um encontro com ele, não? — perguntou ele estreitando os olhos, gesto que Lisa já havia detectado que repetia sempre. — Ele te deu bolo! — concluiu, dando uma risadinha mordaz.

— Não é da sua conta! — disse enfezada. — Você quer ajuda ou não? Porque eu posso não ter tido um encontro, mas tenho muito o que fazer. Mas se você acha que está arrasando nessa cozinha imunda eu posso ir embora — disse ela, ameaçando desamarrar o avental.

— Não! Eu preciso! Mas saiba que é um trabalho bem puxado, tem panelas gigantes e pesadas para lavar.

Com um suspiro cansado, Lisa pensou nas dores que estava tendo nos braços, desde a noite interior. No entanto, sentia que não podia deixá-lo sozinho, ainda mais depois de ter visto a situação da cozinha.

— Eu sou mais forte do que aparento. Estou em ótima forma — mentiu ela, erguendo os ombros instintivamente.

— Ótimo. Comece lavando alguns pratos, só tenho mais dois limpos, logo precisarei de mais.

— Tá — concordou Lisa, direcionando-se para a pia.

Calmamente, colocou detergente em uma esponja verde de formato estranho e começou a esfregar o prato. Olhou para Derek e o viu na frente do fogão, encarando-a.

— O que foi?

— Lisa, é um prato, não é um pássaro em extinção com a asa quebrada que você tá lavando. Agiliza, não precisa ter todo esse cuidado e lerdeza. Além do mais... — antes que ele terminasse de falar, uma chama de fogo gigantesca se alastrou para o alto.

— Socorro! Meu Deus! — gritou ela, largando o prato, que se espatifou no chão. Com o barulho, Derek a olhou como se ela fosse louca.

— Qual é o seu problema? Quer que todos os clientes venham aqui para te socorrer e vejam a cozinha assim? — perguntou ele, que, com apenas alguns movimentos na frigideira, fez a chama voltar ao normal.

— É que eu pensei que estivesse pegando fogo!

— Já ouviu falar em flambar? — questionou ele, dando uma risada alta.

— Lógico que já ouvi falar! Só nunca tinha visto algo ser... flambado. Não com uma chama tão alta assim!

— Bem, agora você já sabe como é — disse ele, voltando a fazer o movimento; dessa vez ela não gritou. — Lisa, por favor, você pode recolher os cacos maiores do prato que você quebrou? Não quero ver ninguém machucado na minha cozinha. Você se cortou?

— Não. Está tudo bem. — Ela se agachou e começou a catar os pedaços de vidro. Quando se levantou, olhou para a mesa e viu, surpresa, que Derek havia montado dois pratos, com as carnes que foram flambadas; vegetais eram o acompanhamento. Ela ficou impressionada com a agilidade do chef. Ele era uma máquina de cozinhar. Mesmo diante do caos ao seu redor, ele aparentava saber perfeitamente o que estava fazendo.

— Você disse que ia me ajudar, não que ia ficar parada com cacos de vidro na mão por tempo indeterminado.

— Lógico, chef! — disse Lisa, levando os cacos até o lixo. Ele riu da fala dela.

— Seu chefe é? Gostei disso.

— Não se anima não!

— Lisa, chega de conversa. Os pratos! Não tenho mais nenhum — disse ele, dando as costas para ela e retirando uma assadeira no forno.

— Pra já! — disse, correndo pra pia e lavando um prato o mais rápido que ela conseguiu. — Aqui está! — Ela entregou o prato molhado para ele.

— Que serviço nojento é esse? Tem a coragem de me entregar um prato molhado?

— Mas eu vou lavar mais agora. Você parecia apressado...

— Tá vendo aquela máquina do lado da pia?

— É óbvio que sim, o negócio parece um trambolho.

— Então, ela não é uma máquina do tempo, é apenas uma lavadora de louças e te entrega tudo sequinho também.

— Desse tamanho? Não sei mexer nesse troço. Na minha casa não tem lava-louça. E, mesmo que tivesse não seria desse tamanho, ia ocupar quase metade da cozinha.

— Me desculpe, eu que sou um idiota de achar que você conhece todos os equipamentos daqui. Afinal, é uma cozinha industrial, as coisas são um pouco diferentes — disse ele sincero, aproximando-se da pia, tirando rapidamente a sujeira mais grossa dos pratos com a esponja e os colocando na máquina. — Escuta, estou perdendo mais tempo tentando explicar as coisas para você do que ficando sozinho. São muitos detalhes, e eu não poderia te ensinar direito agora. Sei das suas boas intenções, mas não seria melhor você ajudar a Catriona? — perguntou ele.

Lisa sentiu-se de certa maneira rejeitada e ficou com o orgulho ferido. Queria mostrar que era capaz de ser ágil e ajudá-lo.

— Eu vou ficar aqui mesmo! — disse ela, pegando o prato da mão dele e colocando na lavadora, como o viu fazendo. Ele ia insistir no seu ponto, quando Catriona o chamou.

— Chef, dois peixes com fritas, um acompanha salada, e o outro, arroz — avisou a irlandesa.

— Ok! Obrigado, Catriona — disse ele, abrindo a porta de um armário branco e pegando uma frigideira. — Lisa, não ligue se eu gritar e falar impropérios. É normal para mim isso e nada contra você.

— Tudo bem! Eu assisto de vez em quando os reality shows de culinária. Tem um que o chef xinga bastante mesmo. É muita pressão, não é mesmo? — perguntou ela, feliz ao terminar de colocar todos os pratos na máquina.

Olhou ao redor à procura do sabão próprio para a lavadora. Achou várias bolinhas brancas encapadas com plástico transparente dentro de uma caixa. Ao abrir a caixa, alguns detergentes caíram dentro da máquina, por acidente. Lisa até deu uma procurada rápida nas bolinhas, mas, como estava com pressa, resolveu iniciar a lavagem mesmo assim.

— É só apertar aqui? — perguntou ela, apontando para um botão verde.

— Isso, Li — respondeu ele ao mesmo tempo em que apertava a campainha, para avisar Catriona que as sobremesas estavam prontas.

Lisa ficou surpresa dele a chamar apenas de “Li”. Era a primeira vez que isso acontecia, e ela não sabia bem se gostava ou não disso. Após ligar a máquina, lavou um guardanapo que estava largado na pia, sujo. E, com ele, começou a limpar a mesa onde ele montava os pratos.

— É disso que eu gosto, iniciativa — elogiou ele.

— Dois sanduíches de frango com cheddar, um com alface e tomate, o outro só com pickles — avisou Catriona.

— Ok! — disse o chef.

— Por que ela não anota em um papel para você os pedidos? Como vai lembrar tudo? — perguntou, curiosa.

— Eu gosto de exercitar minha memória. Prefiro assim do que um amontoado de papéis.

Toda a mesa já havia sido limpa, assim como produtos em cima da pia tinham sido guardados na geladeira e nos armários, quando Lisa resolveu checar se a louça já estava lavada.

Derek estava precisando urgentemente de pratos, e Lisa correu animada para abrir a máquina; quando escancarou a porta da lavadora, quase desfaleceu, uma nuvem de espuma cobria todos os pratos e escorregava para dentro da pia e pelo chão da cozinha.

— Que merda é essa, Lisa? — bradou Derek, inconformado com a quantidade de espuma escorrendo pelo chão da cozinha.

— Perdão, chef — disse ela, tentando colocar parte da espuma de volta na máquina com as mãos.

Ele se aproximou da pia para tentar fechar a máquina e cessar a queda da espuma. No que ele levemente encostou em Lisa, ela perdeu o equilíbrio e patinou no chão ensopado.

— Ai, meu Deus! — disse ela em português, segurando-se no avental de Derek para não cair. Com o gesto, ele se desequilibrou e foi ao chão com um baque forte. Lisa, a tempo, conseguiu segurar na borda da pia e não chegou a cair.

— Que porra! Você está querendo me matar? — perguntou Derek, tentando se levantar. — Garota, você é um perigo!

— Não me chame de garota! — disse Lisa, ainda agarrada na pia.

Eles estavam sentados no chão da cozinha, ela encostada na geladeira e com as pernas esticadas; no colo, estava um prato com restos de um risoto de queijo que Derek lhe preparara, quando não havia mais clientes para atender.

Com as costas apoiadas no armário da pia e as pernas dobradas, ele tomava uma cerveja e comia iscas de peixe empanadas fritas. Comeram em silêncio, cansados para fazer qualquer coisa que não fosse levar comida à boca.

Do nada, Derek começou a rir, no começo era um riso leve, que foi crescendo até ficar incontrolável. Ela não sabia o motivo, mas vê-lo rindo daquela maneira tão livre a fez começar a rir também.

Após algum tempo, ela conseguiu se controlar.

— Do que a gente tá rindo mesmo? — perguntou, enxugando lágrimas dos olhos. Com o comentário, ele riu mais alto.

— Lisa... — ele interrompeu a fala e respirou fundo, tentando se controlar. — O que você pensou que aconteceria jogando um monte de detergente dentro de uma máquina? Cara, eu nunca vi tanto sabão na minha vida. Você quase acabou com a cozinha!

— Mas eu sequei tudo! E aquelas bolinhas caíram sem querer, não sabia que iriam causar tanto

problema. E, na verdade, te ver caindo de bunda foi bem engraçado — disse ela, voltando a rir.

— Pois eu devia dar umas palmadas no seu traseiro para ficar tão dolorido quanto o meu.

— Você não se atreveria!

— Não, não me atreveria. Palmadas para mim, só entre quatro paredes, de leve, valendo para ambas as partes, desde que prazerosa e, lógico, consensual.

— Eu não preciso saber das suas preferências sexuais, me poupe.

— Aposto que imaginou a cena na sua cabeça — disse ele.

— Volte a rir que estava mais interessante do que suas ideias idiotas.

— Falando sério, Lisa, muito obrigado por me ajudar. Depois que você quase imaginou que eu coloquei fogo na cozinha, gritou por socorro, quebrou o prato, alagou o pub, me fez cair no chão, finalmente, você passou a agir como uma pessoa normal e lavou panelas gigantescas, frigideiras queimadas, pratos nojentos e até cortou cebola sem chorar. Você é um espetáculo.

— Eu sabia que viveria para ouvir você falar isso.

— Sobremesa? — ofereceu.

— Por favor.

— O que você quer? — perguntou ele, levantando-se com custo do chão.

— O que você tem?

— Tudo aquilo que você me viu montando em pratos de sobremesas nas últimas horas.

— Na verdade, eu gostaria de algo mais leve, nada de tortas, bolos, pudins ou sorvetes. Tem frutas com alguma cobertura ou algo do tipo?

— Vou ver o que posso fazer por você — disse ele, abrindo a porta da geladeira.

Lisa aproveitou para checar se seu celular tinha ligações de Carolina e de Ethan. Visualizou o horário que ele havia ligado e constatou que havia sido há trinta minutos. Sentiu vontade de ligar e falar um monte para ele.

— Gosta de manga, abacaxi e morango? — perguntou Derek.

— Lógico! — respondeu ela, antes de voltar a pensar nas atitudes de Ethan. Não somente por tê-la deixado esperando, assim como a vez que não fora buscá-la no aeroporto, mas principalmente por permitir que seus funcionários trabalhassem em condições precárias.

Tentando esquecer as atitudes do irlandês, resolveu mandar mensagem de voz pelo celular para Carolina.

— Oi, Ca. Respondendo a sua pergunta, não houve encontro. Te explico depois. Podemos nos encontrar daqui a vinte minutos. Pode ser na frente do St. Stephen's Green Park.

— Aqui está sua sobremesa, Li — disse Derek, sentando-se perto dela e entregando uma taça com frutas, cobertas com chantilly e raspas de chocolate.

— Nossa, você leu minha mente. Era tudo o que eu precisava. — Ela começou a comer o chantilly.

A taça estava perto do rosto dela. Após alguns segundos, ela viu, de canto de olho, que Derek olhava fixamente para a taça.

— O que tá planejando? — perguntou ela, desconfiada.

— O quê? Tá imaginando que eu vou jogar chantilly na sua cara? Que eu seria capaz dessa brincadeira idiota? Isso só acontece em filmes bobos de romance, com palhaços em circos ou programas de televisão antigos de perguntas e respostas.

— Confesso que, quando vi você olhando para o chantilly, isso me passou pela cabeça, mas é tão clichê, né?

— Totalmente, e eu fujo de clichês.

— Que bom!

— Apesar de que hoje o dia foi bem atípico. Acho que posso não ser tão

adorável e racional como sempre, né?

— O que quer dizer?

— Que detestar clichês não te impede de cometê-los, quando estritamente necessário — disse ele, empurrando de leve a taça ao ponto do chantilly borrar o nariz dela.

— Cara de pau! — reclamou ela, limpando o creme com as costas da mão direita.

— Você mereceu, por todos os danos psicológicos e físicos que me fez passar essa tarde!

— Assim como você merece o que vou fazer com você — disse ela enfiando alguns dedos na taça e esfregando na cara dele o creme branco.

— Que delícia! — disse Derek passando a língua em um pouco do doce que estava no canto da sua boca.

— Você é muito imbecil!

— E, para ficar mais clichê, podia rolar um beijo. É o que acontece depois de morangos e chantilly — disse ele, ficando sério e a encarando.

Lisa rapidamente concluiu que realmente tinha vontade de beijá-lo, mas olhou ao redor e lembrou-se de que estava na cozinha do restaurante de Ethan e, além do mais, as coisas estavam ficando complicadas. Cada vez mais, ia se sentindo perigosamente confortável ao lado de Derek.

— Acho que é muito clichê para um dia só. E, além do mais, eu tenho que ir embora, chef — disse ela, abaixando a cabeça. Eles ficaram alguns segundos sem nada dizer. Ele falou primeiro.

— Bem, obrigado pela ajuda — disse ele, levantou-se com um pulo e estendeu a mão para ajudá-la a se levantar.

Os dois ficaram frente a frente, em pé na cozinha. Ela, meio sem jeito, agachou-se para pegar a taça da sobremesa que estava quase vazia no chão e a colocou em cima da pia.

— A gente se vê em casa à noite, acho — disse ela indo em direção à porta.

— Ele te deixou esperando, nem deu notícias. Você acha que ele é o cara certo pra você? — perguntou ele, quando Lisa estava para sair da cozinha.

— Olha quem fala... E você, por um acaso, pode ser o cara certo pra mim? — perguntou ela, saindo da cozinha antes de ouvir qualquer resposta.

Quando já se despedia de Catriona, ele sussurrou:

— Talvez eu possa.

A rua estava quase deserta, Lisa havia se sentado na calçada, em frente ao casarão onde estava hospedada. O que a deixava intrigada era que Derek morava na mesma casa que ela, e ela não o via há dias. Suspeitava que ele a estava evitando.

Já Ethan havia ligado para ela pedindo desculpas, disse que não tinha se sentido bem e tinha ido parar no hospital, que jamais teve a intenção de não ir ao encontro. Lisa sentiu que alguma coisa estava estranha na história, que ele não falava a verdade, mas se limitou a dizer que desejava que ele ficasse bem.

Por fim, Ethan a chamou para jantar, mas Lisa disse que não poderia, que iria sair com Carolina. Não estava a fim de vê-lo; depois da aproximação de Derek, era como se o irlandês tivesse perdido um pouco o encanto. Além do mais, estava cansada de homens que marcavam com ela e simplesmente desapareciam, como o antigo namorado Raul.

Era sexta-feira e, no início da manhã, Carolina a acordou para ir com ela e Rafael visitar os Cliffs of Moher, um conjunto de penhascos que se estendiam por oito quilômetros. Eles iriam pernoitar na cidade de Galway. O brasileiro havia chegado em Dublin na quinta-feira à noite e ficaria até o próximo domingo.

Lisa não estava se sentindo bem e disse que ficaria em casa, comunicado que não foi recebido sem vasto protesto de Carolina. Desde que havia ajudado Derek na cozinha, as dores no corpo não

abandonavam Lisa, e os remédios pareciam que não estavam fazendo o mesmo efeito de antes. Ela se recriminou por ficar fazendo esforço desnecessário como se sua saúde estivesse perfeita, o que não era o caso. Estava pagando caro por ter feito trabalho pesado. Além das dores, não estava conseguindo dormir direito e sentia fadiga. Questionou-se se a doença estava ativa em seu corpo.

Avistou na esquina um rapaz andando ao lado de uma garota e um cachorro. Lisa notou que o rapaz tinha o porte de Derek. Um barulho a fez olhar para a outra direção da rua. Era um grito de alegria de um menino aparentando ter uns cinco anos de idade; ele saía de casa em uma pequena bicicleta enquanto seu pai segurava a parte de trás do assento para ele não cair.

— Oi. É Lisa, né? — disse uma voz melodiosa.

Lisa, que estava sentada no chão, olhou para o alto e se deparou com a francesa Carmem. Não a via desde a reunião na casa de Rafael, em Paris.

— Isso, Lisa. Carmem, o que faz na Irlanda? — perguntou ela, surpresa, levantando-se e sorrindo para a garota. Viu que atrás dela estava um rapaz.

— Tudo bem, Lisa? — disse uma voz conhecida.

Ela deu um passo para a direita e conseguiu visualizar o rosto suado de Derek. Percebeu que o casal que ela vira no final da rua era na verdade Carmem e Derek. Ele estava com roupa de corrida. Sua camiseta cinza-clara estava toda molhada de suor e os fios soltos de seu cabelo grudavam em seu rosto. Ele segurava um cachorro pela coleira.

— Oi, Derek — respondeu. — Esse cachorro é seu? — perguntou, dirigindo-se a Carmem. Estava confusa e com algum outro sentimento que não conseguiu identificar direito. Perguntou-se sobre o motivo de Derek estar correndo com Carmem.

— Cachorra, na verdade. Ela é da Alana, estou hospedada na casa dela. Ficarei por aqui mais alguns dias, vim para o aniversário de Liam, que será no sábado em um pub. Vim no mesmo voo do Rafael — explicou Carmem, afagando o pescoço peludo do animal.

— Certo. Então estavam correndo... — disse Lisa, olhando para Carmem e percebendo o corpo alto e esguio.

Ela estava com uma calça de lycra preta e uma blusa de moletom amarela. O cabelo loiro escuro estava preso em um rabo de cavalo, o que mostrava o pescoço longo de Carmem. Lisa se sentiu um pouco envergonhada com seu conjunto de moletom azul largo um tanto que desbotado.

— Eu e Derek temos muitos pontos em comum, cuidar da saúde é um deles.

— Bom pra vocês! O dia está lindo para correr, ainda mais com esse cachorro forte! — Lisa se aproximou para dar um afago no pastor alemão, mas, antes de tocá-lo, o animal começou a latir e a rosnar para ela.

— Nossa! — disse Lisa, afastando-se, assustada.

— Corren, quieta!

Com o comando, a cachorra abaixou a cabeça e parou de latir.

— Que estranho, ela é dócil com todo mundo! Talvez ela tenha sentido alguma energia diferente — disse a garota, analisando Lisa de forma nada discreta.

Lisa arregalou os olhos, desacreditando que Carmem estivesse examinando sua energia ou algo do tipo. Tentou entender se a garota estava insinuando que a energia dela não era boa. Antes que pensasse em algo para responder, Derek fez uma pergunta para ela:

— Rafael me falou que você iria viajar hoje. O que aconteceu?

— Eu não estou no pique de fazer longas viagens, não me sentia muito bem. Preferi ficar na cama — explicou Lisa.

— Mas você está bem agora? — perguntou ele, mostrando preocupação. — Trabalhar em cozinha pode deixar a pessoa desconjuntada por alguns dias — completou.

— É, acho que desconjuntada é a palavra. Pensei que você estivesse trabalhando.

— Na verdade, eu não estou mais trabalhando no pub desde aquele dia em que você esteve lá. Não sou obrigado a lidar com as criancices do Ethan.

— Eu não sabia. Sinto muito.

— Não sinta, estou bem melhor assim. Resolvi ficar mais alguns dias por aqui para resolver assuntos pessoais.

— Vai ficar, então? — perguntou Lisa, colocando as mãos nos bolsos e sentindo um certo aperto na boca do estômago, que não era ocasionado pelas fortes doses de remédios.

— Por alguns dias. E você, quando volta para o Brasil?

— Ficarei mais de um mês por aqui. Só sei que vou visitar Londres daqui a quatro dias. Já comprei a passagem e pretendo ficar uma semana.

— Londres? E você vai com quem? — disse ele, erguendo um pouco o rosto para encará-la.

— Vou sozinha.

— Eu morei alguns meses em Londres, eu conheço bem a área. Se você quiser, eu...

— Será que a gente pode entrar e tomar uma água, Derek? — perguntou Carmem, interrompendo a conversa.

— Agora?

— Corri muito, preciso me recompor, me hidratar. E você também! — disse Carmem, pegando-o pelo braço.

Derek soltou a corrente que estava no pescoço da cachorra e a libertou para que adentrasse o jardim da casa.

Carmem puxou Derek em direção à porta de entrada, e Lisa ficou sem saber se ele estava se oferecendo para acompanhá-la na viagem para Londres. Imaginou que havia entendido errado o que ele falara.

— Você não vai entrar, Lisa? — perguntou ele, depois de ter aberto a porta.

— Não. Na verdade, acho que vou andar um pouco.

— Sei... — Ele a olhou, intrigado, e depois atravessou a porta.

Lisa detectou o que sentia. Era nítido. Ciúme, daquele bem afiado, cortante e intenso. Já havia sentido ciúme do antigo namorado, mas era diferente, era mais preocupação de ficar sozinha do que pelo que ele representava para ela.

Nesse caso, era o ciúme na sua essência, de não estar no lugar de Carmem. Não ter a companhia dele. Ela não era prioridade em nenhum sentido para ele, apenas a garota do retroprojeto que ele havia beijado em uma festa. Toda a percepção de que ele a afetava mais do que imaginava deixou Lisa confusa.

Depois de menos de cinco minutos andando, Lisa teve que parar. Sentia-se sem energia, a cabeça começava a latejar. Viu, ao longe, um campo gramado, com alguns bancos e um parquinho para crianças. Foi até lá e sentou-se em um dos assentos.

O menino que ela havia visto tentando andar de bicicleta, na rua da sua hospedaria, pedalava sozinho no parque, aos olhos orgulhosos do pai.

— Ele está andando sozinho! — celebrou ela, olhando o cabelo loiro do garoto todo bagunçado pelo vento, suas bochechas estavam rosadas e as pequenas mãos roliças seguravam o guidão com força. Ele parou na frente dela.

— Eu sei andar de bicicleta! — disse o garotinho, escancarando um sorriso e revelando a falta de vários dentes.

— Que legal! Parabéns! Você é um menino muito inteligente — incentivou Lisa, batendo palmas para ele que, orgulhoso, voltou a pedalar, não sem certa dificuldade.

— Papai, papai — gritava o garoto, indo em direção a um homem com cabelos negros e olhos

azuis como os do garoto. — A moça falou que eu sou inteligente — disse ele parando a bicicleta, jogando-a na grama e correndo para os braços do pai.

Os dois se entrelaçaram, Lisa sorriu com o abraço, percebeu o quanto o menino era amado. E, então, sentiu-se só. Sentiu falta de abraços longos, de simplesmente ser acalentada, de alguém que a envolvesse e dissesse que tudo ficaria bem, mesmo sem ter certeza disso.

Nunca teve muito desses abraços. A pessoa que mais sabia como dar esses abraços curativos era a sua falecida avó. Ela dizia que tudo poderia ser sanado com um abraço de 40 segundos.

Quando era pequena e chorava por algo, Lisa recebia um abraço apertado da avó, que contava até 40. E, quando a soltava, Lisa já estava rindo.

— Eu não tenho mais seu abraço — lamentou ela, lembrando-se da avó, a principal responsável por ela estar viajando e sentada em um banco de pedra em um parque com um garotinho que aprendeu a pedalar.

Os olhos começaram a ficar úmidos, e ela sentiu lágrimas quentes rolarem. Secou-as rapidamente e levantou-se. Nos últimos dois dias, estava muito sensível. Estava pensando muito na avó e, com as dores aumentando, na sua doença.

Olhou para o lado direito e viu o menino no chão, ele havia caído de bicicleta, um de seus cotovelos sangrava.

— Falhar nunca é bom, não é mesmo? O problema é que isso não muda quando a gente cresce — disse ela para o menino, mesmo sabendo que ele não a escutaria.

Depois do curto passeio, Lisa resolveu voltar para a casa onde estava hospedada. Não encontrou ninguém na sala e, quando estava para entrar na cozinha, viu Derek de frente para o fogão e de costas para ela. Carmem fazia movimentos circulares nas costas dele, depois passou a massagear seu pescoço com os polegares.

— Você tá muito tenso, precisa sair um pouco da cozinha e aprender a relaxar, a relaxar de verdade.

— Mas cozinhar me relaxa — respondeu ele.

Nesse momento, Chun, uma estudante chinesa, de 25 anos, que morava há quatro meses na casa, abriu a porta da frente de forma ruidosa. Nisso, Carmem se virou e viu Lisa na porta da cozinha.

— Mas já voltou da sua caminhada?

— Oi, Chun! Como foi a escola? — saudou Lisa, fingindo que não havia escutado Carmem.

— Foi tudo bem. E você, não foi viajar? — perguntou a moça, passando a mão nos cabelos curtos pretos.

— Ela está um pouco cansada — respondeu Derek, no lugar de Lisa. — Pra animar um pouco a vida dela, estou fazendo o seu prato preferido — comunicou Derek.

— Não me lembro de ter falado pra você qual é o meu prato preferido — disse Lisa, de forma ríspida.

— Você nunca me falou, mas para a Carolina sim, e eu perguntei pra ela, que me afirmou que você gosta de salmão ao molho de maracujá.

Lisa sentiu vontade de falar algo bem grosseiro para ele, mas não tinha ideia do quê. Ao olhar para a iguaria no fogão, além de sentir desejo, sentiu repulsa. Seu estômago se revirou.

— Obrigada pela gentileza — forçou-se a agradecer. — Mas eu não sei se é uma boa ideia...

— Não acredito que você vai recusar, Lisa! — disse Chun. — Ele nunca fez o meu prato predileto, e eu já falei pra ele mil vezes o que quero comer — reclamou.

— Chun, eu juro que, antes de eu ir embora, faço uma lasanha quatro queijos pra você — disse ele, arrancando um sorriso da chinesa.

— Vou cobrar! — rebateu ela.

— O Derek já fez o meu prato preferido, em Paris. Eu garanto a qualidade do produto — disse Carmem, alisando o braço desnudo do cozinheiro.

Lisa se esforçou para não revirar os olhos com o comportamento de Carmem. Não estava com paciência para aturar a afetação da garota. Estava sem apetite, até mesmo para qualquer salmão.

— Derek, eu agradeço o seu gesto, mesmo, mas eu não estou me sentindo bem. Se não se importar, você poderia deixar um vasilhame na geladeira com um pouco da comida? Eu prometo que como mais tarde. Desculpe — disse ela, subindo as escadas e indo para o seu quarto.

CAPÍTULO 9

Abrços de 40 segundos

Ainda estava vestida com o moletom largo que havia colocado depois que tirou o pijama de manhã. Havia dormido muito e perdido a noção do tempo, não sabia se era dia ou noite. As janelas estavam fechadas, e Lisa começou a sentir calafrios.

A garganta também estava ardendo, ela suspeitava que estava inflamada. O corpo todo doía. Estava com medo de se medicar mais, já estava perdendo o controle de quanto medicamento havia ingerido. A provável gripe estava se misturando com os sintomas da lúpus? — questionava-se, nos poucos momentos de lucidez.

Ouviu ao longe o som de batidas na porta. Seria no quarto do lado ou na casa do lado? A febre se espalhava, e ela estava perdendo um pouco os sentidos, não sabia o que era sonho ou não. Ouviu batidas na porta novamente, tentou se levantar, mas o corpo não respondia.

As forças haviam se extinguido, e as dores eram intensas. Tentou gritar e perguntar quem era, mas a voz não saía. Ela lembrou que havia trancado a porta.

A incapacidade de levantar ou fazer alguma coisa a deixou apavorada. Seria isso o que a esperava? Se sentiria assim todos os dias? Pensou até mesmo na morte. Esses sintomas a levariam a perder a vida?

O último som que escutou foi bem mais alto que os demais. Segundos após o barulho, sentiu que alguém a tocava.

— Lisa! Lisa! — alguém a chamava, virou o rosto e vislumbrou Derek, que havia sentado na cama e a tocava no rosto.

— Me deixa em paz! Não tô a fim de falar com você — conseguiu falar com a voz rouca e falhada.

— Meu Deus! Você está ardendo em febre.

— Eu estou bem, preciso só descansar.

— Você está descansando desde a hora do almoço. Já passou das dez horas da noite! E você está aqui trancada, sem comida e febril. Por que não pediu por ajuda? Qual é o seu problema? — perguntou ele, contorcendo o rosto e formando vincos na testa.

— Para de gritar comigo! — tentou falar alto, mas o máximo que conseguiu foi deixar a voz audível.

— Garota irritante! — disse ele, ao tentar tirar as roupas molhadas de Lisa. Passou a blusa de moletom e a camiseta dela de uma vez pela sua cabeça.

Imediatamente, Lisa sentiu a pele fria, colocou as mãos na barriga para se proteger da visão dele. Percebeu que estava com a pele úmida.

— Suas roupas estão ensopadas, nunca vi isso. Chain! — chamou ele.

— Estou aqui!

— Molhe uma toalha na pia do banheiro e traga aqui!

— Sim, senhor.

— Senhor? Era só o que me faltava agora! — reclamou.

— Quer dizer, sim, Derek! — A chinesa correu para dentro do pequeno banheiro que havia no quarto de Lisa.

— Acho melhor a gente levar você no médico — cogitou Derek.

— Eu não vou! Eu já tomei os remédios que precisava. Estou suando porque os medicamentos que tomei devem estar fazendo efeito. Eu não vou em médico algum — protestou.

Lisa havia ingerido remédio composto de sulfato de hidroxicloroquina, que servia para prevenir crises de lúpus. Também tomava os demais medicamentos receitados pela médica, desde que havia deixado o Brasil. Há algumas horas, ingerira dipirona para as dores e também omeprazol, quando seu estômago passou a doer insuportavelmente.

Não entendia por que estava tão mal, sempre seguiu as prescrições da médica e também nunca deixava de tomar a vitamina D, já que evitava tomar sol para evitar manchas vermelhas na pele.

— Sua cabeça de vento teimosa! — disse Derek, passando os dedos no cabelo exasperado. Chain chegou com a toalha e entregou para ele. — Obrigado — agradeceu. — Chain, procura na internet o que a gente faz quando a pessoa está com febre.

— Em inglês ou chinês? — perguntou ela, confusa.

— E que diferença isso vai fazer, Chain? Sendo uma língua que você entende, já tá bom! — disse ele, nervoso. — Na verdade, deixe que eu procuro, me empresta seu celular, o meu tá no meu quarto — pediu ele. — Pega essa toalha e seca a Lisa, o rosto e o corpo.

— Ela está com muita dor! — falou Chain, ao olhar assustada para o rosto contorcido de Lisa.

— Eu sei! — disse ele, digitando no celular. — Chain tira a calça dela, tá toda ensopada, também. Depois, cubra-a só com um lençol limpo.

— Pode deixar.

Após rápida pesquisa, Derek foi encher a banheira e preparar um banho fresco para Lisa, como explicava em um site que dava dicas caseiras de como abaixar febre.

Ao abrir a torneira da banheira, Derek deixou escapar um suspiro. Depois, sentou-se em um banco que havia no pequeno espaço e apoiou a cabeça nas mãos. Culpava-se por não ter procurado Lisa antes.

Depois de levar Carmem na casa de Alana, voltou e conversou na sala com os outros moradores da hospedaria, ficou na esperança de encontrar Lisa. Havia se mantido afastado nos últimos dias, achando que ela estava se encontrando com Ethan. No entanto, na noite anterior, perguntou para Rafael, que havia chegado de Paris e também havia alugado um quarto na mesma casa que ele estava, se Lisa estava com o irlandês. Para sua surpresa, o amigo disse que Carolina comentou que Lisa tinha se recusado a sair com Ethan e estava chateada com o comportamento do rapaz.

A informação o fez adquirir uma animação que há tempos não sentia. Resolveu se reaproximar da garota que não tinha nada a ver com ele, enervava-o, mas que constantemente era lembrada por ele.

Derek recordou que, depois de ter recusado sua comida, Lisa não tinha aparecido em nenhum momento nas áreas comuns da casa, e ele achou que ela poderia ter saído. Pegou o carro e foi no centro da cidade encontrar um amigo para um café, um escocês que havia estudado com ele na época do colégio e havia se mudado há alguns anos para Dublin.

Quando voltou do encontro e abriu a geladeira, reparou que o vasilhame com a comida separada para Lisa não havia sido tocado e já era tarde.

Derek havia perguntado para Chain, que assistia TV na sala, se tinha notícias de Lisa, se sabia

se ela estava se sentindo melhor. A chinesa comentou que não viu a brasileira sair do quarto em nenhum momento. Derek resolveu esquentar a comida para Lisa; colocou em uma bandeja e foi ao quarto dela. Chain o acompanhou.

Bateu na porta, mas ninguém abriu. Chain ligou para o telefone de Lisa, que tocou no quarto, contudo, não foi atendido. Derek bateu na porta novamente, chamou por Lisa, mas não obteve resposta. Preocupado, não teve outra escolha a não ser arrombar a porta e vê-la naquela situação, delirando. A cena o fez sentir raiva de si mesmo.

— Por que você não percebeu que algo estava errado? — questionou-se, dando um soco na própria coxa direita. Lembrou que Rafael e Carolina só voltariam no sábado, ou seja, Lisa poderia ter dormido a noite toda sozinha, sem ajuda.

— Ela parou de falar coisas sem nexos, parece que está se sentindo melhor — disse Chain, entrando no banheiro.

— Ótimo — disse ele, levantando-se e seguindo para o quarto.

Puxou bruscamente todo o lençol e descobriu Lisa. Passou um braço embaixo de seus joelhos e o outro embaixo da cabeça. Lisa pensou em protestar, mas havia percebido que realmente precisava de ajuda.

Ele a carregou com o rosto impassível para a banheira. Primeiro, soltou as pernas dela na água morna e, apenas com o braço em suas costas, ajudou-a a deitar-se.

Ao mergulhar na banheira, Lisa sentiu imediatamente o corpo relaxar, foi como um alívio diante de tanta dor. Ficou alguns segundos com os olhos fechados, quando se lembrou de que não estava sozinha. Abriu os olhos e viu Derek e Chain a encarando.

— Gente, obrigada, mas eu poderia ter um pouco de privacidade?

— Claro — disse Chain, preparando-se para sair.

— Não, não pode — respondeu Derek. — Chain, fique aqui, ela pode perder a consciência ou, sei lá, ter alguma convulsão. Você precisa ficar de olho nela, que é pior que criança ranhenta.

— Sim, senhor. Eu...

— Chain, se me chamar de senhor mais uma vez, te joga nessa banheira. Você duas podem treinar nado sincronizado em dupla!

— Sim, senh... Derek!

— Bem melhor, eu vou fazer alguma coisa para ela comer. Conte no relógio quinze minutos, depois ajude ela a sair e se secar. Se não conseguir, vá me chamar.

— Pode deixar — respondeu obedientemente Chain, que se sentou no pequeno banquinho do banheiro.

Lisa ficou abismada como ele se sentia confortável em dar ordens, como se estivesse em uma cozinha, não estava acostumado a não ser obedecido.

Resolveu deixar para pensar que ele a viu só de roupas de baixo em outro momento. Queria tentar aproveitar as sensações que a água morna causava em seu corpo.

Lisa havia cochilado na banheira, acordou com Chain a cutucando no ombro.

— Acorda, você tem que sair, a água já tá fria — disse Chain.

— Tá bom — respondeu Lisa, que tentou levantar, mas encontrou dificuldades. Chegou a ficar de joelhos dentro da banheira, mas não tinha forças nas pernas para se levantar mais do que isso. Para piorar a situação, Chain tinha um corpo franzino e não podia ajudar muito.

— Espera — disse Chain. — A água da banheira molhou grande parte do chão. É perigoso a gente escorregar. É melhor chamar o Derek.

— Não, não faça isso!

— Lisa, me desculpe, mas é para o seu bem — disse a garota, saindo do banheiro.

— Droga!

Lisa olhou nervosa para seu corpo. Respirou aliviada. Ao menos estava com uma calcinha e sutiã decente, sem nenhum rasgo. Tudo bem que não eram um conjunto, mas ao menos combinavam, a calcinha era listrada de branco e preto e o sutiã era branco.

Sentiu-se satisfeita com o próprio corpo. Não tinha muitas curvas como geralmente muitos estrangeiros esperavam de uma brasileira, com base em imagens de modelos que nem sempre representam toda a diversidade da beleza das mulheres do Brasil, mas também não se poderia dizer que ela tinha pouco busto ou quadril. Como havia perdido alguns quilos nas últimas semanas, a barriga estava mais seca do que costumava ser. Após uns dois minutos, ouviu barulho de passos se aproximando.

Derek entrou pela porta do banheiro e parou, Chain veio atrás dele correndo e esbarrou em suas costas, fazendo com que ele se precipitasse para a frente.

— Chain, pegue uma toalha bem grande, aqui só vejo uma toalha de rosto — disse ele, ignorando o acidente com a chinesa.

— Tem uma seca na mala embaixo da cama — avisou Lisa para a garota, que foi rapidamente cumprir a tarefa.

— Já está falando! Bom sinal. — Lisa não respondeu ao comentário dele, apenas olhou para a sua face quadrada; percebeu que ele havia feito a barba recentemente. O rosto estava liso, e ele tinha perdido grande parte do ar de ferocidade, chegava a parecer bem mais jovem do que antes. — O que foi? Tá com vergonha de eu te ver sem roupa?

— Eu não estou nua.

— Se faz você se sentir melhor, fiquei muito satisfeito com o pouco que vi.

— Não estou preocupada com a sua aprovação.

— Será que não? — perguntou ele, piscando para ela.

— Com certeza não — mentiu.

— Achei — disse Chain, entrando tempestuosamente no banheiro e entregando a toalha para Derek.

— Vamos parar de papo e ir para a ação. Levante os braços — pediu ele para Lisa, que logo obedeceu.

Ele a ajudou a ficar em pé, enrolou-a na toalha e a pegou no colo. Levou Lisa direto para o quarto e a sentou em uma poltrona azul, de couro sintético, que ficava encostada na parede.

— Chain, ajude ela a se secar e a se vestir, e eu vou terminar minha sopa, por favor — pediu Derek.

A febre parecia que tinha abaixado um pouco, agora Lisa sentia uma fome e sede muito grande. Estava encostada na poltrona com o pijama que havia comprado com Carolina no centro da cidade. Seu cabelo estava todo penteado para trás.

Chain estava trocando a roupa de cama de Lisa, que ainda estava molhada, quando Derek chegou segurando uma bandeja.

— Por que será que te ver vestindo um pijama com esse sapo rosa horrendo não me surpreende?

— Eu estou mal, não tá vendo? Podia tentar ser um pouco mais legal.

— Pensei que já tivesse notado que estou tentando. Fiz até essa sopa de legumes pra você, receita da minha avô.

— Nossa! Tá com uma cara boa. Obrigada! — disse Lisa, olhando o líquido pastoso no prato fundo.

— Tava muito quente, então deixei esfriar um pouco. Também tem suco de laranja morno, que esquentei no micro-ondas, ao menos na internet diz que ajuda a baixar a febre.

— Tenho uma queda, das grandes, por suco de laranja — disse ela com a voz falhada.

— Derek, eu acabei de arrumar a cama, quer que eu dê a sopa para ela? — ofereceu-se Chain.

— De jeito nenhum! Eu já tomei sopa lá na cozinha e agora é a sua vez, Chain. Você precisa comer e depois pode ir dormir. Tem escola amanhã cedo e precisa descansar. Já eu não vou trabalhar e posso acordar mais tarde. Deixa que eu cuido da Lisa.

— Tudo bem. Só me resta dizer boa noite. Qualquer coisa é só vocês me procurarem no meu quarto — disse a chinesa, logo depois se direcionando para Lisa: — Desejo melhoras, amanhã estará novinha em folha!

— Também espero isso. Obrigada, Chain, pela ajuda e boa noite — disse Lisa.

— Boa noite! — disse Derek, observando a chinesa encostar a porta, antes de pegar o prato de sopa e uma colher que estavam na bandeja.

— Você não vai fazer isso, vai? — perguntou Lisa.

— O quê? Te dar sopa na boca?

— Eu posso fazer isso sozinha!

— Não pode não. E, mesmo se pudesse, eu quero me sentir um bom samaritano por completo hoje. Eu nunca ajudo ninguém, sou bem egoísta. A última vez que me lembro que fiz algum gesto de bondade foi quando briguei no colégio para defender um colega que ia apanhar de outro cara.

— Legal da sua parte.

— Na verdade, um cara tava querendo pegar uma grana desse meu colega, e ele tava me devendo. Então, defendi e fiquei com a grana pra mim. Ele não saiu ferido, e eu obtive meu dinheiro de volta.

— Entendi... Não tenho certeza se foi altruísmo da sua parte — disse Lisa.

— Tá vendo? Me deixe dar a sopa pra você, pode ser a única coisa 100% altruísta que eu faça.

— Não vou me sentir bem com esse arranjo.

— Abra a boca — pediu ele, levando a colher cheia para perto da boca dela, só que ela a mantinha fechada. — É pra abrir! — insistiu. Ela apenas chacoalhou a cabeça em negativa. — Ou você abre essa boca ou vai tomar a sopa pelo nariz; improvisarei uma sonda de canudinho.

— Mas que saco! Eu não... — Ela foi interrompida com uma colherada de sopa em sua boca. Parte do líquido se espalhou na blusa de seu pijama de flanela.

— Tá vendo o que dá me desrespeitar? — disse ele, limpando a sujeira com a toalha que estava pendurada no braço da poltrona. — Agora é sério, você precisa comer. Abra essa boca!

— Credo, você é muito mandão!

— E você é melindrosa.

Para acabar logo com a pequena discussão, Lisa achou melhor abrir a boca. Percebeu que não aguentaria mais esperar para comer, e ele parecia irredutível. Foi recebendo uma colher atrás da outra até que o prato ficou vazio.

— Você quer mais? — perguntou ele.

— Na verdade, eu quero.

— Lógico, sua última refeição deve ter sido o café da manhã. Fique aí parada, já volto com mais sopa — avisou ele, saindo do quarto.

— Como se eu conseguisse sair para algum lugar — disse Lisa, quando ele já descia as escadas para a parte térrea da casa.

Depois do segundo prato de sopa e de ter tomado o suco de laranja, Lisa foi carregada por Derek para a cama. Ele a cobriu com apenas uma manta.

— Eu agradeço a sua ajuda e peço desculpas por estragar a sua noite. Agora estou melhor e acho que você pode ir descansar um pouco — disse ela, um pouco envergonhada.

— Li, eu vi na internet que você precisa ficar hidratada, então eu vou ficar aqui e te dar água de

vez em quando, além do mais, vou ficar de olho em você — comunicou Derek.

Lisa sorriu quando ele a chamou pelo apelido que poucos usavam.

— Realmente não precisa ficar — disse ela.

— A sua febre continua, e eu desconfio que você não deve ter uma simples gripe ou algo do tipo.

Você não se viu no espelho, mas não está nada bem.

— Você não vai ficar confortável aqui, acho melhor...

— Vou ficar ótimo, vou dormir na cama da Carolina.

— Mas eu não pretendo dormir agora, estou sem sono. Não se preocupe, vou assistir algo no meu computador. Você pode vir me ver de vez em quando, pode ser no meio da madrugada. Vou deixar a porta aberta, prometo — insistiu.

— Também não pretendo dormir e você teve uma ótima ideia. Você prefere assistir algum seriado ou filme?

— Eu prefiro ficar sozinha.

— Lisa, não tem com o que se preocupar. Eu vou ser bem respeitador e, sem querer ofender, você não está nada sexy ou remotamente apresentável. Não corre nenhum risco.

— Você é um infeliz mesmo — disse ela com raiva.

— Volto em dois minutos. Não se divirta sem mim — disse ele saindo do quarto.

Ele demorou mais que dois minutos. Sumiu por cerca de meia hora. Lisa já imaginava que ele deveria ter desistido e resolveu tentar dormir, mas o mal-estar estava voltando e ela não conseguia pegar no sono.

— Voltei — cantarolou ele, entrando e fechando a porta atrás de si.

— Pensei que você tivesse recuperado o bom senso e desistido de dormir aqui. Posso ter algo contagioso.

— Se isso realmente for verdade, já peguei. Pois carreguei você praticamente pelada de um lado para o outro — disse ele, rindo.

— Vai ficar jogando isso na minha cara até quando?

— Não sei, talvez para sempre.

Lisa não rebateu a fala dele, ficou quieta. Distraiu-se observando como ele estava vestido. Reparou que ele usava uma calça de moletom cinza e uma camiseta branca larga. A barra da calça estava dobrada, e ela pôde ver as canelas dele, cobertas com pelos castanho-acobreados.

— Está se sentindo melhor?

— Um pouco.

Ele colocou a mão direita na testa dela.

— Droga, a febre voltou a ficar forte.

— Não posso mais tomar remédios, ingeri tantos que meu estômago está destruído. Vai fazer efeito em alguns minutos, acho.

— Você é bem irresponsável de se medicar sozinha.

— Tá, chega de bronca. Já que vai ficar aqui, me ajude a escolher algo pra gente assistir.

— Onde está o seu computador?

— Em cima daquela cômoda ali — disse ela olhando na direção de uma cômoda rosa com quatro gavetas, duas delas com os puxadores faltando.

Derek varava a madrugada assistindo um seriado de suspense. O quinto episódio seguido começava. Lisa havia dormido na metade do segundo capítulo. Ele queria dormir também, mas tinha receio de ela piorar; nos últimos minutos, reparou que Lisa voltara a suar demais.

Exasperado, desligou o computador e foi ao banheiro molhar uma toalha para passar no rosto dela. Estava fechando a torneira quando ouviu sua voz. Correu para perto de Lisa.

— Vó! Eu preciso de um abraço de quarenta segundos, abraço de quarenta segundos, por favor! Eu estou sozinha, eu estou doente! — disse, começando a chorar. — Eu não quero morrer. Não! — gritou.

— Lisa! Acorde, acorde! — pediu Derek, tocando seus ombros de leve.

Lisa sentiu a toalha fresca no rosto e demorou alguns instantes para perceber que Derek estava ao seu lado.

— O que aconteceu? — perguntou confusa.

— Você estava sonhando. Tome um pouco de água — disse ele, levando uma pequena garrafa de plástico até a boca dela. Ela aceitou de bom grado. Depois, encostou-se na cama e se sentiu torpe. Após alguns minutos, começou a delirar de novo.

— Obrigada. Você vai cozinhar sapato amanhã? O prato preferido de Chain é sapato — disse ela, confusa.

— Vou fazer sim, sapato ao molho de pistache para Chain e chinelos grelhados pra você. Tudo bem?

— Deve ser bom — disse ela, descobrindo-se e jogando a manta no chão. — Eu caí de bicicleta hoje, eu e o menino loiro. Ele chorou.

— Que pena, mas ele e você vão ficar bem. Agora vai dormir.

— Fala pro Derek que ele me ajudou, que eu acho que gosto dele.

— Ele também gosta de você — disse, passando pela última vez a toalha na testa dela e no pescoço. — Só que ele não acha, ele tem certeza.

Lisa voltou a dormir. Derek sentiu o peso de uma noite em claro e as emoções à flor da pele, ver a garota chorar e não poder imaginar que dores ela tinha não era nada fácil. Deitou na cama, cobriu-se com o edredom e, em segundos, apagou.

Quando Derek abriu os olhos, viu-se em uma cama estranha. Lembrou-se de que Lisa estava doente e rapidamente olhou para a cama dela. Estava vazia.

— Cacete! — esbravejou, levantando-se e correndo para o banheiro. Também estava vazio. Foi para o corredor, ainda descalço, e saiu procurando a garota pela casa. — Lisa! — gritava, descendo as escadas da casa de dois em dois degraus.

— Tô aqui! — respondeu ela.

Quando ele entrou na sala, Lisa ergueu as sobrancelhas, surpresa. O cabelo dele estava todo bagunçado. A camisa estava toda torta no corpo e bem amassada.

— Você está um caco! — comentou Lisa.

— Devo estar mesmo — disse ele se jogando no outro sofá da sala. — Como você veio parar aqui?

— Eu acordei umas sete horas com o seu celular tocando. Você estava tão cansado que nem escutou. Eu desliguei os alarmes exagerados de uma em uma hora que você colocou.

— Já mexendo no meu celular escondida? Nosso relacionamento está seguindo de maneira bem rápida! — disse ele brincalhão, mas ela ignorou o comentário dele e continuou com seu relato.

— Eu voltei a dormir. Lá pelas onze horas a Chain foi ao meu quarto e me ajudou a me arrumar, eu estou bem melhor, já consigo andar e tudo o mais. Tomei mais remédios e desci com a ajuda dela para a sala. Todo mundo foi trabalhar, e eu posso ficar por aqui assistindo TV. Você deveria voltar a dormir.

— Que horas são? — perguntou ele.

— Quase duas horas.

— Não era pra me deixar dormir tanto!

— Você parecia muito cansado, deve ter ficado a noite toda acordado. Por falar nisso... obrigada.

— Estou ao seu dispor — disse ele, piscando pra ela. — Você já comeu?

— Chain me deu café da manhã e, há alguns minutos, foi preparar nosso almoço. Ela disse que ia fazer algo que você gostava.

— Não! Meu Deus! A gente precisa parar ela; da última vez, ela me veio com um yakissoba horroroso. Tava muito salgado, o frango tava cru e os vegetais parecia que estavam velhos. Se você comer isso, vai ficar mais doente.

— Mas vamos fazer o quê? Ela já começou a cozinhar — sussurrou.

— Chain! — chamou ele.

A garota apareceu correndo na sala.

— Oi, Derek! — saudou Chain. — Que bom que acordou, eu estou cozinhando...

— Tenho uma surpresa para você — interrompeu-a Derek. — Para agradecer pela sua imensa ajuda na noite de ontem, eu resolvi te dar um grande presente. Quero que se sente aqui com Lisa, e eu irei preparar uma lasanha quatro queijos em sua homenagem!

— Mas eu comecei a fazer um yakissoba!

— Não dou margens para discordâncias. Você foi minha rainha ontem, sem você estaria perdido para cuidar de uma convalescente caprichosa como a Lisa. Você merece! — disse ele, levantando-se no sofá e beijando a mão direita da garota, que sorriu de orelha a orelha.

— Tá bom! — aceitou ela.

— Ótimo, agora, se me dão licença, vou tomar um banho rápido e depois vou no mercado comprar alguns ingredientes — disse ele, subindo as escadas, animado.

Lisa não havia contado para ninguém ainda, mas, depois de ter acordado, havia ligado para a companhia aérea responsável pelo seu voo para o Brasil e adiantado sua viagem. Estava preocupada com sua saúde, não podia mais ignorar que algo estava errado.

Teria que desistir de visitar o restante das casas dos escritores. Como já havia comprado a passagem para a Inglaterra, decidiu que a residência de Jane Austen seria a última a ser visitada antes dela voltar pra casa.

CAPÍTULO 10

[A motivação correta](#)

A campanha tocou, e Chain foi atender. Era Carmem com a cachorra Corren.

— Boa tarde, meninas. O Derek está? A gente combinou de correr hoje. Ele ia me pegar na casa da Alana, mas me ligou há alguns minutos dizendo que perdeu a hora. Então vim aqui fazer uma surpresa pra ele.

— Ele foi no mercado, mas vai voltar logo — disse Chain.

— Posso esperar? — perguntou a francesa.

— Claro, entre. Quer um chá ou café? — ofereceu.

— Eu aceito café. Obrigada.

— Fique à vontade, a Lisa vai te fazer companhia — disse Chain, retirando-se da sala.

Lisa, com esforço, sentou-se no sofá e recolheu a coberta. Ficou aliviada de ter colocado uma calça pantalonada florida e uma blusa de manga comprida preta. O cabelo estava solto, e a única maquiagem que usava era gloss nos lábios.

Tinha pensado em descer de pijamas, mas estaria mortalmente envergonhada agora, ainda mais diante de Carmem, que usava um jeans justo, botas de cano alto e um casaco bege lindíssimo. Ela parecia saída de um ensaio fotográfico.

— Oi, Lisa. Espero que esteja melhor, o Derek me contou que você ficou doente e, como não

tinha mais ninguém pra cuidar de você, ele não teve outra opção a não ser ajudar. A gente ia correr novamente hoje, mas, como ele mal dormiu, acabou perdendo a hora.

— É, eu tive alguns problemas de saúde, mas estou melhor. Obrigada. Desculpe atrapalhar seus planos.

— Dessa vez, eu perdoo — disse ela, olhando para Corren, que andava na sala, cheirando os cantos da parede. — Derek saiu faz muito tempo? — voltou a falar Carmem, diante do silêncio de Lisa.

— Há uns trinta minutos. Ia só comprar os ingredientes para uma lasanha para a Chain.

— Almoço entre amigos! O Derek tá bem solícito ultimamente. Não concorda?

— Eu não conheço o Derek tempo suficiente pra afirmar algo desse tipo.

— Já eu o conheço bem. Fui visitar o bistrô há mais de dois anos com a Alana. Primeiro, me encantei com a comida e quis conhecer pessoalmente o chef. Foi aí que vi o Derek pela primeira vez.

— Realmente, o talento dele é de impressionar.

— Ele tem muito mais talento além do de cozinhar. E te digo que culinária não é nem de longe o mais forte talento dele — disse a francesa, sorrindo largamente e revelando dentes retos e muito brancos.

Lisa teve a impressão de que Carmem estava tentando intimidá-la de alguma forma, mas, depois, achou que estava na defensiva demais com a francesa; talvez a garota só estivesse fazendo um comentário — pensou.

— Que bom pra ele — disse Lisa.

Nesse momento, Derek entrou pela porta, e Lisa não conseguiu evitar um suspiro de alívio.

— Lisa, eu trouxe um saco de laranja pra fazer suco quente pra você por uma semana, se necessário — avisou ele, entrando na sala com duas sacolas de pano cheias nas mãos. Foi surpreendido por Corren, que correu até ele em busca de atenção.

— Oi, amigona — saudou, deixando os pacotes no chão e acariciando as orelhas do animal.

— Boa tarde! Fugiu da corrida hoje? Estava com medo de eu te vencer, grandão? — perguntou Carmem, levantando-se do sofá e se aproximando de Derek.

— Já te pedi desculpas e te expliquei o motivo. Nossa brasileira precisava de ajuda — justificou-se ele.

— Eu sei sobre seus honráveis motivos, estava só brincando — disse Carmem, enlaçando-o pelo pescoço e dando um beijo em sua bochecha. — Nossa, tá cheiroso! É aquele perfume que te dei?

— Não! Aquele acabou faz tempo, na verdade há meses — disse Derek, parecendo um pouco incomodado, abaixando-se para pegar as sacolas do chão e, conseqüentemente, desvencilhando-se dos braços de Carmem. — Se vocês me dão licença, eu vou correr com essa lasanha, minha paciente já passou da hora de almoçar — disse ele, olhando para a Lisa. — Está melhor? — perguntou para ela.

— Sim, obrigada — respondeu Lisa, fitando-o assombrada, como se apenas agora conseguisse ver real beleza nele.

Que Derek se encaixava em padrões de beleza reconhecidos mundialmente ela sabia, mas, em nenhum momento, havia-o visto como o via agora, com as defesas abaixadas, propício a ajudá-la, preocupado com sua saúde. Juntando o que Lisa já sabia sobre Derek com as novas descobertas sobre como ele podia ser gentil, ela reconheceu que ele a agradava, que, na verdade, ela ansiava pela presença dele nos lugares e que, sim, estava com ciúmes dele com Carmem e não era de agora.

— Tem certeza que está bem? Tá parecendo uma lunática me encarando — disse ele, divertido.

— Desculpe, é que, sei lá, você tá diferente hoje. Eu... — tentou se justificar Lisa, de modo estabanado.

— Espero que seja diferente pro lado bom. Tenho tantos pontos negativos com você que, para me redimir, preciso impressionar muito.

— Tá indo muito bem, de verdade — deixou escapar, logo um rubor apareceu em seu pescoço, e os olhos dele se dirigiram para a parte da pele que ficou vermelha. Lisa jurou que viu os olhos dele

sorriram.

Chain entrou na sala com uma xícara de café apoiada entre seus dedos miúdos com unhas curtas.

— Demorei porque o primeiro café ficou muito forte, tive que fazer outro — explicou, entregando a xícara para Carmem.

— Tudo bem, querida. Eu amo café de qualquer jeito — disse ela, dando um gole e não conseguindo evitar uma careta de angústia.

Derek e Lisa se olharam automaticamente, querendo rir com a cena. Realmente, Chain na cozinha não era das melhores, e a última vítima dela havia sido Carmem, que agora olhava enojada para a xícara.

— Chain, eu já disse hoje que você é maravilhosa? — comentou Lisa, sem conseguir se conter.

O cheiro de lasanha impregnava toda a casa. Já estavam todos à mesa quando a campainha tocou.

— Gente, eu tomei a liberdade de ligar pro Ethan e convidá-lo para almoçar com a gente! Espero que não se importem — disse Carmem.

Lisa imediatamente teve uma sensação de culpa, de algo que nem mesmo ela sabia o que era, afinal, havia sido o irlandês que a havia deixado esperando mais de uma vez. Cogitou que o motivo real de não se sentir confortável com a presença do rapaz era que, nos últimos dias, havia parado de pensar nele com frequência, seus pensamentos estavam voltados para a gradativa atração que Derek exercia sobre ela. Sentiu-se como uma pessoa nada confiável, por ter dado esperanças para o irlandês e agora perceber que estava nitidamente interessada em outro.

— Oi, Ethan — disse ela timidamente, quando ele surgiu na cozinha.

— Oi, minha linda. A Carmem me contou que você estava doente e resolvi te visitar — disse ele, mudando uma cadeira de posição e sentando-se ao lado dela e de frente para Carmem. Já Derek estava na frente de Lisa, e Chain na ponta da mesa de tampo de vidro temperado.

— Que gentileza da Carmem te avisar, realmente muito delicado da parte dela — disse Lisa, sorrindo para a garota, deixando transparecer seu sarcasmo no tom de voz.

— Achei que, se tem alguém que deveria cuidar de você aqui em Dublin, seria o Ethan a pessoa certa — explicou Carmem.

— Pensei que tivesse voltado para Paris, Derek — disse Ethan, dirigindo-se ao chef de cozinha pela primeira vez. — Você sempre deixou claro que nunca gostou muito da Irlanda. O que tá fazendo aqui ainda?

— Sempre gostei da Irlanda, somente não simpatizo com a forma de você trabalhar — despejou Derek.

— Ethan, não chamei você aqui pra arrumar confusão. Gente, vamos ser mais pacientes uns com os outros, esqueçam um pouco as desavenças — disse Carmem, tentando arrefecer os ânimos.

— Vim em paz, apenas pra ver Lisa — comentou Ethan, levantando as mãos como que rendido.

— Vamos comer, então? Vai esfriar! — avisou Chain, dando a primeira garfada no pedaço de lasanha disposto em seu prato.

A animação de Derek meio que evaporou. Ele se limitou a comer quieto, deixando que Carmem e Ethan comandassem a conversa. Lisa chegou a responder algumas perguntas dos dois. Mal conseguia olhar para Derek, que mantinha uma carranca de poucos amigos.

— Lisa, a gente tem que remarcar nosso passeio. Amanhã seria um bom dia? — perguntou Ethan para ela. Todos na mesa a encaravam, com exceção de Chain, que estava concentrada em sua massa.

Lisa não sabia o que responder. Estava ciente do olhar de Derek e da expectativa de Carmem em sua resposta. Se fosse antes, pensou, ficaria feliz com o convite de ter a chance de sair com Ethan, mas as coisas tinham mudado e ela reconheceu que não queria ter um encontro com Ethan. Não mais.

— Acho que não vai dar — percebeu-se dizendo. — Na verdade... se eu não me engano...

— A gente tinha marcado de ir na casa de Oscar Wilde, Lisa. Ou estou enganado? — perguntou Derek.

— Oscar Wilde? Você na casa do escritor? — perguntou Lisa, confusa.

— Escutei você falando com Carolina um dia que iria visitar a casa desse escritor e eu me prontifiquei a te levar lá, não tá lembrada? Marcamos para amanhã.

— Ah! Mesmo?

Lisa levou seu copo de suco de laranja aos lábios querendo ganhar tempo para pensar no que deveria falar, quando recebeu um chute na canela, foi leve, mas a assustou. Como estava com a boca cheia de suco, sem querer espirrou um pouco do líquido na cara de Derek que estava na frente dela.

— Meu Deus! Desculpe! Que vergonha — disse, colocando a mão na boca.

— Isso foi estranho — comentou Carmem.

— Tudo bem, não foi nada — disse Derek, limpando o rosto com a manga da blusa. — Mas então, antes de você me banhar, estávamos falando do...

— Lembrei! É verdade, a gente combinou mesmo — disse Lisa, embarcando na mentira. — Não vai dar, Ethan, sinto muito — desculpou-se Lisa. — Aceita mais um pedaço de lasanha? — ofereceu ela, pegando a colher que estava dentro da forma com a massa.

— Não, obrigado — disse Ethan, nitidamente chateado.

— Chain?

— Eu aceito, Lisa. Só mais um pedaço.

Todos já tinham terminado de almoçar, quando Chain se ofereceu para lavar a louça e levantou-se da mesa.

— Ethan, eu e o Derek tínhamos planejado, em Paris, de viajar para o interior da Irlanda. Pensei em ir nesse final de semana. Que cidade nos indica? — perguntou Carmem.

— Viagem, que viagem? — questionou Derek.

— A gente conversou sobre conhecer o interior da Irlanda quando você viesse trabalhar no pub do Ethan. Não vai me dizer que esqueceu.

— Mas não ficou nada realmente marcado. Não planejamos viagem alguma, foi apenas um comentário.

— Que seja, isso não impede de viajarmos de qualquer maneira; vai ser bom pra gente!

— Não vou poder ir! Tava combinando com a Lisa de levar ela e a Chain pra ver as montanhas de Wicklow.

Instintivamente, Lisa recolheu as pernas para debaixo da cadeira, com medo de ele dar outro chute.

— Né, Lisa? — frisou ele.

— Oi? — A brasileira tentava saber quando foi que seu dia se transformou em uma complicação só. — É sim, a gente tava conversando ontem sobre isso — mentiu.

— Só pode ser brincadeira! — reclamou Carmem.

— Calma, você pode vir com a gente — tentou apaziguar Derek.

— Mas eu pensei que iríamos só nós dois e...

— Em grupo é mais animado, Carmem — disse Derek, esvaziando a sua taça de vinho em um só gole e a colocando sobre a mesa. — Podemos ir todos juntos fazer uma trilha. O que acham?

— Curioso você gostar de passeios em grupinhos agora. Sempre detestou viajar em grupo — disse Carmem, com a voz irritadiça.

— Não precisa dar uma de amiga possessiva. As pessoas mudam, Carmem.

— Não você! Quero saber o real motivo dessa transformação — disse Carmem, impaciente.

— É que a Lisa nunca estava nos outros grupos. Simples assim. As pessoas mudam, basta apenas

elas encontrarem a motivação correta para isso — disse Derek, levantando-se bruscamente da mesa e indo ajudar Chain com a louça.

Lisa teve que sustentar o olhar de certa mágoa de Ethan e as faíscas quase cósmicas de Carmem, depois da fala passional de Derek. Ela sentia que sua pressão caía.

— Se me desculpam, eu vou pro meu quarto. Está na hora dos meus remédios — disse Lisa, reunindo todas as forças que tinha para ficar em pé e dar alguns passos com certa dignidade.

— Lisa, deixe que eu te ajudo! — ofereceu-se Derek, ao ver os passos custosos dela.

— Não, obrigada. Posso ir sozinha.

— Pode deixar que eu ajudo ela, termine de limpar a cozinha — mandou Ethan com voz enérgica, rapidamente se levantando da cadeira.

— Imagina! Eu estou acostumado a carregar a Lisa. Ela pesa como uma pena, ainda mais quando está só enrolada na toalha.

— O quê? — Lisa ficou de boca aberta, chocada com a audácia dele de comentar aquilo. — Você não falou isso! — disse ela, desacreditada.

— Falei sim. É verdade! — limitou-se a dizer ele.

— Eu não quero a sua ajuda. É sério, me deixa, seu escalafobético.

— Escala o quê? Para de frescura — disse Derek, tentando pegá-la no colo, no que ela buscou se desvencilhar. Fracassou. Com apenas um movimento, ele a jogou em cima do ombro, de forma que o rosto de Lisa encostasse em suas costas.

Ao levantar a cabeça, Lisa deparou-se com os olhares das três pessoas na cozinha surpresos.

— Ele tava brincando sobre a toalha. O contexto é outro. Ele é um piadista nato — disse ela, dando o seu sorriso forçado, que ficou congelado até quase chegar no topo da escada. — Me coloca no chão, seu ridículo! — berrou a garota.

— Não sei o motivo de tanto nervosismo — disse ele, dando meia dúzia de largas passadas e, finalmente, colocando-a no chão, dentro do quarto dela, bem ao lado da cama.

— Por que comentou uma coisa daquelas na frente de todo mundo? Eu não te dei esse tipo de liberdade — reclamou Lisa.

— Acho que exagerei. Mas a culpa é da Carmem, que chamou esse babaca.

— E acha justo falar daquela forma? Para eles imaginarem algo íntimo que não aconteceu entre a gente?

— Mas poderia acontecer, não acha?

— Mesmo que acontecesse, o que eu estou duvidando muito que vá acontecer se você continuar com esse comportamento, não deveria sair espalhando isso por aí. Sou bem reservada sobre a minha vida pessoal.

— Eu vou lá embaixo agora e explico que estava brincando, que exagerei e que você não gostou. Tudo bem? Pode ficar mais calma agora? — perguntou ele, segurando a mão direita dela.

— A situação ocorrida lá embaixo, com o Ethan e com a Carmem, foi, no mínimo, constrangedora — disse Lisa, encantada com a forma que agora ele entrelaçava os seus dedos nos dela.

— Eu não sei o que está me acontecendo. Geralmente eu sou bem controlado e racional, mas me vi com medo de você aceitar sair com ele, então inventei tudo aquilo de impulso, te chutei debaixo da mesa, foi sem querer, espero não ter te machucado.

— Não machucou, só me assustou.

— Eu estou parecendo um adolescente atrapalhado.

— Isso é verdade — concordou Lisa, adorando quando ele passou a acariciá-la no pulso.

— Mas você poderia ter dito que não lembrava que marcamos de ir na casa do escritor, que eu estava enganado com a data, que era outro dia.

— Poderia...

— Mas não fez. Por quê?

— Ele teve a chance dele.

— E eu? Posso finalmente ter a minha? — perguntou, arregaçando a manga da blusa de Lisa e deslizando os dedos e as palmas das mãos em seus braços até alcançar as dobras de seus cotovelos.

— Derek, eu não sei ainda o que pensar. Há pouco tempo, você me detestava e agora tá me tratando diferente. E ainda tem o Ethan e a Carmem. Eles não vão ficar nada felizes se a gente...

— E você acha que eu me importo com a opinião de alguém? Como já disse, sou egoísta, penso primeiro em mim. Minto, há dias que não faço outra coisa a não ser pensar em você.

Os dedos dele pressionaram levemente a pele morena do braço dela, deixando algumas marcas brancas que, em segundos, desapareceram.

— A única coisa que eu quero é justamente o que eu sempre ridicularizei, um encontro. Desses estúpidos mesmo, andar no parque, cinema, teatro, exposição, vou até nessas feiras alternativas que vendem antiguidades, que eu acho um porre.

— Derek...

— Percebi que, com você, tenho que ir com calma. Tudo bem, posso fazer isso.

— Acho melhor você descer. Eles devem estar se perguntando o que você está fazendo aqui — desconversou Lisa, querendo tempo para pensar.

— Com certeza nada do que eu gostaria de estar fazendo — disse ele, soltando o braço de Lisa com o semblante decepcionado.

Quando Derek se afastou, ela se surpreendeu pelo pequeno rompante de pesar que sentiu. O seu lado meticuloso, medroso até, sabia que ele era o rapaz que ela havia conhecido que mais ia contra suas ideias. E, definitivamente, ele a enervava, mas ela estranhamente o queria perto.

Quando ele atravessava a porta do quarto, o chamou:

— Derek!

Ele não falou nada, apenas se virou na direção dela e a encarou. Lisa percebeu que ele aparentava cansaço.

— Afinal, a gente tem um encontro marcado amanhã ou tudo não passou de encenação? — perguntou ela. — Casa de Oscar Wilde, dez horas? — Derek escancarou um largo sorriso.

— Eu posso ter sido arrogante com você, esnobe, grosso, mal educado. E me arrependo pelo modo como te tratei no começo...

— Acho que precisamos esquecer isso, se quisermos nos conhecer melhor — disse a garota, interrompendo sua fala.

— Posso ter feito toda essa merda, sou um cara fodido muitas vezes, mas, se tem uma coisa que eu posso te prometer, é que eu estarei te esperando amanhã. E eu vou me sentir o cara mais sortudo do mundo se você não voltar atrás e cancelar o nosso encontro.

— Marcado, então.

— Não vejo a hora — disse ele, saindo do quarto e fechando a porta lentamente.

Lisa sabia que ele estava parado atrás da porta, pois ela demorou um pouco para ouvir os passos dele soando pelo corredor.

A calça escolhida por Lisa era nova e de cintura alta, havia sido comprada em um *outlet* há alguns dias. Ela queria colocar uma bota de salto alto, mas não estava tão recuperada a ponto de andar pra cima e pra baixo se equilibrando em saltos pontudos.

Uma estranha dor nas pernas a incomodava; resolveu usar seu tênis básico mesmo; só se preocupou em limpar as pontas do calçado, que costumavam ser brancas. Optou por uma blusa preta de malha com decote canoa e uma jaqueta de imitação de couro marrom-claro. Colocou diversos anéis nos dedos, um brinco de argola tamanho médio nas orelhas furadas e um colar folheado a ouro que havia

ganhado de sua avó no seu aniversário de 15 anos.

Borrifou perfume cítrico no pescoço e nos pulsos e se maquiou. Antes de sair, olhou-se no espelho e sentiu uma ansiedade quase incontrolável, vislumbrou um brilho lacônico no próprio olhar.

— Uau! — disse Derek, quando a viu já na metade da escada.

— Gostou? — perguntou ela, não conseguindo inibir um sorriso.

— Tá gata! — disse ele, abraçando-a e dando um casto beijo na bochecha dela. — Vem cá — disse ele, puxando-a pela mão e a levando até a cozinha. — Senta — pediu, indicando a cadeira que estava na ponta da mesa. — A gente pode almoçar na rua, mas é bom você ao menos tomar um café — disse ele, tirando uma cafeteira italiana direto do fogo e enchendo uma xícara toda branca do líquido preto.

— Amo cheiro de café — disse Lisa, pegando a xícara das mãos dele, que depois entregou um sanduíche disposto em um prato de porcelana para ela.

— É simples, nada *gourmet*, apenas pão caseiro com linhaça, presunto parma, queijo branco, e algumas folhas de basil.

— Isso é nada *gourmet*? Você ficaria chocado com a versão do meu nada *gourmet*.

— Estou curioso, qual seria a sua versão?

— Pão amanhecido, dentro de um copo com leite morno e açúcar.

— Você tá certa, estou chocado! — confessou ele, rindo. — Tem biscoitos nessa lata, se você quiser — disse, colocando um pequeno pote verde em cima da mesa, perto de onde ela havia sentado.

— Obrigada. Você pensa em tudo, né?

— Só quando me importo — disse ele, cruzando os braços e encostando-se na pia.

Ela reparou que ele estava usando uma calça de brim bege e uma camisa jeans de manga comprida com botões escuros. O cabelo longo dessa vez estava penteado todo para trás, revelando um rosto de traços fortes. Ela reparou nas orelhas expostas dele, eram pequenas, e Lisa resolveu desviar o olhar antes que ele percebesse que o observava fixamente.

Comeu em silêncio. Após alguns minutos, ela colocou a xícara suja dentro da pia.

— Pronto para entrar no meu mundo repleto de escritores? — perguntou ela, aproximando-se dele, que ainda estava escorado na pia.

— Eu nasci pronto pra entrar no seu mundo, só que eu fiquei sabendo disso apenas recentemente — disse ele.

— Eu nunca sei se você fala essas coisas tirando uma com a minha cara ou se são sérios esses seus comentários misteriosos.

— Não se preocupe, vou te dar tempo e espaço pra descobrir — prometeu. — Vamos?

Lisa havia sentado no banco do passageiro e agora observava Derek sentar atrás da direção, colocar uns óculos escuros que estavam no porta-luvas e dar partida no carro.

— Então, Derek, a gente nunca teve muito tempo pra conversar. Ou estávamos brigando ou trabalhando na cozinha ou mesmo você pagando uma de enfermeiro. Agora, acho que você poderia deixar de ser taciturno e falar um pouco sobre sua vida.

— Taciturno? Que garota fala isso hoje em dia?

— Eu. E, então, me fale um pouco sobre a sua família. De que cidade você é? Nem sei a sua idade!

— Bem, eu sou de St. Andrews, cidade perto de Edinburgh, Escócia. Tenho vinte e sete anos.

— Nossa! Pensei que você fosse mais novo!

— Isso te desaponta?

— Em absoluto!

— Ótimo! Sei que você tem vinte e um, mas tenho o dom de adivinhar a data do aniversário das pessoas — disse Derek, parando o carro no farol vermelho.

— Te desafio a acertar a minha.

— Deixa eu tentar — disse ele, virando o rosto dela com a mão para a direita e observando atentamente, depois virando para a esquerda. Ele se aproximou e cheirou o pescoço dela, que começou a rir. — Cheiro de limão e laranja. Gosto disso. Tenho certeza que nasceu no dia vinte e oito de agosto.

— Como você sabe? — perguntou ela, assustada.

— Te falei que tenho o dom de descobrir a idade das pessoas com uma rápida análise; uma fungada no pescoço também ajuda.

— Que idiotice! Me fale, como sabe? — exigiu ela.

— Você deixou seu passaporte largado em cima da mesa da cozinha um dia desses.

— E você foi fuçar no que não é seu?

— Isso mesmo, garota perspicaz! Aliás, que foto é aquela no seu passaporte? Um dos seus olhos está praticamente fechado, e você tá com cara de psicopata.

— Todo mundo fica estranho na foto do passaporte — disse ela, irritada por ele ter visto aquela sua foto horrorosa.

— Não, na verdade eu estou bem simpático na minha foto do passaporte — disse ele, engatando a primeira marcha do carro quando o farol ficou verde.

— Me tire uma dúvida — disse Lisa, tentando mudar de assunto. — Você, por um acaso, usa... eu não sei o nome, é tipo uma saia...

— Lisa! Nunca, nunca, nunca mesmo fale para um escocês que ele usa saia. É um kilt!

— Desculpe, mas é que parece uma saia!

— Eu uso kilt.

— Sinistro! Mas você usa todo dia, para ir no supermercado, na igreja, no centro da cidade?

— Não, uso mais em dias solenes, festas e, algumas vezes, em jogos de futebol.

— E por que os escoceses usam sai... kilt? — corrigiu-se ela.

— Era uma vestimenta comum da região chuvosa das Highlands, que fica no norte e no oeste da Escócia. Antigamente, a peça era um tipo de manto, que era preso ao corpo. Kilt significa “prender uma roupa no corpo”, isso na antiga língua falada na Escócia.

— Eu poderei ver você vestindo kilt?

— Bem, depende da ocasião. Você gostaria de ver?

— Com certeza. Deve ser algo bem inusitado, mas totalmente tradicional, cultural, uma forma de reverenciar o passado.

— É, parece que você entendeu — disse ele sorrindo e evidenciando uma pequena cova no queixo, notada pela primeira vez por Lisa.

CAPÍTULO 11

[A estátua colorida](#)

A casa ficava na Merrion Square, Dublin 2. Era de esquina, rodeada de grades baixas e pintadas de preto. Lisa e Derek subiram três degraus para ficar de frente para uma porta verde que dava acesso à residência. Lisa olhou para uma placa redonda preta com dizeres em branco, fixada na parede ao lado direito da porta.

— Aqui diz que ele nasceu em 1854 e faleceu em 1900; e que viveu nesta casa de 1855 até 1878

— observou o rapaz.

— Por que a porta está fechada? É horário comercial.

— Tem uma porta lateral. Vamos até lá — propôs Derek, mas a porta também estava fechada. Voltaram para a entrada principal.

— Tem uns cartazes aqui — percebeu Lisa, lendo o conteúdo de um recado grudado em um pequeno mural fixado na grade da frente da casa. — Eu não estou acreditando que não percebi isso quando programei minha viagem! Que droga! — reclamou Lisa em português, depois de ler o anúncio.

— Não entendi nada do que você falou — comentou Derek.

— Leia isso aqui — indicou Lisa, voltando a falar inglês. Ele leu.

— Porra! Tá fechado desde o início de 2007, e a área está sendo usada por um colégio.

— Visitar a casa dele era meu principal objetivo ao vir pra Irlanda. Eu deveria ter pesquisado melhor sobre isso. Devo ter visto alguma matéria antiga da internet sobre a casa. Não sabia que não havia mais visitas há tantos anos — disse Lisa, desanimada.

— Você pode visitar a casa de outros escritores irlandeses, tenho certeza que deve ter outros.

— Tinha que ser Oscar Wilde! Sempre gostei de seus poemas, mas quem mais gostava dele era minha avó.

— Faz um vídeo na frente da casa, manda um recado pra ela.

— Ela faleceu há dois meses — disse Lisa.

— Sinto muito. Eu não tinha ideia.

— Tudo bem. Ela teve uma boa vida, e, no final das contas, é só isso que importa.

— Olha, sei que tem uma estátua dele em algum lugar por aqui. O Liam comentou comigo uma vez — disse Derek, olhando ao redor. — Achei! Ali, no parque. Vamos lá — chamou ele, ajudando-a a atravessar a rua para entrar no parque que ficava na frente da casa.

A estátua era diferente das que Lisa já havia visto; tinha algumas partes coloridas que contrastavam com o costumeiro cinza das estátuas. A imagem retratava Oscar Wilde escorado em uma imensa pedra, com uma perna estendida e a outra dobrada.

O rosto mostrava uma expressão curiosa, de certa maneira divertida, era como se ele analisasse uma cena. Os cabelos eram um pouco mais longos que os de Derek e mais arrumados, repartidos ao meio. Os sapatos eram pretos, já o casaco verde-escuro tinha a gola e os punhos vermelhos. Para Lisa, pareciam rosa, mas achou que era porque a cor devia ter desbotado com o tempo.

— Parece que ele está virado na direção da casa. Olha, dá pra ver daqui a casa dele. A imagem foi feita com ele olhando pra lá — comentou Derek.

— Diferente, né?

— É a imagem mais descontraída que eu já vi. Geralmente, as estátuas mostram a pessoa toda séria. Sua avó teria gostado dessa aqui.

— Teria mesmo, ela era toda alternativa, moderna. Acho que eu parecia mais a avó dela do que a neta.

— Não vou mentir e dizer que você é a garota mais descolada que conheço, mas o mundo seria bem mais chato do que é se só houvesse gente com status de moderninho, cheio de si e achando que é melhor que os outros.

— Tipo pessoas como você?

— Isso mesmo, como eu. Imagina um mundo cheio de Dereks.

— Ia ser complicado, praticamente uma nova guerra mundial.

— Por isso o planeta precisa de pessoas mais sensíveis, politicamente corretas, leitoras compulsivas, que usam palavras que só o dicionário conhece, pessoas esquisitinhas até, mas tão adoráveis que repenso até mesmo a minha fachada de garoto mau.

— Sabe, no começo, eu repudiava o seu jeito de ser, mas, olhando bem, você é muito parecido

com minha avó. Praticamente é a versão masculina dela, nascida anos depois. E, sinceramente, ela era a minha companhia predileta. Nos completávamos.

— Tá vendo? A gente não é tão errado um para o outro como parece no primeiro momento. E tomo a liberdade de fazer algo que a sua avó fazia e acho que você está precisando.

— E o que seria? Dizer que preciso relaxar mais e curtir a vida?

— Não, apenas te dar um abraço de 40 segundos — disse ele, abraçando-a repentinamente ao lado da estátua.

— Quem te disse que ela fazia isso? — perguntou Lisa, surpresa.

— Shhh! São 40 segundos quieta — avisou ele.

Lisa apoiou as mãos nas costas dele e o envolveu com mais força, fechando os olhos. E assim ficou pelo que pareceu muito tempo, bem mais do que o tempo proposto. Quando Derek se desvencilhou dela, de forma vagarosa, Lisa o viu com um semblante solene. Já ela chorava.

— Desculpe a emoção, é que a última vez que eu fiz isso foi com ela, e eu estava precisando muito mesmo ser abraçada assim. Obrigada.

— Eu que agradeço, acho que tava precisando disso mais que você — disse ele, aparentando certo constrangimento.

— Agora vai me dizer como sabia disso? Não me diga que foi ao xeretar meu passaporte — disse ela.

— Você falou disso no meio da noite, clamou por um abraço e chamou pela sua avó.

— Isso explica tudo.

— Bem, como nosso primeiro encontro meio que miou, com a inesperada surpresa da casa não abrir mais ao público, vamos ao plano B?

— E qual seria?

— Vamos comprar um monte de produtos com gordura trans, com temperos cheios de sódio, comidas repletas de conservantes. Tudo o que é uma porcaria, mas a gente gosta. Batata frita, chocolate, cookies, refrigerante, sorvete.

— Não estou acreditando que estou ouvindo isso de quem só faz molho com tomates frescos e que acha um pecado usar molho industrializado.

— Pois é, tá vendo o que você faz comigo? Vamos comprar tudo isso e fazer um piquenique brega e repugnante no parque mais conhecido da cidade. Só que me recuso a usar qualquer tipo de toalha xadrez. Aí já é demais por um dia só.

— Tudo bem. Posso sobreviver à falta da toalha xadrez.

— Antes dessa nossa aventura super radical — ironizou ele —, me diga alguma frase de Oscar Wilde, caso você se lembre de alguma. Confesso, que, apesar de ele ser bem conhecido em todo o mundo, não me lembro de muita coisa sobre ele.

— “As nossas tragédias são sempre de uma profunda banalidade para os outros”.

— E não é que o cara, mesmo com esse cabelo de gosto um pouco duvidoso, entendia das coisas!

— Então concorda com ele? — perguntou.

— De certa maneira, sim, mas acho que há casos em que saber da dor do outro e não poder fazer nada nos fere mais do que se fosse com a gente.

Lisa olhou pra ele, intrigada. Desconfiou que isso já devesse ter ocorrido com ele, ver a dor de alguém e preferir sofrer por essa pessoa. Questionou-se se ele se referia à sua mãe.

— Conhece mais alguma frase dele? — perguntou ele.

— “Não é o perfeito, mas o imperfeito, que precisa de amor”. Também concorda com essa?

— Sim. É certeza absoluta que sou imperfeito. Então, pela lógica da frase, eu preciso... de amor?

— Pela lógica, sim — disse ela, encarando-o e, logo que o olhar passou a ser intenso demais, ela tentou voltar a antiga descontração. — Lamento desapontá-lo, mas, de cor, só essas duas frases mesmo. Mas recomendo as poesias dele, são fantásticas.

Lisa e Derek entraram pela entrada principal do parque St. Stephen's Green. Derek carregava uma sacola de papelão grande. Lisa já havia estado no local com Carolina, mas foi apenas uma visita rápida; dessa vez, ele iria desfrutar dos espaços do parque. Derek apontou uma área perto de uma árvore imensa. Lisa reconheceu que nunca havia visto uma grama de um verde tão vivo, como se fosse pintada de tão perfeita.

— A grama dos parques e campos do Brasil são de um verde mais escuro, a da Irlanda é da cor de grama dos desenhos animados de crianças, mais clara e viva. Parece surreal.

— É, tem seu charme — disse ele, sentando-se na grama. Ela ainda ficou de pé, olhando ao redor.

— Quanta gente deitada na grama dormindo! — Ela ficou surpresa como um dia de temperatura amena tirava as pessoas de suas casas. Ela via executivos de terno, com as mangas de suas camisas arregaçadas, dando um cochilo na grama fresca, grupos de adolescentes conversando e dividindo o lanche.

— No Brasil não é comum deitar na grama? — perguntou ele curioso.

— Em alguns lugares, é comum, mas não no meio da semana, assim. E não tantas pessoas. Moro em uma cidade que não dorme. É uma das maiores cidades do mundo, o centro de trabalho do Brasil.

— Sei...

— Acho que a gente trabalha demais. Muitas horas, longos caminhos até o trabalho. Momentos assim são mais raros — disse ela, resolvendo sentar-se. — Vamos comer? Tô morrendo de fome!

— Já te falei que você tem um apetite impressionante?

— Nunca fale para uma mulher que ela come muito.

— O que devo fazer então? Mentir?

— Às vezes é a saída mais elegante — disse ela, finalmente se sentando.

— Não faço questão de ser elegante. E isso nunca me atrapalhou para, digamos, ter companhia feminina.

— Romance?

— Não, digo companhia mesmo. Romance é outra coisa, que eu nunca fiz muita questão. Mas a gente muda de ideia, né? No momento, estou inclinado a tentar ser mais... Não sei a palavra certa...

— Flexível?

— Essa serve. Na verdade, ando bem flexível ultimamente.

— Me dá exemplos dessa sua flexibilidade.

— Me preocupar com o que a pessoa está sentindo e não só em ir pra cama com ela, apesar dessa última coisa ser algo que frequentemente vem à mente — disse ele, passando os dedos no cabelo que havia sido bagunçado por um vento inesperado.

— Continue — pediu ela.

— Cogitar até mesmo em conhecer o país de certa garota, um lugar onde a grama é um pouco mais escura do que essa que a gente está sentado. Também cuidar dela quando está doente e não conseguir dormir imaginando que ela está com dor — disse ele, finalmente olhando pra Lisa. — Ansiar por uma oportunidade de fazer o prato predileto dela — continuou —, para que, quem sabe assim, ela possa esquecer o idiota que eu fui — disse ele, dando uma pausa para abrir um pote de sorvete sabor flocos, mas logo continuou com sua fala, enquanto Lisa olhava acanhada para o chão: — Flexibilidade ao ponto de mudar de um apartamento maravilhoso no centro de Dublin para uma casa distante do meu trabalho, só para estar no mesmo local que ela e poder vê-la.

— O quê? Você fez isso? — perguntou Lisa, surpresa.

— Assim como sentir uma porrada na boca do estômago toda vez que ela está no mesmo lugar que eu. Ah! Lógico, quase esqueci dessa, ficar magoado quando ela acha que minha comida é insossa e quando ela vem pra Dublin ansiosa para encontrar um outro alguém.

— Eu não sabia nada disso. Eu nem desconfiava.

— E você acha que eu sabia? Eu não percebia o real motivo de todas essas minhas ações, achava que era um interesse que passaria logo. Afinal, a gente só brigava, mas eu não conseguia deixar de pensar que precisava de você. Me senti como um motorista de trem, que vê, aliviado, um pequeno ponto de luz no fim de um túnel escuro que ele atravessa há um longo tempo. Tempo demais para deixá-lo, sei lá... um pouco duro, com lampejos de loucura, talvez.

— Mas isso é desde quando? Antes do beijo ou depois? — perguntou Lisa, confusa, querendo entender de onde tinha surgido esse interesse nela. Sua insegurança dava as caras novamente, fazendo com que desconfiasse que alguém tão ativo e bem resolvido como Derek teria real atração por ela.

— A percepção de que estou caído, completamente caído por você, é recente, mas que eu passei a te desejar acredito que foi quando você me desafiou no xadrez. Sei lá, aquilo me fez te olhar diferente, e eu comecei a me sentir intrigado sobre você. Depois tudo desandou.

— Estou assombrada com sua declaração!

— Nunca ajo assim com as mulheres e não busco essa coisa de romance, mas me assusto ao querer sussurrar coisas no seu ouvido, dizer o quanto você é linda, diferente, inteligente, culta, o quanto suas respostas atravessadas e sagazes me deixam instigado primeiro a te beijar e depois a te fazer pagar por me fazer sentir tão encantado e tão deslocado.

— Tudo isso é pra dizer que você gosta de mim, Derek?

— Mais que isso, é pra dizer que eu gostaria de me vingar por você me desestabilizar, por me afetar e eu não ter a mínima ideia de como faço para não me sentir assim. Está chegando a hora de você ir embora, e eu definitivamente não sei o que fazer pra você ficar e eu ganhar tempo para te convencer a me beijar de novo.

— Me convencer? — perguntou ela, erguendo a cabeça e o encarando.

— Eu poderia te roubar outro beijo, como fiz no barco em Paris, mas estou me segurando pra não fazê-lo, porque o que realmente eu queria era que você quisesse esse beijo, que fosse algo não tomado de mim, mas ansiado.

Lisa conseguia perceber o quanto tinha sido difícil pra ele falar essas coisas, notou que uma veia do seu pescoço pulsava. Queria calcular racionalmente o que deveria fazer, queria ponderar diversos pontos.

Quando encontrou os olhos dele ansiosos, notou que ele parecia carente. Ela nem percebeu quando, de impulso, deitou-se na grama como muitas pessoas faziam no parque. Depois, tocou no antebraço dele e deslizou os dedos pelos ralos pelos e sentiu os músculos retesados.

— Vem aqui — ordenou ela.

— Aqui? Aqui onde? — perguntou ele, sem entender.

— Perto do meu rosto.

Derek lentamente se deitou na grama, só que, em vez de se deitar de costas como ela, deitou de lado e apoiou sua cabeça sobre o braço esquerdo. Inclinou-se para o lado dela e a fitou alguns instantes, antes de se aproximar de seu rosto; quando ele estava a centímetros de encostar os lábios nos de Lisa, ela o interrompeu.

— Feche os olhos — pediu. Ele obedientemente fechou. — Você conseguiu o seu intuito, me fez realmente ansiar por isso — confessou ela, ao desencostar a cabeça da grama e vencer a distância que os separavam.

O toque foi gentil de primeiro e, quando ela abriu os lábios e sua boca foi invadida pela língua

dele, ela foi impelida a enlaçá-lo pelo pescoço. Já ele a pressionou mais na grama. O beijo se tornava cada vez mais exigente.

A noção de quanto tempo estava sendo beijada Lisa não tinha, mas Derek não dava sinais de que queria parar.

— Calma, Derek — pediu ela, recuperando o fôlego.

Ele agora tinha acabado de tirar os lábios de seu rosto e a beijava no pescoço, dando leves mordidas. Ele levantou o rosto a ponto de ela conseguir ver o seu olhar turvo.

— Mordi forte? — perguntou preocupado.

— Não! Posso aguentar muito mais — disse ela, feliz. — É que o pescoço é um ponto fraco meu, digamos que eu sou muito sensível nessa parte e a gente está em um parque... Não vai querer que eu crie uma cena aqui, vai?

— Seria interessante de se ver. Ainda mais se eu pudesse ouvir alguns gemidos seus, só pra saber como são — disse ele, pousando um pequeno beijo estalado na clavícula dela.

— Eu te deixo beijar meu pescoço em outra ocasião, prometo.

— Vou cobrar — disse ele, voltando a aproximar os lábios do rosto dela.

— Por enquanto se limite à área da minha boca — sugeriu ela.

— Nossa! O que você me pede é tão difícil — disse ele, debochado.

A sala da casa em Dun Laoghaire estava repleta de gente, a maioria dos moradores da casa iria na festa de aniversário de Liam, mesmo quem não o conhecia, como era o caso de Chain e de Petrich, o polonês que também morava na hospedaria. O aniversário seria celebrado em uma casa noturna localizada no Temple Bar.

Lisa e Carolina ainda desciam as escadas, quando Lisa passou os olhos pela sala e não viu Derek, mas visualizou Alana e Carmem conversando com Chain. A francesa estava com um vestido amarelo curto e justo, que revelava as suas costas magras e eretas. Ela tinha nas mãos um casaco de pele preto para jogar por sobre os ombros quando saísse da casa. Lisa ficou extremamente grata por Carolina ter ajudado com a escolha da roupa; estava se sentindo elegante e confiante.

O vestido que ela usava era um pouco mais recatado que o da francesa, ficava um pouco acima do joelho e era rodado, todo preto. O corpo do vestido era justo, as mangas eram na altura dos cotovelos, no ombro era repleto de pedras prateadas, dando um ar moderno. Lisa usava uma sandália prata que combinava com as pedrarias do vestido. Carolina havia feito escova nos cabelos de Lisa, que estavam escorridos e quase chegavam no meio das costas. A maquiagem era puxada mais para o preto, com um toque de rosa queimado, que era a mesma cor de seu esmalte.

— Amiga — chamou Carolina, quando elas estavam quase terminando de descer as escadas, faltavam apenas dois degraus —, não é porque a Carmem tá arrasando nesse vestido glamouroso, que eu preciso saber onde ela comprou, que deve ficar cabisbaixa. Você está linda!

— Eu sei, Ca. Confio no seu potencial como minha *personal stylist* — disse Lisa sorrindo. — E você também está deslumbrante — comentou, admirando o vestido azul brilhoso de Carolina, na altura das coxas e decotado.

— Vocês estão ótimas, meninas! — disse Chain, aproximando-se delas. A chinesa vestia jeans rasgados, uma blusa cinza com lantejoulas e um scarpin preto.

— Tá elegantíssima, Chain! — disse Lisa.

Uma buzina estridente se fez ouvir.

— Ele chegou. Vamos? — disse Carmen, abrindo a porta.

— Quem chegou? — perguntou Carolina.

— Derek foi abastecer o carro. Ficou de buzinar pra gente ir. Vamos nos dividir nos carros do

Derek e daquele polonês que mora aqui. Corram, porque já estamos atrasados.

Quando Lisa saiu pela porta principal da casa, viu Carmem sentar no banco da frente do carro de Derek, que logo saiu pela porta do motorista e foi em direção a ela.

— Preciso falar com você — avisou ele, pegando-a pelo braço de forma delicada e a conduzindo para um local mais afastado do jardim. — A gente nem teve tempo de conversar muito depois do nosso encontro de ontem. Queria saber se você estará confortável hoje à noite pra ficar ao meu lado. Eu posso... sei lá, te beijar, pegar na sua mão? Essas coisas que os caras fazem com as garotas que gostam? — disse ele, um pouco receoso.

— Eu sinto ter que dizer isso, mas o Ethan vai estar lá. Enfim, não acho que seria uma boa ele ver a gente junto, não hoje.

— Quer que a gente se comporte como amigo?

— Tudo bem pra você?

— Tudo bem, eu aceito porque você tá pedindo e pra não ficar recebendo olhares de ódio do Ethan, mas não era isso o que eu queria.

— Não quero que pense que eu não quero...

— Eu posso fazer isso, não se preocupe. Prometo ser discreto nos momentos em que te sequestrar na pista de dança para te agarrar embaixo da mesa.

— Engraçadinho — disse Lisa, observando que Carmem havia abaixado a janela do carro e olhava para os dois. — Preciso saber sobre uma coisa.

— O quê?

— Carmem.

— O que tem ela? — perguntou ele, logo escutando seu nome ser pronunciado.

— Vamos, Derek! — chamou a francesa.

— Tipo isso — disse Lisa.

— Já vou! — respondeu ele, um pouco irritado com a interrupção. — Você acha que eu e a Carmem... Eu não tenho mais nada com ela há meses. Somos só amigos!

— Meses?

— Ficamos juntos algumas vezes, mas isso vai fazer quase um ano. Não chegamos nem a namorar, avisei que não estava a fim de compromisso sério e nos afastamos como amigos. Até cheguei a sair com uma colega dela depois e foi ela que apresentou. Ela tem uma mente bem aberta, sabe?

— Mente aberta?

— Isso mesmo.

— Me poupe, Derek.

— Nunca pensei que iria dizer isso, mas está com ciúmes?

— Ciúmes seriam o tipo de sentimento que você tem com relação ao Ethan?

— Sim, é isso o que eu sinto — confessou.

— Talvez eu sinta o mesmo. Não tenho certeza — mentiu ela, sabendo exatamente que sentia ciúmes. — Só não quero estar no meio de uma situação que envolva uma terceira pessoa. Não é o meu estilo.

— E eu sempre soube do seu lado correto. Jamais te colocaria em uma situação dessas. Não se preocupe, eu só quero você — disse ele, aproximando-se dela.

— Que bom, porque eu também quero só você — falou ela, dando passos para trás para não deixar ele chegar muito perto. Voltou-se para caminhar na direção do carro.

— Li — chamou ele, que ainda estava parado no mesmo lugar.

— O quê? — perguntou ela, voltando o rosto para ele, sorrindo.

— A propósito, você está linda hoje. Daqueles tipos de beleza que deixa a gente com vontade de dançar na chuva.

— Na chuva eu não digo, mas eu ficaria muito feliz de dançar com você hoje.

— Fique sabendo que eu não danço bem.

— Eu também não, você mesmo disse em um passado não tão distante que eu parecia uma mola desengonçada dançando.

— É porque uma mola reconhece outra, mas isso só me mostra que a gente é perfeito junto.

— Tô bem propícia a embarcar nessa sua *vibe* otimista.

— E quero te informar que estou me convidando pra ir para Londres com você. Sei que vai voltar pra Irlanda depois e poderemos ficar juntos muito mais tempo, mas não queria ficar longe de você nenhum dia mais. Tenho a sua autorização pra comprar meu voo? Pensei em comprar amanhã mesmo.

— Eu ia amar ter você como companhia para ir pra Londres, mas tem uma coisa que você não sabe e eu preciso te contar.

— Pode falar — disse ele, com o semblante preocupado.

— Eu vou voltar para o Brasil em alguns dias, tive que adiantar minha passagem.

— Mas você comentou que ainda ia viajar pra Portugal e pra Espanha! — lembrou Derek, alarmado.

— Preciso resolver alguns problemas pessoais, prefiro não entrar em detalhes.

— Vou respeitar tua vontade, mas precisamos conversar depois sobre como faremos.

— Como faremos o quê?

— Não vou deixar você ir embora assim para logo me esquecer. Acho que a gente tem que achar alguma solução pra ficarmos juntos, nos conhecermos mais.

— É isso mesmo o que você quer? Nem ousei cogitar a possibilidade de continuarmos juntos, não com um oceano nos separando.

— Não se preocupe, sou um bom nadador!

Havia três ambientes diferentes no pub. No primeiro andar, uma dupla que estava em um palco pequeno tocava *rock and roll*; no térreo, ficava o espaço com música eletrônica; no segundo andar, o mais movimentado, um DJ tocava música *pop*.

Liam tinha reservado lugar para quinze pessoas, mas, como o grupo chegava a quase trinta, os convidados se revezavam nos assentos em volta de três mesas no fundo da área do bar, no primeiro andar.

— Lisa! Que bom que você veio. Tá gostando da Irlanda? — perguntou o aniversariante.

— Seu povo é muito acolhedor. Estou me sentindo em casa.

— Que bom! Derek me falou que vocês estão muito próximos! Cuida bem dele, hein! Ele é meu melhor amigo! — disse alegre, piscando com os dois olhos para Lisa.

— Eu quero te desejar felicidades e tudo de mais lindo na sua vida — parabenizou Lisa.

— Obrigado! — agradeceu ele. — É pra curtir a noite!

— Pode deixar — disse ela, reparando que, atrás de Liam, estava Alana, sozinha, encostada na parede.

— Vou conversar com a Alana.

— Ah, a caçulinha do grupo. Não sei como não barraram ela na entrada com essa cara de criança — disse ele, rindo.

Lisa percebeu que a garota tinha escutado e agora estava com expressão triste.

— Deixa eu dar um oi pra ela, com licença — disse Lisa, indo abraçar a garota.

— Oi, Lisa. Que bom que você veio para Dublin.

— Também acho que foi uma decisão acertada. Mas me fale de você. Como está?

— Como você mesmo ouviu do Liam, sou basicamente uma criança que não pode estar aqui. Ele ainda acha que eu sou aquela garota ranhenta que ele caçoava.

— Tinha me esquecido de que vocês se conhecem desde pequenos.

— Nossos pais são muito amigos e vizinhos. Não sei se percebeu, todo mundo percebe, menos ele, eu gosto dele.

— Eu desconfiava, mas você já falou isso para ele?

— Tá brincando, né? Ele acha que eu sou uma pirralha.

— Mas você tem quase a minha idade, não é? Você não tem vinte?

— Tenho, mas pra ele tenho uns quatorze. Ele se sente acima do bem e do mal com seus vinte e sete anos.

— Ele tem a mesma idade de Derek!

— Eles são amigos da época da faculdade, Liam foi para a Escócia estudar em uma universidade que fica na cidade natal de Derek. Mudaram juntos pra Londres e, depois, para Paris, onde estudaram gastronomia e Liam montou seu restaurante. Agora, finalmente são sócios.

— Como assim?

— O bistrô de Paris agora tem Derek como sócio. Ao menos, foi o que a Carmem me falou.

— Eu não sabia!

— Na verdade, a gente ficou sabendo só por esses dias. Só que o Ethan não tá nada feliz com isso.

— Mas por quê? — perguntou Lisa, curiosa.

— Me dá um abraço? — Ela ouviu alguém perguntar, interrompendo sua conversa com Alana. Virou o rosto e viu Ethan, que parecia um pouco bêbado.

— Oi, Ethan. Tudo bem?

— Só vou ficar bem quando eu receber o meu abraço. Vem aqui! — disse ele, enlaçando-a pela cintura.

Ela percebeu que Derek, que estava conversando com um rapaz desconhecido, viu a cena de longe. Tentou não encará-lo e se desvencilhar de Ethan, mas não conseguia, ele a segurava com força.

— E quando a gente vai repetir o beijo do táxi? Quando a gente vai sair? Você só me enrola — reclamou ele.

Lisa conseguiu se desvencilhar do abraço dele.

— Quem me deixou na mão foi você, muitas vezes. Acho que nos resta apenas sermos amigos. Logo eu irei embora, de qualquer maneira.

— Você não está com o Derek, está? Porque achei o comportamento dele muito possessivo quando fui visitar você.

— Eu não quero falar sobre isso.

— Você não sabe com quem está lidando! Ele é um invejoso. Sempre quer as coisas que eu tenho. Se está com você é somente para me irritar. Se vingar de mim. Você não percebe que ele está usando você?

— Ninguém está me usando. E, como eu disse, não quero falar sobre isso.

— Me escuta! — disse ele, apertando o braço dela. — Eu quero sair com você!

— Pois você perdeu a chance me deixando esperar, sem uma ligação. Não ia dar certo mesmo. No entanto, eu gosto da sua amizade, não quero que fique chateado comigo — disse ela, se afastando e dirigindo-se para ficar ao lado de Chain, que estava sentada em uma poltrona.

Parte do grupo foi para o segundo andar, depois de quase uma hora. Lisa mal havia conversado com Derek, que foi abordado diversas vezes pelos convidados de Liam, sendo que muitos o conheciam. Da última vez que o havia visto, estava conversando com Carmem e mais um rapaz.

Começava a se questionar se deveria ter realmente ido à festa. Nunca tinha sentido esse ciúme incontrolável com ninguém. Já havia visto Raul se engrajar com outras garotas e ela se sentiu chateada com a situação, mas nada como o que estava sentindo agora. Chegava a ter vontade de gritar.

— Tá tudo bem, Lisa? — perguntou Derek, atrás dela.

Algumas pessoas do pequeno grupo dançavam e outras bebiam encostadas no balcão do bar, Lisa estava com o segundo grupo, mas não bebia nada.

— Estou bem — respondeu, tentando não demonstrar sua raiva.

— Trouxe pra você. — Derek estendeu uma garrafa de água para ela.

— Não precisa querer me hidratar como da última vez, não estou doente. Me admira você não me oferecer suco de laranja quente na balada — disse ela, séria.

— Você está chateada comigo? Muita gente queria conversar comigo, e eu tentei ser rápido. De qualquer maneira, a gente pode ficar junto agora e...

— Derek, cadê a cerveja que te pedi? — perguntou Carmem.

Lisa, nesse momento, deixou a irritação falar mais alto. Estava tentando não se sentir afetada com a presença da francesa. No entanto, não estava conseguindo. Carmem interrompia propositalmente qualquer aproximação que pudesse ter com Derek. Sem falar nada, Lisa apenas andou até o grupo que estava na pista de dança.

— Lisa! — chamou Derek; ela fingiu que não escutou.

Sabia que não iriam estar como um casal na festa, mas não imaginava que ficariam tão distantes. Não queria dançar, mas não teve outra opção a não ser dar alguns passos compassados e desanimados ao lado de Chain, Rafael e Carolina.

Foi quando sentiu alguém tocar um de seus ombros. Sabia que era ele, e ela percebeu o quanto o fato de estar ao seu lado já a deixava ansiosa.

— Desculpe, ninguém mais vai ficar entre a gente — disse Derek.

— Não foi o que me pareceu. Carmem quer sua atenção o tempo inteiro, isso não é justo.

— Não se preocupe, no final da noite ou no mais tardar amanhã eu falo pra ela que estamos juntos, pra ver se ela não me cobra tanta atenção assim.

— Vamos mudar de assunto, que eu não estou a fim de discutir com você!

— Tudo bem. Quer dançar comigo? — perguntou ele.

— Pode ser — disse ela, ainda de cara amarrada.

— Você dança assim com esse bico na cara? — perguntou ele.

— Só quando estou injuriada.

— E será que, se eu te rodopiar assim, você melhora? — perguntou ele, girando-a de forma desengonçada, e ela não conseguiu não rir. — E se eu te jogar assim?

Derek segurou sua cintura e impulsionou o corpo dela para trás. Lisa viu as pessoas dançando de cabeça para baixo. Quando logo voltou para a posição inicial, já estava relaxada.

— Assim está bem melhor, com esse sorriso lindo — disse ele.

— Eu tava com saudade.

— E você acha que eu não? Tive que me segurar pra não me descontrolar quando vi o Ethan apertando o seu braço. O que ele queria?

— Esquece isso. Quero apenas curtir você! — disse ela, dando uma volta ao redor dele, deslizando os dedos em seu peito e nas suas costas à medida que mudava de posição.

— Derek! Eu não acredito que você está dançando — disse Rafael. — Quer dizer, tentando dançar.

— É que a Lisa tá me ensinando!

— Ela é praticamente uma milagreira! — comentou o brasileiro.

Começou a tocar uma música com ritmo mais lento, e Derek tocou as costas de Lisa com as palmas das mãos e a puxou para perto dele. Ela estendeu o braço direito e apoiou em seu ombro. Eles combinaram alguns passos.

Entre um pisão de pé e outro, Derek se esforçava para dançar no ritmo da música. Lisa percebeu

que escorria suor no rosto dele para o pescoço.

— A gente precisa sair daqui. Ou eu juro que eu vou te agarrar — ele a precaveu.

— Não se atreva, tá todo mundo olhando a gente dançar — disse ela, apontando, com um movimento de cabeça, na direção que estavam as pessoas que optaram por não dançar. Ethan e Carmem estavam nesse grupo.

— Faz o seguinte, a gente vai lá no meio desse bando de intrometido e toma alguma coisa. Após alguns minutos, você fala que vai ao banheiro ou algo do tipo. Eu, logo em seguida, arrumo uma desculpa e saio. Te encontro na porta da frente. Meu plano é perfeito.

— Convencido.

— Topa?

— Topo.

Lisa ainda estava na parte de dentro da casa noturna, só que no térreo, quando avistou Derek descendo as escadas. Ele andou rápido em sua direção, mordendo o lábio inferior.

— Vem — disse ele, puxando-a pela mão e saindo do pub.

Ela sentiu a diferença de temperatura dos ambientes, mas não se importou. Viu que muitas pessoas fumavam na parte externa do local.

Derek entrou em uma pequena rua à direita que beirava o bar. O logradouro era de paralelepípedo e não estava completamente vazio, havia dois casais no final da simplória ruela. Lisa teve que andar com cautela para não cair com seus sapatos de salto.

Mal viraram a rua, Derek a abraçou, levantou-a do chão e a encostou na parede. Os dois foram ao encontro um do outro ao mesmo tempo. O beijo foi forte e agressivo, um pouco desesperado.

— Ai — disse ele.

— O que foi? — perguntou ela, afastando-se um pouco.

— Você cravou suas unhas na minha nuca — disse ele rindo. — Quem diria que você é do tipo passional.

— Perdão. Não vai se repetir.

— Mas eu quero que você repita isso uma infinidade de vezes — disse ele, segurando o rosto dela entre as mãos. — Mais vezes do que eu sou capaz de contar. Mas, por hoje, acho que vou fazer você pagar por essa agressividade toda.

— Você é bem vingativo. A primeira vez que me beijou foi para me punir por pegar sua bebida.

— Não foi bem assim, essa foi apenas a desculpa pra algo que eu já estava inclinado a fazer.

— A questão é que também quer me penalizar por um pequeno deslize hoje. Tenha misericórdia — pediu ela, beijando a face dele do lado direito.

— Sem piedade! — avisou, encostando os lábios na curva entre o pescoço e o ombro.

— Você é bom nisso — disse ela, fechando os olhos.

— O que você está fazendo comigo? — perguntou ele, levantando o rosto e a olhando nos olhos, com o semblante austero.

— Beijando você, escondida das pessoas, em uma rua de paralelepípedo na Ilha Esmeralda?

— Sim, mas você também está me deixando desesperado. Apaixonado. Eu odeio isso, mas, ao mesmo tempo, estou fissurado e viciado nessas novas necessidades que estou sentindo. Bem contraditório, né?

— Apaixonado, é? E que tipo de necessidades são essas?

— Estar com você o maior tempo possível, tentar saber todos os seus gostos, pensamentos, sonhos, desejos. Tudo! Pra poder ter certeza de que você vai realizar cada um deles.

— E eu confesso que estou assustada com a maneira como as coisas estão evoluindo entre a gente.

— Minha vida agora se resume a fazer de tudo pra te ter comigo, nada mais é tão importante. Isso só pode significar estar apaixonado como um louco.

— Não parece real isso. Alguém me desejar assim.

— Ninguém nunca te quis tanto assim, pode ter certeza! Não que você não seja maravilhosa, porque você é, para despertar os mais profundos sentimentos em outros rapazes.

— Agora eu percebo que nunca houve realmente outros, não que valessem a pena.

— É que nenhum deles é capaz de te querer como eu, porque é como se você tivesse a chave de apenas uma engrenagem. E, desde que te conheci, sinto que a minha engrenagem atravancada, que prendia meus sentimentos, que alimentavam minha frieza, corre solta. Começou a funcionar primeiro lentamente, depois com uma rapidez desenfreada.

— Às vezes, você fala umas coisas que parecem saídas de livros — disse ela, gargalhando.

— Escuta, não estou gostando de ter que fingir que a gente não está junto. O que acha de irmos embora? Só eu e você? — propôs ele.

— Mas você estava dando carona pra outras pessoas.

— O carro de Petrich veio praticamente vazio e tem gente da família da Alana aqui, que pode levar ela e a Carmem.

— Entendi...

— O que eu queria saber é se podemos ficar juntos. Digo, bem juntos mesmo. O máximo de estar junto que uma pessoa pode estar fisicamente da outra — disse ele, ababelado.

— Tipo, bem juntos, grudados, colados?

— Mais ou menos isso — disse Derek, voltando a beijá-la.

— Estou pronta — avisou Lisa, quando ele passou a tocar os cabelos dela com as pontas dos dedos.

As cortinas do quarto de Derek foram fechadas. Ele acendeu uma luminária fixada na parede para não ficarem no escuro. Lisa tirava suas sandálias, apoiando-se na única poltrona do dormitório.

Derek foi até ela e a ajudou. Depois ficaram no centro do quarto. Ela, um pouco sem jeito, ele, contemplativo.

— Sabia que, um dia, quando eu estava em Paris ainda, eu pensei sobre esse momento?

— E o que exatamente sonhou?

— Que você estava bem perto de mim. Assim. — Mostrou ele, posicionando-se de frente para ela.

— E o que você fazia? — perguntou Lisa.

— Na verdade, nada, você se aproximou de mim e me beijou.

— Assim? — questionou ela, ficando na ponta dos pés e o beijando de leve.

— Não. Você veio mais rude.

Lisa voltou para a posição inicial e tentou de novo. Dessa vez, o agarrou pelo colarinho da camisa e o beijou de maneira abrupta, como se ele fosse desaparecer a qualquer momento. Depois de cerca de um minuto, afastou-se um pouco dele, sem fôlego.

— Fiz como no seu sonho? — perguntou ansiosa.

— Foi bom. Mas não foi bem assim... Esse beijo de agora foi bem agressivo.

— Certo... — disse ela, com olhar confuso.

— Deixa eu ser mais claro. Foi a média desses dois beijos. Era uma mistura de delicadeza com intensidade.

— Acho que precisa esclarecer mais.

— Era como se a gente entrasse em um mar calmo e fosse se afastando da faixa de areia. E, aos poucos, as ondas fossem aumentando, cada vez mais fortes, e tudo ia se tornando uma desordem de forma

gradativa. Até o ponto em que olhamos ao redor e só vemos água e sentimos que o caos está instaurado.

— Uma tempestade.

— Isso! Então, descobrimos que temos barbatanas e brânquias, que nos possibilitam locomover e respirar na água. E nós decidimos mergulhar para nos sentirmos mais seguros submersos. Deliciosamente perdidos, no mesmo tempo que a tempestade acontece.

— Nossa, isso é intenso.

— Eu sou intenso, meu amor — disse ele, olhando-a. — E eu tenho a certeza absoluta que você também é. Imagina o que nós podemos fazer juntos? — questionou ele, estacionando as mãos no entorno da cintura dela.

— Eu acho que eu entendi. Vou tentar de novo — sussurrou Lisa, que, dessa vez, não ficou na ponta dos pés, apenas puxou a cabeça dele para baixo ao encontro do seu rosto.

O beijo começou lento. Era como se Lisa estivesse em um tempo e espaço diferente, um local sem endereço, sem cronômetros. Um pequeno mundo em que não havia fronteiras entre países, oceanos que separassem, línguas diferentes, culturas divergentes. Havia apenas a vontade de se conectar com alguém que se admirava, que se tinha sentimentos.

— Acertei? — perguntou Lisa, descolando sua boca da dele com muito custo. Estava com os olhos semicerrados.

— Não — disse ele, com as feições enigmáticas. Lisa se sentiu por um segundo decepcionada. Tinha concentrado naquele beijo tanta paixão! Ficou com medo de não conseguir afetá-lo como ele a afetava. — Isso foi muito melhor! — completou ele, com os olhos fixos nela, que sorriu satisfeita com a fala dele. Ficou aliviada.

— Por um instante, pensei que não conseguiria suprir suas expectativas — afirmou ela, colocando as mãos no peito dele.

— Lisa, Lisa... — disse ele, afundando o rosto nos cabelos dela. — Você não tem que se preocupar com isso, meu amor. Expectativa alguma alcança o que é te ter ao meu alcance — disse ele, segurando o rosto dela com as duas mãos. Ele a olhou nos olhos e ela viu desejo ali. — Sabe a parte que você descobre que tem barbatanas? — perguntou ele.

— Não se esqueça das brânquias!

— Isso! Acho que a hora é agora. E o que você acha?

— Que vou concordar com você pela primeira vez — disse ela perto do ouvido direito dele.

Os ombros dela receberam o toque dele, depois foi a vez das costas. Ele voltou a beijá-la. Segurou-a com apenas um braço pela cintura e ela sentiu os pés saírem do chão.

Derek a carregou para a cama e a sentou na ponta do colchão, ficando em pé de frente pra ela. Desabotoou apressado apenas o primeiro botão da camisa branca e foi então que Lisa levantou-se e o ajudou, puxou a vestimenta pela cabeça dele e a jogou no chão, deixando-o só de calça jeans.

Ela observou o peito dele arfando, tocou-o de leve com os dedos, voltou a beijá-lo. Derek esfregou grosseiramente o rosto dele na faixa de pele exposta entre o pescoço e o início dos seios de Lisa, ainda cobertos pelo vestido. Ele pareceu estar perdendo o controle, levantou-a novamente e a colocou no meio da cama, sem contudo deixar de beijá-la de forma vigorosa.

Lisa sentiu o toque experiente dele nas suas pernas.

— Eu acho que também tô me apaixonando — confessou ela. — Dá certo medo, né? De se apegar demais.

— É tudo muito novo pra mim também, esse carinho e desejo extremo por alguém — confessou, abaixando as alças do vestido dela. — Mas eu quero ir até o fim, me entregar de verdade.

Nesse momento, Lisa ouviu um baque forte, mas estava tão entregue ao que estava sentindo que não absorveu mais nada. Outro baque foi ouvido, logo seguido por uma voz masculina.

— Vai embora! — urrou Derek, logo beijando Lisa nos ombros, alvoroçado.

Os baques continuaram. Derek pulou como um animal feroz da cama indo em direção à porta.

— O que foi? — perguntou ele nervoso quando viu Rafael, por uma pequena fresta na porta.

— A Carmem mandou te avisar que o Liam tá precisando de você. Parece que o braço dele foi rasgado por uma lança. Ele está a caminho do hospital.

— Como assim? Que história é essa?

— Ele teve um acidente. Acho melhor você ir vê-lo. Liga pra Carmem, ela tem mais informações.

— Ok, Rafael. Só um minuto, vou me vestir — disse Derek, fechando a porta e olhando exasperado para Lisa.

As dores estavam espalhadas pelo corpo todo, ter dançado metade da noite e ter se equilibrado em sapatos altos cobraram seu quinhão. Lisa teve que tomar analgésicos e ficou com as pernas estendidas no sofá por um bom tempo.

Não sabia de Derek desde a noite passada. Ele não mandou nenhuma mensagem, e ela preferiu não ligar para ele. Alguma coisa estava errada e Lisa não estava com um bom pressentimento.

Carolina tinha saído para andar de bicicleta com Chain e parecia que a casa estava vazia. Lisa fez um rápido almoço, composto de salada e filé de peixe empanado assado, daqueles que são vendidos congelados.

Após a refeição, resolveu subir para seu quarto e descansar um pouco; estava para pegar no sono quando ouviu alguém bater na porta. Levantou-se apressada.

— Derek! — chamou ela, correndo para abrir a porta. O sorriso se desvaneceu no rosto quando ela viu quem era. — Carmem? Aconteceu alguma coisa? — perguntou Lisa assustada.

— Sim, aconteceram muitas coisas — respondeu, com o rosto sofrido.

— Meu Deus! O Liam está bem?

— Sim.

— Aconteceu alguma coisa com o Derek?

— Calma. Ele está bem.

— Você me assustou... Então, no que posso te ajudar?

— Eu preciso ter uma conversa com você, de mulher para mulher. O seu colega da Polônia abriu a porta para mim, e eu tomei a liberdade de subir para seu quarto, pois preciso conversar em particular com você.

— Tudo bem, mas o que você precisa falar de tão urgente?

— Preciso colocar as cartas na mesa. Não aguento mais viver como estou vivendo. Sou um ser humano e não posso mais me permitir ser magoada dessa maneira.

— Senta aqui nessa poltrona. Você quer uma água para se acalmar? — perguntou Lisa, realmente preocupada com a francesa. Alguma coisa séria deveria ter acontecido, senão ela não viria falar justamente com ela.

— Não, obrigada — disse Carmem, sentando-se na poltrona enquanto Lisa sentava-se na cama. — Vou ser bem direta.

— Ok.

— Eu e o Derek sempre fomos muito amigos, mas não queríamos reconhecer o que estava rolando. Eu tinha meus namorados e ele os casos de um rapaz que não quer compromisso. Sou três anos mais velha que ele, mas certo dia nos olhamos de forma diferente.

— Carmem, eu não acho que você deve contar essas coisas para mim, eu não preciso saber disso.

— Precisa. Pois você está sendo enganada.

— Do que você está falando?

— Eu e Derek temos uma ligação maior do que qualquer paixãozinha barata que apareça. Nós temos um relacionamento forte. Ele até se aproxima de outras pessoas, mas é sempre para mim que ele volta.

— Não foi o que ele me falou. Ele disse que vocês ficaram juntos há um ano e que são só amigos agora.

— Em que mundo você vive? Não há amizade entre um homem e uma mulher. Pensei que as brasileiras fossem mais descoladas, mais espertas. Você parece uma menina medrosa e que vive no mundo da ingenuidade.

— Não vou ficar aqui sentada sendo insultada por você — reagiu Lisa, levantando-se.

— Por mais que eu não seja uma santa, tenho meus princípios e acho que ele passou dos limites. Achei muita crueldade da parte dele te usar para atingir Ethan.

— Do que você está falando?

— Você nunca percebeu que ele e Ethan não se dão bem? Não sei bem a razão, já que eles são muito discretos quanto aos motivos, mas eles se detestam.

— Havia percebido que eles se estranham às vezes.

— Há algumas semanas, ocorreram alguns problemas graves entre os dois, o que exaltou os ânimos. Derek é uma pessoa de temperamento difícil, você lembra como ele te tratava mal quando vocês se conheceram em Paris? Essa é a real personalidade dele.

— Não é verdade. Ele é diferente, aquele comportamento é uma couraça para se proteger.

— Como dizem, o pior cego é aquele que não quer ver. Aquele Derek de Paris é o verdadeiro. É o meu Derek.

— Ele não é seu! — disse Lisa.

— E você acha que ele é seu, sua estúpida? Ele te usou para se vingar do Ethan, porque o pobre rapaz tinha se interessado por você. Derek faz de tudo, até mesmo ser imoral, para bater de frente com o seu rival.

— Você só pode estar mentindo — disse Lisa, voltando a sentar-se na cama, desalentada.

— Sei que temos um relacionamento aberto no momento, que ele sempre volta e que, dessa vez, pensávamos até mesmo em morar juntos — disse Carmem, enxugando o rosto molhado com um lenço de papel que ela retirou da bolsa. — Mas usar uma garota — continuou —, ainda mais tão lerda como você, foi demais. Pensei até em desistir dele por essas atitudes ridículas, mas vou ser bem sincera com você, eu não vou desistir dele, nunca. Ele errando ou acertando. Ele e eu simplesmente vamos ficar juntos no final.

— Isso não pode ser verdade!

— Você merece o que está passando, porque se recusa a ver a realidade. Se ele te quisesse, teria se interessado por você logo no começo. Você só passou a valer alguma coisa para ele quando ele percebeu o interesse do Ethan.

— Saia daqui! — gritou Lisa.

— Ele, do nada, virou o cara mais romântico do mundo. Cuida de você doente, faz o seu prato predileto. Lembra que ele falou que te carregou só de toalha na frente do Ethan? Por que você acha que ele fez isso, minha filha? Foi tão desnecessário, a não ser que ele quisesse magoar o Ethan.

— Eu vou conversar com ele. Isso vai ser esclarecido. Eu vou contar o tipo de cobra que você é. Vou falar que se fantasia de amiga, de moderninha, mas só sabe cuspir veneno. Ele disse que está apaixonado por mim.

— Ele disse isso? — perguntou, surpresa, Carmem. — Realmente, dessa vez ele está jogando pesado. E foi justamente por isso que eu resolvi te alertar. Aproveite ao menos os seus últimos dias por aqui com dignidade, não se enganando.

— Acho que quem se engana aqui é você.

— Só mais um recadinho. Se você falar pra ele que eu contei todo o plano dele, eu vou desmentir até a morte, vou fazer uma cara de vítima.

— Pode apostar que vou contar.

— Se você contar, em quem você acha que ele vai acreditar? Em mim, que sempre estive ao lado dele em todas as horas, ou em você, que surgiu do nada de um país distante e que vive correndo atrás de escritores mortos? Pensa bem! — disse Carmem, saindo pela porta e a deixando aberta.

Lisa foi a passos trôpegos fechar a porta e trancá-la, virando a chave duas vezes. Voltou para a cama e deu vazão ao choro.

Para seu desespero, lembrou-se de que Ethan falou a mesma coisa que Carmem, na comemoração do aniversário de Liam. Na ocasião, desconsiderou as falas do rapaz, pois ele estava bêbado. Agora, a dúvida de que ele falara a verdade a assombrava.

Era fim de tarde quando Lisa pegou um ônibus para o centro de Dublin. Derek ainda não havia aparecido e ela não aguentava mais chorar no seu quarto. Precisa tentar descobrir a verdade com alguém. Precisava de alguma forma confirmar ou desmentir a história de Carmem.

Não tinha outra opção a não ser ir até o pub de Ethan e, como quem não quer nada, tentar saber que tipo de relacionamento ele tinha com Derek. Já havia percebido que eles não se davam muito bem, mas nada que justificasse Derek realmente ter usado ela para atingir o outro.

Após mais de uma hora depois de ter deixado a casa, Lisa entrou no restaurante de Ethan. Logo percebeu que alguma coisa estava muito errada. Apenas três mesas estavam ocupadas, porém, os clientes estavam assustados. Duas mulheres que tomavam sopa levantaram-se rápido, pegaram suas bolsas e partiram.

De dentro da cozinha, era possível ouvir barulho de gritos e xingamentos. Lisa encontrou Catriona nervosa. Quando viu Lisa, a garota correu para a entrada do pub.

— Ainda bem que alguém chegou, eu já estava pensando em chamar a polícia — disse a garçonete, chorosa.

— O que aconteceu? — perguntou Lisa, ouvindo o barulho de panelas caindo e pratos se quebrando. Não aguardou a resposta de Catriona, correu para a cozinha e a cena que viu confirmou tudo o que ela temia que fosse verdade.

— Eu odeio você, seu desgraçado! Vou ferrar com sua vida. Você vai me pagar caro. Seu merda! — disse Derek, socando Ethan, que já estava com o olho marcado e a boca sangrando. O irlandês caiu em cima da mesa; com o impacto um vasilhame cheio de asas de frango cruas se espatifou no chão.

Lisa percebeu que um homem, vestido como chef de cozinha, tentava segurar Derek, mas o escocês estava tão nervoso que facilmente se desvencilhou. Derek ia para cima de Ethan de novo quando Lisa resolveu intervir.

— Chega! Deixe ele! — disse ela, abrindo a porta da cozinha.

— Lisa? O que você está fazendo aqui? Vai embora! Me espera lá fora. Já estou acabando meu acerto de contas com esse filho da mãe! — disse Derek, cuspiendo no chão. Lisa viu que havia saído sangue da boca dele.

Ela achou que não teria forças para dar mais nenhum passo. Entretanto, sabia que precisava acabar com aquela briga.

— Quem vai embora aqui é você! Se tocar nele de novo, eu mesmo ligo pra polícia. Ele não está te atacando.

— Ele que começou toda essa confusão. Quebrou um banco na nas minhas costas — tentou se justificar.

— Quem parece que está mais machucado é ele. Acho melhor você partir.

— Eu não queria que você visse isso, nem sei o que você está fazendo aqui.

— Minha vinda foi bem providencial. Agora sai daqui que eu vou cuidar dele — mandou Lisa, aproximando-se de Ethan, que gemia quase inconsciente.

— Você não vai tocar nesse infeliz!

— Eu vou ajudar quem eu quiser.

— Não vai não! Vamos embora, agora. Você vem comigo — disse ele, puxando-a pela mão. Ela sentiu a mão dele melada de suor e sangue.

— Eu não vou com você! — conseguiu gritar.

— Não me obrigue a te carregar à força. Não vou deixar você aqui com esse cretino.

— Vai fazer o que, então? Me espancar como fez com ele? — perguntou ela, abrindo bem os olhos e apontando para Ethan.

— Nunca! Eu nunca tocaria em você de forma agressiva. Do que está falando? O que você tem?

— Eu simplesmente tirei uma trave do meu olho. E estou conseguindo ver o tipo de pessoa que você é!

— Eu posso ter exagerado, bati muito nele, mas você não sabe o que ele fez. Vem comigo, a gente conversa e eu te conto tudo.

— Eu vou ficar aqui. Vai embora você!

— Eu não vou deixar você aqui com ele. Ele pode ser perigoso! — gritou Derek, tentando arrastá-la para fora da cozinha.

— Me solta! — pediu ela, dando um tapa no rosto dele com toda a força que conseguiu reunir.

Ele ficou parado, em choque, olhando para ela sem acreditar que aquilo estava acontecendo.

— Que porra é essa? Você está maluca?

— Catriona! — chamou Lisa. A atendente apareceu na porta da cozinha. — Se o chef Derek não sair daqui a um minuto, ligue pra polícia. Eu mesma vou ser a testemunha de que ele quebrou grande parte do restaurante e agrediu o Ethan!

— Isso só pode ser uma piada, né? Você, por acaso, tá lembrada do que a gente viveu ontem? Do que a gente tem vivido intensamente durante semanas? Por que você está fazendo isso comigo? — perguntou ele, apoiando um braço no batente da porta.

Lisa o olhou e viu seu rosto começando a inchar. Viu seu olhar de desespero e sentiu como que um resto de esperança de que tudo poderia ser esclarecido, que tudo não passava de um mal-entendido. Respirou fundo, abrandou o tom da voz e pediu:

— Nós podemos conversar depois? Esclarecer as coisas? Agora eu vou cuidar do Ethan. Vai embora, por favor.

O rosto dele estava como que petrificado.

— Deixa eu ver se eu entendi. Você está escolhendo ele ao invés de mim? É isso? Prefere ficar aqui com ele do que comigo? — perguntou.

— Se é dessa forma que quer pensar... faça como quiser. O quase desacordado é ele. Se não quer que eu chame por socorro, ao menos deixe-me ajudá-lo.

Ela deu as costas para Derek, pegou um guardanapo que estava sobre a pia que parecia limpo, molhou-o e passou no rosto de Ethan. Deu leves tapas no rosto do rapaz, para ver se ele reagia. Olhou para um dos cantos da cozinha e viu, encostado na parede, o provável novo chef do restaurante. Para Lisa, ele parecia ser irlandês.

— Por favor, me ajude a estendê-lo de forma mais confortável na mesa — pediu Lisa.

A cena de Ethan sendo carregado foi assistida por Derek, que estava ainda na porta. Sem olhar para ele, ela gritou:

— Catriona, já se passou um minuto. Faça o que tem que fazer. — Após alguns segundos, Lisa ouviu a porta da cozinha bater e, quando olhou, Derek havia ido embora.

Ethan agora estava sentado em uma cadeira na cozinha. Não havia mais clientes no pub, e Lisa pediu para Catriona fechar as portas. Também mandou o chef do pub ir para casa. Ethan tomava água, e Lisa utilizava a caixa de primeiros socorros do estabelecimento para tentar cuidar dele.

Depois de limpar as feridas, ela havia passado um remédio que o próprio Ethan indicou e, agora, colocava curativos nos machucados mais profundos, que ainda sangravam no rosto dele.

Depois do trabalho feito, Lisa sentou-se no chão, no mesmo lugar que havia sentado no dia em que ajudara Derek na cozinha. Olhava para Ethan na cadeira e reparou que o rapaz aparentava estar bem triste.

— Obrigado por me ajudar. Não esperava que ficasse do meu lado. Eu ouvi quando você escolheu ficar comigo a ir com ele. Achei que você tivesse caído em suas garras, ainda bem que estava enganado, que não tem sentimentos por ele.

— Não é questão de sentimentos. Apenas você precisava de mais ajuda do que ele. Ele saiu daqui andando, você estava quase desacordado.

— Eu deveria processá-lo. Olha o estado da minha cozinha! — disse Ethan, dando um murro na mesa que estava à sua frente e logo gemendo de dor por ter machucado a mão que já estava lesionada.

— Ethan, sei que você quer ir pra sua casa agora, talvez até para um hospital, mas, em nome do pequeno favor que te fiz ao limpar algumas feridas, gostaria de saber o que foi que realmente aconteceu aqui.

— São coisas que envolvem minha família. Não sei se posso contar.

— Tudo bem, mas, ao menos, gostaria de saber que tipo de relacionamento você tem com Derek. Ele é tão amigo do seu irmão, por que vocês estavam brigando? — perguntou.

— Eu era o sócio do meu irmão no bistrô. Derek era chef e ficou ambicionando o meu lugar. Tanto fez, causou tantas discórdias entre mim e meu irmão, que acabou conseguindo entrar na sociedade, mesmo eu sendo contra — disse Ethan, abaixando a cabeça. — Por volta do tempo que você chegou em Paris eu tentava impedir essa situação.

— Você poderia me responder uma última pergunta, de forma sincera?

— Sim. Eu te devo isso.

— Você acha que Derek poderia ter se aproximado de mim para te ferir?

— Tenho absoluta certeza. Ele me disse que faria isso, inclusive.

— O quê? Como assim? Quando?

— Não lembro bem agora, mas que ele falou ele falou. Ele aproveita qualquer chance para me irritar. Temos uma rivalidade nada saudável. Desculpe te dizer isso, mas ele viu que eu tive interesse pela sua pessoa e deu em cima de você. Talvez isso até mesmo antes de Dublin. Deve ter planejado isso desde Paris.

Havia no celular de Lisa diversas ligações perdidas de Derek. Preferiu ignorar. Pegou o ônibus de volta para onde estava hospedada, depois de se despedir de Ethan. Os ônibus da Irlanda tinham dois andares. Após pagar a passagem, ela subiu uma estreita escada e foi para o andar de cima.

Como previu, estava quase vazio, com exceção de uma moça que sentava no fundo. Lisa acomodou-se na primeira poltrona do lado direito do coletivo, ao lado da janela. Encostou a cabeça no vidro e olhou a vista.

O ônibus passava perto da rua comercial Grafton Street, ela conseguiu ver algumas lojas já fechando as portas e até mesmo um músico de rua que guardava seu equipamento de som em uma maleta de madeira pintada de amarelo.

Lisa pensou em como sentiria saudades daquela cidade. Visitaria a Inglaterra e, de lá, iria para Paris, de onde pegaria o voo para o Brasil. Em dias, estaria longe de Derek. Ela tentou se convencer de que isso seria bom, mas a única coisa que sentiu foi pesar.

Agora só o fato de saber que teria que voltar a ver Derek na casa a fazia ter vontade de gritar de frustração. Já havia deixado o aluguel pago. Iria simplesmente pegar todas as suas coisas e não voltaria mais.

Descobrir o plano pavoroso de Derek e como ele a usara havia minado quase todas as suas forças. Eles tinham vivido poucos dias de romance, mas tinham sido mais intensos do que os anos vividos com o ex-namorado. E ela receava que seria algo que deixaria suas marcas de forma nada positiva.

— A realidade está se mostrando mais cruel que as minhas ficções — pensou ela.

Quando desceu do ônibus, Lisa teve que andar dois quarteirões em ruas mal iluminadas para chegar até a casa. Viu o carro de Derek parado na frente da residência. Não queria falar com ele. Pensou em entrar pela porta que ficava nos fundos, para subir as escadas para o quarto sem ser vista. Imaginava que ele poderia estar esperando na sala e ela não queria vê-lo. Ia contornar a casa pela direita quando ouviu uma voz conhecida.

— É assim que vai ser? Você se esgueirando pelos cantos pra não falar comigo? — perguntou Derek, que estava encostado na parede da lateral da casa, em uma parte onde a fraca lâmpada da rua não iluminava.

Lisa teve que tapar a boca para não gritar de susto, logo que ouviu sua voz. Lembrou-se da primeira vez que se viram, ela também não conseguia ver o rosto dele, assim como agora. Pensou como não havia percebido que a alma dele era tão sombria quanto os lugares escuros que ele optava se recolher.

— Eu não estava fugindo, apenas... — ela não sabia mais o que dizer. Parou a frase no meio e se sentiu mortalmente cansada. — Eu vou para o meu quarto — avisou, continuando o seu caminho.

— Não, você não vai — disse ele.

O comentário dele a fez parar no lugar, ele ainda estava encostado na parede.

— Fiquei horas te esperando, liguei pra você e fui ignorado. Eu mereço uma explicação.

— Eu não acho que mereça — disse ela, voltando-se para fitá-lo.

— Ah, não? Acha que devo me calar depois de você ter me dado um tapa na cara, ameaçado chamar a polícia e ficado do lado daquele cafajeste? — questionou ele, andando na direção dela e tendo parte do rosto iluminado pela luz da lua.

— Será que realmente é ele o cafajeste? Não seria você? Eu não queria ter te tratado assim, mas eu precisava cuidar dele. Consegui ver a pessoa que você é. E eu não quero contato com você.

— Eu sei que não é nada agradável me ver esmurrando ele, mas você tem que entender que eu precisei, ele aprontou coisas horríveis. Ele prejudicou muita gente. Eu também estava apanhando, tive que me defender. Ethan começou a briga! — disse Derek, aumentando o tom da voz, como em desespero.

Lisa começou a sentir ânsia de vômito. Não conseguia olhar para Derek e as feridas do seu rosto e imaginar que beijara a face dele na noite anterior com tanta paixão e agora a única coisa que queria era esquecer como ele era, cada traço do rosto bonito, mesmo ferido.

— É essa sua história? Engraçado você não comentar nada sobre a Carmem — disse ela, rindo, de forma sofrida.

— Tem alguma história melhor que essa? Com base nas suas vastas leituras? Conseguiu criar algum relato mais interessante? — perguntou, aproximando-se dela com aparência ameaçadora.

— A minha história, a verdadeira, é muito mais interessante, e ela te torna uma pessoa sem escrúpulos.

— Acha que eu não tenho escrúpulos só porque eu bati no Ethan? Desconfio que é do Ethan que você realmente gosta!

— Deveria ter percebido que você nunca deixou de ser aquele cara egoísta do início, que nunca se interessaria por alguém como eu. Só queria me usar para ferir o Ethan, que foi legal comigo desde o

começo.

— Ah! Agora estou entendendo. Se arrependeu de não ter escolhido o honroso Ethan, não é mesmo? É isso? — perguntou ele, demonstrando mágoa no rosto.

— Sim — mentiu Lisa. — Deveria ter me aproximado dele, mas você me roubou um beijo, começou atrapalhando tudo. Aqui em Dublin, resolveu ser... como foi mesmo que você disse? Lembrei! Resolveu ser o bom samaritano. Se tornou simpático, solícito, me fez acreditar que estava se apaixonando por mim.

— Mas eu estava! Na verdade, eu estou completamente apaixonado por você! Não percebe? — perguntou ele, vencendo a distância entre eles, segurando-a nos braços e pressionando sua boca na dela. Lisa o empurrou.

— Me larga! Dá um de amigo da Carmem, mas é apaixonado por ela. Mas além de assumir esse amor, você ficou brincando comigo! Me usando pra se vingar do Ethan. Eu nunca vou te perdoar por isso! — disse ela, começando a soluçar.

— Lisa, me escuta! Eu não sei o que está acontecendo, mas não me importo com nada do que você está falando. Você parece perturbada, não fala coisa com coisa. Eu não tenho nada com a Carmem, ela nunca despertou em mim uma vírgula do que você despertou!

— Mas você detesta o Ethan...

— Você tá apaixonada por ele? — pergunto Derek, com o rosto transtornado.

— Quem você acha que é o mais passível de amor? Um cara como ele ou um cara cheio de traumas como você? Tire suas conclusões! — disse ela, virando-se, no que ele a puxou pelo braço e a fez encará-lo novamente.

— Mentirosa! O jeito que você agiu comigo, quando estamos próximos, não foi fingido. Foi a coisa mais real que já tive. Tenha a decência de não mentir pra mim! — bradou ele.

— Vai se ferrar! Você e a porcaria do seu *casting*! — disse Lisa, dando um pisão no pé dele, que a soltou.

Ela aproveitou o momento para se afastar, voltou para a entrada da casa, desistindo de seguir pelos fundos. Com ímpeto, abriu a porta da frente e correu para o quarto, deixando as pessoas que estavam na sala perplexas.

CAPÍTULO 12

[Perdida na casa de Austen](#)

Depois de ter discutido com Derek, Lisa arrumou suas malas e avisou Carolina que não voltaria mais para Dublin. Somente havia dito para Derek que teria que voltar antes para o Brasil. A garota tentou convencê-la do contrário e até mesmo começou a chorar, mas Lisa foi irredutível, contou toda a história com relação a Derek, Carmem e Ethan para Carolina e disse que não poderia continuar ali.

Passava das três horas da manhã quando Lisa pegou o táxi para o aeroporto. Foi propositalmente cedo para evitar que Derek tentasse novo contato. Ele sabia que ela iria para Londres nesse dia, apenas não tinha conhecimento de que seu voo seria tão cedo, às seis horas da manhã.

Pagou uma taxa extra para levar sua mala grande, pois havia comprado uma passagem apenas que dava direito a bagagem de mão, pois pretendia voltar para Dublin antes de começar a se sentir mal.

Chegando a Londres, Lisa ficou em um hostel perto da London Eye. Depois saiu para conhecer a cidade. Ficou assustada com o metrô do lugar, era um emaranhado sem fim de linhas, e a profundidade

em que os trilhos foram construídos a deixou algumas vezes aturdida quando tinha que descer as escadas rolantes, íngremes.

No dia seguinte, acordou cedo e pegou trem para Winchester, depois um ônibus que partia da pequena estação central da cidade. Quando finalmente desceu no que pareceu para ela uma longa viagem, foi deixada em um local bem desabitado.

Seu destino era o vilarejo de Chawton, condado de Hampshire, no sudeste da Inglaterra. Era início de tarde, e ela ainda não havia almoçado, estava sem fome. Teve que tomar cuidado ao atravessar as largas ruas. Chegou a pensar que estava perdida, pois não via nenhuma casa ao redor.

Foi quando finalmente viu uma placa apontando a direção da casa de Jane Austen. Seguindo na direção da placa, logo avistou algumas casas, continuou andando e, na esquina, parou. Ao olhar para a casa ao seu lado esquerdo, Lisa reconheceu a residência a ser visitada.

Olhou com atenção e viu a placa com os dizeres que ali havia morado Jane Austen. Lisa, de imediato, emocionou-se, não sabia se era por estar emotiva com os acontecimentos com Derek ou mesmo se era porque a escritora era definitivamente a sua preferida.

Era uma residência simples, de tijolos vermelhos, de tamanho médio, a casa tinha uma porta central branca, duas janelas no térreo, quatro no primeiro andar e duas no que deveria ser o sótão da casa. Lisa imaginou que outrora existissem mais janelas na fachada da casa, pois reparou dois buracos que foram fechados com tijolos vermelhos.

Andando ao redor, analisou o quintal dos fundos, com algumas árvores vistosas. Lisa então entrou no museu e passou as próximas horas absorta na vida da famosa escritora.

Ela era grata pelo fato de Jane Austen ter tido a oportunidade de receber por, ao menos certo tempo, os louros de seus talentos literários, sendo reconhecida como uma escritora de sucesso ainda em vida, mas também sentia muito pela trajetória às vezes dura que a inglesa havia trilhado e, principalmente, por ter falecido aos 41 anos.

Lisa havia lido que o motivo da morte de Austen era um mistério até os dias atuais. Especulava-se que ela falecera após ter tido linfoma, outras linhas de investigação apostam na doença de Addison, um raro distúrbio nas glândulas supra-renais, e até mesmo tuberculose.

A admiração pela escritora era proveniente de várias razões, mas principalmente por Austen ser uma mulher à frente de seu tempo, que, mesmo diante dos estímulos às mulheres de apenas buscar casamentos, resolveu se aventurar na escrita e retratar de maneira sagaz uma sociedade repleta de hipocrisia e caprichos volúveis.

Depois de andar pela casa, conhecer o quarto onde dormia Jane Austen e ver objetos pessoais da escritora, Lisa seguiu por uma rua onde dava para a casa do irmão de Jane, que a ajudou a publicar os livros. A construção era imensa e a entrada bonita. O jardim da casa era tranquilo e bem cuidado. O espaço agora é conhecido como Chawton House Library e preserva uma coleção de escritos de mulheres de 1600 a 1830. Austen, por vezes, referiu-se à essa residência em suas cartas como “*Great House*”. Lisa pagou a entrada e visitou o local.

Conversando com uma moradora da área que puxou papo com ela, Lisa descobriu que a casa onde Jane morou com a irmã Cassandra e com sua mãe era, na verdade, propriedade do irmão, que cedeu o lugar em vista das dificuldades financeiras que elas enfrentavam após a morte do pai de Jane.

Ao lado da Chawton House Library, Lisa encontrou uma igreja, a Nicholas Church; segundo escritos de um mural, a igreja estava aberta há 750 anos. Lisa sentiu um cheiro forte de madeira velha no templo cristão.

Com poucas fileira de bancos, a igreja era simples e de tamanho um pouco maior que uma capela, as paredes estavam amareladas. Lisa imaginou Jane e sua irmã, amigas, entrando na igreja e fazendo suas orações ou mesmo encontrando pessoas da redondeza nas celebrações.

Decidiu voltar para perto do museu e ler um pouco. Resolveu sentar-se em uma das mesas do

pequeno parque quase de frente à casa de Jane. Sentada em cima de uma mesa de madeira, Lisa colocou os pés apoiados no banco. A área gramada tinha algumas dessas mesas, próprias para piqueniques, árvores com galhos secos e um playground para crianças.

Abriu o livro *Orgulho e Preconceito* e começou a lê-lo. Já havia perdido a conta de quantas vezes tinha lido a obra, mas, para ela, sempre parecia haver algo novo a descobrir.

Estava lendo há mais de uma hora, quando sentiu que alguém sentava ao seu lado e, assim como ela, colocava os pés no banco.

Lisa viu o sapatênis cinza. Teve uma sensação de reconhecimento, já havia visto o calçado antes. Sem ainda se dar conta de quem era o dono do sapato, olhou para cima e viu Derek.

No começo, pensou que estava imaginando coisas. Sabia que ficar falando com personagens de livros e seus autores podia mexer com a sanidade de alguém, só não sabia que a levaria a ter alucinações. Limitou-se a ficar olhando para ele.

— Oi — saudou Derek.

Lisa reparou que a alucinação estava com a mesma camisa jeans azul que o escocês havia usado quando a levou para visitar a casa de Oscar Wilde. A única diferença era que agora uma jaqueta preta estava jogada por cima da camisa.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou ela, para ver se o fruto de sua imaginação conseguia dar respostas coerentes.

— Vim conversar com você.

Lisa admitiu que era uma resposta simplista, mas coerente com a pergunta. Concluiu que realmente Derek estava ali, no local mais improvável de todos, pois ela não tinha falado onde estaria para absolutamente ninguém. Poderia estar em qualquer lugar, talvez visitando a casa de Shakespeare ou algum outro autor.

— Como você me encontrou? Quem te disse que eu estaria aqui? — perguntou ela, de forma seca.

— Eu deduzi.

— Como assim deduziu?

— Fiquei na dúvida se você iria visitar pontos turísticos mais badalados como Palácio de Buckingham, Tower Bridge e Abadia de Westminster. Deduzi que seria difícil te encontrar nesses lugares, sempre abarrotados de gente. Foi então que lembrei da sua inclinação para casas de escritores.

— Mesmo assim, há diversos escritores ingleses com casas abertas à visita! Não acredito que você me achou!

— Sabia que você faria visitas mais alternativas, então pesquisei as casas de escritores em toda a Inglaterra e, quando vi a de Jane Austen, não tão distante de Londres, tive apenas a certeza que você viria para cá.

— Mas como sabia que eu viria hoje?

— Esqueceu que combinamos que eu me encontraria com você em Londres? Já tinha até comprado minha passagem. Não lembrava o horário do seu voo, mas, quando fiquei sabendo que você foi embora sem termos nos acertado, peguei meu voo e tentei te encontrar.

— Tá de brincadeira, né?

— Meu voo foi no final da noite de ontem e hoje de manhã vim pra cá, te esperei toda a manhã no museu, mas você só apareceu no começo da tarde.

— É, eu me atrasei, não sabia muito bem como pegar o trem pra vir pra cá — explicou.

— Te vi, por fim, entrar na casa. Do lado de fora, pela janela, observei você visitando os cômodos. Segui você com o olhar quando veio para cá. Vi quando você abriu o livro.

— Eu já estou aqui há bastante tempo. Por que veio só agora falar comigo?

— Bem, eu tentava criar coragem e estratégias para ter uma fala calma, convincente e que desse

frutos. No linguajar geral, eu estava com medo.

— Medo de quê?

— De falar com você e, no final, ter o resultado de merda que tive da última vez que conversamos, de sair magoado da mesma maneira. E, lógico, de não conseguir fazer você mudar de ideia.

— Você não vai me fazer mudar de ideia. Eu descobri tudo, Derek. Tudo! E nada do que você diga vai me convencer a voltar com você.

— Eu vim aqui com uma única coisa em mente: te provar que, seja lá a lavagem que fizeram na sua cabeça, nem todas as coisas que você acha de mim são verdadeiras.

— Você teria que ser um mestre em advocacia pra conseguir tirar as tórpidas acusações sobre você.

— Para que eu possa entender bem, porque eu ainda estou muito confuso, quais seriam as principais queixas com relação a mim?

— No seu processo consta: falta de perdão com o próprio pai, não fala com ele há anos.

— Confere. Próxima.

— Não se dá bem com Ethan, se detestam.

— Confere.

— O agrediu porque ele abriu os olhos do irmão sobre a sua índole. Você passou a perna nele para conquistar sociedade com o Liam.

— Sei... Então foi isso o que ele te falou? — Ela não respondeu, apenas continuou com os pontos contra ele.

— Se aproximou de mim para feri-lo, para irritar o Ethan.

— Continue — incentivou.

— É apaixonado pela Carmem, pra quem sempre volta depois de usar outras garotas.

— Mais alguma coisa?

— Não sei, talvez tenha mais, mas graças a Deus eu desconheço. Isso porque eu estou deixando de fora do caso a forma medonha como você me tratou no começo.

— Vamos começar com a questão do Ethan. Pelo pouco que você falou, ele deve ter inventado um monte de mentiras e, conhecendo ele como conheço, não foram poucas. Bem, preciso que você fale com alguém. Ele está esperando a ligação — disse Derek, apertando teclas do seu celular.

— Como assim?

— A meu pedido, o Liam aceitou explicar toda a situação, já que você se recusa a acreditar em mim. Pra você tirar da cabeça a ideia absurda que eu planejei de maneira maldosa me tornar sócio do bistrô — disse Derek para Lisa.

— Eu não quero...

— Alô. Vou passar o telefone para ela. Valeu Liam — disse, entregando o aparelho para Lisa. De início, ficou relutante, mas resolveu escutar o que o irlandês tinha para falar.

— Oi, Lisa. Espero que você esteja bem — disse Liam.

— Estou, quer dizer, mais ou menos.

— Sei que está confusa, mas acho que posso te ajudar. Se estou falando com você, é porque provavelmente o Derek deve ter cumprido essa missão doida de te procurar na Inglaterra sem saber onde você está. Já que você não atende os telefonemas dele.

— É, realmente ele me achou — confessou sem graça.

— Quero primeiramente me desculpar pelo meu irmão. Não sei o que foi que aquele cabeça de vento te disse, mas pode apostar que é pouca verdade. Ele é ciumento e irresponsável. E isso desde que ele é pequeno. Não se engane com aquelas falas mansas.

— Mas o que isso tem a ver com a questão da sociedade?

— Éramos sócios do bistrô e no pub de Dublin, porém os gastos dele com uma vida regada a

bebida, balada e viagens, foi colocando tudo a perder. Ele gosta de viagens caras, de roupas de marca, carros luxuosos, mas nunca foi chegado em trabalho. Como o pub de Dublin estava entrando em colapso, quase tivemos que fechar, tive que pegar uma alta quantia de dinheiro emprestado do Derek para tentar recuperar o bar, isso há um ano.

— Do Derek?

— Isso. Mas mal havíamos aplicado o dinheiro para recuperar o bar, meu irmão teve que responder um processo por preconceito contra um chef de cozinha que veio da Látvia. Ele ofendeu e esmurrou o ex-empregado, que entrou com um processo. Foi uma época difícil para minha família, minha mãe ficou doente, todo mundo ficou abalado. Eu tirava dinheiro do bistrô de Paris para cobrir os rombos deixados por ele.

Lisa segurou-se no braço de Derek para evitar deitar na mesa, estava sem forças até mesmo para se manter sentada.

— Liam, já te ligo. Preciso desligar — disse ela, finalizando a chamada.

— Mas você precisa entender toda a história! — protestou Derek, sem perceber que ela teve um súbito mal-estar.

— Fala você, me conte o resto. Não quero mais ouvir isso pela voz do Liam.

— O Ethan foi para Paris pedir ajuda para o irmão, queria mais dinheiro para investir no pub. Foi quando você o conheceu. O problema é que Liam não tinha mais de onde tirar. Ele já não me pagava salário como chef há dois meses. E também não tinha como me devolver o valor emprestado.

— Então ele pediu para você ajudar no pub em Dublin?

— Isso, queria que eu trabalhasse lá para tentar reacender o negócio novamente. Fiquei de elaborar um novo cardápio, cuidar das finanças, dos empregados e fornecedores. Queria que eu gerenciasse o pub por um tempo para tentar colocar tudo nos eixos para que não entrasse em falência.

— Mas você falou que já havia trabalhado no pub antes.

— Sim, há um ano, o pub estava quase para fechar as portas também, devido a má administração de Ethan; ele bebia durante a semana e não aparecia para trabalhar no dia seguinte, deixava faltar mercadorias no pub, não chefiava seus empregados com justiça ou mesmo com consideração.

— Você ficou quanto tempo nessa época?

— Foram dois meses. Consegui renegociar dívidas, mudei para fornecedores mais baratos, elaborei um menu que vendia mais e treinei dois gerentes que suprissem a constante ausência de Ethan, mas, depois que fui embora, ele fez tudo desandar novamente, tirava dinheiro direto do caixa para seus gastos pessoais e voltou a fazer dívidas enormes com fornecedores.

— Foi por isso que Liam te pediu ajuda novamente?

— Como Liam não tinha mais dinheiro, viu que a única alternativa seria me mandar novamente pra ajudar Ethan, que, no seu orgulho, não gostou da ideia. Você mesma viu no dia em que me ajudou na cozinha.

— O que ele fez nesse dia? Dispensou funcionários de propósito?

— Eu já havia feito o cardápio, treinei outro chef e iria assumir a parte de renegociar com fornecedores. Ele não queria que isso acontecesse, pois eu descobriria a imensa dívida deixada por ele. Por isso, por telefone, pediu para o novo chef não ir, assim como a um ajudante, e me forçou a ficar na cozinha. Foi algo bem infantil da parte dele.

— Ele nunca foi grato pela ajuda?

— Nada do que eu fazia o agradava, eu estava trabalhando de graça lá, enquanto quem assumia o bistrô de Paris era o sub-chef. Eu aceitei fazer tudo isso por Liam. Ele é como um irmão para mim. Nos conhecemos na faculdade de St. Andrews, no curso de administração.

— Administração? — perguntou Lisa, confusa. — Pensei que tinha feito gastronomia.

— Isso foi depois, antes eu e Liam fizemos administração juntos. Essa parte da história vou

explicar melhor quando for falar sobre meu pai.

— Tudo bem, posso esperar.

— Eu e Liam tínhamos muitas coisas em comum, sonhávamos em administrar empresas envolvidas com o sabor, com a gastronomia. Acabamos indo estudar na escola de culinária em Paris, juntos, depois de formados na faculdade. Isso ressentia Ethan, que nunca se interessou por estudar.

— E por que você se tornou sócio de Liam no bistrô recentemente?

— Depois de não mais aguentar olhar pra cara de Ethan por tudo o que ele estava aprontando, eu liguei para o Liam, há alguns dias, antes mesmo do aniversário dele, pedi desculpas e disse que não teria mais condições de trabalhar com o irmão dele. Ele me pediu para voltar para o bistrô, mas eu me recusei.

— Como assim?

— Disse que precisaria arrumar outro emprego, pois já estava sem receber e não tinha noção de quando ele me pagaria o valor emprestado. Sabia que se cobrasse a dívida ele iria à falência.

— Caramba! Por isso estavam procurando investidores?

— Isso mesmo. Também não estava pronto para voltar para Paris, eu estava realmente gostando de você e queria continuar em Dublin por mais algum tempo — falou ele, olhando para Lisa, mas ela não conseguiu encará-lo.

— Então para não te perder, Liam te ofereceu sociedade no bistrô em troca do dinheiro que você investiu no bar comandado por Ethan? — perguntou Lisa.

— Correto. Era a única maneira de ele manter o bistrô, pois ele está bem quebrado. Aceitei a proposta, não por querer realmente ser seu sócio, mas, se eu não aceitasse, os dois, Liam e Ethan, não conseguiriam manter nada, perderiam os dois estabelecimentos.

— Meu Deus! Foi por isso que você foi falar com o Ethan?

— Não. Aquela noite quando saí do meu quarto chamado por Rafael, descobri que quem feriu o braço de Liam foi o irmão.

— Não acredito nisso!

— Na noite do aniversário de Liam, Ethan descobriu que eu seria o mais novo sócio do bistrô, alguém contou pra ele antes da hora. Desconfio que foi a Carmem, acho que ela escutou uma conversa minha com Liam ao telefone, mas não tenho certeza.

— Eu acho bem provável que tenha sido ela mesmo, mas continue sua história.

— Quando chegaram em casa, Liam e Ethan começaram a brigar logo que desceram de um táxi que dividiram. Ethan estava bem bêbado. Foi então que, em um momento de raiva, entrou em luta com o irmão, que caiu em cima de uma cerca e acabou perfurando o braço em uma lança de madeira lascada.

— Aí você foi tirar satisfação com Ethan no restaurante?

— Na verdade, fui tentar explicar para ele que eu não tinha ficado sócio do bistrô para confrontá-lo, mas porque realmente Liam me devia muito dinheiro. Ele conhecia por cima essa história, mas acreditava só no que ele queria. Não me deu ouvidos, então resolvi ir embora.

— E ele te acertou com a cadeira.

— Foi um banco. Eu estava de costas quando senti a pancada. E não vou mentir pra você, parti pra cima dele com raiva porque já estava cheio dele, do seu tratamento e das consequências de suas ações. O braço do Liam tá bem comprometido.

Após o fim do relato de Derek, Lisa olhava para ele incrédula.

— Posso voltar a falar com Liam? Quero entender melhor tudo isso.

— Ele deve estar esperando pra falar com você.

Após voltar a ligar, Derek entregou o celular para Lisa. No terceiro toque, Liam atendeu.

— Desculpe ter desligado. O Derek já me adiantou a história da questão da sociedade. O que eu queria mesmo saber é sobre esse boato de que ele se aproximou de mim para ferir seu irmão...

— Sei que no início meu irmão teve certo encantamento por você, mas digo, sem sombra de

dúvidas, que você se safou de muitas decepções. Você parece ser uma moça diferente, tão diferente que chamou a atenção do meu amigo Derek, que não é de se apaixonar facilmente. Na verdade, nunca vi ele assim, me forçando a dar explicações por telefone. Quase me bateu quando eu disse que não iria pagar esse mico.

— Imagino...

— Enfim, se você tinha dúvidas sobre a sua decisão de ter escolhido Derek ao invés de Ethan, não tenha. Eu amo meu irmão de sangue, mas ele não tem um terço da honra do meu irmão de coração. É isso! Derek nunca se aproximaria de você pra ferrar com Ethan. Esse boato não procede.

— Ok. Agradeço as informações. Valeu mesmo — disse Lisa, aliviada.

— Me traz alguns *souvenirs* da casa da Jane Austen. Pode ser uma caneca, livro não preciso, dizem que ela só escreve coisas românticas demais. Beijo. Manda um abraço pro meu *brother*. Tchau.

— Tchau, Liam. Obrigada por tudo — disse ela, encerrando a chamada. — Dá pra acreditar que ele teve a ousadia de falar que não quer livro da Jane porque...

— Você só absorveu essa parte do que ele disse ou prestou atenção no resto? — perguntou Derek, levemente irritado.

— Lógico que eu entendi tudo. E eu estou chocada! Eu nunca imaginei isso, nem mesmo nos meus momentos mais criativos. Não sabia que o Ethan seria capaz de ser tão egoísta, mas se o próprio irmão dele diz isso... Confesso que errei em acreditar no Ethan, mas ele foi bem convincente.

— E, pelo jeito, eu não fui!

— Olha, eu peço desculpas por ter te acusado de ter tentado roubar a sociedade do Ethan. Sinceramente, me perdoe.

— Não tenho o que perdoar. Você também foi enganada — disse ele, abrandando a voz e levantando a face para fitá-la nos olhos castanhos.

Lisa sentiu vontade de se aproximar dele, havia se acostumado com a proximidade de seu corpo, da forma como a beijava, primeiro como se ela fosse uma louça rara prestes a trincar, depois como se fosse feita de aço, capaz de aguentar os seus beijos mais abrasivos.

As lembranças causaram nela certa letargia. Decidiu por bem levantar-se e se afastar dele.

— Ok, Derek. Agradeço a atenção, não precisava vir até a casa de Jane Austen para esclarecer isso. Poderia ter mandado uma mensagem de áudio do Liam.

— Seria por aquele mesmo aplicativo que você me bloqueou? — disse ele, sarcástico.

— Poderia ter pedido para o Liam me passar ou mesmo a Carolina.

— Eu não vim até aqui só para ouvir uma palavra de desculpa. Eu vim até aqui para ficar com você.

— Sem chances!

— Mas eu te mostrei que eu não esmurrei o filho da mãe do Ethan por hobby!

— E eu já te disse que entendi. Agora, se me der licença, vou dar mais uma volta nas redondezas e retornar para Londres — disse ela, levantando-se do banco, pegando sua bolsa e livro e caminhando para a frente do museu.

Ele a deixou dar alguns passos, mas logo foi atrás dela, alcançando-a.

— Onde você está hospedada? — perguntou ele, andando ao seu lado.

— Não é da sua conta.

— Não vale de nada eu ter vindo até aqui? Ter te encontrado, ter implorado pro Liam me ajudar? Geralmente, nesses filmes de romance de segunda linha, o casal faz as pazes por muito menos.

— De segunda linha realmente é a expressão correta para classificar suas ações.

— O que quer que eu faça? Me ajoelhe? Eu não vou fazer isso! Nem mesmo por você, ainda mais quando está sendo uma megera!

— Tem muitas coisas sobre mim que você não sabe. Quando você me deu atenção, passou a

ficar do meu lado, mostrou-se até mesmo apaixonado, eu me esqueci um pouco de como era ser a pessoa errada, no lugar errado, onde nada se encaixa, nada faz sentido.

— Lisa...

— Me sentia na família errada, no emprego errado, a namorada errada. E vivia para agradar as pessoas ao meu redor, e elas me faziam sentir que eu não era boa o suficiente.

— Você não é errada pra mim, na verdade é tão certa que me fez vir aqui pra te ter perto de mim — disse ele.

— A sua atenção, Derek, me fez pensar que essa onda de azar que parecia estar como uma nuvem em cima da minha cabeça tinha se dissipado. E eu me senti pela primeira vez no lugar certo, com a pessoa certa, me senti capaz de fazer tudo o que me propusesse.

— E você pode!

— Saber que tudo não passou de uma mentira e que eu caí nela não fez só essa nuvem voltar, fez ela entrar em mim. Quero dizer isso pra você não fazer outras vítimas, pra que não deixe mais marcas amargas.

— Já expliquei a história do Ethan!

— Não é sobre a história do Ethan que estou falando, mas a da Carmem. Se quer ela, se gosta dela, assumo-a de uma vez e deixe de magoar pessoas por aí, inclusive ela própria, que fica esperando por você.

— Pois, se depender de mim, ela vai esperar eternamente, ainda mais se ela realmente armou isso, porque, se as mentiras dela te causaram dor, ela não tem mais espaço na minha vida. Me conte o que aconteceu. O que ela falou?

Lisa respirou fundo. Carmem havia dito que se ela contasse sobre a conversa que tiveram, ela negaria e Derek acharia que Lisa estava mentindo. Ela resolveu arriscar. Se Derek não acreditasse nela, o problema seria só dele.

— Carmem me disse que você é apaixonado por ela.

— É isso? Você acreditou em uma baboseira dessa? Você é uma das pessoas mais cultas que já conheci, Lisa, e foi acreditar no que ela te falou? Tá claro que ela tentou separar a gente e você deixou!

— Quer dizer que é mentira?

— Mas é lógico! Eu não saberia dizer de onde a Carmem tirou essa ideia, ela sempre soube que eu a via como amiga e esse arranjo sempre esteve ótimo pra ela. Você tem que acreditar em mim. Eu realmente não tenho nada com ela.

— Tô achando que eu deixei minha insegurança tomar as rédeas da situação. Eu meio que surtei, imaginando que você me usou — confessou Lisa. — Mas ela chorou e tudo!

— Acho que precisarei me afastar dela. As coisas que ela te falou fez a gente perder um tempo precioso junto. Se ela tá a fim de mim, deveria ter confessado, não armado dessa maneira.

— E se ela tivesse confessado? O que você faria?

— Diria que vejo ela apenas como uma amiga e que estou namorando uma pessoa que, apesar de me colocar em situações desconfortáveis e ferrar com a minha vida, com frequência, me fez descobrir uma versão melhor de mim mesmo.

— Estamos namorando? É isso?

— Não gosto de colocar nomes e rótulos nas coisas, mas podemos dizer que estamos juntos e somos exclusivos um do outro.

— Exclusividade não substitui bem a palavra namoro, mas acho que, pra você, ela é uma novidade.

— Apesar do julgamento que você faz de mim, essa palavra já fez parte da minha vida. Agora chega a parte que falarei sobre o meu pai. Não quero mais você jogando na minha cara que roubei a namorada dele. Foi o contrário.

— Como assim, o contrário?

— O Wallace, meu pai, atualmente está com minha ex-noiva. O nome dela é Anabel.

— É zueira isso, né? Só pode!

— Meu pai é dono de uma confecção de roupas na minha cidade natal. Ele engravidou minha mãe quando tinha apenas quinze anos, acabaram casando. O sonho dele sempre foi viajar pelo mundo, se aventurar. O meu nascimento veio como que destruir os planos dele. Nunca tivemos uma relação de pai e filho. Ele me via mais como um rival do que como filho. Depois da morte da minha mãe...

— Entendo se não quiser falar, mas o que causou a morte da sua mãe?

— Ela teve câncer, foi tudo muito rápido desde a descoberta da doença até o dia da sua partida.

— Eu sinto muito, mesmo.

— Foi há um bom tempo tudo isso. Superei, ao menos é isso o que acho na maioria das vezes, mas tem dias que é difícil lembrar de tudo.

— E como o seu pai foi afetado com a morte dela?

— Parecia que ele tinha sido liberto da prisão. Semanas depois da morte da minha mãe, ele já estava levando mulheres pra dentro de casa. Fora que ele já tinha diversos casos quando ela estava viva.

— Poxa, que difícil — disse Lisa, pesarosa.

— O pior foi quando ele anunciou que iria viajar o mundo e precisava que eu assumisse a fábrica dele, mas meu sonho sempre foi administrar a destilaria de whisky, que vem da parte da família da minha mãe.

— Destilaria?

— Meus descendentes tinham uma grande área de plantação de cevada, em St. Andrews. Depois, veio a ideia de se montar uma destilaria, meu tataravô Hamish Graham idealizou a marca de whisky com as iniciais de seu nome, ou seja, H.G. É uma marca bem conhecida na Escócia, mas ainda precisa ganhar o mundo.

— E esse era seu sonho?

— Era. Talvez um dia eu te leve pra conhecer a destilaria, é um lugar fascinante, onde a mágica acontece. Não sei se sabe, mas o whisky escocês é o mais famoso do mundo, o mais conceituado.

— Na verdade, eu nunca provei whisky — comentou ela.

— Sério? É forte, não sei se vai gostar, mas, pra mim, é algo que faz parte da minha vida. A destilaria, a mistura dos grãos, o cheiro da cevada, tudo isso faz parte de mim. Tudo precisa ser dosado, testado, provado. É uma mistura de gastronomia com ciência, sabores e química.

— Foi a partir daí que você descobriu seu talento para ser chef de cozinha?

— De certa maneira, sim, tudo isso começou com a vontade de fazer um whisky diferenciado. Sempre gostei de cozinhar também, misturar sabores, ver no que dava, dosar porções, pitadas, mas meu sonho mesmo sempre foi a destilaria.

— Interessante...

— Tem algo nela que me puxa, os momentos mais felizes da minha vida eu passei lá, correndo na plantação de cevada. Sabe quando você sente que aquele lugar do mundo é o lugar onde deveria estar?

— Não, infelizmente, não sei, mas deve ser ótimo sentir isso alguma vez.

— E, por mais que eu tenha passado por tantos lugares, em qualquer parte do mundo, eu consigo sentir o cheiro do whisky a metros de distância, tem cheiro de carvalho, dos bons; as bebidas ruins têm cheiro de álcool — confessou ele.

Lisa olhava pra ele e sentia paixão na sua fala, saudade na sua voz.

— E o whisky te faz lembrar da sua casa, da destilaria da sua família.

— Não é mais da minha família, quer dizer, tenho apenas uma pequena participação nos negócios, mas é pequena e não me permitem opinar em nada, infelizmente. A marca está cada vez mais

enfraquecida. Não me admira de chegarmos lá e encontrarmos tudo abandonado.

— Mas você falou que fez administração para cuidar da destilaria.

— Minha família era dona de pouco mais da metade do negócio, mas meu pai vendeu a parte dele há uns cinco anos, perdemos a chance de administrarmos.

— Espera aí, essa história tem a ver com você não falar mais com o seu pai? Comentou que o seu sonho era administrar a destilaria, mas agora vive de lembranças. Concluí que seu pai vendeu a parte dele e você se mandou e parou de falar com ele.

— Bom raciocínio!

— Não concordo com a parte de deixar de falar com o pai, mas também não posso menosprezar seu motivo. É um baita de um motivo.

— Ele fez isso para me punir porque me neguei a tomar conta da fábrica dele. Ele sempre soube que eu estudei administração pra tomar conta da destilaria.

— Você chegou a assumir esse papel de administrador?

— Sim, por quase um ano. Foi então que ele exigiu que eu largasse o posto pra assumir a fábrica dele. A destilaria é de vários sócios, e a diretoria é escolhida pelo sócio majoritário, que, no caso, era minha mãe. Com o falecimento dela, ficou metade de tudo para meu pai e a outra metade para minha irmã e eu. Eu comprei a parte dela.

— Como seu pai vendeu a parte dele, você perdeu a chance de assumir o cargo.

— Isso, agora quem está lá é um primo meu distante. Meu pai vendeu a parte dele para um tio meu. Eu ainda tenho minhas ações lá e quase não há lucro algum.

— Forte essa história!

— Wallace, de certa forma inconsciente, sempre me culpou porque, com o meu nascimento, toda a sua chance de liberdade havia acabado.

— Ele nunca amou a sua mãe?

— No início, acho que sim, mas, com o tempo, ele foi dando vazão ao jovem reprimido.

— Como aconteceu a aproximação dele com essa tal de Anabel? — perguntou Lisa, intrigada.

— Quando ele vendeu a parte da destilaria, saí de casa e parei de falar com ele. De forma imprudente, em uma birra idiota, ele me deserdou. Faltavam apenas seis meses para o meu casamento com Anabel. Ela fazia questão de uma grande festa e as contas não paravam de chegar.

— Deve ter sido um período complicado pra toda a família.

— Com certeza! Wallace tinha prometido pagar grande parte da festa, mas, com a briga, negou-se a cumprir com o prometido. Sempre foi o sonho de Anabel ter uma grande festa. Ela meio que ficou obcecada.

— E você também não tinha mais emprego. Havia perdido o salário como administrador da destilaria, né?

— Isso mesmo. Eu pedi pra ela reduzir alguns gastos da festa, fazer algo mais simples. Ainda não tínhamos enviado os convites e sugeri que diminuíssemos o número de convidados. Ela pretendia chamar por volta de 500 pessoas!

— Isso porque é uma cidade pequena!

— Foi então que ela me deu um ultimato: ou eu fazia as pazes com o meu pai, para voltar a ter verba para a festa de casamento, ou ela me abandonaria.

— Ela pediu isso muito tempo depois que você parou de falar com o pai?

— Não, semanas depois. Foi então que eu simplesmente disse que o que o meu pai havia feito tinha me magoado demais, que a destilaria era muito importante pra mim e que, se eu fosse correndo para os braços do Wallace, ele nunca aprenderia a lição, nunca pararia de brincar com a vida das pessoas.

— Ela não aceitou esperar?

— Não, cancelou o casamento em um acesso de raiva. Tentei ir atrás dela, mas ela estava

irredutível. Só voltaria comigo caso eu pedisse a contribuição do meu pai pra ajudar na festa e ele voltasse atrás na decisão de me deserdar.

— Você obviamente se negou a fazer isso.

— Sim, resolvi passar um tempo em Londres. Dois meses depois, ela tentou voltar comigo, mas eu não quis mais. O tempo que ficamos separados me mostrou que não havia sentimentos suficientes pra gente vencer as adversidades.

— E como eles acabaram juntos?

— Logo depois disso, Wallace e Anabel se encontraram em um bar e se aproximaram. Começaram um relacionamento.

— Devem ter feito isso pra te atingir, certo?

— Eles juram que não, que se apaixonaram, mas eu sinto que ambos fizeram isso para me magoar de alguma maneira. E conseguiram. Nunca mais voltei pra casa.

— E eu te acusando de roubar a namorada do seu pai. Às vezes, eu consigo ser bem estúpida!

— Podemos zerar tudo? Começar tudo de novo? Eu esqueço que você me acusou de coisas horríveis, me agrediu e me fez passar uma manhã inteira perdido na casa de Jane Austen. Eu praticamente tive uma imersão na vida dela.

— Isso não é algo negativo. Você deveria beijar meus pés por te proporcionar essa experiência sublime.

— Estou até sentindo ciúme desse tal de Mr. Darcy, tenho certeza que, em algum momento da sua vida, você ficou platonicamente apaixonada por ele.

— Fiquei não, eu sou apaixonada por ele e sempre serei.

— Eu divido você com ele, afinal, não dá pra competir com alguém que não existe, que ganhava 10 mil libras ao ano que, na época, deveria ser muito e, além disso, era dono de Pemberley.

Lisa não queria rir, mas se permitiu ao menos sorrir um pouco. Era engraçado ouvir ele falar de Darcy, geralmente ninguém de seu círculo de amizades sabia quem ele era.

— Você leu o livro?

— Não todo, apenas li alguns trechos no livro que estava à venda na loja do museu enquanto te esperava.

— Tá explicado — disse ela, encarando-o e imaginando que cena deveria ter sido, ele com seu cabelo rebelde, seu andar descolado, andando na casa de Jane.

— Já que te contei vários segredos meus, sobre meu pai e a Anabel, estou me sentindo em desvantagem. Acho que você fica me devendo alguma informação mais íntima sobre a sua vida.

— Pergunte.

— O que aconteceu com o seu ex-namorado? Por que não estão juntos? Por algum acaso, ele se incomodava com o fato de você gostar tanto de livros? Ele entendia esse seu lado?

— Ele não estava nem aí, porque sempre precisava de tempo para as suas coisas, para os seus amigos, suas competições de videogame. Ou seja, se tinha alguém que amava mais os livros do que eu, era ele, simplesmente porque, se eu estivesse lendo, não estaria reclamando de sua constante ausência.

— Sei...

— A única coisa que posso dizer é que meu ex-namorado amava mais os jogos dele, passar de uma fase ou vencer o carinha da rua de cima, do que eu.

— Quer dizer que ele era viciado em jogos?

— Bem, todo mundo geralmente tem alguns vícios, trabalho, drogas, refrigerante, chiclete, colecionar botões, esmagar formigas, arrancar espinhas da cara e...

— Ok, para. Isso tá ficando nojento. Entendi seu ponto de vista. Agora, conclua seu pensamento — pediu Derek.

— Eu não era um vício para o Raul — desabafou ela, sentindo-se desconfortável com aquela

conversa.

— Eu não sei e nem quero saber qual era o problema desse cara que você namorou, mas não pense nem um minuto que você não é viciante. Até agora, só conheci uma coisa mais viciante do que você, mas acredito que, se você se esforçar, pode conquistar o primeiro lugar logo, logo.

— E o que ou quem está em primeiro lugar? — perguntou ela, curiosa.

— Whisky escocês — disse ele empostando a voz para lembrar um locutor de rádio. Os dois começaram a rir juntos. — Agora venha aqui e me deixe te beijar. Chega de distância. Temos pouco tempo para ficarmos juntos — completou, capturando os lábios dela com os dele. Ela não se opôs.

Quando voltavam juntos para Londres de trem, Lisa se sentia em paz diante dos esclarecimentos de Derek. Estavam de mãos dadas, sentados um do lado do outro, sendo que ela estava em uma poltrona que ficava ao lado do corredor.

— Temos que conversar sobre a sua ida ao Brasil. Não seria melhor você adiar? Deve ter mais de um mês como turista na Europa. Podemos nos conhecer mais, passar mais tempo um com o outro. Fique, por favor — pediu Derek.

— Eu realmente preciso ir, Derek. Depois de um tempo, posso tentar voltar, talvez consiga visto como estudante. Prometo que pesquisarei alguns cursos na França, talvez na Irlanda, Inglaterra ou Escócia, pois sou fluente em inglês. Vamos esperar e ver como as coisas vão ficar entre nós. Pode ser?

— Não, não pode. A gente faz assim: você vai e eu vou te visitar em, no máximo, um mês. Quero conhecer sua família. Depois que eu voltar, você termina de resolver as pendências por lá e vem de vez. Eu pesquiso sobre as possibilidades de visto para você e te ajudo no que for preciso.

— Eu não sei como isso funciona.

— Também não tenho muitas informações, mas vou atrás. Você pode estudar em Paris, aprender a língua, pode ficar lá comigo. Te darei todo o suporte que precisar.

— Derek, isso é muito sério! A gente mal tá namorando.

— Calma, a gente vai se conhecer mais antes. Estou falando em um futuro próximo. Caso ambos estejamos de acordo.

— Caramba, é muita informação. Muita loucura tudo isso. Como a gente vai fazer dar certo?

— Eu não sei, a gente pensa nisso depois. Agora a única coisa que importa é eu te ter aqui comigo. Você ainda não foi embora, para meu alívio — disse ele, beijando-a de forma lenta de início e, gradualmente, intensificando o beijo.

Primeiro veio uma tontura leve e, depois, ela simplesmente sentiu uma fraqueza descomunal. Uma fadiga intensa. Empurrou-o para longe dela, precisando de ar. Tentou levantar-se para ir ao banheiro com a ideia de lavar o rosto para ficar mais desperta. Quando conseguiu ficar em pé, despencou desmaiada no chão do trem.

Derek a socorreu, pegou-a rapidamente nos braços e a deitou nos bancos do coletivo. Ele a tocava no rosto e chamava pelo nome. Em menos de um minuto, ela abriu os olhos.

— Graças a Deus! — disse Derek, aliviado. — Está melhor? Consegue me ouvir?

— O que aconteceu? — perguntou ela, atordoada.

— Você desmaiou. E, ao tocar em você, percebi que está febril. Será que o problema que teve em Dublin voltou? Vamos ao médico ao descermos do trem. Você precisa de cuidados e...

— Não! Eu vou viajar amanhã mesmo. No Brasil, prometo que vou ao médico.

— Mas você não parece bem! E tem essa mancha no seu rosto. Será que você está com alergia de algo? — perguntou, preocupado.

— Mancha? Que tipo de mancha? — perguntou ela, pegando um espelho dentro da bolsa de forma desesperada.

Ao ver o reflexo de seu rosto, esforçou-se para não chorar na frente de Derek.

A mancha ainda era muito clara, mas ela sabia que formato estava tomando. Logo a borboleta iria surgir novamente. Ela havia se descuidado da pele nos últimos dias, não passou protetor solar e os dias na Irlanda e Inglaterra estavam ensolarados, bem atípico para essas regiões, que viviam cinzentas e chuvosas.

A mancha em formato de borboleta, comum nas pessoas que possuem lúpus, havia voltado, e ela estava torcendo para ela logo ir embora, não era um bom sinal.

Derek insistiu para Lisa sair do hostel e ir para o hotel onde ele estava hospedado. Ela aceitou. Ainda estava se sentindo mal, andava de forma lenta e as articulações dos braços e joelhos doíam mais que no dia anterior.

Já no hotel, ela tomou um banho rápido, teve que se apoiar nas paredes de azulejo para se manter em pé. Depois deitou-se na cama do hotel e dormiu profundamente. Foi acordar mais de 10 horas depois, com Derek acariciando seus cabelos.

— Acorde ou irá perder o voo para Paris. Comprei minha passagem ontem à noite, enquanto você dormia. Não consegui no mesmo voo que você, mas chego uma hora depois em Paris. Dá tempo da gente se despedir.

— Você vai comigo pro aeroporto de Londres? — perguntou ela, ainda sonolenta.

— Sim, vamos juntos. Você embarca primeiro e eu vou no próximo voo. Nos encontraremos no aeroporto de Paris. Aí eu fico esperando seu voo para o Brasil com você. Pode ser? — perguntou Derek, colocando um punhado de cabelo dela para trás da orelha.

— Obrigada por cuidar de mim na noite passada e por me fazer companhia até o meu voo.

— Você acha que há outro lugar que eu gostaria de estar que não ao seu lado? Ainda mais nas suas últimas horas no meu continente? Eu respondo essa pergunta por você, e a resposta é: absolutamente não.

Derek e Lisa terminavam de comer lanche com fritas em uma rede de fast-food dentro do aeroporto Charles de Gaulle, na França. Faltava menos de três horas antes do voo de Lisa de volta para sua casa, no Brasil.

— Quer milk-shake? — perguntou Derek.

— Lógico! Isso é coisa que se pergunte? — disse ela, piscando pra ele e tomando refrigerante de canudinho.

— Já volto, dragãozinho — avisou ele, indo pegar a fila para fazer o pedido no restaurante.

Lisa olhou para ele descontraído na fila, parecia tão diferente de quando o conheceu. As rugas de preocupação na testa, ao redor dos olhos, pareciam que tinham tirado férias. Ela via diversão nos olhos dele, não mais uma desconfiança velada.

— Sabe o que tava pensando na fila? — questionou ele, ao voltar com as duas bebidas. — Que eu, definitivamente, tinha que voltar a te ver e te trazer para a minha vida, minha rotina. Você precisa fazer parte das minhas semanas, finais de semana, feriados, férias... Sabe, não consigo ver outra saída, simplesmente não consigo ver uma solução diferente pra minha vida que não te envolva.

— Pode apostar que eu quero isso também, me soa tão natural essa possibilidade que eu não consigo dar ibope para os muitos obstáculos que nos separam. Em determinado momento, as dificuldades pra gente ficar junto ficaram bem menores diante da necessidade crescente de estar com você.

— Que bom que você mudou de ideia, Lisa, que não classificou nosso lance como um simples romance de intercâmbio. Eu ficaria desolado se fosse assim.

— Como eu poderia, se eu me sinto mais confortável ao seu lado do que eu já me senti com alguém na vida? — disse Lisa, aproximando-se mais dele no banco estofado. Derek estendeu a mão esquerda e tocou a cintura dela, passou a mão por baixo da blusa branca de malha, ela estava com uma jaqueta jeans por cima de tudo.

O toque da sua mão na pele dela causava calafrios. Ele, discretamente, deslizou a mão na sua barriga. Lisa se retesou e enfrentou os olhos dele, conseguia entender completamente o que ele queria dizer com aquele toque, com aquele olhar.

— É loucura isso de você ir embora e eu não ter feito amor com você. Estou bem frustrado! E surpreso por, mesmo sem maiores intimidades, eu estar tão louco por você. Só pode ser brincadeira! Isso existe?

— Digamos que você se apaixonou primeiro pela minha alma. Ou é muito cafona falar isso?

— Cafona ou não, é verdade. Eu me apaixonei por sua alma, antes mesmo de sequer ver o seu corpo. E você não tem noção de como eu anseio por unir esses dois tipos de paixões.

— Só você quer isso? Acho que não — disse Lisa, abraçando-o e se pressionando contra o peito dele.

Com passaporte e bilhete na mão, Lisa agora estava na frente do portão de embarque. Tinha despachado sua mala há certo tempo. Derek estava com a mochila dela nas costas.

— Então é isso? — perguntou ele.

— Acho que sim — disse ela, ficando sem jeito. — Eu jurei que eu não ia chorar, mas é muito difícil voltar pra vida que eu tinha, Derek. Você não tem noção de como era vazia, lá não tem você. Eu estou com medo disso não funcionar, da gente se afastar — desabafou ela, começando a soluçar.

— Não fale isso nem de brincadeira. Nada vai acontecer, eu vou continuar na sua pra sempre. Vamos manter contato. O que poderia acontecer em um mês, capaz de separar a gente?

Lisa segurou a respiração. Queria contar sobre sua doença, que talvez demorasse um pouco pra ela fazer exames, mas não conseguia, não sentia que era o momento para isso.

— Você está certo — disse ela, tocando o rosto dele com os dedos frios. — Até logo — despediu-se, beijando-o docemente nos lábios. Ela afastou o rosto. — Minha bolsa, Derek.

— Ah! Lógico — concordou ele, entregando a mochila pra ela, que a pendurou nos ombros.

— Tchau — disse ela, timidamente, dando as costas para ele e entrando em uma pequena fila. Uma barreira de fitas pretas e grossas os separavam agora.

Sentindo-se um pouco perdido, Derek viu a cena como se assistisse a um filme, como se não estivesse acontecendo com ele. Quando Lisa dobrou outro corredor demarcado por fitas e se afastou ainda mais, ele a chamou:

— Espera! — pediu, aproximando-se da simples faixa que os separavam. — Tenha uma boa viagem, meu amor — desejou ele, puxando-a para a esquerda para dar espaço para as outras pessoas passarem. — Vem cá — disse ele, beijando-a de forma intensa. Ele sugou a língua dela, que gemeu baixo.

— Eu vou sentir saudades — disse ela em português, quando ele interrompeu o beijo.

— Saudades? O que é isso? — perguntou ele em inglês.

— É uma palavra em português sem tradução alguma. É o que vou sentir ao ficar longe de você — explicou, voltando a falar em inglês.

— Eu *saudades* também — disse ele, tentando falar em português, mas esquecendo de usar verbo na frase. Lisa riu.

Derek, que segurava a mão direita dela, soltou-a com pesar e deu dois passos para trás. Não falaram mais nada. Ela voltou para o caminho e seguiu até um ponto em que perderia a visão de onde ele estava. Voltou-se para ele e sorriu. Deu mais dois passos e sumiu da vista dele.

Ele não sabia se foi impressão sua ou ela estava mancando levemente. Derek ainda ficou mais um tempo olhando para o local em que a tinha visto pela última vez. Depois, colocou as mãos nos bolsos da calça jeans e se misturou entre pessoas que chegavam e partiam de diversos lugares do mundo no aeroporto. Uma versão moderna da Torre de Babel.

CAPÍTULO 13

Voos da indesejada borboleta

A cadeira de rodas cedida pelo hospital não era nada confortável, Lisa sentia dores nas laterais dos quadris, assim como nas costas. Forçou as rodas de metal que, de forma atravancada, saíram do lugar. Por fim, ela colocou mais força ainda e as rodas finalmente deslizaram com mais facilidade.

O recente sentimento por Derek havia criado nela uma certa negação da real situação da sua saúde. Ela acreditava que logo ficaria bem e poderia dizer pra ele vir visitar o Brasil para vê-la, mas agora compreendia que sua recuperação, se é que ela ocorreria, levaria meses, talvez anos.

Quando Lisa voltou ao Brasil, logo encarou uma bateria de exames, mal havia terminado todos eles, quando passou a ter dificuldades de andar, cada vez mais mancava. Em pouco dias, mal conseguia levantar da cama. Teve que ser internada às pressas. Os resultados de alguns novos exames tinham saído no dia anterior.

Lisa sabia que seu estado não era nada bom, mas tinha esperança de logo se recuperar, como havia acontecido na sua primeira crise de lúpus. Estava só esperando ter a conversa com a médica para contar tudo para Derek e se desculpar por ter barrado a viagem dele para o Brasil, como tinham combinado anteriormente.

O telefone tocou. E, pela primeira vez desde que voltou da Europa, Lisa não queria que fosse Derek. Empurrou a cadeira de rodas novamente para perto da cama e pegou o celular que estava em cima do travesseiro. Olhou para a tela e viu que a chamada era dele. Atendeu.

— Oi, Derek — disse, com voz desanimada.

— Oi, Li. Aconteceu alguma coisa? Tá com voz abatida.

Lisa deu um sorriso triste, não sabia nem por onde começar a contar para ele todas as desagradáveis novidades.

— Estou bem, não se preocupe — mentiu.

— Espero que esteja mesmo — disse ele, desconfiado. — Queria muito ver você. A câmera do seu celular ainda está com defeito?

— Sim! — voltou a mentir ela, que não havia contado que estava internada.

— Tenta agilizar esse conserto, por favor — pediu ele. — Tenho uma boa novidade pra você. Liam está namorando uma garota que conhece bem Aspen. Estamos planejando ir daqui uns quatro meses esquiar lá, e você estará aqui nessa data. Pensa, você esquiando!

— Eu não sei esquiar, Derek — disse Lisa, olhando para suas pernas, querendo contar pra ele que provavelmente nunca poderia esquiar.

— Também não esquio muito bem. Tem a parte dos iniciantes, é uma parte quase plana. Não se preocupe, eu fico com você lá! — disse ele, animado.

— E se a pessoa não pode esquiar, tem outras coisas pra fazer?

— Não! É neve pra todo lado, se você não pode esquiar não tem vantagem nenhuma ir pra Aspen — disse ele.

Lisa quase gritou que então não tinha sentido nenhum ela ir, mas se limitou a respirar fundo.

— Oi, você tá na linha? Não parece muito animada.

— Imagina! É que você não pode me ver. Eu estou muito animada! — disse Lisa, deixando cair algumas lágrimas em cima de sua camisola hospitalar.

— Bem, sua voz diz o contrário...

— Derek, já pensou em mudar de país?

— Eu já morei, além da Escócia, na Inglaterra e França. Até aceitaria mudar, mas o melhor é ser um lugar que o povo fale inglês ou francês. Não tenho mais paciência pra aprender outra língua.

— Você poderia passar uma temporada no Brasil? O que acha? — perguntou ela, receosa com a resposta dele.

— Eu adoraria, mas acho muito inviável. Não sei o idioma, seria difícil arrumar emprego. Você também não está trabalhando. Como faríamos?

— É claro. Seria mais simples eu encontrar com você, pois sua vida está mais estruturada.

— Aqui eu tenho um lugar pra gente. No caso, você ainda mora com seus pais, mas por que está cogitando isso? Você quer que eu vá ficar com você aí? — perguntou ele.

Lisa desligou na cara dele. A voz não saía, tinha frequentes faltas de ar. Ela achava que era um dos efeitos colaterais dos medicamentos, que também a deixavam ansiosa e contribuíam para suas constantes oscilações de humor.

Nos dias que se seguiram, ela teve uma piora considerável. As dores nas articulações da perna foram se agravando. Não sabia que outra desculpa inventar para Derek para ele ainda não comprar a passagem para o Brasil.

Primeiro disse que parentes distantes iriam visitá-la na data que ele pretendia viajar. Depois, afirmou que o novo período proposto por ele era de chuvas intensas em São Paulo, que alguns lugares alagavam de uma maneira horrível e que pouco poderiam aproveitar.

A mentira do alagamento fez ela perceber que cada vez mais suas desculpas se tornavam mais fracas. Quando os resultados dos exames ficaram prontos, Lisa imaginou que suas mentiras para Derek logo teriam fim.

Se ela fosse se recuperar logo, ela contaria pra ele sobre a doença e torceria para ele compreender que, em pouco tempo, ela logo poderia viajar. Caso contrário, teria de decidir se revelaria a condição de sua saúde e esperava uma decisão da parte dele, mas, no fundo, Lisa cogitava terminar o relacionamento, sem, contudo, avisá-lo do motivo.

Seu coração batia descompassado, estava observando a médica fazer algumas anotações enquanto revisava os exames novamente. Ao seu lado, seu tio Paulo esfregava os dedos dos pés secos uns nos outros.

Ele havia tirado os pés de suas sandálias de tiras. Vivia fazendo isso, até mesmo em locais públicos. Lisa olhou para o chão e viu que ele deixava um rastro de pele seca no piso claro. O barulho que ele fazia estava deixando Lisa perturbada.

— Para de esfregar esse pé — pediu, sussurrando no ouvido dele.

Ele não teve tempo de retrucar a bronca dela, a médica voltou a falar. De roupa toda branca, cabelos escuros escorridos e pele negra, a médica Vera olhou com semblante sério para Lisa.

— Desculpe a demora em dar o resultado dos exames, mas tive que colher algumas opiniões de outros médicos. Na verdade, a junta médica do hospital analisou seus exames, para chegarmos às melhores medidas para o seu caso.

Lisa ficou apreensiva. Por que precisariam de uma junta médica vendo seus exames?

— Vai me receitar algum remédio para que os movimentos da minha perna voltem?

— Entenda que a lúpus está agindo de uma maneira muito forte no seu organismo. Não dá para precisar o tempo de recuperação. Temos que esperar a medicação começar a agir.

— Mas, da outra vez, me recuperei tão bem!

— Na sua última crise, a lúpus não tinha atacado o seu sistema nervoso central. Nesses casos, a doença exige mais cuidados.

— Eu pesquisei e vi casos de pessoas que viveram bem com lúpus, que se recuperaram! — insistiu.

— E é isso o que esperamos para você, mas quero que entenda que cada paciente pode ter um conjunto de sintomas diferente do outro. E, no seu caso, os sintomas têm se mostrado fortes.

— O que está acontecendo com as minhas pernas?

— Se o fluxo de sangue é diminuído ou até mesmo interrompido, as células dos sistema nervoso podem ficar lesionadas, incapazes de funcionar normalmente. E, no seu caso, há muito tecido lesionado.

— O que pode ser feito?

— Você deverá ficar internada e tomar novas doses de corticosteroides. A lúpus desencadeou em você um tipo de vasculite, que pode prejudicar os nervos periféricos causando dores e perdas de sensibilidade nos membros, no caso, percebemos nos seus braços e pernas, mas pode atingir órgãos internos e isso pode ser muito perigoso.

— Quanto tempo internada?

— Tudo dependerá de como você irá reagir à nova dosagem de medicação que vou te passar.

— Serão meses de tratamento? Anos? Preciso saber.

— Lisa, sua mãe conversou comigo que você tem pensado em viajar novamente. Na primeira vez que você viajou, os sintomas eram bem controláveis.

— E agora?

— Em pouco tempo, seu quadro se agravou de maneira que você não tem autorização minha para viajar em qualquer hipótese. Você estaria arriscando sua vida.

— Eu também não vou poder trabalhar? Fazer nada?

— Nada que exija que você ande ou faça muito esforço no momento. Agora temos que pensar em barrar o avanço da doença.

— Eu preciso resolver uns problemas. Será que eu poderia fazer tratamento em casa?

— Como já falei, as vasculites podem atacar órgãos internos, e um de seus exames mostra que o seu rim foi afetado. Você continuará internada.

— Meu rim? Tem certeza? — perguntou, com as mãos tremendo.

As luzes do quarto estavam apagadas, Lisa dividia o espaço com mais duas mulheres; conseguia ouvir a respiração pesada de uma delas, a mulher de 35 anos com câncer de mama, a outra era uma senhora de 70 anos, que estava com úlcera gástrica.

Lisa não conseguia dormir porque os remédios tomados durante toda a semana afetaram seu sono. Falaram que a medicação poderia fazer com que ela engordasse, mas Lisa, em uma semana, havia perdido três quilos.

A dosagem de remédios era tamanha que chegava a doze comprimidos só na parte da manhã. Ela perdia cada vez mais o apetite. Agora também apresentava problemas no pâncreas.

Dos efeitos colaterais dos remédios, o que ela mais detestava eram os distúrbios de humor. Em alguns momentos, animava-se de forma exagerada, imaginando que logo ficaria boa e encontraria Derek, no mesmo dia chorava copiosamente e decidia que terminaria com ele.

Sentia-se tão afetada com a medicação, que evitou falar com ele por três dias, limitava-se a mandar mensagens, dizendo que seu celular estava sem sinal, que a internet da sua casa tinha caído, que, logo que possível, ligaria para ele.

Havia completado onze dias internada e, há apenas algumas horas, a médica havia dito que ela não teria alta na próxima semana. Os remédios não estavam fazendo o efeito desejado.

Lisa havia compreendido a gravidade da sua situação. Não veria Derek tão cedo, não tinha condições psicológicas no momento para manter um namoro a distância. Não poderia se mudar para ficar com ele, como era o planejado.

Seus pais a aconselharam a ser sincera com Derek, mas Lisa tinha medo de contar pra ele que estava doente para vê-lo aos pés da sua cama de hospital, olhando-a com espanto, imaginando como seria difícil ter um relacionamento com alguém que precisaria de cuidados constantes.

— Eu vou terminar com ele. É o melhor — disse baixinho, Lisa, em seu quarto de hospital, mas algo dentro dela queria lutar contra essa decisão tomada em um aposento demasiadamente branco de hospital. Contudo, já estava quase amanhecendo quando ela havia tomado sua decisão. Um torpor apático se abateu sobre ela, que finalmente adormeceu.

Era um final de tarde nublado. Mesmo sem sol, Lisa teve que passar protetor solar para sair para uma área externa da unidade hospitalar, destinada aos pacientes internados.

A enfermeira empurrou sua cadeira para fora e a deixou perto de uma samambaia apoiada em um suporte na parede. Lisa olhou ao redor, havia somente mais dois pacientes no local, conversavam em um banco de madeira a alguns metros.

Tirou o celular de uma pequena sacola de plástico que havia amarrado no braço esquerdo da cadeira. Procurou o número de Derek. Pressionou a tela e fez a ligação.

A milhares de quilômetros, um barulho ecoou em uma cozinha que estava em uma agitação frenética, era a hora do jantar. Derek trabalhava com o sub-chef francês e mais três ajudantes de cozinha, sendo que um deles era Rafael.

Enquanto checava três pratos antes de serem servidos, Derek olhou rapidamente para o relógio cromado na parede e constatou que já passava das 20 horas. Lembrou que ainda deveria ser dia no Brasil.

— Tem respingo de molho na borda do prato, Gisela. Limpa isso! Não posso virar as costas e você monta os pratos de forma desleixada! — Derek chamou a atenção da ajudante alemã.

— Seu celular, chef. Tá tocando! — avisou Rafael.

Derek havia colocado o celular em um balcão de mármore, afastado da área de alimentos. Correu para atender, viu o nome de Lisa na tela.

Apesar de querer brigar com ela por o estar evitando, ficou com medo de amedrontá-la e ela voltar a desligar e se recusar a atendê-lo como vinha fazendo há duas semanas.

— Oi, meu amor — saudou ele, mas ouviu apenas uma respiração fraca do outro lado da linha. — Lisa? É você? — perguntou ele, saindo da cozinha pela porta dos fundos e encostando-se na parede de tijolos aparentes do fundo do bistrô. Ele sentiu o ar gelado da noite que contrastava com o ambiente quente da cozinha. — Quem tá na linha? — perguntou impaciente.

— Oi, Derek — respondeu ela, finalmente.

— Como é bom ouvir a sua voz! — disse ele, aliviado.

— Eu preciso conversar com você.

— Deixa eu falar primeiro, Lisa. Eu comprei minha passagem! Sei que você queria escolher a data, mas quer saber? Está agindo muito estranho ultimamente e já se passaram dois meses que não nos vemos. Eu preciso te ver e eu simplesmente vou pegar esse avião e te abraçar bem mais que quarenta segundos, pode apostar — disse ele sorrindo e tirando a touca de cozinheiro da cabeça, deixando os cabelos bastos soltos.

— Você não pode! — disse ela, desesperada.

— Não posso o quê? — perguntou ele, revoltado.

— Não venha, Derek. Por favor! Você não pode!

— Eu posso e vou! E quero ver quem vai me impedir. Você com certeza não vai! — disse ele, alterado. — Que parte do combinado você não entendeu? A gente marcou de se ver em um mês e esse tempo já dobrou. Caramba, Lisa! Você não quer me ver, é isso?

— Eu mudei de ideia. Acho melhor...

— O que você está tentando me dizer?

— Se você me deixasse falar, eu conseguiria dar o meu recado! — respondeu ela, alterando o tom de voz.

— E qual é a porra do seu recado?

— Nós não podemos ficar juntos. Cancele o voo — disse ela com custo. Derek começou a rir.

— Você só pode estar bêbada, sua voz está estranha. Você só pode estar com os sentidos alterados pra me ligar e falar uma coisa dessa.

— Eu não quero mais namorar você — disse ela de forma enfática.

A linha ficou em silêncio, ele demorou para processar a informação, sentiu-se um pouco disperso. Sentou-se no banco que ficava nos fundos do bistrô.

— Por que isso agora? — perguntou ele, penosamente.

— Eu mudei de ideia.

— Não, não mudou. Tem algo mais. O que está acontecendo? Me conte, eu irei entender. Eu posso mudar meu voo que era para daqui a uma semana para amanhã, se você quiser. Precisa de ajuda? Eu posso te ajudar! Me fala a verdade! — pediu ele.

— Essa é a verdade, Derek. Nós dois juntos não é pra ser.

— Por que não? A gente tá apaixonado um pelo outro. O que nos impede?

— Eu não estou mais apaixonada por você. É isso.

— É mentira!

Nesse momento, Rafael abriu a porta para falar com ele. Derek apenas apontou para dentro do bistrô, e o garoto entendeu o recado, voltou para a cozinha, desconcertado.

— Não é mentira. Foi muito tempo longe um do outro, meus sentimentos mudaram. Eu não quero ir morar em um local longe da minha família, de tudo o que eu conheço. Me perdoe! Eu sinto muito, muito mesmo — disse ela mordendo o lábio inferior, esforçando-se para ele não perceber que ela chorava.

— Eu posso fazer você gostar de mim de novo! Eu viajo e a gente vê o que acontece. O que falta é a gente se ver. Me dê essa chance! Vou fazer de tudo pra você sentir o que sentia por mim. Porque eu ainda gosto de você, caramba. Muito! Eu não te esqueci — finalizou ele, sem saber mais o que poderia dizer para convencê-la.

Lisa percebeu que ele não iria desistir. Se ela não o convencesse a não ir, em uma semana, ele estaria procurando por ela no Brasil. Sabia que não deveria mentir, mas estava tão confusa com toda a sua doença, tão sensível por conta da medicação, que acabou não vendo outra saída a não ser falar algo que tinha certeza que o feriria muito, mas que o impediria de pegar o voo.

— Não venha, Derek, eu voltei com o meu ex-namorado. A gente está junto — disse ela.

— O cara do videogame? — perguntou ele, surpreso.

— Esse mesmo.

— O que não te dava valor? Que gostava menos de você do que um cartucho de jogo antigo do Mario Bros?

— Não é bem assim... ele prometeu mudar. Você precisa respeitar minha escolha.

— Tá falando sério? — perguntou Derek, sentindo o rosto acalorado.

— Me perdoe. Eu não queria fazer você perder o seu tempo.

— Você me traiu com esse cara? — perguntou ele com voz baixa e mordaz.

— Não foi traição. A gente não tinha nada, Derek, eu e você. Essa nossa história tem muitos entraves e...

— Não tínhamos nada? Então, por que será que eu estou aqui, dizendo pra todo mundo que eu namoro, que vou visitar o país da minha namorada? Comprei uma passagem de avião que, pelo jeito, não vou usar? Por que será que eu estou rejeitando investidas de outras garotas? Porque eu gosto de sofrer? Não, Lisa. Era porque você me fez acreditar que a gente tinha algo sim!

— Eu preciso desligar. Nunca foi minha intenção te magoar. Precisa ser dessa maneira, é o

melhor pra você.

— Eu aqui, tentando ser um cara correto com você, enquanto você voltava com um jogador compulsivo. Pelo amor de Deus! — disse ele, passando os dedos pelos cabelos e depois apoiando a cabeça entre as mãos. Lisa não conseguia mais controlar os soluços agora, precisava encerrar a ligação.

— Seja feliz, pois vo... você merece.

— Eu não vou te perdoar pela sua covardia. Você era a pessoa mais importante pra mim e agora você se tornou desprezível aos meus olhos — disse ele.

— Vamos terminar como amigos, Derek! Eu não desejo nada de mal para você.

— Amigos? Eu quero é que você quebre a cara com esse psicótico. Na verdade, quem gosta de jogar nessa história é você. Fui um bonequinho manipulado, né? Mudou de fase agora. Parabéns!

— Não é assim...

— Eu não quero nunca mais ouvir nada que venha de você e nem sobre você. Eu vou sufocar de forma tão forte esse sentimento, que não vai sobrar nem sinal dele — disse ele, magoado.

— Desculpe — disse ela, chorando.

— E sabe o que é pior de tudo isso? Eu era louco por você! Ainda sou! E eu me odeio por isso — disse ele, desligando o telefone.

Em um ímpeto de raiva, Derek levantou-se e pegou o banco de madeira onde estava sentado há pouco, jogou ele contra a caçamba de lixo, o entortando. Segundos depois, o sub-chef abriu a porta para saber a origem do barulho.

— Assume a cozinha, Eloi. Eu não tenho condições de voltar lá. Você consegue, eu confio em você. Assume, por favor — pediu Derek.

— Sim, chef — disse o francês, correndo de volta para a cozinha.

Derek entrou atrás dele, só que se dirigiu para o escritório. Trocou-se rapidamente. Pegou sua carteira e capacete. Pulou em sua moto que estava no estacionamento do restaurante e arrancou sem ter um rumo certo.

CAPÍTULO 14

[Tempo em um relógio quebrado](#)

Era uma sexta-feira à tarde, o bistrô estava com movimento fraco, e Derek buscava aprimorar sua receita de *clafoutis*, doce típico da França, feito com cerejas cozidas inteiras em um creme de farinha, leite, açúcar e ovos. Ele buscava fazer a receita com outras frutas. Certo dia, tentou até mesmo com cogumelos, uma espécie de versão salgada da iguaria.

Liam entrou na cozinha. Ele vestia terno e segurava uma garrafa de vinho.

— Sócio, o que você achou desse vinho italiano? O fornecedor acaba de ligar e quer saber se a gente vai querer mais um lote. Preciso da sua ajuda, ele é bom, mas não sei...

— Eu achei o valor caro para um vinho malbec de três anos. O malbec argentino com três anos está bom, agora um europeu precisa ter cinco anos. O valor que a gente tá pagando é por um de cinco anos e não de três.

— Não tinha pensando nisso.

— Acredito que, no momento, é melhor não fazer mais pedidos dele. Eu pretendo viajar para a Itália atrás de novos fornecedores, novas marcas. Acho que posso passar um final de semana lá, daqui a

um mês. Posso conseguir novos fornecedores. Algo diferente.

— Beleza, sócio. De vinho você entende. Vou cancelar o lote que eu havia encomendado.

— Certo — disse Derek, voltando a dar atenção para a sua receita.

— O que você vai fazer hoje? Sair com a Désirée?

— A gente terminou há duas semanas, pensei que tivesse te contado.

— Não contou não. Terminou o quê? Você nem começou a ficar com a garota. Eu mesmo vi ela só duas vezes.

— A gente era amigo. Ela começou com uma história de morar comigo e, sinceramente, eu não estou a fim de dividir meu espaço com ninguém.

— Você sempre vem com o mesmo papinho. Essa já é a terceira garota em menos de um ano que, quando a coisa começa a ficar séria, você pula fora. Eu gostava daquela que foi com a gente pra Aspen. Você dispensou a garota logo depois da viagem, ela tinha ficado bem amiga da minha namorada.

— Agora eu preciso namorar quem se dá bem com a sua garota? — perguntou Derek, debochado.

— Você nunca fica satisfeito. Quisera eu chamar atenção das gatas que você chama, mas você arrasta a fila de uma maneira um pouco rápida demais para o meu gosto.

— Não sabia que estava ferindo seus sentimentos com a minha vida amorosa.

— Eu sinto falta de sair com você, mas, como eu estou namorando sério, não dá pra ficar levando você de vela.

— Olha pra minha cara e veja se eu pareço uma pessoa que se presta a ser vela.

— Sei que não! Por isso, quero que arrume uma namorada, pra gente sair de casal, essas coisas. Estou ficando louco de só sair com os amigos da Augustine. Dá pra acreditar que eles gostam de assistir seriados reprisados no sábado à noite?

— É o fim da linha, mas, como disse, não tenho ninguém em vista no momento. E arrumar uma garota legal pra assumir algo sério é mais difícil do que você imagina.

— Nem sempre você foi assim tão exigente.

— Quando você teve algo muito bom e de repente não tem mais, você passa a ser mais exigente, procura algo para superar aquilo. E se frustra diante da constatação de que, talvez, o que você viveu não foi real, não é base pra nada. Mas vai falar isso pro cérebro? Vai convencê-lo a se contentar com aquele beijo mais ou menos, com aquele gostar morno, com aquela entrega pela metade?

— Já entendi tudo, a brasileira te estragou, *brother*! Faz mais de um ano, Derek, que vocês terminaram.

— Mais uma razão pra eu detestá-la.

— Ou correr atrás dela.

— Prefiro passar a vida com o mais ou menos do que ir atrás dessa garota. Agora para de falar disso, que me deixar de mau humor.

— Pensei que você já estivesse de mau humor desde segunda-feira — provocou Liam, porém Derek limitou-se a pegar a garrafa de vinho da mão do sócio. Abriu-a e serviu duas taças, pegando uma para si e entregando a outra para o amigo. — Escuta, quero te ver animado! — disse Liam. — Uma garota pediu minha ajuda pra se reaproximar de você. E eu vou ajudar. Por isso, a minha ideia é a seguinte: hoje a gente vai sair, eu levo minha gata e o casal chato de amigos dela e encontramos essa garota misteriosa.

— Eu conheço?

— Não vou dar dicas.

— Não gosto dessas coisas armadas. Geralmente é gente desesperada que aceita esse tipo de armação.

— No seu caso, a tática tem que ser de guerra. Não vou aceitar desculpas, passo de táxi na sua casa, às 22. Esteja pronto e, pelo amor de Deus, abra esse coração de rocha escocês de vez em quando.

Deixe-se surpreender, *brother*.

Derek estava na fila para entrar no mesmo barco em que havia beijado Lisa pela primeira vez. Não havia ficado nada feliz quando descobriu, dentro do táxi, aonde Liam planejava ir. Uma vez lá dentro, ele se esforçou para não ser antissocial com o casal de franceses amigos de Augustine.

— Cadê a sua amiga? Estou aqui de vela de dois casais, eu vou acabar com a sua raça se ela não aparecer — reclamou Derek para Liam.

— Calma. Ela me mandou uma mensagem, tá a caminho — explicou Liam.

— Eu vou dar uma volta — disse, pegando sua cerveja long neck e se afastando.

Ainda estava na área da pista de dança quando viu uma garota de cabelos ondulados na altura dos ombros subindo as escadas, tinha a mesma altura de Lisa. Ele sentiu as mãos ficarem frias.

Perguntou-se se tinha visto Lisa ou alguém parecido com ela. Seria a brasileira a garota que Liam disse que pediu a ajuda dele para se reaproximar?

O amigo havia comentado que era pra ele amansar o coração. Até mesmo falou de Lisa horas mais tarde.

Tentou pensar no que faria se encontrasse com ela. Cogitou dar as costas para ela, afinal, Lisa o havia trocado pelo ex-namorado, mas e se ela tivesse se arrependido? Ele não sabia se seria capaz de perdoar, considerava-se orgulhoso.

Seguiu o caminho feito pela garota de cabelos nos ombros. Cogitou ao menos conversar com Lisa, olhar o rosto bonito novamente. Ele tinha apenas uma foto dela, que tirou quando ela visitava a casa de Jane Austen.

Havia apagado a foto do celular, quando percebeu que não parava de olhar a imagem depois do término. No entanto, salvou-a no computador. Também havia bloqueado ela de suas redes sociais. Por mais que em alguns momentos tivesse a vontade de desbloqueá-la para conseguir ver postagens recentes, ele resistia.

Não sabia se ela ainda namorava o jogador, não sabia no que ela trabalhava. De repente, uma curiosidade intensa se alastrou dentro dele. Precisava vê-la, mesmo que isso não significasse estar com ela ou mesmo voltar com ela. Queria reavivar as lembranças dos poucos dias vividos ao lado da garota que gostava de ler.

Estava na popa do barco, olhava por cima da multidão. Não a via em nenhum lugar. Após ter percorrido boa parte da área e não tê-la achado, seguiu para a proa do braço. O sofá onde eles tinham compartilhado alguns momentos agora era ocupado por outro casal.

Ele parou exatamente no ponto onde havia primeiro segurado ela pela cintura e depois a beijado. Ele segurou com a mão esquerda a grade de proteção do barco, ela havia encostado as costas ali — lembrou ele.

Vários minutos haviam se passado, ele já estava convencido de que, pelo fato de ter voltado ao barco e ter visto uma garota de cabelos parecidos com Lisa, tinha imaginado erroneamente que ela estava ali.

Havia decidido ir ao encontro de Liam quando sentiu um toque nas suas costas. Imediatamente, tensionou os nervos dos ombros. Virou-se, devagar, sentindo o peito apertado. Logo decidiu se controlar, tinha receio de olhar pra ela, abraçá-la e esquecer todo o mal que ela o fez.

— Eu precisava te ver — disse uma voz harmoniosa e já conhecida por ele.

— Você? — questionou, quando viu o rosto da moça. — Foi você que procurou o Liam?

— Esperava outra pessoa?

— Bem, já conversamos por telefone há muito tempo, Carmem; na ocasião, te falei que não gostei das suas técnicas pra me impedir de me aproximar de outro garota. Não posso dizer que estou muito feliz de te ver.

— Isso ainda, Derek? Foi há tanto tempo. Pensei que você tivesse se esquecido.

— Não se esquece de uma coisa dessas tão rápido.

— Eu sei que agi mal. Eu vivia dando uma de amiga quando na verdade eu sempre gostei de você.

Estou cansada de relacionamentos superficiais. Queria tentar me aproximar de você. Me dê uma chance — implorou Carmem.

— Devia ter me falado antes que tava interessada, não fingir ser apenas uma amiga.

— Eu só tentei impedir os avanços daquela menina pro seu bem. Ela não era uma garota boa pra você, eu sabia que não ia dar certo. Queria te mostrar, mas você não queria enxergar as mentiras dela. A garota fingia ser algo que não era.

— Você não deixa de ter certa razão. Ela não era o que eu imaginei — confessou ele.

— Tá vendo? Você devia me agradecer pela ajuda. Fica comigo essa noite, Derek? Pelos nossos bons tempos e por tudo que pode rolar entre a gente, agora que eu coloquei tudo na mesa. Eu voltei aqui por você. Isso não conta?

Os cabelos de Carmem estavam cortados em estilo chanel. Ela usava um vestido listrado preto e branco colado ao corpo, as sandálias eram tão altas que quase estava na mesma altura de Derek.

Ele se ressentiu por ser a francesa a estar ali e não Lisa, mas isso também o fez perceber quem era a pessoa que realmente gostava dele, que voltava por ele. Olhou para Carmem, o novo corte de cabelo tinha ficado bem nela, deixava-a mais simpática do que os cabelos longos e pranchados.

— Você tá bonita — comentou ele, sincero.

— Que bom que finalmente você reparou em mim — disse ela, aproximando-se dele e o beijando de forma sensual. Derek não a impediu, retribuiu o beijo.

Já havia saído com ela outras vezes, era sempre animado no início, mas, depois, ela começava a se sentir à vontade demais e era aí que se via as opiniões rasas, a monotonia, mas Derek teve uma leve esperança de que, talvez, daquela vez desse certo. Ele precisava disso, precisa seguir finalmente adiante.

— É tão bom quanto da última vez. Acho que melhor. Foi há quanto tempo mesmo? Dois anos? — perguntou, desencostando o rosto do dele.

— Acho que sim — limitou-se a responder Derek, que colocou o cabelo dela para trás da orelha e reconheceu que estava cansado de errar por aí, cansado de trocar de namoradas, de ficar procurando uma Lisa em outra garota, sendo que ela apenas fingiu. Não fora real o que eles viveram. — Eu acho que você fez bem em pedir ajuda do Liam — disse ele, tomando a iniciativa dessa vez e tocando os lábios dela com os seus. Eles ficaram por alguns minutos juntos.

— Olha! O casal desocupou o sofá! — apontou Carmem para o local onde Derek havia sentado com Lisa.

— Não. Lá não — disse ele.

— Como assim? Qual é o problema com o lugar?

— Nada, é que eu queria sentar nos bancos que tem perto do bar. Vamos? — desconversou ele, colocando um dos braços sobre os ombros de Carmem e seguindo para o bar.

Derek entregava um copo de cerveja para Carmem e segurava um para si, quando viu a garota com os cabelos ondulados novamente. Ela estava de costas. Ele não poderia explicar o que deu nele. Levantou-se de ímpeto.

— Eu vi uma conhecida. Só um minuto, Carmem. — Ele deixou sua bebida na mesa e se dirigiu para perto da garota que esperava por seu drink, apoiada no balcão do bar.

— Gostou do que viu? — perguntou a garota, percebendo que ele a observava sem muita discrição.

— Gostei. Desculpe encarar assim, é que você é muito parecida com uma pessoa que eu conheço.

— Uma pessoa que você gosta ou não? — perguntou, brincalhona.

— Eu não sei bem.

— Se respondeu dessa maneira, é porque gosta — concluiu a garota, sorrindo.

Derek sorriu junto ao ver os dentes dela, eram parecidos com os de Lisa, retos. Até mesmo os dois da frente eram um pouco maiores que os demais. Os olhos também eram da mesma cor, castanhos. Só que a desconhecida tinha uma testa longa, vincos ao redor da boca e o nariz era pontudo demais. Com pesar, ele viu que elas não eram tão parecidas assim. Pela pronúncia do inglês, Derek cogitou que a garota fosse americana.

— Bem, desculpe. Eu não queria atrapalhar. Me desculpe mesmo.

— A gente pode conversar melhor — propôs.

— Eu não posso. Estou acompanhado, mas saiba que você tem o sorriso mais lindo que já vi.

— Eu ou a garota parecida comigo?

— Digamos que há um empate técnico — disse ele, encarando o rosto dela mais uma vez, logo dando as costas para a americana e voltando para a mesa ao lado de Carmem, que não comentou nada, apenas o abraçou e iniciou uma conversa sobre os últimos acontecimentos do ano, sobre a sociedade dele com Liam.

Carmem falava sobre o novo curso de TI que estava fazendo, quando o telefone de Derek tocou. Era Rafael. O agora chef formado havia voltado para o Brasil há menos de dois meses.

— Carmem, você se incomoda de eu atender? — perguntou.

— Não, imagina. Na verdade vou aproveitar e vou ao banheiro. Com licença — disse Carmem, se levantando.

— Alô! — saudou. — Rafael?

— Oi, Derek! O que me conta de bom, parceiro?

— Esqueceu o fuso horário? Aí pode ser início da noite, mas aqui não.

— Liguei na hora errada, né? Às vezes, me esqueço dessa questão de fuso horário.

— Deixa quieto. Tava curioso pra saber se deu certo aquele seu emprego. Como está se adaptando?

— Não está fácil. Aquele emprego lá era temporário, agora estou procurando outro. Preciso que você me faça uma carta de recomendação, pra me ajudar na busca por emprego. Te liguei pra pedir isso.

— Pode deixar. Na segunda mesmo, assino e te envio. Pode ser escaneada?

— Sim. Perfeito. Valeu, Derek. Não quero mais te atrapalhar. Em outra hora a gente troca mais ideia.

Derek ia se despedir do amigo, mas a garota parecida com Lisa havia passado perto da mesa dele. Deu vazão à curiosidade.

— Sei que está aí há pouco tempo, mas sabe da Lisa?

— Da Lisa? Amiga da minha irmã?

— É, essa Lisa. Tem notícias dela?

— Na verdade, tenho sim, mas acho melhor deixar quieto essa história.

— Como assim?

— Minha irmã pediu segredo, cara. Ela me mata se eu te contar!

— Desembucha. Se não falar, esquece sua carta de recomendação.

— Isso é chantagem, não é justo.

— Nunca falei que sou justo. Fala: o que aconteceu? Ela vai casar? É isso? Teve filhos?

— Descobri que ela está doente. Tem uma doença, esqueci o nome agora, só sei que ela não pode andar direito desde que voltou ao Brasil, parece que, há uns três meses, teve uma alergia a uma medicação e quase morreu. Não tem sido fácil.

— Você sabia disso antes? — perguntou Derek, confuso.

— Não, minha irmã só me contou agora que voltei. Ela teve que me contar porque um dia a levei de carro no trabalho da Lisa, ela é sócia de um sebo, ou algo do tipo. Aí eu a vi de cadeira de rodas.

— Tem certeza?

— Pressionei minha irmã pra me contar o que tinha acontecido. Ela me pediu segredo porque a Lisa não queria que você soubesse.

— E você sabe se ela está namorando?

— Aquela história de que ela voltou com o ex-namorado é mentira.

— Sério?

— Agora que já contei uma parte, vou falar tudo de uma vez. Não acho certo o que ela fez também. Devia ter te contado!

— Não vai me dizer que ela inventou isso pra me afastar dela! — exclamou Derek, levantando-se do banco de forma impulsiva e derrubando o copo de cerveja em sua calça.

— Foi, cara. Ela estava muito doente e mentiu — despejou Rafael. — Minha irmã disse que ela fez isso pro seu bem, mas percebi como você ficou mal na época. Não sei se foi a decisão acertada.

— Rafael, te mando a carta na segunda-feira — disse Derek, desligando o celular de forma abrupta e voltando a sentar. Para ele, parecia que a música era tocada em outra dimensão. Ele não mais prestava atenção em nada da festa ao seu redor. — Ela está doente, ela está sofrendo — disse ele, pesaroso.

Por mais que estivesse realmente decepcionado com ela, jamais desejaria que ela estivesse passando por tantas provações.

— Ela mentiu, ela mentiu, ela mentiu — repetia Derek. — Como você pôde fazer isso comigo, Lisa? Como foi capaz de decidir por mim?

— Derek, você está bem? Você está branco como cera — disse Carmem, aproximando-se dele.

— Desculpe — disse ele, passando a mãos no rosto grosseiramente. — Eu descobri que uma amiga está doente. Muito doente.

— Ela deve ser querida pra você ficar nessa situação. Você está visivelmente perturbado. Tem certeza que está bem? Suas mãos estão tremendo!

— Carmem, eu preciso ir agora. Não posso ficar aqui. Você avisa o Liam? Diga que tive um contratempo, que estou bem, nada com o que se preocupar.

— Mas eu pensei que nós poderíamos...

— Eu não posso, de verdade. Foi bom ver que está bem. Vamos colocar uma pedra nos desentendimentos do passado, mas não posso ser mais nada além de seu amigo.

— Estou cansada de ser apenas a sua amiga! — reclamou.

— Eu achei que eu estava pronto pra termos uma nova chance, mas não estou. Agora eu estou menos pronto que antes — disse ele, beijando-a no rosto e saindo do barco que se equilibrava no rio Sena.

CAPÍTULO 15

[Cruzando o Atlântico](#)

A esteira rolante trazia a mala preta de porte médio de Derek no Aeroporto Internacional de Guarulhos. Ele a pegou, dispensou o carrinho e rolou a mala pelo piso nivelado do aeroporto.

Quando saiu pelo portão de desembarque, não viu Rafael, que ficara de buscá-lo no aeroporto. Apesar da família do brasileiro morar em Campinas, ele havia se mudado para São Paulo, onde havia mais ofertas de emprego na sua área.

Depois de Rafael deixar a França, havia convidado Derek para visitá-lo no Brasil um dia. O escocês agradeceu o convite e nunca imaginou que, em tão pouco tempo, voltaria a ver o amigo.

Após ele ter descoberto a doença de Lisa, Derek não conseguiu parar de cogitar vê-la. Sabia que havia se passado muito tempo, que as coisas entre eles não eram mais as mesmas, mas sentiu que precisava vê-la, dizer que ela não era desprezível como ele havia dito ao telefone. Queria que ao menos pudessem ser amigos, saber de tempos em tempos se ela se recuperava. E, para isso, precisavam esclarecer as coisas.

— E não é que o meu amigo Derek veio ao meu país tropical? — disse Rafael, em inglês.

— Rafael! Como você está? — perguntou Derek, surpreso por não ter visto o brasileiro que estava bem ao seu lado.

— Pensou que eu deixaria meu chefinho do coração aqui abandonado no aeroporto?

— Você não tem noção de como eu estava louco pra sair desse avião. Foram mais de doze horas, nunca havia ido a nenhum lugar tão longe assim.

— Você está literalmente quase do outro lado do mundo, *brother*. Vamos? Meu carro está no estacionamento. Quer ajuda com essa mala?

— Não, está leve. Onde você mora mesmo?

— Moro no bairro de Pinheiros, em São Paulo. Divido o apartamento com mais um colega. Estou trabalhando em um restaurante como sub-chef, é um bistrô francês ainda em ascensão. A sua carta de recomendação ajudou muito. Não é meu emprego dos sonhos, mas estou feliz lá.

— Que bom, fico contente em ter ajudado. O Liam mandou um abraço para você.

— Aí sim! Mas por que você vai ficar só uma semana? Queria ter tempo pra gente viajar para alguns lugares. Mas, como é um trabalho novo, não consegui folga alguma.

— Em outra ocasião, a gente viaja. Agora vim mesmo para encontrar com a Lisa. Você sabe onde ela mora?

— Sei onde ela trabalha. Te disse que levei minha irmã lá um dia. Mas ela não sabe que você vai visitá-la?

— Se eu avisasse, ela não iria aceitar me ver. Vamos de surpresa mesmo. Pensei em amanhã já ir no trabalho dela.

— Não poderei te acompanhar, vou trabalhar.

— Tudo bem. Eu pego um táxi. Você apenas precisa me passar o endereço. Você tem o telefone dela aqui do Brasil?

— Eu não tenho, mas a Carolina tem. Quer que eu peça pra ela?

— Não, ela pode desconfiar, saber que estou aqui. É arriscado ela contar pra Lisa e ela fugir de mim de novo.

— Como combinado, não contei nada pra minha irmã sobre a sua visita.

— Obrigado, Rafael. Pela hospedagem e pela amizade.

— Deixa disso, você só tem que me prometer que vai me deixar te levar a alguns restaurantes de São Paulo. Tem uns muito bons!

— Fechado.

O lugar era bem estranho e bagunçado, na opinião de Derek. Reparou que o estabelecimento não tinha placa com nome. Gostou da rua, era bonita, larga, movimentada. Um lugar agradável, mas o sebo não acompanhava a elegância dos demais estabelecimentos comerciais.

Enxugou com a palma da mão o suor do rosto, não estava acostumado com dias de sol forte. Olhou as estantes do sebo, algumas eram novas, outras tinham um modelo antigo. Derek não via Lisa em lugar nenhum. Viu apenas uma jovem loira, de cabelos longos, colocando um livro em uma sacola e recebendo duas notas de R\$ 10 de uma senhora de coque no cabelo e semblante severo.

Sentiu um cheiro nada agradável, percebeu que um rapaz mexia no encanamento do pequeno banheiro ao fundo. Do lado oposto do banheiro, havia uma pequena sala, era um escritório com paredes tortas, tinha menos de dois metros quadrados. Metade da parede era de tijolos rebocados e o restante era de vidro.

Foi então que ele a viu sentada de frente para um computador. Em cima da mesa, vários livros. Parecia que ela fazia um cadastro das obras.

De longe, ele constatou que os cabelos dela estavam apenas um pouco mais curtos, no rosto, não havia muita maquiagem, apenas os lábios estavam rosados e os olhos marcados com lápis preto. Ele sentiu-se nervoso, como um adolescente na primeira festa que não era matinê, mas sim que varava a madrugada.

Lisa ouviu baterem na porta.

— Jéssica, pode ir almoçar. Eu já vou lá pra frente em segundos. Adiantei bem o cadastro essa manhã — disse ela em português, sem olhar para ele, que não entendeu nada do que ela falou.

— Sou eu, Derek — disse ele em inglês.

Ela o olhou com os olhos arregalados, não conseguiu evitar abrir a boca surpresa.

— Derek? O que está fazendo lá, quer dizer, aqui? — disse ela, enrolando-se no inglês, fazia mais de um ano que não praticava.

— Eu vim dar um oi, cheguei ontem aqui, estou na casa de Rafael — disse ele, sentindo-se um pouco encabulado.

— Ah! — exclamou ela, parecendo aliviada, ao perceber que ele veio para ver Rafael, deveria ter ficado curioso sobre como ela estava e resolveu fazer uma rápida visita, concluiu Lisa.

Queria pedir perdão por suas atitudes, dizer que não havia um dia em que não pensava nele, mas apenas o encarou, tentando não transbordar seus sentimentos. Não conseguia pensar em nada para falar. Tinha medo de abrir a boca e cair em um choro sentido.

— Resolvi saber como você está — disse ele.

— Bem, obrigada. Estou com alguns problemas de saúde, como pode ver — disse ela, olhando para a cadeira de rodas em que estava. — Mas estou me recuperando.

— O Rafael comentou sobre isso, eu não sabia.

— Não tenho tido contato com ele, mas sempre falo com Carolina por telefone. Ela deve ter comentado algo.

— O que realmente aconteceu, Lisa? — perguntou ele, sentando-se em uma cadeira vazia ao lado dela.

Agora a via no mesmo nível e pôde perceber que seus braços estavam magros. Ela havia perdido muito peso. O rosto estava fino demais.

— Tenho lúpus, uma doença que faz com que o sistema imunológico da pessoa ataque tecidos saudáveis. No momento, os tecidos das minhas pernas são os mais afetados, mas estou esperançosa em reverter essa situação. Minha meta é andar de muletas em breve.

— Isso vai ser ótimo. Fico feliz de saber que está otimista.

— E você, como está, Derek?

— Relativamente bem — disse ele, encarando-a. — O Rafael comentou que você também não está mais namorando. É verdade? — perguntou ele, de forma direta.

Lisa ficou na dúvida sobre o que responder.

— Tivemos uns contratempos no namoro. Nesse momento não estamos juntos. Estamos dando um tempo, mas logo retomaremos o nosso relacionamento — mentiu ela, que, desde que havia voltado ao Brasil, não procurou Raul nem foi procurada por ele.

— Sei...

— Mas e você? Tá namorando? — perguntou ela, sem conseguir conter a curiosidade. Desviou o

olhar do rosto de Derek e pousou nas canelas dele, que estavam descobertas. Derek usava uma bermuda jeans, camiseta verde lisa e tênis preto.

— Não, não estou.

— Eu imaginava que talvez você estivesse com Carmem.

— Não, nunca a namorei. Você ficaria incomodada se a resposta fosse outra?

— Não, por que ficaria? Eu agi de maneira errada com você. Te magoei. Se vale de consolo, eu me arrependo muito de tudo o que fiz com você.

— Como assim? Me quer de volta?

— Não! Não estou falando isso. E nem você iria me querer de volta! Imagina! Digo que deveria ter sido mais sincera com você. Não ter prometido te esperar e depois ligar com uma notícia daquela. Eu estava errada, nessa questão, mas nós dois sabemos que não teria dado certo mesmo. Olha só pra mim!

— Estou olhando e o que vejo é uma moça que está sentada em uma cadeira de rodas, mas que é capaz de gerenciar um local como esse, que não perdeu o senso crítico, que continua a mesma garota que eu conheci.

— Não, Derek, eu, definitivamente, não sou a mesma garota que você conheceu. Não vou ficar dando uma de coitada e detalhar meu tratamento, mas pouco há daquela garota.

— Espero que esse pouco que ainda exista seja o que há de melhor em você — disse ele, pousando sua mão no joelho dela, que usava um vestido longo florido de alças finas.

— Eu preciso ir para a frente da loja, é a hora do almoço da minha funcionária — avisou ela, apertando um botão no braço da cadeira, que se direcionou primeiro para trás, depois, com outro botão pressionado, a cadeira seguiu para a frente.

Derek percebeu que, apesar de ser automática, a cadeira era bem barulhenta e estava um pouco velha. Ele seguiu Lisa, que saiu do escritório.

— Jéssica, pode ir almoçar. Eu fico por aqui — disse Lisa para a jovem que tirava pó de alguns livros.

— Certo, Lisa. Só vou pegar minha bolsa — respondeu a garota, passando por Derek e o olhando com curiosidade.

— Então, me fale sobre esse lugar. Parece o negócio certo para a garota que gosta de ler — disse ele, olhando ao redor e se perguntando como ela entrou em um negócio tão decrepito desse.

Derek viu a ajudante de Lisa sair apressada pela porta da frente.

— Antes de viajar eu trabalhava aqui. Pedi demissão. Quando voltei e passei a me tratar, comecei a pensar em algo que eu pudesse trabalhar, fazendo meus horários, pois preciso ir com frequência a consultas e exames. Então, simplesmente negocieei com meu ex-patrão.

— Você negociando? Interessante.

— Arrumei uma audição de teatro para meu ex-chefe, por meio de uma colega brasileira, atriz de musical, que conheci em Londres, quando andava no Soho.

— Nada como ter contatos.

— Ofereci também quase todo o valor que eu tinha, que havia sobrado da venda do carro da minha avó, só guardei para comprar essa cadeira e pagar um ano do meu convênio. E agora eu sou a mais nova sócia de um sebo. Legal, né?

— Mais que legal! Está fazendo uma reforma aqui? Vi um cara arrumando o banheiro.

— O dono desse prédio não tem grana pra reformá-lo. Então, estamos tentando arrumar algumas coisas em troca do abatimento no valor do aluguel. Mas tá tudo muito complicado. A gente abre um buraco, aparece uma cratera. O dinheiro tá indo embora e não sei se conseguiremos consertar tudo. Isso aqui tá muito podre, o prédio é muito antigo.

— Mas a localização parece ser muito boa.

— Tem escolas e faculdades aqui perto. Passam muitos estudantes e empresários aqui na frente.

— Vi poucas ruas arborizadas como essa por aqui.
— Te falei que São Paulo era uma selva de pedra.
— Curti o pouco que vi. É bem descolado, urbano, me sinto bem aqui.
— Que bom que gostou. Vai viajar com Rafael pra algum lugar?
— Não, ele precisará trabalhar. Eu volto na segunda-feira para Paris.
— Tão cedo? — perguntou ela, sentindo um súbito nervosismo.

— Tenho que voltar para o bistrô, ou Liam acaba comigo. Teremos quatro eventos com palestra e degustação de vinhos. Quase todos os ingressos foram vendidos.

— Espero que, dessa vez, ninguém atrapalhe sua palestra, derrubando de forma desastrada o retroprojeto — disse Lisa, rindo, lembrando-se do início do relacionamento deles.

— Infelizmente, não terei essa sorte novamente — disse ele, sério. — Você não estará lá como antes.

Eles não falaram mais nada. De súbito, parecia que não havia mais assuntos amenos a serem tratados. Lisa ficou aliviada quando o telefone que ficava ao lado do caixa tocou. A garota moveu a cadeira alguns metros e, depois, atendeu a ligação. Começou uma conversa com a pessoa do outro lado da linha, e Derek resolveu olhar os tipos de livros ao seu redor.

— Derek, você pode me fazer um favor? Há uma planilha que deixei em cima da mesa do escritório. Pode pegar pra mim? — pediu Lisa.

— Mas é claro — disse ele, andando apressado para o escritório.

Viu algumas folhas empilhadas em cima da mesa. Pegou todas. Foi quando reparou que havia um pequeno aquário na mesa de Lisa, com um peixe betta azul. Por detrás do vidro, viu uma folha grudada na parede, e o nome Tolstói se destacou, em uma letra redonda e bonita.

Desviou o olhar do vidro do aquário e olhou direto para a folha na parede, havia sete nomes. Derek reconheceu a maioria deles. No topo da folha, estava escrito algo em português que ele não entendeu, mas deduziu que a palavra projeto deveria ser project. Tinha o número sete. Ele viu o nome de Tolstói, Jane Austen, Victor Hugo e Oscar Wilde e lembrou-se que Lisa tinha visitado as casas desses escritores, ou ao menos tentado.

— Ela tem um projeto de conhecer as casas desses sete escritores! — deduziu Derek. — Ela viajou por isso — concluiu.

De forma rápida, com o celular, tirou uma foto da página na parede. Correu para levar as planilhas para Lisa, que, depois de apenas um minuto, encerrou a chamada.

— Lisa, como o Rafael não vai poder me fazer companhia, pensei de eu e você viajarmos pra algum lugar. O que acha? Apenas alguns dias — propôs Derek.

— Agradeço o convite, mas eu tenho uma consulta muito importante para fazer no sábado. Não posso perder, de jeito nenhum.

— Entendi — disse ele, esgotando suas ideias de como poderia vê-la novamente. — E antes disso? Poderíamos sair pra algum lugar?

— Eu tenho que trabalhar aqui e não sei se seria uma boa ideia. Você precisaria ficar me ajudando com a cadeira. Não seria nada muito divertido pra você.

— Não é novidade pra mim te carregar, posso me virar com isso — avisou ele, para desespero de Lisa.

Ela não queria ter que ficar sozinha com ele, não sabia como iria se portar. Tudo estava ficando muito complicado.

— Acho estranho isso, a gente brigou da última vez que se falou. E agora você está aqui como se nada tivesse acontecido. Quem me garante que você não está planejando algum tipo de vingança, sei lá? Eu não estou confortável com tudo isso.

— Bem, seu raciocínio é certo. Pela lógica, você me trocou pelo seu ex, eu te disse coisas duras

pelo telefone e, depois de um ano, apareço aqui. Poderia ser vingança, mas não é, simplesmente porque descobri que você mentiu que voltou com o amigo do Sonic.

— Amigo de quem? — perguntou ela, sem entender.

— Seu ex-namorado, o jogador. Sonic é um personagem de videogame — explicou, mostrando certa impaciência por fugir do assunto principal.

— Ah...

— Simples assim, senhorita Lisa — disse ele, cruzando os braços.

— Não sei do que você está falando — desconversou ela, sentindo as mãos ficarem levemente úmidas de suor.

— O jogador de Pac-Man. Você nunca voltou com ele. Mentiu para me afastar .

— Você ficou louco?

— Para de fingir. Vou refrescar sua memória. Você sentiu-se no direito de decidir por mim, porque achou que eu não iria querer ficar com você por causa da sua doença. Vai continuar negando? Queria filmar a sua cara agora desmascarada pra você ver o papelão que está fazendo — disse ele com um sorriso vitorioso.

— Como você descobriu isso? Quem te falou?

— Não estou acostumado a divulgar minhas fontes. Não vim aqui pra brigar, só queria saber como você está, sem mágoas, e, já que está tudo esclarecido, não há motivos pra gente se evitar. Podemos muito bem ter um momento juntos. Não quero jogar na cara, mas, quando você viajou, eu bem que te acompanhei em muitos pontos turísticos da Europa.

— Não vai me fazer bem me aproximar de você agora. Não sei se me entende... Faz um ano, a gente só teve um namorico inconsequente e sem vínculos, no entanto...

— É o seguinte, tenho apenas alguns dias aqui. Não conheço quase ninguém. Preciso de companhia. E você me deve isso. Mentiu pra mim. Teve um tempo que a gente se dava muito bem, não acho que você vai morrer se apenas sairmos um dia.

— Tudo bem — disse Lisa, enquanto uma parte dela a chamava de estúpida.

Tentou sufocar a razão, deixou, pela primeira vez desde muito tempo, ser guiada pela sua vontade. Ela não podia negar que queria mais tempo com ele, independente da sua situação, ela queria um pouco mais de Derek.

— E onde você quer que eu te leve? Na Avenida Paulista? No Parque Ibirapuera? É lindo lá! Poderíamos ir no Museu de Arte de São Paulo, o Masp, ou na Pinacoteca — disse ela de forma rápida, tentando não voltar atrás e dizer que não podia.

Ele apenas tinha um leve sorriso nos lábios, como uma criança que faz travessuras.

— Eu não sei ainda. Posso pensar primeiro? Vou pegar algumas dicas com o Rafael. Pode ser na quinta-feira?

— Tá, eu vou avisar a Jéssica, minha funcionária, e o meu sócio, o senhor Jonas. Ele vem ficar aqui quando não venho; e está me devendo muitos dias.

— Ótimo, porque, assim, você pode cobrar o que ele te deve e programar uma viagem rápida. Seria perfeito dois dias, ao invés de um. A gente sai na quinta e volta na sexta. Pode ser?

— Acho que minha mãe não iria... Tá. Eu aceito — disse ela, mordendo a própria língua como forma de se repreender por ser uma pessoa fraca e não conseguir negar os pedidos do escocês. Era justamente o que ela achava que deveria fazer, mas não o que ansiava.

— Perfeito! — disse ele, encostando o cotovelo na máquina registradora, que abriu de forma barulhenta. Derek levou um susto. — É brincadeira, né? Você devia se livrar disso.

— Eu gosto dessa geringonça, ela precisa apenas de um conserto — disse Lisa. — Sobre a viagem — voltou ao outro assunto —, eu só preciso conversar com minha mãe primeiro, quando estou aguardando resultados de exames, ela fica uma pilha de nervos, não me deixa fazer nada. Tá bem

neurótica.

— Se você quiser, eu posso conversar com ela.

— Não! Ela te detesta.

— Como assim? Eu nunca vi sua mãe antes! Você falou mal de mim pra ela? — perguntou ele, desconfiado.

— Não precisei falar. Digamos que ter mentido pra você e terminado não foram uma coisa muito boa pra minha recuperação. Fiquei bem mal por um tempo, e ela acabou ficando com bronca da sua existência, sabe?

— Compreendo, eu mesmo não lidei muito bem com isso. Digamos que foram tempos difíceis.

— Foram, mas passou. Superamos!

— Superamos? — perguntou Derek, fitando-a nos olhos.

— Eu... eu preciso fazer uma rápida ligação — disse Lisa, apertando esbaforida o botão errado de sua cadeira e quase atropelando Derek, que deu um pulo para o lado para não ser atingido.

— Desculpe, pensei que era o botão para dar ré — explicou ela.

— Tudo bem — disse ele.

— Já volto — disse ela, aparentando estar perdida.

O barulho irritante da cadeira antiga voltou a ecoar no sebo.

CAPÍTULO 16

[A poetisa de bengala](#)

Como iriam pernoitar apenas um dia, Derek e Lisa tinham apenas uma mochila cada um. Ele agora empurrava a cadeira de rodas dela para fora do Aeroporto de Goiânia.

— Lisa, espera só um minuto — disse ele, afastando-se alguns metros e indo conversar com um taxista. Após alguns segundos, voltou. — Onde a minha amiga mora é um pouco longe. Não compensa ir de táxi, vou alugar um carro.

— Pensei que ela morava em Goiânia.

— Não, é cerca de 150 quilômetros pela frente.

— Se for perto da Cidade de Goiás, a gente podia dar uma paradinha na casa...

— Não vai dar pra passar em nenhuma outra cidade que não seja a da minha colega, Lisa. Desculpe.

— Que cidade que é? — perguntou ela, claramente irritada.

— Esqueci o nome agora. Depois te falo.

— Derek, eu aceitei viajar com você. Comprei uma briga com minha mãe, ela está sem falar comigo, não queria me deixar viajar. E você, além de escolher um lugar perto, resolve visitar uma amiga, que eu não sabia que você tinha, em Goiás! Quem é essa garota? — perguntou ela, enervada.

— Isso é ciúme? Não se preocupe, ela é mais velha do que eu.

— Bem, você sempre gritou aos quatro cantos do mundo que gostava de mulheres maduras.

— Lisa, você vai gostar dela. Confia em mim!

— Droga! Tá bom. Vamos logo antes que eu desista de te acompanhar.

O carro alugado era um Fiesta preto, com ar-condicionado e direção hidráulica. Fazia mais de duas horas que eles estavam no carro e foi quando Derek percebeu que precisava mudar a rota do GPS ou

ficaria perdido.

Tinha colocado um endereço de uma cidade próxima como seu verdadeiro destino. Estavam chegando, mas, se ela o visse mudar a rota, descobriria a surpresa.

— Lisa, tenta dormir um pouco.

— Não, daqui a pouco chegaremos.

— Que nada, ainda tem chão! Estou preocupado com você, você está com uma cara bem cansada.

Vai dormir, vai.

Lisa estava estranhando o comportamento de Derek, mas realmente percebeu que estava cansada. Tinha perdido o costume de viajar.

— Tudo bem — concordou ela, de certa forma contrariada.

Após uns quinze minutos, ela pegou no sono. Derek mudou a rota do GPS e percebeu que, em menos de uma hora, chegariam à Cidade de Goiás. Ainda não era nem meio-dia.

Lisa sentiu uma carícia em seu ombro.

— Acorde, Lisa. Chegamos.

— Oi?

— Chegamos na casa da minha amiga. Vamos?

— Já?

— Só para constar, eu vi.

— Viu o quê? — perguntou ela, virando-se para ele, que abria a porta do carro.

— Vi que se matou de babar no vidro do carro — disse ele, rindo e batendo a porta.

— Que vergonha! Será que eu ronquei também? — questionou-se Lisa.

Logo Derek a ajudava a sair do carro e a sentava em sua cadeira já montada na calçada.

— Derek, pega a minha bolsa, por favor. Preciso tomar água.

— Toma, bebe a minha. — Ele ofereceu uma garrafa de plástico azul com água pela metade para ela.

Enquanto Lisa se refrescava, ele movia sua cadeira. Ela mal se deu conta de que passava por algumas portas e entrava em uma casa branca térrea com janelas brancas contornadas com uma faixa grossa de tinta verde. A porta era de um verde-claro.

— Que lugar é esse? — perguntou ela.

— Bem, é a casa que te falei que a gente ia.

— Mas...

— Tente desvendar esse mistério, senhorita que lê. Vou te deixar um pouco sozinha pra você pensar — disse ele, saindo do cômodo.

Lisa olhou para a frente, o que via era uma mesa quadrada de madeira, forrada com uma toalha amarela. Quatro cadeiras rodeavam a pequena mesa.

Havia três cristaleiras feitas da mesma madeira escura, mas em formatos diferentes. A mais baixa delas portava louças diversas, xícaras antigas e delicadas. O espaço era bem arrumado, simples, mas elegante. O tipo de elegância só possível através da simplicidade. O chão era de tijolos vermelhos desgastados pelo tempo. As paredes do cômodo eram brancas.

— Eu já vi essas portas verdes, elas... — Lisa interrompeu-se ao perceber onde estava. — Não é possível! Como ele sabe?

Virou sua cadeira para o outro lado da sala de jantar e constatou que estava certa. Havia um quadro com a foto de Cora Coralina, a escritora brasileira mais querida por ela, a poetisa sensível e capaz de, com palavras, fazer revoluções dentro das pessoas.

— Como ele sabe? — perguntou-se novamente, secando lágrimas que caíam pelo rosto.

Ela planejava visitar o espaço quando voltasse para o Brasil, mas, com a evolução de sua

doença, nem mesmo cogitou dar continuidade às visitas para finalizar a lista das casas dos sete escritores.

Embaixo do quadro, havia uma cadeira confortável e, encostado nela, uma bengala. Lisa lembrou-se ter visto na internet diversas fotos dessa cadeira, onde Cora Coralina costumava se sentar e descansar, ver a vida passar.

— Gostou da casa da minha amiga? — quis saber Derek, entrando no cômodo.

— Obrigada! Eu nunca imaginaria que você me traria aqui. Eu não sei nem o que falar, você me enganou. Nunca falei pra ninguém sobre as casas dos escritores. Como descobriu? Como sabia que eu ainda não tinha visitado essa casa? — perguntou ela, voltando a enxugar as lágrimas que não queriam parar de cair.

— Eu vi sua lista no escritório do sebo. Lembrei-me das casas de escritores que visitou na Europa, e batiam com as da sua lista. Você colocou as datas em que visitou essas casas na frente dos nomes. Apenas três nomes não tinham data, e Cora Coralina era um deles.

— Você e suas deduções acertadas.

— Pesquisei na internet e descobri informações sobre a casa dela, e Rafael me ajudou a ver a melhor rota para chegar até aqui. Aí comprei as passagens.

— Você nem imagina o quanto eu estou feliz de estar aqui. Teve vezes que pensei que nunca realizaria esse sonho.

— De sonhos, eu entendo. Há menos de um mês, eu estava em um barco em Paris, perseguindo uma garota que tinha o cabelo como o seu, sua altura, mas apenas lembrava você, não era você. E aquilo me magoou.

— Você fez isso?

— Sim — confirmou ele. — E agora eu estou aqui em um lugar que eu nunca ouvi falar, na casa de uma escritora que nunca li nada, e eu percebo que não tem outro lugar no mundo onde eu mais gostaria de estar — desabafou Derek, agachando-se no chão e pegando as mãos de Lisa. — Simples assim — disse ele.

Lisa virou as palmas das mãos dele e as acariciou de leve.

— Nas palmas de tuas mãos leio as linhas da minha vida — disse ela, com voz emocionada.

— Essa frase é da Cora Coralina?

Lisa concordou com a cabeça.

— Já gosto dela — disse Derek.

— Tem muito mais de onde veio essa frase — disse Lisa, aproximando o rosto do dele e beijando a sua face. Não tinha coragem de ir além. Tinha receio se deveria ir.

Ele pacientemente a olhou nos olhos, beijou-a na testa e se levantou.

— Vamos ver os outros cômodos — disse ele, voltando a empurrar a cadeira de rodas dela.

A pousada reservada por Derek ficava no centro histórico de Goiás, cidade que foi fundada por paulistas à procura de ouro na região.

— Ainda bem que a gente trouxe mochila, senão era capaz das malas não caberem aqui — disse Lisa, diante do pequeno quarto da pousada, que tinha apenas duas camas de solteiro e uma pequena cômoda, e parecia não caber mais nada.

— Desculpe não arrumar nada melhor. Não sabia que era tão pequeno.

— Não estou reclamando. Esse hotel dá de dez a zero no que eu fiquei em Paris. Aquele era pavoroso.

— Como é que você toma banho? Você precisa se refrescar, aqui tá mais calor que em São Paulo, estou derretendo como uma pedra de gelo sendo flambada — disse Derek, tirando a camiseta molhada de suor.

— Eu não perdi todos os movimentos, Derek. Posso ficar em pé, apoiada. Tenho forças em uma das pernas. O problema é que não posso dar passos, não ainda. Então, se você me arrumar um banco de plástico, eu posso muito bem me virar.

Ele entrou no banheiro e não viu nenhum banco.

— Já volto, vou pedir um banco para alguém da recepção — disse ele, saindo do quarto.

Lisa aproveitou e tirou as roupas e, rapidamente, enrolou-se em uma toalha da pousada, que estava dobrada em cima da cama.

Derek voltou com o banco e colocou-o debaixo do chuveiro. Depois, em silêncio, pegou-a nos braços e a levou até o banco.

— Vou deixar a porta encostada, qualquer coisa me chame — disse ele saindo.

Lisa desvencilhou-se da toalha e abriu o chuveiro, deixando a água morna tentar amenizar as constantes dores, que agora eram tão rotineiras como as ações de abrir os olhos depois de acordar.

Após cerca de 20 minutos, estava com os cabelos presos em uma toalha e se cobria com uma outra. Estava assustada, a quantidade de cabelos no ralo do banheiro era maior do que a de costume. Sabia que poderia ser um dos sintomas de que a lúpus estava ativa em seu corpo.

— Derek! Terminei — avisou ela, esperando ele abrir a porta. — Eu disse que eu dava trabalho — avisou quando o viu entrar no banheiro.

— E eu avisei que não me importava em ajudar. Levante o braço — pediu ele, segurando-a da forma mais confortável possível. Derek a levantou e, depois, depositou-a em cima da cama e disse que iria tomar banho, pegou uma toalha e alguns pertences e entrou no banheiro.

Lisa colocou uma camisola leve azul-royal, com babado de renda azul-claro, secou os cabelos com o secador. Estava muito calor, mas o quarto não tinha ar-condicionado. Ela ligou um ventilador de tamanho médio.

Derek saiu pela porta do banheiro, depois do banho, com os cabelos molhados e vestindo apenas uma bermuda de malha verde-musgo.

— Lisa, eu vou comprar água e alguma coisa pra comer — avisou.

— Eu não estou com fome agora.

— Mas pode ficar, por isso, vou comprar algo. Quer alguma coisa?

— Se você achar, eu quero fruta, qualquer uma.

— Tá, você quer algum refrigerante?

— Não, mas acho que um repelente ia bem. Tem alguns mosquitos aqui.

— Ok. Eu já volto — disse ele, saindo pela porta com postura cabisbaixa.

Lisa percebeu que, desde que se levantaram da grama, depois de um tempo descansando, ele estava estranho, parecia triste. Falava apenas o básico.

Queria tentar cogitar os prováveis problemas dele, mas estava tão cansada... Deitou-se, cobriu-se com uma manta leve e adormeceu.

Haviam se passado mais de seis horas quando Lisa abriu os olhos e viu apenas escuridão.

Lembrou-se de que estava esperando Derek voltar com algumas compras, mas, ao olhar para a cama à sua direita, viu-o deitado, ainda apenas de bermuda, não usava nenhum tipo de cobertura. Percebeu que não havia mosquitos como na hora que ela fora dormir, ele havia colocado na tomada uma espécie de repelente moderno que acendia uma luzinha azul.

Ela consultou seu celular e viu que já era quase quatro horas da manhã.

Olhou para ele e se sentiu decepcionada. Por que ele não a acordara? Poderiam ter tido mais tempo juntos — pensou.

Cogitou que, talvez, ele só a visse como um antigo amor que agora não passava de uma amiga. Talvez, ele estivesse evitando que acontecesse algo entre eles. Ela imaginou se a sua doença era o motivo

para ele não se aproximar dela, como no fundo ela ansiava.

— O que está pensando? — perguntou ele ainda com os olhos fechados, para surpresa de Lisa, que achava que ele dormia.

— Como sabe que eu estava acordada?

— Porque o compasso da sua respiração mudou — disse ele, abrindo os olhos e a encarando.

— E por que você não está dormindo? — rebateu ela.

— Não consigo, não consigo parar de pensar.

— Sobre o quê?

— Se eu fiz certo em viajar. Se eu não errei em voltar a me aproximar de você. Me questiono se o prudente não era ter ficado onde estava, em Paris.

— Por que está falando isso pra mim? Guarde com você esses seus questionamentos perturbadores — mandou Lisa, irritada. — Não sou o que esperava, não é mesmo? Achou que eu apenas teria que tomar alguns remédios de oito em oito horas e tudo estaria bem. Não imaginou que eu estava nessa situação.

— Imaginava sim, Lisa. E é justamente por isso que me pergunto se a minha vinda aqui não vai te prejudicar mais do que eu já prejudiquei.

— Mas você não veio para ver o Rafael, viajar? Você não falou que veio para me ver.

— Eu vim por você, queria saber como estava. O Rafael foi uma desculpa. Nem eu mesmo sei o que vim fazer aqui, somente não conseguia deixar essa história sem resolver. Queria só fazer as pazes e pronto, manter ao menos uma amizade. Eu simplesmente precisava te ver de novo.

— Pare de se lamentar, então.

— Acho que estou mexendo no que estava quieto. Remoendo um vulcão, pronto pra uma erupção.

— E qual é a sua proposta? Deixar esse vulcão inativo?

— Eu tenho medo, Lisa, medo do que vai ser quando eu tiver que pegar o avião de volta para Paris. Não posso simplesmente chegar aqui, sair te beijando, dando vazão ao meu desejo e iludir você, somente para depois ir embora.

— Eu sei disso! — disse Lisa, apoiando o peso nos braços e se sentando na cama.

— Eu não posso ficar. Eu simplesmente não quero me sentir um maldito depois. Não quero sentir que falhei com você.

— É por isso que está me evitando?

— Se com paixão eu já não sabia lidar, quem dirá com amor.

— Amor?

— Isso — disse ele, sentando-se na cama ao lado dela e tocando sua face. — Percebi que o sentimento por você não foi embora. Ele apenas mudou. Primeiro, ele se maquiou de raiva, de frustração, depois adormeceu, mas ele tá vivo aqui — disse ele, apontando para o próprio peito. — E agora mais vivo que antes e me lembra o que eu não posso ter.

— Talvez não possa ter para sempre, mas, essa noite, pode.

— Voltar a te ver não só fez esse sentimento ser desmascarado, como me mostrou que ele está mais fortalecido, na dor, na provação, na distância. Não tem outro nome pra isso, senão amor.

— Então você me quer?

— Quero! Mas eu não posso ficar aqui no Brasil, Lisa, e você não pode sair daqui. Percebeu a loucura disso?

— Derek, há alguns meses, tive alergia a um anti-inflamatório. Quase morri.

— O Rafael contou por cima o ocorrido. Sinto muito por você ter passado por isso.

— O que quero dizer é que nem sempre temos o amanhã para lamentações.

— Não sei o que pensar...

— Você me disse que eu não deveria ter decidido por você há um ano, mentindo para te afastar de

mim. Pela lógica, você também não deveria decidir por mim. Quem tem que saber se devo me aproximar de você sou eu.

— E você quer se aproximar mais de mim? Mesmo sabendo que, em dias, não estarei mais por aqui?

— Quero. E, sim, eu detestei você ter aparecido, mas sou mais realista que antes. Não vou sofrer quando for embora — mentiu Lisa. — Aprendi a perder as coisas, Derek. Tá tudo bem.

Ele a olhou com a testa franzida, como se estivesse se controlando desesperadamente para não dar vazão aos sentimentos guardados.

— Sei que não tenho muito a te oferecer. Às vezes, nem eu mesmo me reconheço mais — disse ela.

Derek estendeu a mão e tocou de leve na perna direita de Lisa, que tinha os movimentos debilitados. Ficou de joelhos e acariciou da canela até a coxa. Ela ficou impassível, depois de certo tempo conseguiu perguntar:

— O que está fazendo?

— Posso não poder te curar, te livrar das dores, fazer com que o tecido morto dentro do seu corpo volte a funcionar, mas eu posso curar um pouco da sua alma ferida, que acha que é menos amada porque está debilitada, está doente.

— Derek...

— Não, Lisa! Você não pode se menosprezar assim! Eu amo essa perna sem movimentos quanto amo essa outra, parcialmente ferida — disse ele, passando a tocar a outra perna. — Porque, doentes ou não, elas fazem parte de você. E te amo, por completo, irrevogavelmente. Toda você — confessou ele, voltando a acariciar a perna paralisada de Lisa.

— Para de me tocar assim — pediu ela, envergonhada, tentando afastar as mãos dele das partes em que ela não tinha mais sensibilidade.

— Pare de se envergonhar! Me deixe amar você como é. Mesmo que eu esteja do outro lado do mundo, eu vou amar. Posso passar uma vida ao seu lado ou essa noite apenas, esse amor não vai mudar, porque isso é o que mais precioso eu tenho dentro de mim. É o sentimento mais puro em meio às minhas sombras, aos meus pecados. É uma das poucas coisas de que me orgulho.

— Eu quero me sentir amada, nem que seja só por hoje. É muito mais do que eu já tive todo esse ano, talvez em toda a minha vida. Não me prive com medo de que eu venha a sofrer, pois eu vou sofrer por algo não vivido tanto ou mais do que vivido. Por isso, te digo, não se culpe por me amar e não se culpe por não poder ficar.

Derek respirou fundo e segurou o rosto dela entre as mãos.

— Bem, eu tentei, mas você falando dessa maneira quebra todo o meu planejamento de não dar vazão ao meu desejo. Essa sua declaração ferrou com todo o meu autocontrole — disse ele, segurando o rosto de Lisa com as duas mãos e a beijando de forma apaixonada.

Derek sentou-se na cama de Lisa e a colocou sobre o seu colo. As pernas ficaram estendidas ao redor da cintura dele, ela não conseguia dobrá-las. Derek a segurava pelo quadril.

— Garota, como eu precisava te ter assim, perto — disse ele.

— Garota? Você sabe que nunca gostei de ser chamada assim — disse ela, fazendo cara de brava.

— Prefere a mulher que eu amo? — perguntou ele, pousando leves beijos na face dela.

— Soou bem mais encantador — disse ela, tocando os lábios dele com os seus e o enlaçando com os braços, espalmando as costas dele. Ele passou os dedos entre os cabelos dela.

— Escute — disse ele, interrompendo o beijo e a fitando. — Lembra o que eu falei de quando a gente descobre que tem barbatanas, da questão de se fugir do caos que está à nossa volta, de se perder no mar? — perguntou com a voz grave, entrelaçando seus dedos das mãos nos dela.

— Lembro — respondeu Lisa, ofegante. — Você sempre se esquece das brânquias!

— Jamais! E aí? Topa?

— Topo — disse Lisa, soltando um grito, quando ele se levantou, de forma inesperada, com ela no colo e a deitou na cama dele, ficando por cima e descobrindo seu corpo primeiro com os dedos, depois com a boca.

E, enfim, tinham finalmente mergulhado no mar revolto, com direito a brânquias e barbatanas.

Era mais de onze horas da noite de sexta-feira quando o táxi que trazia Derek e Lisa do aeroporto parou na frente da casa dela.

— Você quer entrar? — convidou ela.

— Acho melhor não, está bem tarde.

— Vai ser assim a nossa despedida? No táxi?

— Não! Eu volto para Paris só no domingo à noite. Amanhã, eu te ligo pra gente se encontrar, depois da sua consulta. Podemos sair pra algum lugar. Pode ser?

— Ok — aceitou ela, aliviada. — Você pode me ajudar a sair?

— Lógico! — disse ele, descendo do carro. O motorista saiu também e pegou a cadeira de rodas dela de dentro do porta-malas. Depois de acomodá-la na cadeira, Derek tocou a campainha e, antes de alguém atender, abaixou-se e a beijou de forma rápida, mas amorosa.

— Obrigado, amor. Essa foi a melhor viagem da minha vida, e olha que eu já rodei bastante!

— Da minha também — disse ela, sorrindo timidamente.

— É ele que é o escocês, minha filha? — perguntou Francisco, já na calçada.

— Oi, pai! É sim — respondeu Lisa, em português. — Derek, esse é meu pai, Francisco — apresentou ela, dessa vez em inglês.

— Tudo bem? — respondeu Derek em um português vacilante, estendendo a mão para o pai de Lisa. Receoso, Francisco apertou rapidamente a mão do escocês.

— A viagem foi boa? — perguntou Francisco, sem jeito.

— Ele tá perguntando se a viagem foi boa, Derek — traduziu Lisa.

— Fala que sim, que eu agradeço por eles terem deixado você ir — disse Derek.

— Pai, ele falou que gostou e também agradeceu por vocês terem me liberado para ir — disse Lisa em português.

— Ninguém te liberou, você foi na desobediência. E esse cara de pau deve ter gostado mesmo da viagem!

— Pare, pai, por favor! — implorou Lisa.

— Não podia gostar de alguém de perto, Lisa? Aquele filho do meu amigo do time de futebol queria namorar você.

— Aquele que ficava tirando cera do ouvido e limpando nas coisas?

— Quem não faz isso hoje em dia? Pra que se enfiar em uma confusão dessas, minha filha? Com um cara que não fala nem a língua dos seus pais? — perguntou Francisco para a garota.

— Pai, não começa agora, por favor. Ele já sabe algumas palavras em português. Vai entender o que o senhor está falando.

— Quero que entenda mesmo! — disse ele, nervoso. — Vamos entrar, minha filha, já tá tarde — disse Francisco, levando a cadeira dela para dentro da garagem, sem se despedir de Derek.

— Tchau, Derek. Espero sua ligação amanhã.

— Boa noite, Li. Até amanhã. Boa consulta pra você — desejou. Ia se despedir do pai de Lisa, mas ele fechou a porta da casa, com um estrondoso baque, sem dizer nada. Sem graça, Derek entrou no táxi.

— Como se já não tivéssemos problemas suficientes pra estarmos juntos, os pais dela me odeiam — lamentou Derek, decepcionado, percebendo a animosidade de Francisco.

- O que, senhor? Falou comigo? — perguntou o motorista em um inglês básico.
- Segue para Perdizes, por favor. Já te passo o endereço — disse Derek.

Os olhos de Lisa estavam pesados, um pouco era devido às reações de um novo medicamento e também ao fato de ela ter tido uma crise de choro.

Não queria acreditar que aquilo estava acontecendo. Ainda estava tentando recuperar os movimentos das pernas e agora a lúpus tinha afetado outros órgãos internos, além da piora do rim, que já tinha sido comprometido antes. Os exames confirmaram que ela estava com insuficiência renal aguda. As novas informações foram dadas pela doutora Vera, durante consulta.

A reumatologista explicou que Lisa precisaria ser internada e fazer hemodiálise, que é realizada por uma máquina que filtra o sangue, eliminando assim substâncias em excesso, líquidos acumulados e toxinas, fazendo o papel do rim que está comprometido.

Lisa estava cansada de lutar, cansada de internações e da morte a rondando tão de perto, como se espreitasse por buracos de fechaduras e frestas de portas. Almejava terminar de reformar seu sebo, tentar ter uma vida mais tranquila, mas agora precisaria se afastar do trabalho de que tanto gostava, para voltar a viver dias e dias dentro de um hospital.

Ouvir sua mãe chorando também não tinha sido fácil. O que ela sempre temeu era que a lúpus desencadeasse problemas nos órgãos da filha, e isso agora era uma realidade.

E tudo havia acontecido rapidamente, esse era um dos pontos mais pertinentes sobre a lúpus, em pouco tempo a doença pode se tornar crítica e prejudicar algum órgão.

Lisa estava sozinha no quarto, ouviu uma leve batida na porta, que foi aberta, dando espaço para o rosto de Derek.

— Oi — disse ele, com voz baixa, aproximando-se da cama dela.

— Tudo bem, Derek? Desculpe não ter atendido o telefone, estava fazendo alguns exames extras.

— Não se preocupe. Quando você não atendeu, fui na sua casa e encontrei seu irmão Duda. Ele é uma figura e tem um inglês impecável. Fiquei surpreso.

— Sim, insisti para que ele aprendesse desde pequenininho.

— Ele me explicou o que tinha acontecido e me deu o endereço do hospital.

— Você conheceu minha mãe? Ela tá lá fora, né?

— Se for aquela senhora parecida com você, mas que me olhava como se fosse me morder na recepção, sim, eu a conheci.

— Desconsidere o comportamento dela, ela está bem nervosa hoje.

— Pelo que Duda me contou, você está com problemas nos rins e ficará internada. Eu... sinto muito. Será que a nossa viagem causou isso?

— Não, Derek, já havia essa suspeita antes mesmo de você reaparecer na minha vida. Eu estava ficando bem amarela, e os exames foram feitos para confirmar ou descartar esse problema — disse Lisa.

— Eu estou muito chateado que você tenha que passar por isso. Não acho justo. Ainda não consigo compreender o que significa essa doença.

— Eu mesma ainda não entendo, Derek. Ela desencadeia várias reações no corpo de alguém. Na verdade, eu não queria falar sobre ela hoje. Preciso dormir, não quero ser indelicada, mas acho melhor você ir embora.

— Mas eu acabei de chegar e...

— Por favor — disse Lisa, chateada. — Vai ser mais fácil assim, simplesmente saia por aquela porta e pronto. Sem mais falas educadas, sem olhares de culpa. Apenas saia.

— Eu não vou sair. Eu quero te pedir pra me esperar. Decidi que vou voltar para Paris, cumprir com meus próximos compromissos e vou voltar pra cá. Vou passar uma temporada aqui com você. Te ajudar no seu tratamento. Depois, vemos o que a gente faz, mas quero estar aqui com você — disse ele,

tocando o ombro dela.

— Não seja infantil, não seja ridículo — gritou ela, dando um tapa na mão dele. — É cego? Não me vê? Olha onde estou! Na porcaria de um hospital!

— A doença não tem o poder de me fazer não te amar, droga! Ela não é poderosa a esse ponto! Devolvo a pergunta pra você, Lisa. O que você vê? — questionou ele, respirando com dificuldade.

— Eu vejo uma menina que dá um trabalho danado para a família, que precisa ir ao hospital praticamente toda a semana, que frequentemente fica internada, que sente dores horríveis, que tem seu humor alterado frequentemente.

— Só isso?

— Alguém que não pode esquiar em Aspen, Derek! Alguém que precisa de tratamentos caros e constantes. Eu vejo alguém que precisou libertar você de uma vida de privações e problemas porque eu não queria te ver como está agora, aos pés da minha cama de hospital!

— Me libertar? — disse ele, dando uma risada mordaz. — Você acha que esse ano que passou eu fiquei liberto? Eu nunca estive tão preso! Refém dos meus sentimentos por você e da vontade de te odiar. Refém de buscar nas outras um pouco de você, trocando de garota a toda hora.

— Do que está falando?

— Você não me libertou, Lisa. Apenas me condenou a viver sem você, a não saber como estava. A decisão se eu ficaria com você era minha, não sua. Não era seu papel decidir por mim! Como não é seu papel agora!

— Deixe de ser hipócrita! Você não ficaria. Nunca ia dar certo. Há momentos do tratamento em que tenho que tomar tanta medicação que nem mais me reconheço.

— Mas te reconheço, como a garota que eu amo, de que eu preciso.

— Você acompanhou a morte da sua mãe, Derek, você já sofreu pra caramba. Eu não queria que você passasse por isso de novo, tratar de uma pessoa doente. Vê-la morrer.

— Você está bem viva pelo que eu vejo.

— Não sei se por sorte ou pela graça de Deus, porque eu quase morri! E, a qualquer momento, eu poderei morrer. Meus rins estão condenados, a doença está tirando tudo de mim.

— Lisa...

— Quer viver com isso? Com essa possibilidade de eu morrer batendo na sua porta toda manhã?

— Se você vive com isso, por que eu não posso viver? Eu poderia sair por essa rua agora e ser atropelado, o avião que vou tomar pode cair. Poderia ter cortado uma artéria enquanto cozinho com minhas facas afiadas. A vida é um risco. Amar é um risco. Cabe a cada um escolher o que quer.

— Se quer que eu diga que estou arrependida por ter afastado você da minha vida, fique na frustração. Eu não aguentaria olhar pra você e sentir que está com pena de mim, não terminando um namoro porque me afetaria, por não ter coragem de me magoar e me deixar mais vulnerável que a minha doença me deixa. Eu não quis correr esse risco.

— Não é só a sua doença que te destrói, Lisa, é a sua falta de amor-próprio, sua falta de valorização! Percebi isso desde que te conheci.

— Psicologia barata pra cima de mim? Não vem com isso! Derek, não tem espaço na minha vida pra você e nunca vai ter. Coloque na sua cabeça de uma vez por todas que a gente não nasceu pra ficar junto.

— Não conta eu ter vindo te ver?

— Você mal fala a minha língua, só se locomove por aqui à base de táxi. Isso não é morar em uma metrópole desse tamanho, com seus riscos, sua violência. Isso é ser turista.

— Quando você melhorar, podemos mudar pra algum lugar da Europa, se preferir. Deve haver ótimos médicos que podem cuidar de você como aqui.

— E vou viver como? Quem vai me contratar? Você arcará com todo o meu tratamento caro? Você

pode ter ao seu lado alguém que te dará muito mais do que eu posso te dar. Eu não quero estar com você e imaginar que estou te privando de ser feliz.

— Mas você está me privando de ser feliz, caramba. Ao me recusar. Você está fazendo isso!

— Saia daqui. Não volte mais. Me entendeu? Eu sofri muito quando me afastei de você pela primeira vez. Fiquei dias de cama, entrei em uma depressão profunda que só agravou meu estado. Eu não quero isso de novo na minha vida. Eu te esqueci.

— Não acho que você me esqueceu. Muito pelo contrário — disse ele, sentindo-se impelido a fazer ela se calar com um beijo.

— Eu não vou voltar a me apaixonar de novo! Eu me recuso. Você não tem o direito de entrar na minha vida e fazer a bagunça que quiser.

— Eu não vou permitir que você me afaste!

— Vá embora! Pegue esse avião, pelo amor de Deus! Você não está entendendo. Serão meses de ansiedade, de medo, de espera. Eu não quero ficar mantendo um relacionamento pela internet. Eu não tenho cabeça pra isso. Me deixe em paz. Saia da minha vida! — disse ela, começando a chorar de forma histérica.

Derek assistiu, horrorizado, as mãos dela tremarem compulsivamente; Lisa começou a se debater na cama, batendo a cabeça repetidamente no colchão. Ele tentou segurá-la para ela não cair, enquanto pedia por socorro.

— Eu não consigo respirar — falou fracamente Lisa. — Eu não consigo respirar — repetiu, parando de se contorcer.

Derek correu para o corredor e gritou por ajuda.

Uma médica correu até o quarto e examinou Lisa, rapidamente; em seguida, uma enfermeira entrou no quarto. A médica deu algumas ordens para a enfermeira, que preparou uma injeção e aplicou em Lisa. Em alguns instantes, ela dormia.

Em inglês, Derek perguntou o que tinha acontecido com Lisa. E a médica Vera comentou que, frequentemente, a garota tinha essas crises, que era consequência da medicação. Em seguida, pediu para Derek deixar o quarto, pois o tempo de visitas já havia acabado.

— Espere um minuto. Vou me despedir dela — pediu.

A médica assentiu com a cabeça e saiu da sala, deixando-o com a enfermeira, que arrumava a mesa onde havia preparado a injeção.

O rosto de Lisa estava sereno, nem parecia a pessoa que havia gritado e se desesperado há poucos minutos. Ele passou a mão no rosto dela, nos cabelos e se segurou para não começar a chorar.

Em um impulso, deu um beijo na clavícula dela, como havia feito no parque em Dublin. Depois deu um rápido e sentido beijo em seus lábios, se despedindo.

— Eu só faço mal pra você. Nada de bom vem de mim. Se o que você quer é que eu te deixe em paz, eu vou fazer isso, por mais que isso acabe comigo.

Ele a olhou mais uma vez, virou as costas e saiu do quarto. No dia seguinte, pegaria o avião para Paris, de onde ele concluiu que nunca deveria ter saído.

CAPÍTULO 17

[Há beleza na renúncia](#)

Derek tinha entrado em uma rotina frenética de trabalho. Constantemente, ligava para Lisa, mas

era raro ela o atender. Sempre se mostrava fria ao telefone e desligava rápido. Agora ela não atendia há dias e isso estava o deixando nervoso.

— Parceiro, dois ajudantes vieram reclamar de você essa semana. Um disse que você o xingou de nomes horríveis, só porque ele colocou duas e não três folhas pequenas de manjerição em cima de uma massa — disse Liam, sentando-se em uma cadeira ao lado de Derek, no restaurante já com as portas fechadas. Era final de expediente de uma sexta-feira bem movimentada no bistrô.

— E qual foi a segunda reclamação? — perguntou Derek, debochado.

— O outro cara disse que você ameaçou quebrar a cara dele se ele voltasse a falar com você. A única coisa que ele fez foi perguntar se você tinha namorada.

— Quem manda ser intrometido? — disse Derek, apoiando a cabeça na mesa, exasperado.

— Você está impossível de trabalhar desde que voltou das suas curtas férias no Brasil. Quer mais algum tempo? Essa história da doença da Lisa tá te afetando, Derek. Corremos o risco de ter processos trabalhistas com você tão fora de controle.

— Você não entende, eu não consigo fingir que não existe uma Lisa a quilômetros de distância precisando de mim. Eu não consigo encontrar paz! Perco o sono, tenho pesadelos, acordo suado, agitado. Meu espírito está perturbado.

— Pegue mais alguns dias de férias.

— Eu não quero férias, cacete! Na verdade, já estou com uma ideia martelando minha cabeça há semanas, Liam. Vou me desligar do bistrô. Preciso ficar com ela. Vou embora.

— Você não pode fazer isso agora que o bistrô está crescendo! Você é a força desse lugar. Não pode fazer isso comigo! O Ethan mais atrapalha que ajuda, não posso ficar sozinho. Se sair da sociedade, vou ficar quebrado — disse Liam.

— Não vou te pedir que compre minha parte, sei que não tem condições agora. Vou continuar seu sócio, mas não posso mais ser o chef da cozinha.

— Se não vai vender sua parte, como fará pra se sustentar em outro país?

— Pensei em montar algo por lá. Aí posso ter mais flexibilidade pra acompanhar a Lisa no médico, essas coisas que emprego fixo não permite. Também terei o aluguel do meu apartamento daqui.

— E de onde vai arrumar dinheiro pra montar algo?

— Vou vender minha parte da destilaria.

— Você não pode fazer isso! Era sua esperança voltar a gerenciar aquele lugar! Se vender, ficará praticamente impossível recuperar sua parte depois.

— Eu amo a destilaria, Liam, mas amo mais a Lisa.

— Não vou deixar que faça isso, vai acabar se arrependendo.

— Não estou pedindo sua autorização, estou apenas te comunicando. Treinarei o sub-chef para assumir meu lugar no bistrô. Pretendo em, no máximo duas semanas, me desligar da atual função. Estou de mudança.

Derek havia viajado para a Escócia para vender sua parte na destilaria. Havia outros sócios do empreendimento que estavam interessados na parte dele. E, como uma das regras era dar prioridade na venda de ações para quem já era sócio, ele estava dando o preço para os demais empresários, reunidos em uma mesa, na sede da destilaria, na cidade de St. Andrews.

Ele ainda esperava um dos sócios chegar, quando seu pai, Wallace, apareceu na reunião. Eles não se falavam e não se viam há seis anos.

— Meu filho, preciso falar com você — disse Wallace, altivo.

Assim como Derek, ele tinha os braços tatuados. Os cabelos eram também rebeldes, vestia camiseta com um tubarão estampado e calça jeans toda perfurada e rasgada. Sua postura e vestimenta era de um jovem, mas as rugas ao redor dos olhos denunciavam sua idade.

A vontade de Derek era de partir pra cima dele, depois de tudo o que o pai havia feito. Ficou aliviado de, ao menos, Anabel, sua ex-noiva, não ter ido com ele.

Levantou-se da cadeira, pediu licença aos presentes e saiu da sala de reuniões. Foi para a frente da destilaria, o sol batia na plantação de cevada e deixava seu rastro da cor do ouro.

— O que quer? — perguntou Derek, encostando-se na parede de madeira fria do galpão da empresa. Cruzou os braços na frente do peito.

— Fiquei sabendo pela sua avó Eufémia que estava viajando pra Escócia, finalmente, depois de tantos anos longe.

— Se engana se acha que vim para te ver. E pedi pra ela não falar nada.

— Ela me contou que quer vender a sua parte da destilaria, me falou da sua namorada. Sei que ainda não está disposto a me perdoar, talvez ainda não seja o momento.

— Com certeza, esse momento ainda não chegou — disse, enfático.

— Talvez o meu tempo de pedir perdão tenha chegado. Não venda sua parte da destilaria. Um dia, eu vendi a minha para te magoar, por rivalizar com você, mas esse é o momento de me redimir.

— Preciso vender a minha parte. Necessito do dinheiro pra começar minha vida em outro lugar.

— Sei disso, mas, se vender, poderá nunca mais assumir a diretoria daqui.

— Engraçado, esse era o seu intuito quando vendeu a sua parte e me tirou o direito de cuidar da empresa.

— Sei que errei, mas quero me redimir. Quero comprar sua parte na destilaria, pra deixar tudo na nossa família. Segundo as regras, ex-sócios podem, assim como atuais sócios, ter prioridade na compra de ações da empresa.

— Tá falando sério? Ou é mais um dos seus truques?

— Não venda pra nenhum desses urubus que estão naquela sala, esperando pra assumir tudo. Venda pra mim. Um dia, quem sabe, você retorna e conseguimos as ações que faltam para corrigir um erro cometido por mim há muitos anos.

— Tem certeza de que quer fazer isso? Esse ato isolado de caridade não me fará voltar a te chamar de pai — disse Derek.

— Eu sei. Terei a paciência necessária pra um dia saber que fui perdoado.

— Se eu aceitar, você teria que transferir o dinheiro da venda para minha conta o mais rápido possível. Assinarei as papeladas hoje mesmo.

— Tudo bem pra mim. Negócio fechado? — perguntou Wallace, estendendo a mão.

— Fechado. É o melhor que temos pra hoje — disse Derek, apertando a mão estendida de seu pai.

Depois da venda da destilaria, Derek foi ao consulado brasileiro na Escócia dirimir dúvidas sobre os documentos necessários para tirar o visto no Brasil e para montar o próprio negócio.

Fechou contas em banco e fez uma procuração em nome de Liam para que o amigo resolvesse pendências ou transferências bancárias em seu nome. Também havia conseguido alugar seu apartamento em Paris, já mobiliado, para um casal japonês. O imóvel era uma das poucas garantias de renda no momento.

Faltando quatro dias para sua viagem ao Brasil, Derek havia ligado para Rafael, que através de Carolina se mantinha informado sobre Lisa, porém o amigo disse que, dessa vez, Carolina não havia conseguido contato com Lisa.

Diante de tantas tarefas relacionadas à sua mudança, Derek esqueceu-se de ligar novamente para Rafael, que estava chateado por ele, dessa vez, não ter aceitado ficar hospedado em sua casa.

Derek havia demorado mais de dois meses para organizar sua mudança para outro país. Desceu pela segunda vez no Aeroporto Internacional de Guarulhos. Era uma noite amena, repleta de estrelas no

céu, um pouco encobertas por nuvens de poluição.

O escocês não havia comunicado Rafael sobre o dia e a hora do seu voo, resolveu pegar um táxi até o hotel onde havia feito reserva de uma semana. A hospedagem ficava a poucos minutos do sebo onde Lisa trabalhava.

Cansado da viagem, Derek tomou um banho rápido e deitou-se na cama, dormiu imediatamente. Quando acordou, colocou uma calça jeans e uma camiseta branca. Estava animado, imaginou o rosto surpreso de Lisa quando o visse.

Sabia que ela ia continuar com a história que não poderiam ficar juntos, mas ele já estava preparado pra isso. Ele ficaria no Brasil quanto tempo precisasse: meses, anos, décadas. Cogitou mesmo em fazer sua vida naquele lugar, tinha se identificado com São Paulo.

Para ele, o importante era estarem juntos, e tudo, no seu tempo, iria se ajeitar. Lembrou-se de que o chip de celular que havia comprado da primeira viagem ao Brasil havia se perdido, precisava comprar outro em algum lugar, estava incomunicável.

Resolveu levar o celular mesmo sem ele estar funcionando, colocou-o no bolso da calça e praticamente correu para fora do hotel em busca de um táxi. Disse para o motorista passar no caminho em um lugar para comprar flores. Como o taxista não falava inglês, teve que fazer mímicas para ele compreender seu objetivo.

Desceu na frente de uma floricultura. Viu vários arranjos, não se lembrava de Lisa ter comentado alguma vez que tipo de flores gostava. Resolveu apostar nas rosas para não errar. Pensou em levar vermelhas, mas achou que o ramalhete com as flores cor-de-rosa em vários tons combinava mais com Lisa. Eram mais delicadas.

Olhou para alguns ursos de pelúcia. Nunca deu urso para garota nenhuma, sempre achava aquilo ridículo. Vivia falando que só saía com mulheres, não com garotas que precisavam de pelúcia.

— E se ela gostar? — perguntou-se. — Não, isso é mais degradante do que cortar as unhas do pé da namorada — concluiu ele, decidindo não comprar. Quando estava para sair da loja, olhou a prateleira com os ursos novamente, parou na porta. — Droga, me tornei um caso perdido, mesmo! — desabafou, pegando um urso marrom de tamanho médio de forma abrupta e voltando ao caixa para pagar por ele.

Saiu da loja com o ramalhete e um urso que falava frases em português quando apertavam sua barriga.

Ao chegar ao hospital, foi na recepção para receber um crachá autorizando sua entrada. Mas o nome de Lisa não constava no sistema de apartamentos do centro hospitalar.

— Não tem nenhuma Lisa Dias nos quartos internada — disse em inglês a atendente, uma moça de cerca de 30 anos e olhos puxados, descendente de japoneses.

— Mas ela está aqui sim. A última notícia que tive é de que ela ficaria internada até o fim do mês. Tem como procurar de novo, por favor?

— Um minuto. Vou checar a lista de pacientes na UTI.

Derek ficou receoso com a palavra UTI, sabia que isso não era nada bom. Torceu para o nome dela também não estar lá, o que poderia significar que ela teve alta médica.

— Ela foi transferida do quarto para a UTI há seis dias.

Derek se segurou para não sair correndo como um desesperado pelos corredores do hospital, seguiu as placas que indicavam a UTI e, quase sem fôlego, parou em frente à recepção do setor hospitalar.

— Vim visitar a senhorita Lisa Dias — disse em inglês.

Para seu azar, o recepcionista tinha uma pronúncia de inglês quase incompreensível para ele.

— Não é o horário de visita, senhor, somente em uma hora.

— Poderia me dizer como ela está?

— As informações são só com os médicos — respondeu a recepcionista. — Eles estarão

presentes no horário da visita.

— Posso esperar aqui?

— Sim, mas não pode entrar com flores e nem com o urso. Quando for perto das dezoito horas, volte aqui para entregarmos seu crachá de entrada.

— Tudo bem. Obrigado — disse Derek, desanimado.

Sentou-se em uma cadeira azul de plástico, colocou as flores e o urso em cima do assento à sua direita.

Esperando na recepção, havia apenas um homem de seus cinquenta anos que tirava um cochilo. Derek olhou frustrado para seu celular, inútil no momento. Depois de quarenta minutos, já estava se sentindo em um estado desesperador de angústia.

Mais oito pessoas haviam chegado e ocupado os bancos da recepção da UTI. Derek viu um garoto de quinze anos começar a chorar abraçado a uma senhora. Começou a ficar com medo de como encontraria Lisa. Talvez os braços dela também tivessem sido afetados, ou o seu rim tivesse piorado.

Levantou-se abruptamente e foi falar novamente com a recepcionista.

— Oi, eu fui o segundo a chegar, não sei se já posso passar meus dados para ter acesso à UTI. Para agilizar a parte burocrática.

— Documentos, por favor.

Derek entregou seu passaporte.

— Qual o nome da paciente?

— Lisa Dias.

— Um minuto — pediu ela digitando no computador, logo abrindo o passaporte dele.

— Desculpe, mas qual é o seu parentesco com a paciente?

— Ela é minha namorada.

— Na verdade, o seu nome não consta na lista de pessoas autorizadas à visita. Somente pais, irmãos e marido estão autorizados ou quem a família autorizar entrar.

— Mas eu sou o namorado dela. Estava viajando. Não sabia nem que o estado dela estava tão crítico. Eu preciso vê-la.

— Me desculpe, senhor, mas estou apenas seguindo ordens. Não tenho autorização para deixá-lo entrar.

— Me ajude, por favor!

— Eu te aconselho a entrar em contato com a família para que eles coloquem seu nome na lista dos visitantes. São normas do hospital.

Derek ia pedir o telefone emprestado, mas se lembrou de que ele estava sem bateria e ele não sabia de cor os números da irmã de Lisa, nem mesmo de Rafael.

— Ao menos alguém pode me falar o que ela tem, como está? Se corre risco de vida? Alguém pode me ajudar? — disse Derek, ficando desesperado.

— Aconselho o senhor a esperar a família, eles sempre vêm visitar essa paciente nesse horário. Eles poderão colocar seu nome na lista. Sente-se e espere, logo eles chegarão.

— Tudo bem, vou fazer isso. Desculpe meu comportamento, estou nervoso — justificou-se, voltando a sentar.

As visitas eram somente autorizadas das 18 às 19 horas; nenhum parente de Lisa havia chegado depois de já terem passado vinte minutos do horário de visita. Derek reparou que havia uma segurança na porta da UTI, uma mulher negra e robusta.

Derek estava sentindo-se à beira de uma crise de nervos, toda a espera e o nervosismo por não ter informação alguma o haviam deixado tenso, mexia os pés incontrolavelmente.

A recepcionista saiu de trás do balcão. Derek imaginou que ela iria ao banheiro. Não pensou duas vezes. Levantou-se e andou de forma rápida, passou pela porta sem parar, após alguns segundos ouviu a

segurança chamar sua atenção. Ignorou. Apressado, passou por entre os leitos, não encontrou Lisa em nenhuma das camas. Havia umas duas dezenas de camas, ele olhou pra trás e viu que a segurança se aproximava dele.

Correu para o final do corredor para checar os dois últimos quartos. No penúltimo, ele viu Lisa deitada.

— Lisa! Sou eu — avisou ele, aproximando-se da cama. Ele logo percebeu que ela estava com a feição um pouco distorcida e com aparelhos ao seu redor. — Acorde! Você precisa autorizar a minha visita. Tive que...

— Se afaste dela! — gritou a segurança, chegando no quarto, seguida por um médico.

Derek levantou as mãos e deu um passo para longe da cama.

— Eu sou o namorado dela. Eu só quero falar com ela — disse ele, em seu idioma nativo.

O médico interveio, tocou nas costas da segurança, que já avançava para deter Derek.

— Calma, Marisa! Deixe eu falar com ele primeiro — avisou um médico baixo e com uma pequena barriga saliente por debaixo do jaleco branco.

— Eu não vou fazer mal pra ela, não sou nenhum louco. Sou o namorado dela, cheguei de viagem da Europa, estou há dias sem informações. Só quero vê-la, só isso — disse Derek, exasperado.

— Não pode entrar aqui e perturbar o recinto. Tem pessoas em estado grave por aqui — disse o médico, em inglês.

— Ninguém me deixou entrar. Eu estou desesperado por notícias!

— Derek? — perguntou Camila, a irmã de Lisa, que havia chegado no quarto.

— Graças a Deus que você chegou! Camila, eu não tinha autorização pra entrar. Então invadi, mas eu só precisava avisar a Lisa que eu cheguei. Me deixem falar com ela um minuto e saio daqui, eu juro que saio.

— Pode deixar, doutor, eu conheço ele. Ele não está sabendo o que aconteceu. Perdi o ônibus e acabei me atrasando pra visita.

Derek se aproximou de Lisa e viu que, mesmo com toda a confusão, ela não havia acordado. Deveria estar sedada.

— Posso acordar ela, doutor? — perguntou para o médico, mas quem respondeu foi Camila:

— Não, Derek, não pode.

— Que horas posso voltar pra falar com ela, então? Você coloca meu nome na lista, por favor? Não quero passar por isso de novo — disse ele para a irmã de Lisa.

— Ela não irá acordar tão cedo.

— Como assim? Ela está fortemente dopada?

— Ela está em coma.

— Como?

— Ela está em coma há alguns dias. Sinto muito — lamentou Camila, com o rosto transmitindo pesar por ter que dar aquela notícia.

Derek voltou a olhar para Lisa sem ainda ter realmente compreendido. Agora, reparando com mais calma, viu que o rosto dela não era de quem estava dormindo de forma tranquila. Estava entubada, o rosto parecia de cera.

— Quando ela vai acordar, doutor? — disse ele, inconscientemente evitando a real compreensão daquela situação.

— O estado dela é muito grave. Ela teve septicemia. Começou com uma infecção por bactéria, seguida de uma queda repentina da pressão sanguínea e alguns de seus órgãos entraram em falência progressivamente, como o rim e o fígado.

— Mas isso é da lúpus? — perguntou Derek, confuso.

— Ela provavelmente pegou a infecção devido à sua imunidade estar muito baixa, o que é comum

em pessoas que têm lúpus.

— Que pesadelo! — disse Derek, furiosamente passando as mãos pelos cabelos. — Doutor, não entendo essa questão do coma. Não dá para a medicarem para forçar que ela acorde?

— O coma é a perda do estado de consciência, que está profundamente ligada à transmissão de sinais químicos do tálamo e do tronco cerebral para o cérebro. O sono é um estado fisiológico e o coma é patológico, essa é a grande diferença.

— Mas ela está movimentando algumas partes do corpo, como a mão, os olhos? — insistiu Derek.

— No coma, a pessoa entra num estado de inconsciência ocasionado por uma disfunção ou lesão cerebral e tem a incapacidade de responder a necessidades próprias e a estímulos externos.

— Com ela não pode ser diferente?

— Acho melhor aguardarem a médica responsável por ela, a doutora Vera, para mais detalhes do estado da paciente — voltou a falar o médico.

— Quando ela vai acordar? Eu preciso falar com ela! — disse Derek, alterado, sentindo a cabeça doer; segurou-se na beirada da cama, voltou-se pra Lisa e tocou o rosto dela.

— Ela tá fria — disse ele, lembrando-se de que corpos sem vida eram gelados, mas ele não queria pensar em morte, não agora, porque ela ainda estava viva. Parecia não ser ela, mas ela estava ali.

— Ela tem que acordar! Acorde, meu amor. Eu vim de longe ... — disse ele, colocando o rosto no peito dela.

— Derek, precisa soltá-la. Você, sem querer, pode desligar esses aparelhos — disse Camila, que havia se aproximado e o puxava pelos braços.

Ele voltou a ficar ereto e olhou com os olhos marejados para a irmã de Lisa.

— Como isso foi acontecer?

— Eu te explico depois os detalhes. Foi difícil pra mim também saber disso, mas precisamos ter esperança de um milagre, de que, mesmo que os médicos digam algo diferente, ela vai sair dessa.

— Claro, ela tem que sair dessa! Não pode ficar assim nessa cama. Ela não pode fazer isso comigo. Ela é a única coisa que faz sentido na porra da minha vida! — disse ele, tocando na mão direita de Lisa, que estava estendida ao lado do corpo.

— Não podemos mais continuar com essa situação, os outros pacientes estão incomodados com essa confusão aqui. Vocês dois precisam ir na recepção regularizar a visita dele. Você, como irmã, pode autorizar a entrada dele.

— Vai lá, Camila, eu vou ficar aqui — disse Derek, disperso.

— Depois, com o crachá, devidamente autorizado, você volta, rapaz. Vá rápido, porque está acabando o tempo de visita. Se voltar a entrar aqui sem autorização, serei obrigado a pedir que te detenham — disse o médico com certa animosidade, mas também sensibilizado pela dor do rapaz.

— Desculpe. Ele não vai mais fazer isso. Venha, Derek. A gente já volta aqui — disse Camila, puxando-o pela mão para fora do quarto. Ele foi sem resistência, estava em choque. Tentava assimilar tudo aquilo.

No balcão da recepção, ele apenas ouviu uma voz feminina pedindo o passaporte, ele entregou. Sentia um zumbido nos ouvidos. Um cansaço se abateu sobre ele, havia sido uma longa viagem de avião e agora essa notícia que para ele parecia insana.

Quando voltou para dentro da UTI para ver Lisa, dessa vez estava sozinho, já que a visita não poderia ser com mais de uma pessoa por vez. Ele viu Lisa novamente deitada e inerte. Sua ficha caiu quanto a realidade da gravidade da situação.

— Li, eu preciso que acorde. Eu tenho coisas pra te contar. Alguns planos, acho que vai gostar. Eu vim morar aqui — disse ele de frente para o rosto dela, antes tão cheio de expressão e agora como que sem alma. — Você não merecia isso! Não merecia isso! — repetia ele, fechando os punhos com força

para depois esmurrar a parede atrás da cama.

Ele não estava acostumado a chorar. Após anos, não evitou interromper a enxurrada de lágrimas que molhavam sua camiseta branca.

Aproximando-se de Lisa novamente, ele afastou a gola da camisola hospitalar e deu um beijo em sua clavícula, como costumava fazer. Olhou os braços dela, que estavam roxos e cheios de marcas de agulha.

— Ela não pode sofrer. Ela não pode morrer. Ela não pode morrer — disse ele andando pelo quarto. Os passos vacilaram, e ele encostou as costas na parede. — Por que isso? Por que ela? — perguntava-se ele, sentindo as pernas fraquejarem. Foi arrastando as costas na parede até chegar ao chão branco do hospital.

Lembrou-se de quando viu a mãe, após tanto sofrer, morta. Ele foi o primeiro da família a ver seu corpo na cama do hospital em St. Andrews.

— Não posso passar por isso de novo! Não! — gritou, encolhendo-se sentado no chão, abraçando os joelhos junto ao corpo, dando vazão a um choro incontrollável.

— Acorde... por favor, por favor, por favor! — repetia Derek, incessantemente.

A enfermeira o encontrou com o corpo tremendo, encolhido no chão, soluçando sem parar.

CAPÍTULO 18

O sono de mil sonhos

— O que eu faço, Liam? Me diga, pois eu nunca fiquei tão perdido na vida, nem quando a minha mãe morreu — disse Derek para seu amigo pelo celular, que agora tinha um novo chip que funcionava no Brasil. As luzes de sua acomodação estavam apagadas, ele estava na mais completa penumbra.

Havia chegado há três dias no país, e Lisa ainda estava em coma e tinha piorado consideravelmente.

— Pela primeira vez, eu não sei o que te dizer — disse o irlandês do outro lado da linha. — Eu estou desolado, sei que ela é importante pra você.

— Eu quero sumir. Eu quero desaparecer! Não quero sentir o que eu tô sentindo. Uma revolta sem nome! Acho que ela não vai resistir... Eu não sei o que faço. Estou sozinho em um país desconhecido. Parece que vou enlouquecer!

— Derek, você precisa ter força nesse momento. Tem que se apegar a uma esperança, a um projeto.

— Acha que é possível que ela acorde? Devo ficar aqui? Devo voltar pra Europa? Me dá um conselho!

— Você nunca foi de muita fé, sempre foi muito racional e prático, mas, às vezes, situações como essa nos ensinam a aprender o que ainda não sabemos, nos ensina a sair do lugar-comum, a deixar o orgulho de lado e a esperar por algo, por alguém que está acima de nós, nos faz esperar pelo sobrenatural, por coisas que estão além da nossa compreensão.

— Tá me pedindo pra rezar? É isso? Como rezar diante de uma catástrofe dessa?

— Te respondo com outra pergunta: como não rezar diante de uma catástrofe dessas?

— Eu não sei o que pensar.

— Quer algo mais racional do que medicina? Se os médicos praticamente desenganaram ela, vai

ainda se manter no racional? Faça o diferente, tenha esperança, acredite que algo pode acontecer. Não desista, só desista quando não houver mais vida.

— Acha que ela escuta o que as pessoas dizem pra ela?

— Não sabemos. E se escutar? O que é que está dizendo pra ela? Está se lamentando, maldizendo a sorte de vocês dois? Se ela ouvir isso, acha que a fará reagir? Ela vai se entregar, desistir. Mude sua postura. Mude sua atitude. Lute por ela!

— Como? Ela está em uma cama, inconsciente! Não posso fazer nada.

— Assisti um documentário na TV a cabo que afirmava que muitas pessoas que voltaram do coma diziam que viam as coisas, que presenciavam atitudes das pessoas ao redor.

— Sêrio?

— A maioria dos médicos diz que o paciente em coma não demonstra percepção nenhuma, mas há aqueles que acreditam que essas pessoas podem ouvir e perceber, mesmo que de forma mínima, o mundo à sua volta.

— Vou pesquisar sobre isso na internet mais tarde.

— Não saberia te dizer como funciona as coisas, só sei que ela tá viva. Ela não morreu. De alguma maneira, ela precisa sentir algum amor.

— Como ela vai sentir?

— Não sei, mas ame ela de alguma maneira. Faça com que a sua devoção, o seu amor, a faça acordar, faça-a querer viver, faça-a voltar pra você. E, acima de tudo, tenha fé.

— Eu não sei ter fé, Liam.

— Você acredita que ela pode acordar ou já a está enterrando em vida?

— Não! Não posso cogitar que ela não vá acordar.

— Isso talvez seja fé, em seu estágio inicial. Reaja ou você vai se arrepender de não ter tentando nada do alto da sua racionalidade, que é inútil no momento — disse Liam.

Derek voltou a sentir fortes pontadas na cabeça.

— Agradeço as palavras, mas preciso desligar. Vou tomar alguma aspirina ou minha cabeça vai explodir.

— Tudo bem, mas me prometa que irá pensar no que eu disse.

— Eu prometo.

Derek entrou no sebo de Lisa. Encontrou a atendente loira arrumando alguns livros na parte alta de uma prateleira.

— Oi — ele saudou a garota, em português.

— Oi, posso ajudá-lo?

— Falar com ele — disse Derek, em um português precário, apontando para Jonas, que estava dentro do escritório, usando uma calculadora.

— Claro, só um minuto — disse a garota, andando para o fundo do sebo. Derek passou pelas prateleiras de livros e foi lendo os títulos aleatoriamente.

— Ela ama isso aqui... a garota dos livros — disse ele para si mesmo, para depois reparar no chão de madeira gasto, na bagunça do lugar, nas paredes mofadas. Reparou que uma mancha de umidade parecia uma xícara de café.

Ficou olhando para a mancha, como que hipnotizado. E, de repente, ele simplesmente sabia o que deveria fazer.

— O senhor queria falar comigo? — perguntou o senhor Jonas. Derek não entendeu o que o homem falou, virou-se para ele e viu que, apesar da idade avançada, parecia ter boa saúde e energia.

— Você fala inglês? — perguntou Derek, em português.

— Sim, eu falo. Canto melhor em inglês do que falo, mas dá para o gasto — disse o senhor Jonas,

em um inglês pomposo.

— Ótimo. Eu sou Derek, namorado da Lisa — apresentou-se, voltando a falar de forma mais fluída em sua língua.

— Veio me dar alguma notícia ruim? O que aconteceu com a menina?

— Calma, nada mudou no quadro dela.

— Que susto!

— Na verdade, eu vim aqui para pedir que me deixasse ajudar na loja, vi que estavam com algumas reformas. Preciso fazer algo enquanto espero a recuperação dela.

— Ajuda nunca é demais. E, como ela não está aqui agora, tem muito trabalho acumulado. Estou com uma peça em cartaz também, sou ator e cantor de musicais, e não estou dando conta de tudo.

— Quero ajudar.

— Tudo bem, tem total liberdade pra entrar e sair do sebo, vou te passar meu celular e qualquer dúvida você pode me ligar. Tinha um cara arrumando o banheiro, mas gastamos tanto dinheiro consertando esse prédio, que dispensamos ele porque ia ter que mecher no encanamento e sairia muito caro. Mas tem algumas paredes para serem pintadas.

— Senhor Jonas, como disse, eu vim para oferecer ajuda, mas, quando eu estava aqui, me surgiu uma ideia. Pode parecer loucura, mas senti que é o que devo fazer. Quero te fazer uma proposta. Poderíamos conversar no seu escritório?

— Tudo bem, mas poderia já adiantar sobre o que quer falar?

— Eu quero me associar ao sebo. Eu quero transformar isso aqui em um local que a Lisa vai querer trabalhar, vai querer gerenciar. Eu quero fazer desse sebo um espaço cult, moderno.

— Não quero me meter nisso, mas sabe que ela pode não acordar, não é mesmo? Não seria imprudência sua fazer isso?

— Ela vai voltar. E, quando acordar, vai ter uma grande surpresa.

— Mas e se ela não acordar?

— Não sei, talvez eu venda a minha parte, alugue, assuma. Eu simplesmente não sei. A única coisa que eu sei é que eu não saio daqui até terminar isso. Claro, se o senhor aceitar minha proposta.

— Sua proposta é bem louca. Mas vamos conversar. Não custa.

Eles negociaram por duas horas. Derek ficou a par das finanças do sebo, da quantidade de livros do local. Descobriu que o espaço não tinha site, não fazia vendas online, fato que ele achou um disparate.

Descobriu a pequena porcentagem que Lisa tinha no sebo e que o senhor Jonas estava querendo se desfazer da loja para se dedicar mais à sua carreira de ator, porém ele se recusou a vender toda a sua parte. Queria ainda continuar sócio do sebo. Eles entraram em um acordo bom para ambos e Derek prometeu voltar com um advogado.

— Como estou ainda como turista aqui, preciso ver uma maneira de fazer as coisas de forma legal. Marquei uma reunião em uma empresa de advocacia especializada na questão de estrangeiros no Brasil. Parece que demora meses para que eu possa abrir uma empresa.

— Posso esperar.

— Mas eu não, tenho pressa na reforma. Vou checar, mas empresas brasileiras podem receber empréstimos de investidores estrangeiros. Assim, poderíamos dar início de forma rápida à reforma e depois vemos a questão da sociedade, quando meu visto estiver correto.

— Tudo bem. A gente conversa mais e entra em um acordo — disse Jonas, estendendo a mão para Derek, que a apertou.

Quando saiu do pequeno escritório, Derek olhou para perto da porta do banheiro e viu uma porta de madeira se confundindo com a parede, que também estava pintada de branco.

— O que tem atrás dessa porta?

— É a continuação dessa área, que teve alguns problemas estruturais e foi isolada, antes tinha

uma lanchonete aí. A parede que dividia os dois espaços começou a rachar. O dono teve que quebrá-la. Aí colocaram essa parede falsa.

— Esses dois espaços são do mesmo dono?

— Sim.

— Posso olhar o lugar? Você tem a chave?

— Sim, vou pegar — disse Jonas, dirigindo-se ao escritório novamente.

Quando voltou, abriu a porta.

— Há luz ainda. — Jonas ligou o interruptor.

Derek viu que a situação dessa área era pior que a do sebo. O antigo dono da lanchonete havia deixado quase tudo para trás, mesas, balcão, cadeiras... Tudo em péssimas condições.

— O antigo dono não levou as coisas dele?

— Ele saiu devendo, aí deixou materiais pro proprietário do lugar como parte do pagamento, mas isso foi há mais de três anos.

Derek conseguia visualizar tudo. Ele era um empreendedor nato, tinha o talento para reerguer coisas destruídas, através de sua mente criativa e empreendedora.

— Me passa o contato do dono, por favor. Quero montar meu restaurante aqui.

A maior dificuldade era a língua. Os trabalhadores ficavam esperando as instruções de Derek para fazerem as mudanças pedidas. Depois de dois dias do início das obras, baixou no celular um aplicativo em que ele falava em inglês e a fala era traduzida e pronunciada em português.

O arranjo o ajudou a, enfim, conseguir dar maior agilidade à obra. Ele queria terminar tudo em um mês. Como tinha que perder tempo correndo atrás de seu visto como empresário no Brasil, teve que fazer um contrato de empréstimo tanto com Jonas com relação ao sebo, quanto com Rafael, que aceitou abrir um restaurante e ter Derek como investidor.

Como Derek ainda aguardava a parte burocrática para enviar dinheiro ao Brasil, Rafael recebeu dinheiro emprestado de seu pai para dar início às obras e, depois, seria restituído por Derek. A parte burocrática relacionada ao restaurante havia ficado com o brasileiro, enquanto Derek passava seus dias na obra.

O senhor Jonas deu férias para a única funcionária do sebo e encerrou temporariamente os serviços para reparos. Derek ainda não sabia ao certo como faria o projeto, preferiu iniciar arrumando o prédio.

Encontrou-se com um advogado, que era amigo de Rafael, e com o dono da construção. Elencou os graves problemas do prédio, principalmente sobre o encanamento do local que estava todo comprometido. Se propôs a reforçar uma das paredes que apresentava problemas em sua base. As portas também precisavam ser trocadas, estavam com cupim. Comprometeu-se a restaurar o chão de madeira antiga, pintar as paredes, fazer vistoria em todo o prédio para saber das condições estruturais, além de construir banheiros femininos, masculinos e um adaptado para deficientes.

O acordo era reformar o sebo e a área da antiga lanchonete em troca de um desconto no aluguel dos dois espaços.

Derek havia saído do hotel. Rafael havia convidado o amigo para morar com ele, mas o escocês disse que dormiria no sebo. Jogou um colchão no chão, comprou cobertor, lençol e travesseiro e passou a dormir ali.

Instalou um chuveiro no antigo banheiro. Como o espaço tinha internet, utilizava o computador ali e comia sempre na rua. Algumas noites, quando tinha saudade de cozinhar, ia na casa de Rafael e fazia um jantar para algum grupo de amigos do rapaz.

Rafael havia ficado chateado com Derek por não aceitar ir para a casa dele, mas o escocês não tinha vontade de conviver com ninguém, queria ficar sozinho. Pensava apenas no projeto para o sebo e o

restaurante. Com frequência, ia visitar Lisa.

Os pais dela mal conversavam com ele, encontraram-se apenas algumas duas vezes nas visitas. Ele tinha mais contato com a irmã de Lisa. Quando alguém da família não conseguia ir na visita, ela ligava para Derek, que ia visitar Lisa, para saber se estava tudo bem.

Os funcionários da UTI e os parentes dos pacientes já o conheciam, ainda mais depois que ele invadiu o local. Era conhecido como o gringo da garota da UTI.

A segurança, que antes o tratara com animosidade, treinava seu inglês com o rapaz. Ele ensinava algumas palavras em inglês pra ela, enquanto ele, em contrapartida, aprendia português. Após vinte dias, já arriscava frases completas. O sotaque era forte, mas não impedia que o rapaz fosse entendido.

Naquela noite em particular, ele estava animado e esperançoso. Lembrava que Liam havia dito que muitas pessoas em coma escutavam o que as pessoas falavam ao seu redor, mas conversar com ela era benéfico pra ele também.

Ao entrar no quarto, reparou que o braço de Lisa estava mais roxo que antes.

— Será que ninguém daqui sabe acertar uma veia, porcaria? — falou, nervoso, pegando no braço dela e virando dos dois lados para ver se tinha mais hematomas. — Oi, Li — disse ele, beijando-a de leve nos lábios.

Reparou que a gola da sua camisola estava suja de um líquido que ele não reconheceu o que era. Ele pegou a ponta do lençol e secou.

— Eu vou continuar a história de ontem. Como só temos meia hora juntos, vou conseguir ler apenas um pouco.

Ele tirou um tablet de dentro de sua mochila.

— Quero te pedir que nunca conte a ninguém que eu li pra você Charlotte Brontë. Muitos amigos meus preconceituosos ririam da minha cara — disse ele, rindo. — Mudando de assunto, nunca imaginei que tirar um visto fosse tão burocrático. Estou ficando louco!

Derek sentou-se em uma cadeira de plástico laranja que estava encostada na parede.

— Mas não se preocupe, vou parar de reclamar, não faz bem pra você. Já fica aqui o dia todo sozinha e ainda chega um cara mal-humorado pra te encher. Chega de papo, vou ler — disse ele, ligando seu tablet. — Como já falei da outra vez, estou lendo o livro online em inglês. Só pra refrescar sua memória, estou lendo *Jane Eyre*. A gente tava naquela parte que a Jane é trancada pela tia dentro do quarto vermelho, que ela acha que é assombrado. Agora eu preciso fazer um comentário: mas que porra de tia era essa, hein? Desculpa, sei que não gosta que eu fique xingando, ainda mais em uma UTI.

Derek percebeu que a internet estava lenta.

— A internet que eu arrumei é uma merda. Ainda tá abrindo o livro, enquanto isso vamos conversar mais — sugeriu ele, deixando o tablet de lado. — Tem uma criança, um menino de uns dez anos, em estado grave no quarto ao lado ao seu, pegou infecção hospitalar depois de fazer uma cirurgia na vesícula. Outro dia, ele arregalou os olhos quando me viu, apontou pra mim e falou pra mãe dele que eu era o cara que falava palavrão alto. Não se preocupe, que eu não confessei. Fiz cara de bom moço e sacudi a cabeça como que achando graça do garoto falar algo tão sem sentido.

Derek parou de falar por um instante, fitando o nada, absorto em seus próprios pensamentos. Depois voltou-se para Lisa e prosseguiu:

— Confesso! A mãe dele sorriu para mim e queria saber sobre como é a Escócia. Não precisa ficar com ciúmes, porque, apesar dela ser uma mãe jovem, solteira e até bastante bonita, eu falei que eu tenho namorada e que ela foi tirar uma soneca de algumas semanas, mas logo acorda. Não preciso nem dizer que eu sou fiel. Quer dizer, passei a ser quando conheci você. E assim vai ser — avisou ele, voltando a sentar na cadeira. — Essa mãe está sofrendo muito. Aí eu percebi que há um mundo de dor paralelo. Enquanto eu trabalhava como chef, em Paris, me revoltava com meu pai, com minha ex-noiva, viajava, curtia a vida, um mundo de dor existia. Pessoas como você, meu amor, lutando pra viver,

sentindo dores, tomando baterias de remédios. E eulá, reclamando porque o final de semana era curto pra um monte de atividades que eu queria fazer. Reclamando porque uma ex-namorada brigava comigo porque eu era frio. Você pode pensar que eu estou exagerando, já que, por você, eu comprei flores, uma pelúcia ridícula, tô lendo livro de romance e até viajei quilômetros para estar perto, mas isso é só por você, porque antes eu era bem frio, um coração de pedra das Highlands. Acho até que eu devo estar pagando os meus pecados, por cada garota que eu não liguei no dia seguinte, para as que eu menti que estava trabalhando, por cada garota que me pedia atenção e amor e eu basicamente não podia oferecer. Porque a gente não pode dar o que muitas vezes não tem. E, depois da Anabel, eu realmente achei que não tinha nada mais para oferecer — disse ele, respirando de forma barulhenta. — Mas aí você surgiu tão nada a ver comigo — continuou —, com aquele tênis sujo na ponta, tatuagem de henna de borboleta no ombro e com mechas roxas no cabelo feitas de papel barato. Achei que você não passava de uma adolescente cabeça de vento, levemente brega, que tinha as paredes dos quartos repletas de pôsteres de grupos *teens*. Eu tão cheio de soberba, me achando o adulto da história, o cara moderno, talentoso, relativamente bem-sucedido e namorador de mulheres mais velhas. E você, com poucas palavras, me derrubou do meu pedestal, me fez ansiar ver as pontas sujas dos seus sapatos, me fez querer imaginar tatuagens de hennas em partes do seu corpo e até ir em shows de bandas que não estão há mais de quinze anos com a mesma formação. Se você pedisse, eu até pintaria os meus cabelos com qualquer papel que desbotasse tinta. Eu faria isso e muito mais pra ter a sua companhia de novo — disse Derek, pigarreando.

— E qual não foi minha surpresa ao encontrar na sua simplicidade uma menina que precisava da aprovação das pessoas? E isso me inquietou, porque você era tão fantástica, o seu olhar parecia que invadia a minha alma e conseguia saber exatamente os meus medos de garoto. E eu queria contar todos eles pra você, pra você curar minhas dores com seus abraços de quarenta segundos — disse ele, segurando a mão dela. — E agora eu tô aqui lendo livros que eu jamais leria se não tivesse conhecido você. Leio pra ver se você simplesmente acorda, querendo saber o final da história, mas parece que você não se interessa, porque provavelmente já sabe todos esses finais. Afinal, você é a garota dos sete escritores, dos mil escritores.

Nesse momento, uma enfermeira entrou no quarto, sorriu para Derek, mexeu em alguns botões de uma máquina branca, que ajudava Lisa respirar. Depois, saiu tão silenciosamente quanto havia entrado.

— Então — continuou Derek —, acorde para ao menos dar um final que não seja triste pras nossas vidas, porque, se você não acordar, não terá final feliz. Eu, infelizmente, não sou o príncipe da história, senão eu já teria te acordado com os inúmeros beijos que te dou dia após dia nos seus lábios frios e rachados. Estou mais para um antagonista irritante. O cara que perturba todo mundo na história, inconveniente e de que ninguém gosta. Me sinto assim, com seus pais correndo de mim como correm dos vilões maquiavélicos — comparou Derek, dando um sorriso triste. — Mas não se preocupe, não vou brigar com eles. Se fosse outro tempo, eu mandaria todos se ferrarem, mas eu vou me comportar pra não ficar de fora das festas de família chatas que iremos quando você acordar. Prometo que vou me comportar bem nos batizados de crianças ranhentas, nos aniversários com aqueles bolos horríveis cheios de glacê de supermercado, nas ceias de Natal com aqueles perus congelados e já temperados que não têm gosto de nada, sem falar daquelas sidras baratas e sem gás. Eu até apareço no réveillon, com direito a pirotecnia em uma das muitas praias brasileiras, com tatuagens de henna pelo corpo ou até mesmo aquelas tatuagens que vêm dentro de pacotinhos de goma de mascar para criança. Eu juro que eu deixo você grudar esse trecos em mim, mas acorde! — Derek olhou a hora no celular.

— Droga, tá quase na hora de ir. Desculpa, eu fiquei de ler o livro, mas já está acabando o horário da visita, e eu gastei esse tempo falando coisa com coisa, mas é que estou tão sozinho que preciso falar com alguém. E você é o alguém mais importante pra mim. Prefiro falar com você mesmo dormindo do que com qualquer pessoa que esteja acordada nesse mundo... Quase ia me esquecendo, eu finalmente paguei o que devia. Lembra que perdi no xadrez e fiquei de ler um livro recomendado por

você? Li o livro de Harper Lee, *O Sol É Para todos*. O que conclui? Que eu era um completo babaca — confessou Derek, sorrindo de forma desanimada. — Antes de ir, eu vou limpar essa baba que tá escorrendo para o seu pescoço, arrumar um pouco mais o seu cabelo e te pedir, talvez pela milésima vez, para acordar, porque eu só estou esperando isso pra me casar com você.

CAPÍTULO 19

Apenas uma prova de amor

Haviam se passado quase dois meses desde a chegada de Derek ao Brasil. O suor escorria pelas suas costas. Acordou assustado cinco minutos antes do despertador tocar, o alarme tinha sido programado para as sete horas da manhã.

Abriu sua mala, retirou uma bermuda jeans nova, ainda com etiqueta, escolheu uma camisa de manga curta amarela e foi tomar um banho rápido. Levantou a porta da loja de livros e se deparou com um dia ensolarado, tão comum em São Paulo, ao menos quando comparado com cidades europeias onde ele já havia morado.

Encontrou, na porta, um dos trabalhadores encarregados de restaurar o piso de madeira da loja.

— Bom dia — falou em português.

Já se sentia mais seguro com a língua. Concluiu que a aprendizagem do idioma era apenas um pouco mais complicada que a do francês; até mesmo achou muitas palavras similares entre as duas línguas.

— Bom dia, patrão. Posso entrar? — perguntou o moço de cabeça raspada e com braços musculosos.

— Fique à vontade. Vou na malharia e já volto — disse ele.

— Padaria, chef, malharia é outra coisa — corrigiu o rapaz chamado Pedro e que já estava trabalhando com Derek há mais de três dias.

— Obrigado, Pedro! Vou padaria! — disse ele, esquecendo-se de usar preposição na frase. Dessa vez, Pedro não o corrigiu.

Depois de tomar café da manhã, Derek voltou para o sebo e o que viu o deixou animado. As duas geladeiras que ele encomendara chegaram, um caminhão estava parado na frente do sebo com o pisca alerta ligado.

Tudo estava praticamente pronto no que se referia à parte de móveis. Agora faltavam os detalhes. Depois que os entregadores deixaram os eletrodomésticos dentro da loja e já saíam com o caminhão, o carro de Rafael estacionou no lugar. O brasileiro tinha pedido demissão do trabalho há duas semanas e agora ajudava Derek em período integral com as obras.

Mas quem saiu de dentro do carro de Rafael foi a irmã dele, Carolina. Derek não a via desde quando tinha saído de Dublin.

— Carol! Que bom te ver — disse ele, surpreso.

— Eu digo o mesmo! Pensei que nunca mais veria o senhor mal-humorado na minha vida! — disse ela, abraçando-o afetuosamente.

— O que faz aqui?

— Meu irmão precisou ir ao médico e mandou te avisar que vem pra cá à tarde. Eu cheguei ontem de Campinas e vim ajudar.

— Ajudar em quê? Tá tudo quase pronto.

— Eu sou ligada em design de interiores. Quero ajudar com a decoração tanto do restaurante quando do sebo. Não vou cobrar nada, quero fazer isso pela minha amiga Lisa e, lógico, pelo babaca do meu irmão.

— Perfeito! A ajuda será bem-vinda — disse ele, alvoroçado. Apesar de ter noções de decoração, estava tão cansado ultimamente que uma ajuda a mais não seria nada mal.

— Então vamos lá! Quero conhecer o lugar para entender a proposta disso aqui — disse ela, entrando na loja.

— Vou te explicar tudo — disse ele, a seguindo.

— Essa área é a do sebo?

— Isso mesmo. É um conceito livraria-restaurante. Tem essas portas de vidro, que dividem os dois ambientes, mas elas são de correr e são intercaladas nessa parte e, se arrastadas, dão um conceito aberto, unindo o restaurante ao sebo para eventos diversos. O restaurante e o sebo viram um espaço só, ao menos aqui nessa parte. É um empreendimento híbrido.

— As pessoas podem tomar café em meio a livros antigos! Também podem ocorrer lançamentos de livros, saraus, clubes do livro. Tudo isso que a Lisa gosta — sugeriu.

— Essa é a ideia.

— Bem que Rafael falou que a sociedade que você ofereceu a ele era a melhor coisa que poderia acontecer, que o espaço seria único na cidade, revolucionário. Isso aqui está lindo! — disse ela, reparando nas estantes recém-chegadas de madeira escura, mesmo material do balcão.

De um tom de marrom mais claro, vinha lustroso o quase totalmente reformado chão de madeira. Mesas brancas redondas e pequenas se espalhavam pela loja, que além de livros usados, tinha uma revistaria. Em cima de algumas mesas, pendiam lustres baixos.

Nos fundos da loja, havia os banheiros, além de uma seção de discos de vinil usados à venda e uma vitrola antiga exposta.

— Depois eu vejo o restaurante, primeiro eu quero entender o que você quer passar pra Lisa. O que quer que eu faça aqui?

— É um local rústico chique. Quero delicadeza em meio à madeira, que simboliza o forte. A Li gosta de uma máquina registradora antiga. Eu preciso que você ache algum lugar para consertá-la e restaurá-la. Ela dará um ar retrô ao espaço, assim como a vitrola antiga. Nos fundos, eu ampliei o escritório dela. Lá, quero que ela tenha uma cadeira confortável. Comprei uma mesa de segunda mão antiga, precisaria ser lixada e envernizada. Também quero uma poltrona pra quando ela precisar descansar e ler um pouco.

— Certo.

— A Li gosta de coisas antigas. Não sei se percebeu, mas há móveis brancos, estilo colonial, espalhados por aí, misturados com objetos modernos. Nos banheiros, quero espelhos emoldurados de branco, ovais. No lugar de pias tradicionais, quero lavabos em cima de gabinetes de madeiras. Saboneteiras combinando com louça branca.

— Vai ficar lindo. Posso ter liberdade pra dar meu toque, né?

— Com certeza, só estou apontando o que eu acho que ficaria bom, mas você tem total liberdade pra mexer em tudo.

— E esse espaço vazio? — perguntou Carolina, aproximando-se da única prateleira branca no meio das demais de cor marrom. A prateleira era grudada na parede e cabia poucos livros, era toda torneada, com detalhes em alto-relevo. Tinha uma iluminação especial ao redor dela.

— Aqui ficará toda a mística desse lugar. É o que dará nome ao estabelecimento, que regerá também o restaurante que fica do outro lado. Essa prateleira é o que representa como tudo começou.

— Estou morrendo de curiosidade. Me conta.

Derek explicou para Carolina a sua intenção, e a garota terminou de ouvir seu relato com lágrimas nos olhos.

— Já vi muitas provas de amor, não necessariamente pra mim, mas em filmes, e essa é uma das mais bonitas.

— A questão da prateleira? — perguntou ele, confuso.

— Isso também, mas o fato de você estar aqui, montando isso para uma pessoa que dorme profundamente, que pode não acordar. E você fez pensando em cada detalhe. Como se ela fosse reparar em cada canto desse lugar. Eu só posso dizer muito obrigada por amar a Lisa dessa maneira. Você é especial.

— Eu não sou especial. Sou tão ordinário que o que mereço é não tê-la, mas sou tão egoísta que insisto. Insisto porque não quero perder, porque não aprendi a perder.

— Talvez seja essa sua teimosia que a trará de volta. Quem sabe? Nunca sabemos.

— É o que eu mais quero. Se isso não acontecer, nada disso fará sentido.

— Derek, tudo isso aqui... — disse ela, olhando ao redor — é uma das coisas que mais fazem sentido, porém poucos ousariam fazer. É amar de uma maneira pura, verdadeira, é renunciar a si em prol do outro.

— Mas eu tenho medo de ela nunca ver isso aqui!

— Mesmo que ela nunca veja, Derek, e me dói ao menos cogitar essa possibilidade, ela estaria extremamente orgulhosa de você. Eu estou muito orgulhosa de você por amá-la mesmo ela não podendo te retribuir.

— Ela não precisa retribuir, pois tudo o que ela já me ofereceu, tudo o que ela já curou aqui dentro — disse ele, apontando para o peito. — É muito mais do que um dia cogitei merecer e muito mais do que alguém fez por mim ou fará.

Estava tudo pronto para a inauguração. Até mesmo as compras de alimentos para o restaurante estavam feitas. Rafael havia contratado três ajudantes de cozinha e cinco garçons.

Apesar dos empreendimentos se ligarem e terem conexão entre si, na questão de negócios estavam separados. Como sócios da loja estavam apenas Lisa, Derek e Jonas, já com relação ao restaurante estavam apenas Derek e Rafael.

— Tudo pronto para hoje à noite, parceiro? — perguntou Rafael.

— Nem tudo, está faltando chegar o presunto de parma que compramos daquele revendedor amigo seu. Tem como dar uma ligada cobrando?

— Filho da mãe! A gente precisa do presunto pra salada de entrada.

— É verdade.

— A família da Lisa vai vir? — perguntou Rafael.

— Eu convidei, mas não sei, cara. Não sei.

— A Carolina tá trazendo toda a nossa família e amigos. Só a galera dela vai lotar isso aqui.

— Vamos repassar a noite, as pessoas pagaram um valor para provar todo o nosso cardápio, mas servido como *finger food*. Uma degustação geral de tudo. Quem vai recolher os ingressos?

— Contratei duas recepcionistas de uma agência pra cuidar da recepção. Estarão usando vestido preto e salto alto. Na estica.

— Perfeito. Você checkou a temperatura do lambrusco?

— Tá tudo certo. E quero avisar que temos reserva pro próximo final de semana. Te falei que o release que a minha amiga assessora de imprensa enviou foi publicado em várias mídias? Nas redes sociais, tá bombando. Dei até entrevista para uma jornalista gata de um jornal local.

— Isso é bom.

— Ela queria te entrevistar, ficou encantada com a história do escocês que restaurou o sebo da

namorada.

— Eu não vou expor minha vida e a da Lisa pra ninguém. Isso está fora de cogitação.

— Calma, tenha paciência que hoje vai ter jornalista aqui.

— Vou tentar me segurar para não ser grosseiro, caso perguntem coisas que não são da conta deles, mas não prometo nada. Não acho justo a gente inaugurar e a Lisa não estar fazendo parte. Me sinto traindo ela.

— Derek, depois a gente faz um tipo de reinauguração. A gente precisa trabalhar, parceiro. Investimos nosso capital nisso aqui, foram meses cuidando de cada detalhe. Agora é a hora!

— Tá, eu sei — concordou. — Rafael, mudando de assunto, eu não posso mais ficar com meu colchão aqui. Vou alugar um espaço pra mim, será que posso ficar na sua casa até arrumar um apartamento?

— Não precisa nem perguntar. Fique o tempo que precisar.

— Logo eu arrumo algum lugar. Agora que o visto está encaminhado, fica mais fácil fazer um contrato de aluguel.

— Demorou. Agora o que falta fazer?

— Vamos começar a fazer as sobremesas geladas, caso contrário, não vai dar tempo de gelar.

— Nós dois juntos de novo, como no bistrô de Paris. Vamos detonar! — disse Rafael.

A inauguração do espaço foi bem-sucedida. Os pais, os irmãos de Lisa e o tio Paulo foram no evento, o que deixou Derek nervoso. Queria tentar impressioná-los, mas não sabia por onde começar.

Os presentes ficaram encantados com o local e o cardápio diferenciado. Jonas havia levado alguns artistas do musical que ele estrelava e todos ficaram de divulgar a casa, que aliava gastronomia, cultura e uma história de amor por trás de tudo.

Com a noite fresca, Derek estava encostado na parede na área externa que ficava nos fundos da cozinha. O local tinha entrada proibida para quem não era funcionário. Ele fugia do salão abarrotado de gente que o encarava.

— Tá difícil, né? Fazer isso tudo sem ela — disse Duda, o irmão de Lisa, aproximando-se.

— É perceptível que você é irmão da Lisa, entra em portas não autorizadas para quem não é funcionário — disse Derek, lembrando-se do dia em que ele perdeu a paciência com Lisa, após ela atrapalhar sua palestra.

— Não sei do que você está falando — disse Duda, com a boca cheia. — Só sei que ela deveria estar aqui.

— Todos os dias, eu acordava com foco nesse momento, quando terminaria tudo. E agora esse dia chegou e não sei o que vou fazer amanhã — confessou.

— Ouvi minha mãe dizer que a Lisa está indo embora. No começo, não queria aceitar, chorei dentro do meu quarto, mas, depois, eu pensei que pode ser que a Lisa queira ir, que sofra ficando presa naquela cama. Acho que temos que tentar entender que chegou a hora dela — disse Duda com o semblante triste.

O olhar de Derek para o garoto era de surpresa pela maturidade dele.

— Eu estou achando que não estou querendo aceitar o que talvez seja inevitável, que esse mundo ferrado, louco, insano, não é mais pra ela. Hoje eu ainda não estou preparado para isso, talvez amanhã eu esteja. Logo se vê que você é maduro, assim como sua irmã.

— Ela ficou muito infeliz quando terminou com você da primeira vez. Sei que meus pais te evitam para o bem dela, mas eu acho que eles deveriam te dar uma chance. Quando você está por perto, ela fica se olhando no espelho toda hora e até canta. Ela canta mal, mas não importa. A gente ama ela de qualquer jeito, né?

— Isso mesmo. De qualquer jeito — concordou Derek.

- Eu falei isso para meus pais e fiz greve de fome pra te convidarem para ir lá em casa.
- Não acredito nisso. Nunca mais faça greve de fome, é perigoso.
- Relaxa, eu só não almocei e jantei por um dia, mas comi biscoitos de chocolate, que estavam escondidos embaixo da minha cama.
- Ah! Aí, sim!
- Eles me pediram pra te convidar para um chá da tarde, no domingo, às 16h30 lá em casa. Aceita?
- Claro, ainda mais depois de saber o que fez, ou melhor, fingiu fazer.
- Então tá, a gente se vê no domingo. E, cara, esse lugar ficou maneiro. Curti.
- Obrigado. Também curtir.
- Fui! Toca aqui, você é meu irmão agora — disse Duda, estendendo a mão fechada e batendo na mão também fechada de Derek. — Esse é o toque da irmandade — avisou o garoto.
- Agora já sei, obrigado por me avisar.

CAPÍTULO 20

O pote de vidro vazio

Haviam se passado vinte dias da inauguração do restaurante e do sebo, Derek, Rafael e Jonas se desdobravam para dar conta de tudo, pois o espaço estava atraindo muitos clientes.

Derek vivia apreensivo, a médica havia dito que a situação de Lisa estava piorando, os órgãos continuavam inativos e, em suas pesquisas, Derek havia lido que, quanto mais tempo a pessoa ficasse em coma, mais difícil era dela acordar. Fazia quatro meses que Lisa estava naquela situação.

A notícia da médica deixou Derek abalado, ele pensou nas falas de Duda e resolveu visitar Lisa com uma nova postura. Ele não pediria mais para ela acordar, como fazia a todo instante.

Estava em pé ao lado da cama dela, segurava sua mão.

— Quero dizer que percebi que meu sentimento tem uma porção de egoísmo, de não querer perder, de desejar vencer as adversidades pelo simples fato de elas não apontarem para o meu querer. Fiz de tudo, eu acho, para que você acordasse, pra te provar que, por você, eu mudaria de país, me adaptaria a outro lugar, mas, em nenhum momento, eu te falei que eu quero o que é melhor pra você.

Derek deixou a emoção livre, não bloqueou as lágrimas, que agora molhavam seu rosto e caíam em cima do braço de Lisa.

— Eu não tenho direito nenhum de te prender, o que é o amor a não ser dar liberdade da pessoa ser o que ela quer ser, seguir o caminho que tem que seguir? Não sei se já é a sua hora de sair desse mundo que foi bem árduo com você. Se for o caso, eu fico aqui dia após dia te falando pra acordar, acordar e acordar. Não sei se isso está te atrapalhando a seguir aquilo que é pra ser. E, se hoje for seu dia de se tornar uma estrela no céu, uma alma livre e linda fora desse mundo aqui, eu não quero te impedir — disse Derek, abaixando-se e a beijando no rosto, tomando cuidado para não esbarrar em nenhum fio dos aparelhos ligados a ela. — A médica disse que seu estado piorou. E eu estou cansado de te dizer o que fazer ao te pedir pra acordar. Talvez você só queira que eu te liberte pra ser como uma borboleta que deixa de ser larva, como aquela da sua tatuagem falsa. Se é dessa maneira, não quero que você fique sendo larva por meses e meses, talvez anos, porque, pela minha vontade, quero te ter. Às vezes, não era para termos muito tempo juntos, mas foi amor no seu tempo, será amor para sempre dentro

de mim. Apenas não posso mais colocar essa borboleta dentro do meu pote de vidro vazio e depois fechá-la lá dentro.

O celular de Derek vibrou em seu bolso. Ele desligou.

— Desculpe, Li — disse ele. — Não sei se sente dor, não sei se me escuta — continuou ele. — Não sei se está sofrendo ouvindo tudo o que eu digo e tendo sua alma presa dentro do corpo sem poder se expressar. Isso seria horrível. Como não sei se é assim, digo apenas que te quero bem, seja no céu, seja se preparando para ele, seja viva, seja como for. Quero o seu bem, seja com você perto de mim, seja longe. Faça seu caminho, meu amor. Eu prometo que nunca vou te esquecer. Não sou de fazer o impossível!

Dessa vez, ele teve que secar as lágrimas com o punho de sua blusa de moletom bege, elas embaçavam sua visão.

— Se precisar partir, eu aceito isso. Vou sentir como se parte de mim fosse junto com você, mas, com o tempo, vou perceber que essa parte ainda está comigo, mudada, mas comigo. E vou voltar a ser feliz um dia, pois como não ser feliz tendo tido a alegria de ter te conhecido? Concluindo, dragãozinha, eu aceito o que acontecer. Se você acordar, eu aceito. Se você dormir definitivamente, eu aceito. Só aceitaria te deixar partir por um amor maior que o meu, e acredito que somente Deus poderia ter isso mesmo. Então, talvez adeus, talvez até logo. O que for para ser, Lisa, o que tiver que ser — falou ele —, eu aceito, eu só não quero que você sofra mais, eu só quero que você seja luz, como foi um dia para mim, em qualquer lugar deste mundo ou fora dele.

Derek pegou uma pequena toalha limpa e secou o braço dela.

— Desculpe. São muitos anos sem chorar e agora tô parecendo uma garoto sensível e perdido. Não conte isso pra ninguém, por favor — disse ele, fungando. — Prontinho — avisou, terminado de secá-la. — Vamos fazer um trato? Vamos seguir o caminho que é pra ser? E nos alegrarmos com o bônus de tudo ou aceitarmos o ônus? Vamos simplesmente deixar a vontade de Deus suplantar a nossa vontade confusa e falha? Topa? — perguntou ele.

Independente do que acontecesse com Lisa, Derek decidiu continuar no Brasil. Gostava de ter seu próprio restaurante em São Paulo, um dos polos gastronômicos mais completos do mundo. Ele até mesmo havia começado um curso em cozinha brasileira em uma das melhores escolas do país.

De forma gradativa, estava deixando a cozinha ao cargo de Rafael, pois o seu professor, dono de um conceituado restaurante, o havia chamado para trabalhar com ele. Avisou Rafael que era provisório aquele emprego, era mais uma maneira de se tornar mais conhecido na área gastronômica da região. Visitava Lisa com menos frequência, pois agora trabalhava mais. Além disso, com o estado dela piorando, não estava sendo fácil vê-la cada vez mais cercada de aparelhos que antes ela não precisava.

A última vez que Derek havia visitado Lisa tinha sido há dois dias, estava ansioso para vê-la novamente. Quando entrou na área da UTI, percebeu que a recepcionista o olhava com olhos arregalados. Achou estranho. A segurança do local encarou-o intensamente, logo que ele chegou na recepção. Sentiu um arrepio na espinha. Imaginou que algo fora do normal havia acontecido.

— Ela morreu? — perguntou-se, sem coragem de entrar na UTI e constatar isso ao ver o leito dela vazio ou, pior, ver seu corpo sem vida como havia acontecido com sua mãe.

A segurança continuava olhando pra ele. Ficou nitidamente perturbado, olhando para os lados. Sentou-se e ficou paralisado. Não queria entrar, não queria saber, não estava pronto pra ouvir essa notícia e nunca estaria. Colocou as mãos sobre a cabeça. Começou a sentir os dedos dormentes.

Ouviu a porta da UTI se abrir, levantou o rosto rapidamente, encontrou e viu a enfermeira que constantemente cuidava de Lisa. Ela também olhou pra ele.

— Ah, não! Não! — disse ele, pesaroso.

Não queria ouvir a notícia. Depois não poderia mais voltar no tempo, nada seria como antes. E

realmente não seria mesmo. Sentiu uma mão em seu ombro. Imaginou que era a enfermeira, mas, quando olhou para cima com os olhos já vermelhos, viu Camila, a irmã de Lisa. E ela sorria.

— Por que tá sorrindo? — perguntou ele, sem entender. Imaginou se ela tinha entrado em estado de choque. — O que aconteceu?

— Aconteceu o que a gente queria: ela acordou — disse a garota, tampando a boca com a mão e começando a chorar.

Derek demorou alguns segundos para entender. Olhou para a enfermeira e a segurança. Elas ainda olhavam pra ele, mas sorriam. A segurança secava o rosto com um lenço de papel.

— Ela acordou? Viva? Quer dizer, se acordou é porque tá viva. Eu... Sério, mesmo?

— Lisa acordou há apenas duas horas. Está bem, um pouco confusa. Não está mexendo o corpo e o rosto, também não fala, mas a médica diz que ela vai melhorar com o tempo e com os tratamentos corretos. Ela ainda está bem confusa.

— Acordou assim, do nada?

— Sim! Simplesmente abriu os olhos. Não estou acreditando nisso!

— Será que ela lembra de mim? Assisti um filme uma vez que a garota esquecia o cara e... — disse ele, nervoso.

— Se não lembra, vai lembrar. Vamos pensar positivo.

— Ela acordou? — perguntou ele, novamente, enfim compreendendo o que tinha acontecido.

— Sim! — gritou Camila, logo sendo abraçada por Derek e rodopiada no ar por ele.

Os dois choraram juntos. Ele sentiu braços pequenos o rodeando. Era Duda, que havia chegado. Abraçou o garoto. De canto de olho, viu Teresa e Francisco entrarem apressados no local, emocionados. Os dois foram ao encontro deles e todos se abraçaram.

Apesar de sair do coma, alguns órgãos de Lisa não haviam voltado a funcionar normalmente. Sua respiração ainda estava fraca, e ela continuou precisando da ajuda de aparelho para respirar. Também teve miopatia multifatorial aguda, que é a paralisia do corpo e do rosto. Sua voz era praticamente inaudível.

Quinze dias após ter saído do coma, Lisa voltou a falar, poucas palavras ainda; sua voz era rouca e baixa. Os movimentos do corpo e da face foram retornando gradativamente.

Derek a visitava regularmente, na primeira semana ela parecia aérea, mas depois passou a reconhecê-lo, apesar de não poder falar direito. Ela ainda não sabia que ele morava no Brasil, imaginou que estava apenas a visitando.

Após quarenta dias de recuperação, a médica havia dito que Lisa teria alta. Ela já não precisava da ajuda de nenhum aparelho, estava a cada dia melhor, mais corada e forte. Derek foi visitá-la.

Ele entrou no quarto onde Lisa se encontrava, reparou no seu rosto menos inchado, também estava com o cabelo penteado, o rosto sereno. Tinha os lábios ainda roxos. Dessa vez, ele não a tocou, nem nas mãos, também não a beijou. Dessa vez, ela acordaria. E ela precisava se recuperar, dormir.

Encostou-se na parede, cruzou os braços e ficou ali, não conseguindo tirar o sorriso do rosto, não conseguindo deixar de estar imensamente feliz, aliviado, ansioso pra finalmente falar com ela e receber uma resposta em troca.

— Droga, não vou aguentar não acordá-la — disse ele, desencostando-se da parede e, em um impulso, indo para perto da cama.

Ele sabia que não devia fazer isso, mas depois teria que ir trabalhar e não conseguiria vê-la em outros horários de visita. De leve, assoprou em seu rosto. Ela apenas apertou os olhos. O simples gesto o fez rir, pois nem isso ela fazia antes.

Assoprou de novo. Nada aconteceu. Deu mais um sopro no rosto dela. Dessa vez, ela abriu os olhos e o viu.

— Derek, por que está assoprando na minha cara? Qual é o seu problema?

— Oi, desculpe, Li. Eu tava tentando te acordar.

— Sério? — disse ela, sarcástica. — Derek, eu amo a sua companhia, tem me feito um bem danado, mas você não tem que voltar para o seu trabalho em Paris? Já está aqui há mais de um mês!

— Pois é... — disse ele, evasivo.

— Mas o que você veio fazer aqui de novo? Se não me engano, antes de eu entrar em coma, nós brigamos. Não lembro bem.

— A gente não brigou não — mentiu ele. — Combinamos de ficar juntos. Eu voltei pra ficar aqui com você.

— Derek, não fala bobagem. A gente já conversou sobre isso. Não dá pra gente ficar junto. Eu ainda estou em tratamento e...

— Não quero falar disso agora. Depois a gente conversa. Você ainda está internada, não devemos conversar de coisas complicadas.

— Tá, você está certo — concordou ela.

— Escuta, posso te dar um beijo?

— Eu não estou em minha melhor forma. Acabei de passar por uma sessão de fisioterapia e outra de fonoaudiologia. Tô bem cansada e suja e...

— Na clavícula então? Tipo algo rápido — disse ele, aproximando-se e a beijando de leve na clavícula, sem esperar por autorização.

— Você é estranho — comentou ela, sorrindo. — Nunca vi ninguém gostar de beijar clavículas.

— Não discordo de você. Não mesmo... Você não imagina como senti sua falta, Li. Lembra de alguma coisa durante o tempo que estive em coma? Não queria perguntar antes pra não forçar você a falar, mas agora você está bem melhor...

— As cenas se misturam na minha cabeça. Não sei se era sonho, realidade. Lembro que você montou um novo restaurante. É isso? Você falou isso pra mim? Rafael também, não é? Onde, em Paris?

— Acho que você deve ter absorvido algumas palavras, mas não se lembra direito. Vamos conversar sobre isso depois. Camila quer vir vê-la também e o horário de visita está quase acabando.

— Derek, obrigada por me visitar hoje.

— Eu estou muito feliz que você esteja acordada. Eu não sei nem como me expressar. Eu... te amo muito. Mesmo — disse ele, tocando o rosto dela.

— Eu fiquei com tanto medo, de morrer, sabe? De não ver mais você — disse ela, cansada de tentar se manter longe dele.

— E eu fiquei com muito medo também de perder você. Tanto medo, Li — disse ele, abraçando-a, sendo envolvido pelos braços magros dela ao redor do pescoço.

— Isso é melhor que whisky escocês, caramba. É muito bom — disse ele, passando as mãos na cabeça dela.

— Quer dizer que finalmente me tornei mais viciante que seu adorado whisky?

— O primeiro lugar dos meus vícios é seu, sempre.

CAPÍTULO 21

[Decifrando o cardápio](#)

A alta foi dada em uma manhã ensolarada de sexta-feira. Lisa saiu do hospital com uma cadeira de rodas manual emprestada, pois sua mãe havia dito que a sua cadeira automática estava no conserto. Derek não participou de sua saída do hospital e não a visitou em sua casa nos dois dias seguintes.

Ele tinha sido vago, apenas havia avisado, por telefone, que precisava resolver umas pendências e que não poderia vê-la. Quando questionava sua família sobre como tinha sido o tempo de Derek no Brasil, quando ela estava em coma, todos diziam não saber de nada sobre ele. Ela desconfiava que mentiam.

Lisa vestia um vestido vermelho, acima dos joelhos, de alças finas. No lugar de sapatos de saltos, usava uma sandália de tiras baixa. Ainda estava mancando muito e recuperando os movimentos da perna. Na manhã daquele dia, tinha ido ao cabeleireiro, feito um corte no cabelo, que crescia com mais força agora. Quando acordou do coma, ficou atordoada com o fato de ter perdido mais da metade de suas mechas.

Ainda se sentia fraca e não tinha muito apetite, mas sabia que era questão de semanas para voltar ao que era antes.

Carolina a havia chamado para jantar em um restaurante novo da cidade que estava fazendo muito sucesso e tinha relação com livros. Lisa não via Carolina há muito tempo e ficou animada com o convite da amiga, que tinha deixado bem claro que ela deveria se vestir com elegância.

Estava terminando de pentear os cabelos quando ouviu a buzina de um carro.

— Deve ser a Carol! — disse Lisa, levantando-se da cadeira em frente à sua penteadeira e passando para a cadeira de rodas. — Pai! Me ajuda aqui! — gritou.

Em menos de cinco minutos, Lisa já estava no andar de baixo de sua casa, seu pai e o tio Paulo tinham carregado ela em sua cadeira escada abaixo. Depois, eles a ajudavam a entrar no carro dirigido por Carolina.

— Tem certeza que não quer entrar na minha casa, Carol?

— Outro dia eu entro, agora temos que ir para o restaurante top que te falei, não quero perder a reserva.

— Nossa, mas é tão cheio assim? É segunda-feira!

— Estou exagerando na questão do cheio, mas é que estou atrasada. Preciso te levar lá.

— Como assim precisa me levar? Qual é o nome do restaurante?

— Amiga, para de ser tão desconfiada, não confia na Carol?

— Sim, é só...

— Sabe que eu só quero seu bem, não te levaria pra nenhum muquifo. Na verdade, esse restaurante foi decorado por mim. Não tudo, mas grande parte. E um dos donos é um gato.

— Você tá a fim do dono?

— Não! Ele é um amigo. E eu não teria nem chances porque ele é completamente louco pela namorada dele. É daqueles tipos de amor raros, sabe? É um casal que me inspira, me faz acreditar no amor.

— Estou precisando então conhecê-los, porque eu ando bem desiludida quando o assunto é romance.

— Pois não deveria! O Derek é gamado em você!

— Sério? Então por que desde que tive alta ele sumiu? Desapareceu?

— Calma, quando menos você esperar, dá de cara com ele! — disse Carolina, que dirigiu por mais de meia hora antes de estacionar o carro em frente ao sebo, em que Lisa era sócia.

— Por que parou aqui? — perguntou Lisa, enrugando a testa ao perceber que estavam diante da loja de livros, mas que estava com a fachada transformada. Só reconheceu o local devido a porta sanfonada, que ainda estava pichada. — O que a gente tá fazendo aqui? — insistiu Lisa, confusa.

Mas Carolina não respondeu, apenas abriu a porta do carro e pulou para fora. Em segundos,

manejava a cadeira de Lisa na calçada e abria a porta do passageiro.

— Dá pra parar de segredos? Não gosto disso.

— Quero que você veja uma coisa. Vem, sai do carro. Eu te ajudo.

Lisa se apoiou em Carolina e logo sentou na cadeira. Mal acomodou-se e percebeu que na fachada havia um letreiro luminoso denominando o lugar como “A casa dos sete escritores”. Ela arregalou os olhos, tentando entender o que havia acontecido no local.

— Fecharam meu sebo? Meu Deus! Ninguém me avisou? Carol, o que significa isso?

Novamente, não houve resposta a seu questionamento, Lisa ouviu o carro dando partida e se afastando dela.

— Carolina! — gritou Lisa, desesperada. Sua amiga a havia largado na calçada deserta e ido embora com o carro. — Sua louca! — esbravejou, pegando seu celular para tentar ligar para Carolina. Lisa não sabia se sua amiga havia esquecido ela ou se fizera de propósito.

Já havia localizado o número de Carolina e estava prestes a fazer a ligação quando ouviu a porta ao lado do sebo abrir, com um barulho que denotava que partes da porta estavam enferrujadas. Foi quando ouviu Derek falar no seu inglês correto:

— Desculpe por esse barulho inconveniente. Prometo que amanhã mesmo vou dar um jeito nessa porta. Tive tanta coisa pra arrumar e me esqueci das portas. Não que isso justifique o meu desleixo.

Colocando força nos braços, Lisa girou sua cadeira até conseguir ver Derek, que agora estava com os braços cruzados na calçada. Ela prendeu o ar por um instante ao vê-lo de kilt, com dois pequenos aventais um sobre o outro na parte da frente. O tartan, padrão quadriculado de estampas, escolhido por Derek, tinha as cores verde, azul e preta. O avental inferior do kilt tinha uma tira de couro. A vestimenta estava bem centralizada no corpo dele, o lado franzido estava do lado direito. Ele também usava uma camisa branca de malha de mangas compridas.

— O que significa essa pequena bolsa usada na frente do seu kilt? — perguntou Lisa.

— É um sporran, é de couro e deve ser usado centralizado e três dedos abaixo da linha da cintura do kilt.

— Não sabia que se usava kilt com colete e paletó — disse ela, reparando nas peças.

— Agora já sabe que se usa.

— Isso aí dentro da sua meia, com uma parte para fora é uma faca?

— É um sgian dubh, uma adaga, geralmente deve combinar com o broche.

— Que broche?

— Esse aqui — indicou ele, apontando para um broche em formato de espada, grudado a cerca de 10 centímetros da borda do kilt e a cinco centímetros da lateral.

— Ah, legal — disse Lisa, sentindo-se um pouco confusa, não era sempre que se via um homem de kilt na sua cidade. Na verdade, era o primeiro que ela via na vida.

— É apenas decorativo, mas o peso ajuda a evitar que o kilt suba conforme se anda.

— Realmente é bom precaver.

Lisa deu mais uma olhada nas meias brancas de Derek e nos sapatos brogue, da cor preta, o cadarço do calçado foi passado por trás dos tornozelos e amarrado na frente, com um laço. Com custo, ela desviou os olhos de Derek, engolindo em seco, para reparar no restaurante atrás dele, que era simplesmente encantador. Ela conseguia ver as mesas de madeira, as toalhas de um branco imaculado, o balcão lustroso, a máquina de café e, ao fundo, uma porta que dava para a cozinha.

Ficou deslumbrada com os lustres que pendiam do teto, eram clássicos, dourados e repletos de cristais. O espaço a lembrava do bistrô de Liam e Derek em Paris.

— Que lugar é esse? — perguntou ela, voltando seu olhar para ele. — Eu estava me questionando onde você estaria, e agora te vejo de kilt na frente de um restaurante ao lado do meu sebo. E que nome é esse para um restaurante? Esse nome tem a ver com a minha lista de casas de escritores? E

por que você está aí dentro?

— Porque eu sou o dono, quer dizer, um dos. O Rafael é o meu sócio — explicou, aproximando-se de Lisa e empurrando sua cadeira para dentro do restaurante. Em seguida, fechou a porta. Lisa tentava absorver todas as novas informações.

— Como assim dono? Quando eu trabalhava aqui antes de entrar em coma, não havia nenhum restaurante. Apenas um salão caindo aos pedaços e móveis velhos de uma antiga lanchonete.

— Eu sei, a maioria desses móveis era dessa lanchonete. Eu e Rafael reformamos. E inauguramos há mais de um mês esse espaço.

— E por que você teria um restaurante ao lado do meu sebo? Ou melhor, por que você teria um restaurante no meu país? Cara, eu acordei mesmo do coma ou estou tendo algum tipo de alucinação?

— Do que está falando?

— A Carolina me largou de cadeira de rodas na calçada e saiu arrancando o carro. Você aparece de saia no...

— Isso não é uma saia! — corrigiu ele.

— Tá, desculpe, você aparece de kilt na frente de um restaurante que acho que é fruto da minha imaginação, porque nunca houve um restaurante nesse espaço.

— Talvez eu tenha exagerado um pouco nas máquinas, mas é que eu queria te impressionar.

— Ah! Com certeza, você conseguiu! Tô tão impressionada que estou quase ligando pra minha médica para perguntar se após o coma a gente pode ter ataques traumáticos.

— É real. Tudo isso é real.

— Então, que porra é essa, Derek? — perguntou ela, com olhar exasperado.

— Garota boca suja! Nunca esperaria isso de você. Como você usou uma das minhas expressões preferidas, vou usar uma das suas: tô chocado! — disse Derek, gargalhando.

— Por que você tem um restaurante aqui? — insistiu Lisa, ameaçando chorar. Derek parou abruptamente de gargalhar quando percebeu que ela realmente estava atordoada com todas aquelas informações.

— Eu acho que estou forçando a barra. Para você ficar mais calma vou resumir o que aconteceu enquanto você dormia.

— Pode começar — incentivou ela, cruzando os braços e o encarando.

— Me mudei para o Brasil, montei um restaurante com Rafael e, recentemente, aluguei um apartamento há três quarteirões daqui.

— Por quê? — perguntou Lisa, que agora não conseguia fazer as mãos pararem de tremer.

— Você sabe o motivo.

— Porque gostou do clima? — tentou brincar ela, nem percebendo que lágrimas começaram a rolar por seu rosto.

— É, o clima daqui é maravilhoso, sem dúvidas — comentou ele, deslocando uma cadeira de madeira que estava perto de uma mesa para a frente de Lisa. Sentou-se.

— Olhe pra mim — pediu ele para Lisa. Ela o obedeceu, mas conseguiu sustentar o olhar apenas três segundos. — Não desvie os olhos, Lisa — ordenou ele. — Preciso que esteja olhando pra mim quando eu falar o que tá entalado há meses. Quero que veja que o que direi não é encenação. Quero que sinta a minha verdade.

— E qual é a sua verdade, Derek? — questionou ela, impaciente.

— É que eu vivi um verdadeiro inferno enquanto você esteve em coma. E dele fui ao céu quando você acordou. E eu te peço que não me condene novamente a uma vida de privação onde eu não consiga ouvir a sua voz ou não veja nenhuma expressão de seu rosto. Me aceite, aqui com você. No seu país, na sua cidade.

— Não brincou quando disse que era intenso, hein?

— Me joguei de cabeça nesse projeto. Me ajudou a suportar toda espera até que você acordasse. Eu falava sobre a reforma do sebo pra você no hospital. A minha esperança era que esses relatos, essa...

— Derek sentiu a garganta arder — Essa prova de amor... do meu amor por você, te ajudasse a simplesmente voltar pra mim.

— Fez tudo isso por mim? — perguntou emocionada.

— Fiz. E faria de novo e de novo...

— Mesmo que eu não acordasse?

— Mesmo que não acordasse. De alguma maneira, você saberia, não? Ou sentiria que era por você, que era amada.

— Não sei nem o que falar...

— Concluindo, a gente retomou o relacionamento que você terminou há quase dois anos. E nós teremos uma noite romântica. E estou planejando abraços bem mais longos do que 40 segundos e, de preferência, na horizontal — disse ele, secando o rosto dela com a manga de sua blusa branca, mal percebendo que manchava a peça com a maquiagem de Lisa.

— Sei que você já definiu tudo, sem me consultar, mas faço questão de dizer que o que eu mais quero é ficar com você. E, mesmo que você não tivesse montado restaurante algum ou estivesse de viagem marcada para ir embora, eu te pediria pra ficar aqui... comigo.

— Sério?

— Eu não quero mais passar um só dia imaginando que você vive nesse mundo e não é ao meu lado — afirmou Lisa, projetando-se para frente e tocando os lábios de Derek de forma leve. Depois, beijou-o no rosto, sobre seus olhos fechados, enquanto acariciava a lateral de seu rosto com uma das mãos. — Obrigada pelo que fez por mim. Obrigada! — disse ela sobre a boca dele.

— Não precisa agradecer. E outra, você ainda não viu nada!

— Como assim? Esse restaurante é maravilhoso. Não sei mais o que tem pra ver. Ah! A comida? Vai cozinhar pra mim. É isso?

— Vou sim, mas o restante da surpresa tem a ver com o cardápio — avisou Derek, levantando-se da cadeira e levando Lisa para uma mesa no meio do salão. Ele acendeu duas velas dispostas em um castiçal na mesa e entregou um cardápio de capa preta para ela.

— Desvende esse novo mistério. Enquanto escolhe o que quer, vou dar um pulo na cozinha — disse ele, afastando-se.

O cardápio foi aberto e Lisa pousou os olhos na primeira página, que trazia as opções de entradas.

— *Fantine*, salada de berinjela com azeitonas, torradas temperadas com azeite e ervas — leu, em voz alta, Lisa. — *Anna Karenina*, manteiga temperada... O quê?

Voltou a ler os nomes das entradas e confirmou que eram nomes de personagens de livros.

— Victor Hugo! Personagens de Victor Hugo?

Ela olhou no topo da página e viu o nome do escritor, assim como um breve histórico sobre ele e sobre a sua casa em Paris.

— Derek! — chamou ela.

— Oi, Li — disse ele, colocando uma garrafa de vidro de água sobre a mesa.

— Você está denominando os pratos de entrada com os nomes de personagens de Victor Hugo? — perguntou, abismada.

— Sim. As massas são dos personagens de José Saramago. Aves e carne de Francis Scott Fitzgerald, peixes e frutos do mar de poemas de Oscar Wilde.

— Isso só pode ser brincadeira! — disse Lisa, que virava as páginas do cardápio estilizado, que até mesmo tinha desenhos discretos das casas dos escritores, feitos apenas como traços de lápis preto.

— Sopas e caldos de nomes de poemas de Cora Coralina e as sobremesas de personagens de

Jane Austen. Obviamente, é por isso que o restaurante se chama A Casa dos Sete Escritores.

— Cara, você me ama! De verdade! — falou ela, ainda sem acreditar naquele cardápio.

— E só agora você percebeu? Não sei se dei a impressão errada, mas não sou de montar cardápios personalizados para toda garota que me acha irresistível.

— Eu sei. Quer dizer, agora eu sei — disse Lisa alargando o sorriso. — E qual personagem o chef irresistível me aconselha?

— *Loucos e Santos*, é o nome de um poema de Oscar Wilde e dá nome também ao salmão ao molho de maracujá que você gosta, acompanha legumes salteados e arroz com avelã.

— Vou querer a entrada *Anna Karenina* e, de prato principal, eu quero provar pato. Você tem essa carne?

— Lógico. É o prato *Jay Gatsby*.

— Perfeito.

Derek havia escolhido para si gnocchi de abóbora em carbonara de carne de sol e alho poró. Buscou abrazeirar um pouco os pratos do bistrô e usar alimentos bem típicos do país, como a carne de sol.

— Qual o nome do seu prato? — perguntou Lisa.

— *O velho com a venda no olho*, um dos personagens de *Ensaio sobre a Cegueira*, de José Saramago.

— Ele tinha o costume de não colocar nomes em seus personagens — lembrou ela. — Posso provar?

— Tava com saudade de você meter o bedelho na minha comida.

— Não significa que eu não aprecie o que eu escolho, é que eu gosto de ter opções.

— Espero que isso não se estenda à sua vida amorosa. Eu não sabia, mas acho que eu sou um pouco ciumento. Quero ser sua única escolha.

— Nunca imaginei que o descolado e prático Derek ia me falar isso um dia.

— Estou bem mudado, tinha que ver a minha cara pagando por um urso em uma floricultura.

— O urso era pra mim?

— Comprei flores e o urso. No dia em que... — Ele não conseguia continuar a frase. Lembrar-se do dia em que descobrira que Lisa estava em coma era ainda muito difícil e ele suspeitava que sempre seria assim.

— E você guardou ele? — perguntou Lisa, tentando afastá-lo do pensamento incômodo. Imaginar-se deitada por meses sem ter consciência de nada ao seu redor, principalmente de Derek e de seu desespero, deixava-a entristecida.

— O urso está na sua loja de livros — respondeu ele.

— Que pena que deixei a chave do sebo em casa. Caso contrário, poderia pegá-lo, mas obrigada pelo presente.

— Na verdade, a gente pode entrar lá. O urso tá no seu novo escritório.

— Novo? Não entendi.

— Quer a sobremesa agora ou podemos primeiro fazer uma excursão pelo espaço? — perguntou Derek, percebendo que Lisa havia terminado de comer seu pedaço de pato.

— Acho que a sobremesa pode ficar pra depois. Só não entendi a parte da excursão.

— Já vai entender, mas, antes, quero te devolver uma coisa — avisou, ao mesmo tempo em que levantava. Dirigiu-se para o fundo do restaurante e, por segundos, sumiu da vista de Lisa. Voltou empurrando a cadeira de rodas automática dela.

— Minha cadeira! Espera, o que ela tá fazendo aqui no restaurante?

— Vou confessar que o barulho que essa cadeira fazia quando você apertava os botões de comando me enervava. Era, tipo, muito barulhenta. Por isso, eu pedi pra arrumarem o controle. Devem ter jogado basicamente um litro de óleo nesses eixos, e eu acho que deu certo.

— Não precisava, Derek! Obrigada! — agradeceu. — Me ajuda aqui, por favor — pediu ela, afastando-se da mesa.

Quando Derek se aproximou, ela o enlaçou pelo pescoço, e ele a beijou. De pé, apoiada nele, ela o beijou de forma rápida nos lábios.

— Você não imagina o quanto eu vislumbrei esse momento... E, agora que tá acontecendo, parece que estou um pouco aéreo, como se assistisse à peça da minha vida sentado na primeira fila e outro alguém fizesse o meu papel — disse ele.

— Então é melhor você assumir o papel do protagonista, porque, de onde veio esse beijo, tem muito mais. Não vou me contentar com um ator substituto.

— Uau! Acabo de subir no palco, meu amor, mas, antes do show começar, quero te mostrar uma coisa. Sente na cadeira automática.

— Não precisa, eu já posso andar escorada. Só preciso me apoiar em você.

— Não foi o que a sua médica disse. Ela pediu pra não forçar muito nessa primeira semana.

— Mas... — ela interrompeu sua fala, ao olhar para o semblante sério do rapaz. — Tá bom — concordou, deixando-se levar até a cadeira.

— Tem um espaço que você ainda não viu — avisou ele, puxando o que Lisa imaginava ser uma parede de concreto para o lado como se fosse a porta de um guarda-roupa de correr.

— Essa parede é falsa? É só um espelho? — perguntou ela, encantada ao ver a divisória espelhada se deslocar ainda mais e uma área com poltronas e mesas baixas surgirem, assim como prateleiras com revistas e jornais.

— Que charme! Seu restaurante é bem diferente. Esse espaço é mais para quem quer apenas tomar um café, né? Tem também as revistas... Arrasou, meu amor!

— Ainda tem essa outra parede aqui. E a melhor parte tá atrás dela.

— Mas aí já deve ser o espaço do sebo. Não me lembrava da antiga lanchonete ser tão grande assim, era basicamente do mesmo tamanho do meu sebo.

— Dessa parede pra lá, é o seu sebo.

— Não vai me dizer que você destruiu minha loja pra ampliar seu restaurante. Eu acabo com você! — disse ela, apreensiva, quando ele, com apenas um empurrão, fez uma nova divisória correr.

Antes que toda a porta fosse escancarada, Derek apertou um interruptor, iluminando e revelando a loja de livros toda reformada.

— Mas o que... — Lisa tentou completar seu pensamento, no entanto, não conseguiu pensar em nada para descrever o que via. As prateleiras eram altas, e havia até mesmo uma escada que estava presa em uma corrediça e deslizava em diversas direções para auxiliar no alcance de obras guardadas na parte de cima das estantes. — Não tem livros no chão! Você acomodou tudo!

— Lembrei que você ficou encantada com a escada da biblioteca em Dublin, de maneira modesta tentei fazer algo parecido — confessou.

Os lustres da loja eram os mesmos do restaurante, para mostrar que, apesar de empreendimentos diferentes, tudo ficava em um mesmo espaço.

— Meu escritório! — disse, animada, ao ver que a antiga área havia sido derrubada, dando lugar a uma sala bem maior. Como o antigo escritório, as paredes de vidro possibilitavam a visão de parte da loja.

Antes de chegar até a porta do escritório, Lisa passou pela máquina registradora restaurada, pintada de creme, que estava disposta no caixa.

— Eu tenho até mesmo medo de perguntar, mas preciso. Você perdeu a razão?

— Não posso garantir que não perdi. Tinha dias que... Tinha dias que eu sentia como se eu realmente tivesse, mas, nos melhores dias, eu continuava concordando que eu tinha que fazer isso, por você, por mim, em prol da nossa história... Você gostou?

— Se eu gostei? Tirando a visão de você de kilt e das casas dos escritores, além de alguns pontos turísticos visitados na Europa, isso aqui é a coisa mais linda que eu já vi na minha vida! — confessou Lisa, apertando um botão da cadeira e entrando no escritório. Viu um urso marrom em cima da poltrona. Ela o pegou. — E não é que você realmente me comprou um urso?

— Falei pra você que eu estou quase agindo como um cara das antigas. Minha próxima façanha vai ser falar com você em público com voz melosa e infantil.

Lisa riu do comentário dele e levantou-se para ver de perto as prateleiras de seu escritório. Mal ficou de pé e sentiu Derek ao seu lado, com as mãos em sua cintura.

Reconheceu objetos pessoais, espalhados. Uma luneta em miniatura, um vaso que era da sua avó, agora, repleto de margaridas brancas, uma caixinha de música que ela havia comprado na Rússia, além de outros objetos caros para ela. Em cima da mesa, tinha um porta-retratos com fotos de sua família tiradas em uma véspera de Natal.

— Mesa quase perfeita, falta uma foto da gente!

— Vou resolver isso amanhã, sócia.

— Sócia?

— A papelada ainda não está totalmente finalizada, mas me tornei um investidor através do Jonas. Você continua com sua porcentagem, juntando com a minha é bem mais do que a metade de tudo. O que te dará muita autonomia pra administrar o sebo.

— É muita loucura tudo isso, mesmo! — disse, rindo. — E o que tem ali? Os banheiros? — questionou, apontando para duas portas que ficavam do lado de fora do escritório.

— Sim, os banheiros e uma pequena despensa.

— Posso ver? — Ela esqueceu-se da cadeira e foi se apoiando primeiro no balcão e depois nas paredes para conseguir chegar até a porta do escritório.

— Opa, opa, opa! O que pensa que está fazendo?

— Eu tô cansada da cadeira e inquieta. Quero ver o resto!

— Faz assim, eu te dou uma carona — disse ele, sentando-se na cadeira e a colocando em seu colo.

— Ótima ideia. Você dirige, sou apenas passageira agora. — Ela enlaçou o pescoço de Derek. A cadeira se moveu de forma truncada no começo, mas logo ele pegou o jeito e, com Lisa em seu colo, seguiu na direção dos banheiros.

— São adaptados para deficientes físicos. Poderei entrar com minha cadeira aqui! Derek, isso é o máximo! — comemorou Lisa.

Ele apenas sorria. Não sabia o que falar, estava encantado com a alegria dela.

Depois de terem visto quase todo o espaço, ele parou a cadeira de frente para a prateleira no centro do sebo que, diferentemente das outras, não tinha nenhum livro.

— O que acha dessa prateleira? — perguntou Derek, ao mesmo tempo que se levantava com ela no colo e depois a sentava em uma cadeira, ficando de pé ao lado dela.

— Tá vazia! Não necessariamente precisamos colocar livros nela, como essa prateleira é menor e é toda estilosa, poderíamos colocar alguns enfeites — sugeriu Lisa.

— Na verdade, já temos os livros pra colocar nela. Quer dizer, você tem.

— Tenho? Quais? — ela perguntou.

— O Duda separou para mim alguns livros que estavam no seu quarto. São esses aqui — disse ele, pegando uma pilha de livros, que estavam em cima de um pufe bege ao lado da prateleira branca.

— Do meu quarto?

— Como você deve ter percebido, nossos empreendimentos estão ligados. São basicamente dois serviços diferentes, mas as casas dos sete escritores os une, o cardápio envolve os escritores. Coloquei a palavra casa no singular, no nome desse espaço, porque aqui todos esses autores se intercalam, se encontram, por meio de seus livros. É a casa deles de alguma forma.

— Certo...

— O restaurante tem o cardápio para justificar o nome e, assim, deve ser com o seu sebo. Por isso, eu preparei um espaço especial para os seus livros, os seus textos mais queridos. Não sabia exatamente qual livro dos escritores que você mais gostava, então Duda escolheu de forma aleatória.

— E eles devem ficar nessa prateleira.

— Isso mesmo — explicou, ao mesmo tempo, em que pressionava um pequeno interruptor e acendia várias luzes que iluminavam a prateleira e seu entorno, revelando quadros nas paredes com fotos reais das casas dos escritores, as residências visitadas por Lisa e até mesmo as que ela ainda não tinha tido a oportunidade de conhecer. As imagens estavam molduradas por quadros dourados. — Sei que você ainda não visitou todas essas casas, mas não se preocupe, a gente vai junto. Eu te prometo — disse ele, olhando-a intensamente, mas ficou preocupado porque, por alguns minutos, ela não falou nada.

Apenas pegou os livros das mãos de Derek e os colocou no suporte, deixando cada um embaixo do quadro da casa do escritor correspondente. Faltou o livro de Cora Coralina, que seria o livro central da prateleira. Lisa olhou curiosa para Derek.

— Tá faltando o da Cora, você esqueceu? — falou Lisa, quebrando o longo silêncio.

— Sou um ser humano perfeccionista. Poderia ter conseguido tempo de pintar a porta do estabelecimento, mas jamais esqueceria de separar um livro da minha recente amiga Cora. Não me permitiria falhar assim. Espere só um minuto.

Derek voltou para o escritório de Lisa e tirou um embrulho da gaveta da mesa de carvalho. Quando voltou, entregou o pacote para ela, que, de forma ansiosa, desamarrou o laço dourado e rasgou o papel pardo. Era um livro de poemas de Cora Coralina. Era um livro novo, não usado como os demais.

— Por que você escolheu Cora Coralina? Por que não Jane Austen ou Oscar Wilde? Você esteve comigo nas casas deles também.

— Foi no dia em que visitamos a casa dessa escritora que eu amei você de uma maneira que não tinha feito antes. Que eu tive a noite mais louca e completa da minha vida, que eu descobri que tenho barbatanas e brânquias. Foi quando te tive por completo.

— Essa noite também foi muito especial pra mim — confessou Lisa.

Derek sentiu certa dificuldade para respirar, puxou o ar de forma intensa e o soltou devagar. Lisa não pôde deixar de perceber que as mãos dele estavam inquietas ao longo do corpo, chacoalhavam de leve. Ele fechou os olhos e, ainda com eles cerrados, fez um pedido a Lisa:

— Já que você gosta do número sete, abra na página 77, é a mesma que tem um marcador.

— Marcador?

Ela sentiu que o livro estava um pouco mais alto do que deveria, alguma coisa estava dentro dele. Percebeu que uma fina fita de cetim branca estava dentro do livro, abriu na página da fita, antes de ver que era justamente a página 77.

Havia um anel de prata, com um pequeno diamante. A joia era sustentada pela fita de cetim que o transpassava.

— Tem um anel aqui.

— É, tem mesmo. Ele é seu. Quer dizer... eu quero que seja seu, era da minha mãe. Meu pai tinha dado para ela. Ela gostava muito dele. Sempre que se vestia elegantemente, ela o usava. Ela gostava de vestidos esvoaçantes.

— Não é nenhuma relíquia da época dos guerreiros *highlanders*, né? Eu vivo perdendo coisas e não quero sumir com nenhuma raridade da família.

— Ele não é tão antigo assim. Minha mãe foi a primeira dona. E espero que ele possa passar de geração a geração a partir de agora.

— Ah... — disse ela, fracamente.

Estava na dúvida se era um presente comum, se é que um anel como aquele poderia ser classificado de comum, ou se era um pedido de casamento. Ele entendeu o olhar perdido dela, tanto que esclareceu sua dúvida:

— É de noivado. Bem, eu estou um pouco anestesiado, cheguei até a ensaiar para esse momento, mas eu meio que esqueci o que ia falar. Tinha um discurso sobre o tempo que passamos separados e nossas diferenças culturais. Até ajoelhar eu ia.

— Mesmo?

— Mas agora tô achando isso bem piegas. Então eu acho que vou ficar de pé mesmo e tentar te perguntar se você quer dividir essa vida louca comigo. Ao meu lado, em todos os momentos. Não precisa nem falar que é na saúde e na doença, porque isso nós já vivemos. E, pra mim, tá ok, tá de boa, esse negócio de se doar pra outra pessoa, de renunciar por ela. Eu quero isso, muito até. Eu...

Derek passava as mãos nos fios bastos do cabelo avermelhado e tentava pensar o que mais poderia dizer.

— Derek, você quer dizer que... — tentou ajudar Lisa.

— Quero que você case comigo! Simples, assim. Complicado assim também. Vou esperar o tempo que for para você me aceitar, se quiser pensar também, fique à vontade. Eu terei paciência.

— Não vai precisar esperar. Ninguém fez pra mim o que você já fez e...

— Não quero que você esteja comigo por gratidão, pelos meus atos. Quero que você esteja comigo por amor. Sei que você nunca disse que me amava, mas sei que não é indiferente a mim.

— Do que você está falando? — perguntou Lisa, um pouco confusa.

— Acho que a gente pode construir algo e você, um dia, espero que logo, possa ter alguma forma de amor por mim.

— Você sempre se mostrou ser um grande conquistador, uma máquina de precisão, comanda uma cozinha com liderança e perfeição. Apesar de tudo isso, acabo de descobrir que, por baixo dessa carcaça toda, você também é inseguro.

— Eu? Inseguro? — perguntou ele, surpreso.

— Como pode cogitar casar comigo esperando que um dia eu te ame?

— Isso é um não? — perguntou ele, um tanto afoito. — Eu não me importo de você não sentir isso agora. Quer dizer, eu me importo, mas posso esperar. Por favor, pense bem antes de me dispensar!

— Não precisa esperar, Derek. Não precisa se contentar com pouco, quando já tem muito. Se eu não te disse que te amava logo depois que você se declarou, era para não dificultar as coisas na hora de você ir embora, para não tornar tudo mais difícil.

— Tá dizendo que sente o mesmo que eu?

— Agora que você não vai mais embora, então eu posso te dizer de forma livre que eu te amo. É algo sem volta.

— Você me ama?

— Sim, irrevogavelmente. Pelo que você é e não pelo que fez por mim. Apesar de que te amo por isso também.

— Cacete! Parece que eu consigo voltar a respirar de acordo agora — declarou ele, sorrindo. — Mas você ainda não respondeu minha pergunta. Vou reformulá-la de forma mais lúdica. Quer fundir a sua vida com a minha? Misturar sua predisposição a fugir da realidade ao meu apego de, como disse você uma vez, me envenenar por ela?

— É, podemos chamar isso de lúdico...

— Quer criar uma história comigo? Talvez não será tão perfeita quanto suas ficções, como as

histórias desses milhares de livros aqui — disse ele olhando ao redor do sebo —, mas é real.

Dessa vez, ela não chorava, estranhou que as lágrimas que antes vinham com facilidade não dessem as caras. Estava muito emocionada com as palavras dele, mas uma serenidade tão profunda se instalava em alguma parte dela que, simplesmente, ela conseguia se controlar.

Foi capaz, sim, de segurar as lágrimas. Sentiu uma paz que há tempos não sentia e uma certeza de que tudo ficaria bem, de que ela faria de tudo pra tudo ir bem, justamente porque agora ela não precisava fazer isso apenas por si mesma, mas por Derek também. Ela era importante para ele, e ele sofreria se ela desistisse de lutar, de viver. E ela não faria mais isso.

Ao menos, lutaria contra sua tendência autodestrutiva, pessimista. Lutaria, porque tinha alguém para lutar não por ela, mas com ela.

— Você tá bem calada — disse ele, um pouco desapontado, ela vivia chorando e agora não havia sinais de choro algum. — E aí, topa? — perguntou ele receoso.

— Topo. Pode apostar que topo — disse Lisa, soltando uma risada livre.

— Achei que ia ter um treco de tanta ansiedade — disse ele, sorrindo e dando um passo à frente e desamarrando o anel brilhante da fita, enquanto ela segurava o livro em suas mãos.

Ele, gentilmente, colocou a joia no dedo anelar da mão esquerda dela, curvou-se e deu um beijo nas costas da mesma mão.

— Oi, noiva — disse serenamente, ainda com a cabeça baixa, levantando apenas os olhos para fitar o rosto dela, acima do dele.

— Oi, noivo — respondeu Lisa, que agora sorria de forma escancarada. — Nem acredito que vamos começar a escrever a nossa história a partir de agora.

— Tenho que discordar de você sobre criar uma história a partir de agora. Estamos fazendo isso desde quando você encostou naquela parede do fundo do bistrô, em Paris, e tentou recuperar o fôlego depois de correr desesperada por aquelas ruas de luzes.

— Também desde que te vi nas sombras, com os braços sobre o peito e um pé apoiado na parede, pronto para me insultar?

— Isso mesmo. Você buscando luzes e eu sombras. Foi ali que começou a melhor parte da minha vida.

O livro que estava nas mãos de Lisa foi colocado por Derek no centro da prateleira, no único espaço vago. Depois, ele a levantou da cadeira, enlaçou-a pela cintura e a beijou na clavícula enquanto ela fechava os olhos sem, contudo, desfazer o leve sorriso nos lábios, que logo receberam o peso dos dele.

O beijo foi para selar um momento que seria lembrado para sempre, mais do que qualquer capítulo de alguma ficção já lida por eles. Enquanto o beijo se tornava cada vez mais intenso, ocorreu uma leve batida na porta da *Casa dos Sete Escritores*, ao mesmo tempo em que uma tempestade iniciada há uma hora seguia seu curso avassalador.

O fato não foi absorvido por eles, que davam vazão aos seus sentimentos. O pequeno acidente ocorreu quando um gato malhado esbarrou na porta de metal do local. O animal havia se lançado na porta assim que escapou de ser atropelado por um carro de luxo de pintura metálica que vinha de forma imprudente em alta velocidade, repleto de jovens que seguiam para uma festa.

Segundos depois de quase ter passado por cima de um gato, o carro cruzou a esquina da rua arborizada e lançou água da chuva acumulada no meio-fio, que molhou ainda mais um morador de rua, que por sua vez se dirigia ao seu local de dormir, embaixo do toldo de uma lavanderia. Ele não se importou de estar molhado, era o mais perto que chegou de um banho nos últimos quatro dias.

O morador de rua assobiou para o seu cachorro vira-lata com pelos emaranhados, que o seguia fielmente pelas ruas de asfalto opaco, que um dia foram de um piche reluzente e grudento.

A um quilômetro e meio dali, uma viúva via a fotografia antiga do marido falecido, guardada em

uma caixa de sapato encapada com papel de presente florido. Mesmo com o passar dos anos, ela ainda suspirava por ele, recordando a sorte de ter encontrado alguém que a tratava com paixão rara.

No restaurante que ficava a cinco quarteirões do apartamento da viúva, um freguês gritava com um garçom porque o seu cartão de crédito não havia passado. Ele só não contou que gastava mais do que ganhava e vivia uma vida de pequenos luxos que não podia pagar, mas se enganava ao supor que gritar o faria se sentir menos humilhado.

Parado no farol a dois minutos de distância a pé desse restaurante, um casal brigava dentro do carro parado, enquanto um bebê chorava na cadeirinha de trás. A mãe dele havia insinuado que a nora não cuidava bem da criança. Um rato atravessou a frente desse carro e se lançou dentro de um bueiro.

Depois de mais de meia hora nos esgotos fétidos da cidade, o rato voltava para a superfície. Dessa vez, saltou para uma rua larga, que tinha uma loja de livros velhos recém-reformada, com a porta pichada, que, há menos de uma hora, um gato havia esbarrado.

E, dentro dessa loja, uma história corria para o próximo capítulo e o desejo ficou pequeno para descrever o que acontecia com um casal que havia acabado de noivar. E o barulho das risadas e dos beijos saídos daquele lugar, misturado ao cheiro de livros velhos e essência de baunilha de uma sobremesa com nome de personagem literário, provava que aquela cidade ainda estava acordada.

Essa cidade é conhecida por sua fina garoa, mas também apresenta tempestades que reverberam o barulho de trovões e recebem as luzes dos raios sobre os arranha-céus. É uma cidade que não dorme e não deixa dormir.

Table of Contents

[A livreira](#)

[Tatuagem de henna no ombro](#)

[Uma questão de casting](#)

[Somos todos miseráveis](#)

[Xeque-mate da rainha](#)

[Em um barco no rio Sena](#)

[O ancião do vagão de terceira classe](#)

[Tão clichê](#)

[Abraços de 40 segundos](#)

[A motivação correta](#)

[A estátua colorida](#)

[Perdida na casa de Austen](#)

[Voos da indesejada borboleta](#)

[Tempo em um relógio quebrado](#)

[Cruzando o Atlântico](#)

[A poetisa de bengala](#)

[Há beleza na renúncia](#)

[O sono de mil sonhos](#)

[Apenas uma prova de amor](#)

[O pote de vidro vazio](#)

[Decifrando o cardápio](#)